

Andreia Marisa Pinto Pereira

**O impacto do trabalho temporário na conciliação dos domínios
trabalho e extratrabalho: Um estudo exploratório**



Universidade Fernando Pessoa

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Mestrado Psicologia do Trabalho e das Organizações

Porto, 2013

Andreia Marisa Pinto Pereira

O impacto do trabalho temporário na conciliação dos domínios trabalho e
extratrabalho: Um estudo exploratório

(Andreia Marisa Pinto Pereira)

Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade
Fernando Pessoa, como parte dos requisitos necessários
para a obtenção do grau Mestre em Psicologia do Trabalho
e das Organizações, sob a orientação da Prof^ª Dr.^a Cristina
Pimentão

Porto, 2013

O presente trabalho de investigação está redigido de acordo com o novo acordo ortográfico.

Índice Geral

Resumo	i
Abstract	ii
Agradecimentos	iii
Introdução	1
Capítulo I – O Trabalho e a sua Relação com outros Âmbitos da Vida	6
1.1 Delimitação do significado de trabalho	6
1.1.1 Perspetiva histórica do significado do trabalho	8
1.2 As funções psicossociais do trabalho e a importância da pertença organizacional..	11
1.3 Mecanismos de relação entre trabalho e atividades extratrabalho	14
1.3.1 Modelo de segmentação	17
1.3.2 Modelo de compensação	17
1.3.3 Modelo de <i>spillover</i>	18
1.3.4 Teoria do papel	18
1.3.5 Perspetiva ecológica	19
Capítulo II – Conciliação entre Trabalho e Extratrabalho: O Papel do Género na	
Articulação das duas Esferas	22
2.1 O conflito entre trabalho e extratrabalho	22
2.1.1 Consequências do conflito trabalho e extratrabalho	24
2.2 Perspetivas de género na conciliação das responsabilidades profissionais e	
extratrabalho	26
2.2.2 A mulher no trabalho e na família – Contextualização teórica	29
2.3 Trabalho pago e trabalho não pago numa perspetiva de género	32
2.3.1 Distribuição do trabalho profissional e tarefas domésticas	34

Capítulo III – O Trabalho Temporário e o seu Impacto Psicossocial	37
3.1 Novas formas de organização do trabalho em Portugal	37
3.2 Trabalho temporário – Definição e enquadramento jurídico	38
3.2.1 Evolução do trabalho temporário em Portugal	40
3.2.2 Vantagens e inconvenientes do trabalho temporário	42
3.3 Impactos psicossociais da situação de trabalho temporário	44
3.3.1 Impactos negativos do trabalho temporário	44
3.3.2 Impactos positivos do trabalho temporário	45
Capítulo IV – METODOLOGIA	49
4.1 Definição do problema	49
4.2 Objetivo geral de investigação	50
4.2.1 Objetivos específicos	51
4.3 Método	51
4.3.1 Grupo de participantes	52
4.3.2 Instrumento de análise	54
4.3.2.1 Questionário sociodemográfico	56
4.3.2.2 Guião de entrevista semiestruturada	57
4.3.3 Procedimento	58
4.4 Análise de conteúdo das entrevistas realizadas	59
4.4.1 Codificação	62
Capítulo V – Apresentação e Discussão dos Resultados	63
5.1 Perceção do conceito de trabalho	63
5.2 Motivo de ser trabalhador temporário	66
5.3 Aspetos positivos do trabalho temporário	70
5.4 Aspetos negativos do trabalho temporário	74

5.5 Mudança de regime de trabalho	82
5.6 Alterações na conciliação trabalho-família e divisão de tarefas familiares	84
5.7 Discussão geral dos resultados	95
Conclusão	100
Referências Bibliográficas	105

Anexo A. Guião de Entrevista

Anexo B. Questionário de recolha de dados sociodemográficos

Anexo C. Pedido de autorização de recolha de dados

Anexo D. Pedido aos trabalhadores temporários

Anexo E. Resposta dos trabalhadores

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Distribuição dos participantes segundo o sexo, habilitações literárias e estado civil	54
Tabela 2 - Categorias centrais de análise	62
Tabela 3 - Análise da questão 2 - Imagine que ganhava uma grande quantidade de dinheiro, por exemplo, através do euromilhões ou da lotaria, continuaria a trabalhar? Porquê?	64
Tabela 4 - Análise da questão 3 - Porque motivo se encontra a trabalhar, atualmente, em regime de trabalho temporário?	67
Tabela 5 - Análise da questão 4.1 - Face à experiência que tem como trabalhador temporário, indique-me, com o máximo detalhe, os aspetos positivos que identifica: Ao nível do trabalho?	70
Tabela 6 - Análise da questão 4.2 - Face à experiência que tem como trabalhador temporário , indique-me, com o máximo detalhe, os aspetos positivos que identifica: Ao nível da vida privada/familiar?	72
Tabela 7 - Análise da questão 4.3 - Face à experiência que tem como trabalhador temporário , indique-me, com o máximo detalhe, os aspetos positivos que identifica: Ao nível de atividades de lazer, sociais, etc.?	73
Tabela 8 - Análise da questão 5.1 - Face à experiência que tem como trabalhador temporário, indique-me, com o máximo detalhe, os aspetos negativos que identifica: Ao nível do trabalho?	75
Tabela 9 - Análise da questão 5.2 - Face à experiência que tem como trabalhador temporário , indique-me, com o máximo detalhe, os aspetos negativos que identifica: Ao nível da vida privada/familiar?	78

Tabela 10 - Análise da questão 5.3 - Face à experiência que tem como trabalhador temporário , indique-me, com o máximo detalhe, os aspetos negativos que identifica: Ao nível de atividades de lazer, sociais, etc.?	81
Tabela 11 - Análise da questão 6 - Se, eventualmente, surgisse a oportunidade de mudar a sua atividade profissional, de trabalhador temporário, para outra, mudaria? Porquê? 83	
Tabela 12 - Análise da questão 7.1- O que se alterou após o início da sua atividade como trabalho temporário: Ao nível da confeção das refeições? De que forma é realizada a divisão com o seu companheiro(a) ou família?	86
Tabela 13 - Análise da questão 7.2 - O que se alterou após o início da sua atividade como trabalho temporário: Ao nível das tarefas de limpeza? De que forma é realizada a divisão com o seu companheiro(a) ou família?	89
Tabela 14 - Análise da questão 7.3 - O que se alterou após o início da sua atividade como trabalho temporário: Ao nível das tarefas de manutenção/reparação? De que forma é realizada a divisão com o seu companheiro(a) ou família?	91
Tabela 15 - Análise da questão 7.4 - Ao nível do cuidado prestados aos filhos/ ou pessoa(s) que preste assistência? De que forma é realizada a divisão com o seu companheiro(a) ou família?	92
Tabela 16 - Análise da questão 7.5 - O que se alterou após o início da sua atividade como trabalhador temporário: Ao nível de atividades de lazer, sociais, etc.?	93
Tabela 17 - Análise da questão 7.6 - O que se alterou após o início da sua atividade como trabalhador temporário: Ao nível da sua vida afetiva/ relação com o seu companheiro(a)?	94

Resumo

Este estudo teve como objetivo geral analisar o impacto do trabalho temporário na conciliação da dinâmica da vida profissional com a vida extratrabalho. Desta forma, na presente investigação procuramos verificar de que forma é percebida a modalidade de trabalho temporário e como esta é articulada com outros domínios da vida, nomeadamente a nível privado, familiar e atividades de tempos livres. Para o estudo deste objetivo, foram definidos objetivos específicos para uma detalhada análise dos vários fatores expostos.

Assim, desenvolveu-se um estudo com base numa entrevista semiestrutura, que foi desenvolvida e administrada a 18 indivíduos (9 mulheres e 9 homens), com vínculo numa empresa de trabalho temporário há pelo menos 6 meses. Os resultados mostraram que os participantes tendem a ter opiniões convergentes relativamente à situação de trabalho temporário, evidenciando a influência da insegurança e a incerteza na dinâmica diária das suas vidas. Estes resultados mostraram que existe alterações comportamentais na conciliação do trabalho e extratrabalho. Ainda neste estudo, observaram-se diferenças na forma de divisão de tarefas domésticas entre os géneros, sendo notório, a lenta inserção do sexo masculino.

Palavras-chave: trabalho temporário; conciliação trabalho e extratrabalho; alterações comportamentais; género

Abstract

This study aimed to analyze the impact of temporary work in reconciling the dynamics of life with life extra work.. So in, this study sought to verify how the sport is perceived temporary work and how this is linked with other areas of life, including those at private, family and leisure activities. For the purpose of this study, were defined specific objectives for a detailed analysis of the various factors described.

Thus, a study was developed based on an interview semi structure, which was developed and administered to 18 subjects (9 women and 9 men), with a bond temporary employment business for at least 6 months. The results showed that participants tended to have converging opinions regarding the situation of temporary work, showing the influence of insecurity and uncertainty in the dynamics of their daily lives. These results indicated a significant behavioral changes in the reconciliation of work and extra work. Also in this study, there were differences in the division of housework between the sexes, being notorious, slow insertion male.

Keywords: temporary work; reconciling work and extra work; behavioral changes; gender.

Agradecimentos

Um mestrado, apesar de individual é um cruzamento de conhecimentos e ensinamentos, sendo neste sentido uma experiência partilhada. Assim, é também neste contexto que desejo expressar o meu mais sincero agradecimento a todos aqueles que com as suas palavras, ensinamentos e estímulos contribuíram para o finalizar desta dissertação.

Começo por agradecer à Professora Doutora Cristina Pimentão, enquanto orientadora deste estudo, pela partilha de ideias, pelas análises críticas, pelo rigor e pela transmissão de saber, mas fundamentalmente pela disponibilidade, incentivo e por acreditar em mim e no meu trabalho.

A todos os participantes do estudo, que apesar de vários condicionantes, encontraram tempo para participar neste trabalho, prestando o seu testemunho, pois sem a sua colaboração esta investigação não teria sido possível.

A todos os meus amigos e colegas pela força transmitida, pelo apoio, colaboração, pela paciência e carinho. Um especial obrigado à Joana pelo apoio incondicional neste processo e em toda a minha vida.

Aos meus familiares, em especial aos meus pais e ao meu irmão, pelo amor, pela oportunidade, dedicação e fundamentalmente pelo apoio incondicional ao longo de todos estes anos e por serem o maior suporte na concretização dos meus objetivos de vida, pois sem eles seria impossível de alcançar.

Finalmente, um agradecimento ao meu namorado, pela serenidade, dedicação e pela força e confiança transmitidas em alturas de maior desânimo, proporcionando-me momentos de distração e divertimento, quando mais precisava.

A todos um muito obrigada!

Introdução

O final do último século testemunhou grandes mudanças na forma como as famílias portuguesas organizam as suas vidas. À medida que as mulheres iniciam a sua entrada para o mercado de trabalho, o modelo familiar de um único elemento a trabalhar fora de casa, que predominou durante parte do século vinte, tem perdido expressão. Estas alterações fundamentais ao nível da configuração familiar e a composição do género da força laboral criaram novos desafios e dilemas para as atuais gerações portuguesas. Homens e mulheres debatem-se com novas exigências do seu trabalho e da sua família, na tarefa de conciliação das responsabilidades profissionais com a vida familiar. Desta forma, surgiram um conjunto de teorias e estudos empíricos sobre o modo como a vida profissional e familiar se intersejam (Silva, 2007). No entanto, se a investigação tem procurado analisar estes dois contextos de forma bastante completa e tem permitido compreender a estrutura e o funcionamento destes dois sistemas, não tem avançado de forma tão sistemática na análise do impacto das formas de trabalho flexíveis, designadamente ao nível da vida extratrabalho (vida familiar, privada e outras atividades).

Contudo, e indubitavelmente, apesar de nas últimas décadas o mercado de trabalho e a vida familiar terem sofrido profundas alterações, o trabalho e a família continuam a ser altamente valorizados na sociedade. Entre estas mudanças evidenciam-se as formas de trabalho flexíveis, a integração das mulheres na força laboral, e conseqüentemente, uma progressiva alteração dos papéis de género, tanto no trabalho como na família. Desta forma, a temática da conciliação entre vida familiar e profissional surge, como resultado das mudanças sociais ocorridas nos últimos anos. Nesta perspetiva, e tendo como referência o estado de Portugal, face ao clima criado pela recente crise financeira e económica, é atualmente, colocado em causa o

significado do trabalho (Freire, 2009). Todavia, durante milhares de anos, nenhum ser humano soube o que era emprego. Todos sabiam o que significava trabalhar, mas não tinham empregos fixos e unitários (Vasconcelos, 2001). Com a revolução industrial e com o crescimento das organizações, surgiram os empregos enquadrados numa figura denominado contrato de trabalho, sem termo e, em menos de 200 anos, todos os seres humanos estavam rendidos à concepção do emprego permanente. Recentemente, o emprego decresceu, em praticamente todas as nações industrializadas do mundo (Frederico, 2006), e os seres humanos têm de se adaptar a novas formas de organização do trabalho (Kovács, 2005). Um dos mais relevantes sinais de flexibilização e contingência no mercado de trabalho consiste no recurso ao trabalho temporário. Esta forma de trabalho caracteriza-se pela existência de uma relação tripartida entre um trabalhador temporário, uma empresa de trabalho temporário e uma empresa cliente (Oliveira, 2011), através da celebração de contratos a termo (certo ou incerto) comportando uma dimensão temporal fixa, ou seja, têm o seu início e fim bem definidos, podendo ser renovados três vezes e até ao limite de seis anos.

O aumento das diversas formas flexíveis ou instáveis de emprego, constitui atualmente um dos aspetos mais marcantes do mercado de trabalho. O crescimento do desemprego e do emprego instável, frequentemente precário, são as questões sociais mais marcantes da época em que vivemos (Woleck, 2002). Na realidade, estas novas formas de organização do trabalho, sempre existiram e, podem realmente fornecer respostas úteis à economia, colmatando picos de produção ou necessidades sazonais das empresas (Kovács, 2006), como é o caso do trabalho temporário (Kovács, 2005). Há alguns anos atrás, o recurso a contratos de duração determinada funcionava como uma fase de experimentação, uma espécie de processo de “pré-recrutamento” de trabalhadores efetivos (Kovács, 2005). Atualmente, este tipo de contrato não significa

por si só o acesso a um emprego estável, mas resulta sim, na manutenção das capacidades profissionais de forma a manter as pessoas ativas no mercado de trabalho, tendo a possibilidade de integração na própria organização (Cruz, 2009). Perante as oscilações e constantes mudanças que o mercado de trabalho sofre, é necessário, não só, uma reconfiguração ao nível das organizações, no sentido de estas se adaptarem ao meio envolvente cada vez mais indefinido, ambíguo e volátil (Lencastre, 2006), como também, ao nível familiar. A constatação de que o crescimento na utilização de trabalho temporário não foi despoletado ou desejado pelos trabalhadores tem levantado preocupações sobre o impacto do emprego temporário nos indivíduos (De Cuyper, et al. 2008). Nesta linha, o presente trabalho propõe uma análise e reflexão sobre o impacto do trabalho temporário na conciliação da dinâmica da vida profissional com a vida extratrabalho, numa amostra de trabalhadores ativos, profissionalmente, em regime de trabalho temporário, há pelo menos 6 meses. Um foco importante deste estudo, prende-se com a identificação dos aspetos, positivos e negativos, do trabalho temporário na dinâmica do indivíduo, ao nível profissional, privado/familiar, e outras atividades realizadas fora do âmbito profissional. Assim como, as alterações na conciliação trabalho-extratrabalho após a inserção no regime de trabalho temporário.

Este trabalho compõe-se em duas partes, sendo que a primeira parte centra-se na explanação da problemática teórica, e, numa segunda parte, segue-se o modelo de análise e as opções metodológicas, bem como a apresentação e discussão dos resultados. Assim, no Capítulo I, desenvolveremos na fundamentação teórica o conceito de trabalho, destacando-o numa perspetiva histórica, ressaltando as suas funções psicossociais, bem como, os mecanismos de relação com a vida extratrabalho. A compreensão e clarificação do conceito de trabalho exige ter em consideração que o trabalho é uma realidade histórica, dinâmica, sociocognitivamente construída, e com

importantes transformações devidas a uma série de fatores. E, por conseguinte, torna-se necessário compreender o significado do trabalho à luz das representações que foi adquirindo ao longo da história, assim como as suas funções psicossociais, de forma, a melhor compreender as suas mutações e a importância que o mesmo desempenha na vida de cada um. Sabendo que, o trabalho e a vida extratrabalho, encontram-se intrinsecamente ligadas, evidencia-se uma pertinência na exploração destes conceitos, no sentido de compreender a relação entre trabalho e os outros âmbitos da vida. O Capítulo II, refere-se à conciliação entre trabalho e extratrabalho, definindo os conflitos inerentes na articulação destas duas esferas e as perspetivas de género na conciliação das responsabilidades profissionais e familiares. Face à ligação entre os dois domínios, e as sucessivas alterações que tem ocorrido, na instituição família, a articulação dos mesmos, trouxe não só liberdades e responsabilidades, mas também novos problemas, nomeadamente ao nível da conciliação. Esta temática surge assim, como consequência das mudanças ocorridas e, das novas tendências demográficas e laborais, como é o caso da entrada massiva das mulheres no mercado de trabalho e a inserção de novas formas de trabalho. Assim, a perspetiva de género é um foco importante de análise da relação do trabalho e da vida extratrabalho. No Capítulo III, centrámo-nos na temática do trabalho temporário, tendo em conta a sua evolução em Portugal, vantagens e inconvenientes e, impactos psicossociais negativos e positivos inerentes ao mesmo. De facto, e tendo em conta, as mudanças no mundo laboral e a própria evolução económica, o trabalho temporário, surge como uma forma de trabalho flexível e necessária para que as organizações mantenham competitivas. Como este, especialmente nas últimas décadas, tem sofrido um considerável aumento, a exploração desta temática ao nível dos seus impactos psicossociais torna-se de extrema relevância.

Na segunda parte, à luz da fundamentação teórica exposta, procuramos equacionar a problemática do impacto do trabalho temporário na vida familiar, aplicando a trabalhadores em regime de trabalho temporário. Do ponto de vista técnico-metodológico, a investigação constitui-se como um estudo exploratório, recorrendo-se à entrevista como técnica de recolha de dados. No capítulo do estudo empírico, apresentaremos a investigação levada a cabo, definindo a problemática e, objetivos (geral e específicos), bem como, a apresentação e caracterização da amostra, dos instrumentos de recolha de dados e, do procedimento efetuado. De seguida discutiremos os dados recolhidos através da análise detalhada das entrevistas realizadas aos trabalhadores temporários. O processo de investigação apresentado em todos estes capítulos permitiu, em jeito de conclusão, elaborar algumas considerações finais sobre o trabalho, bem como lançar novas pistas de análise.

Capítulo I – O Trabalho e a sua Relação com outros Âmbitos da Vida

1.1 Delimitação do significado de trabalho

Falar de trabalho remete-nos, de imediato, para um dos aspetos mais importantes da vida, quer a nível pessoal, de grupo, organizacional e social, sendo um dos pilares fundamentais em que assenta a sociedade (Salanova, Gracia & Peiró, 2002). Ao longo do tempo assistimos a alterações consideráveis na relação do indivíduo com o trabalho (Ferreira, 2006) e, definir trabalho mostra-se uma tarefa árdua devido à sua omnipresença na sociedade humana (Méda, 1999; Salanova, Gracia & Peiró, 2002). A palavra trabalho deriva etimologicamente do vocábulo latino *tripalium*, designando um instrumento usado para ferrar animais de grande porte, tal como os bois e os cavalos, sendo considerado como um tipo de atividade que evoca desagrado e tortura (Ferreira, 2006; Gonçalves & Coimbra, 2002; Woleck, 2002). Por isso, durante muito tempo, o trabalho foi associado a algo penoso e difícil, sendo até à Idade Média, uma atividade desempenhada pelos escravos ou pessoas de baixa condição social (Gonçalves & Coimbra, 2002). Presente neste significado e, independentemente da aplicação que se pretenda, encontra-se a noção física de força e energia, indicando a atividade segundo a qual o Homem revoluciona e transforma o mundo ao longo dos tempos (Ferreira, 2006).

A delimitação do conceito de trabalho é uma área difícil, quer pela sua natureza complexa e multifacetada, quer, pelo facto de cada disciplina tentar explicar e descrever com base nas suas fundamentações teóricas e empíricas. No entanto, tendo em consideração a natureza complexa do trabalho, Peiró (1989, citado em Salanova, Gracia & Peiró, 2002, p.38) define trabalho como "aquele conjunto de atividades humanas, remuneradas ou não, de carácter produtivo e criativo, que mediante o uso de técnicas, instrumentos, materiais ou informações disponíveis, permite obter, produzir ou fornecer certos bens, produtos ou serviços. Nessa atividade, a pessoa fornece energias,

habilidades, conhecimentos, e outros diversos recursos, e obtém algum tipo de compensação material, psicológica e/ou social". Esta definição contempla a noção, de que o trabalho consiste numa atividade observável e permita obter certos resultados, associados a determinadas recompensas intrínsecas ou extrínsecas ao próprio trabalho.

O termo trabalho “ [...] é rico de sentido individual e social. É um meio de produção da vida de cada um, provendo a subsistência, criando sentidos existenciais ou contribuindo na estruturação da personalidade e da identidade. [...] Apresenta-se numa variedade de ocupações, sendo objeto de diversificada classificação. É glorificado desde os defensores mais tradicionais do capitalismo aos marxistas. Mesmo quando utilizado no seu sentido económico (trabalho remunerado) e restrito ao contexto das organizações formais, continua diversificado, ambíguo e complexo.” (Borges & Tamayo, 2001, p.13). Porém, o conceito de trabalho não é fechado e estático, pelo contrário, tem sofrido alterações e adaptações ao longo dos tempos (Ferreira, 2006), sendo objeto de estudo de múltiplas disciplinas científicas, como o caso das disciplinas sociais e humanas (economia, direito, sociologia, antropologia, filosofia, pedagogia, psicologia, etc.) que consideram-no um aspeto muito relevante nas suas investigações (Peiró, Prieto & Roe, 2002). O trabalho tende a ser uma atividade que transforma a natureza (Grint, 1998) representando um elemento fundamental na vida de cada um, visto que ocupa uma proporção substancial na mesma e desenvolve uma posição/identidade na sociedade.

É frequente usar-se a palavra trabalho em situações completamente díspares. Este, consiste num problema de polissemia que afeta particularmente os cientistas sociais, visto que os conceitos que usam para o conhecimento da realidade social dispõem, muitas vezes, dos mesmos vocábulos que todos usamos para reconhecer e descrever a realidade social no dia-a-dia (Rocha & Ferreira, 2006), assim sendo, importa distinguir o conceito de emprego e trabalho. Tal como supra referido o trabalho

está presente no nosso dia-a-dia, acarretando consigo um papel fulcral na nossa vida, quer a nível material como psicológico e/ou social. Por sua vez, emprego é "o lugar que é ocupado pelos indivíduos na sociedade com o objetivo de realizar um trabalho, em troca de uma retribuição. Mais do que uma situação jurídica, define um lugar ocupado na sociedade, uma posição social" (Kovács, 2005, p.12). Assim, emprego é, deste modo, para a teoria económica, sinónimo de trabalho remunerado sob determinadas condições, implicando uma relação contratual que é regulada institucionalmente através de um contrato de trabalho, escrito ou oral. Este contrato além de definir as diversas condições de emprego, acaba por ser também um contrato psicológico (Rousseau, 1997, citado em Cruz, 2009), uma vez que a pessoas possui outras crenças ou expectativas como, por exemplo, realização pessoal, sentido de utilidade social e organizacional, uma estrutura, uma rotina, uma certa ordem de vida (Woleck, 2002). Todos os empregos são, assim, trabalho, mas há trabalhos que não são realizados em condições de emprego, o que determina que um trabalho seja emprego não é o conteúdo das tarefas realizadas, mas sim o regime contratual institucional em que estas tarefas se desenrolam (Rocha & Ferreira, 2006).

1.1.1 Perspetiva histórica do significado do trabalho

O significado de trabalho na sociedade atual tem como base diferentes representações que foi adquirindo ao longo da história, congruentes com as diversas circunstâncias históricas, filosóficas, políticas, culturais, económicas e psicossociais próprias de cada cultura e época (Salanova, Gracia & Peiró, 2002). Na Antiguidade, o trabalho era entendido como a atividade dos que tinham perdido a liberdade, sendo o seu significado confundido com o de sofrimento ou infortúnio (Woleck, 2002). Para os habitantes da antiga Grécia e também para os de Roma antiga, a dedicação ao trabalho

ou ao lazer não era uma questão de preferências individuais. A sociedade grega estava dividida em direitos políticos, de um lado tinha escravos, artesãos livres e estrangeiros que deviam trabalhar para sobreviver, e do outro lado, havia cidadãos livres que não se tinham que não tinham a obrigatoriedade de trabalhar. A questão do lazer era um assunto de dignidade reservado às classes altas e o trabalho era uma ocupação considerada uma maldição, desprezível e própria dos escravos (Pérez Adán, 1992, citado em Salanova, Gracia & Peiró, 2002). Na Grécia clássica, o trabalho era considerado como uma maldição, uma desonra ou mesmo um descrédito, visto que o trabalho físico era encarado como próprio dos escravos. A ideia de um trabalho como meio de subsistência e com caráter de obrigação era considerado desprezível e longe das condições que promovem a virtude. Assim como, a liberdade de decidir cada dia a ocupação de tempo de maneira que exista a possibilidade real de dedicar ao cultivo das virtudes, a contemplação intelectual e, especialmente à política, era considerado algo indesculpável a todo o cidadão livre (Salanova, Gracia & Peiró, 2002). Apesar de a escravatura moldar a ideologia do trabalho em Roma, surgem alguns fatores que fazem a diferença na conceção desenvolvida na Grécia clássica, levando ao desaparecimento da escravatura, posteriormente.

Ao nível da religião, as tradições judaico-cristã mostram pouca ambivalência nas suas perceções e significados do trabalho, associando este à noção de punição e maldição, como está registado no antigo testamento (castigo de Deus pelo pecado original cometido pelo homem) (Salanova, Gracia & Peiró, 2002; Woleck, 2002). O aspeto favorável do trabalho refere-se ao facto de a partir do mesmo se extrair frutos para combater a pobreza e a dor. Na perspetiva do Islamismo o trabalho é visto em maior medida como uma obrigação social que se tem que cumprir para ser aceite por Alá. No pensamento budista, o trabalho é visto como uma atividade que contribui para o

desenvolvimento do caráter pessoal na medida em que as pessoas são capazes de comprometer-se em tarefas difíceis e de vencer a tentação de se dedicarem a outras atividades de lazer que exigem menos sacrifício (Salanova, Gracia & Peiró, 2002). Com a reforma protestante inicia-se uma consideração do trabalho como uma obrigação ou dever de valor particular devido à sua contribuição na criação do Reino de Deus. Desta forma, através da reforma protestante, o conceito de trabalho adquire relevância, no sentido, em que cada pessoa deve trabalhar para conseguir a salvação ou inclusão para a acumulação de riqueza pessoal devendo ser compartilhada com os pobres (Salanova, Gracia & Peiró, 2002).

Na Idade Média, torna-se difícil fazer um balanço geral de como se entende o trabalho, pois a concepção variava nas diversas classes sociais da sociedade feudal (Gonçalves & Coimbra, 2002; Woleck, 2002). Assim, para o senhor feudal o trabalho é visto como algo pouco elegante, próprio de vassalos e desde logo longe do seu estilo de vida. Para os servos da gleba, no entanto, trata-se de um meio de subsistência e era a atividade que realizavam durante a maior parte do dia (Salanova, Gracia & Peiró, 2002). Mas desde o Renascimento, e até à atualidade o trabalho adquire sentido pelo prazer experimentado na realização do mesmo, livre de conotações religiosas. Nesta época de busca da plenitude pessoal, o trabalho é valorizado em si mesmo, na medida em que a pessoa disfruta e se realiza através do mesmo. A revolução industrial veio converter o trabalho no meio principal de aquisição de bens e serviços e a partir de então, tende-se a considerar o trabalho não só como instrumento para obter benefícios económicos, mas sim, como uma atividade valorizada intrinsecamente na medida em que contribui para melhorar a experiência pessoal e o desenvolvimento do indivíduo, livre de quaisquer conotações religiosas (Ferreira, 2006; Gonçalves & Coimbra, 2002; Salanova, Gracia & Peiró, 2002; Woleck, 2002).

De facto, o trabalho tal como outra instituição, é inerente e irredutivelmente construído, interpretado e organizado através de ações sociais e discursos sociais, e a sua história sugere que o verdadeiro significado de trabalho é algo que deve ser trabalhado. Assim, é devido aos antecedentes e processos históricos que o trabalho contemporâneo incorpora as linhagens do passado e, atualmente é considerado um descendente magoado e não é prisioneiro do passado (Grint, 1998). Atualmente tende-se a considerar o trabalho como um instrumento para obter benefícios económicos mas como uma atividade valorizada intrinsecamente na medida em que contribui para melhorar a experiência pessoal e o desenvolvimento do indivíduo (Salanova, Gracia & Peiró, 2002).

1.2 As funções psicossociais do trabalho e a importância da pertença organizacional

Visto que o trabalho exerce na vida pessoal uma função psicológica específica pelo facto de ser uma atividade dirigida (Clot, 2006), diversas funções psicossociais foram apontadas, através de várias investigações sobre o fenómeno do trabalho, no que respeita ao desempenho do trabalho para os indivíduos, grupos, organizações e sociedades. Salanova, Peiró, e Prieto (2002) destacam onze funções positivas que o trabalho pode proporcionar à pessoa, nomeadamente: **(i)** a função integrativa ou significativa, que se refere ao trabalho como uma fonte de realização pessoal e autoestima, através do desenvolvimento do mesmo; **(ii)** o trabalho proporciona um estatuto ou prestígio social, ou seja, o trabalho desenvolvido permite um determinado estatuto social, da mesma forma, que o progresso e promoção aumentam o prestígio social, convertendo numa fonte de auto-respeito, reconhecimento ou respeito dos outros; **(iii)** o trabalho é uma fonte de identidade pessoal, visto que, as experiências

laborais, êxitos e fracassos no trabalho contribuem para o desenvolvimento da nossa própria identidade; **(iv)** função económica, que permite garantir a independência económica, controlo da sua vida e das atividades de tempo livre; **(v)** fonte de oportunidades para a interação social e construção de um leque de contatos sociais, permitindo a oportunidade de interagir com outras pessoas fora do núcleo familiar, podendo melhorar a vida extratrabalho; **(vi)** o trabalho estrutura o tempo, organizando o tempo em períodos temporais regulares e previsíveis, fornecendo um marco de referência temporal útil para a vida da pessoa; **(vii)** o trabalho mantém o indivíduo numa atividade mais ou menos obrigatória, constituindo um dever dos indivíduos para a sociedade, ao mesmo tempo que mantêm outras funções vitais; **(viii)** o trabalho é considerado uma fonte de oportunidades para o desenvolvimento de habilidades e destrezas, visto que, através da realização do trabalho é possível adquirir novas habilidades, ou mesmo, ao colocar em prática diariamente promova o seu melhoramento; **(ix)** o trabalho suporta a função de transmitir normas, crenças e expectativas sociais, através da comunicação que fazem entre si, partilhando expectativas, crenças, valores e informações não só relacionadas com o trabalho, mas com outros âmbitos da vida; **(x)** o trabalho proporciona poder e controlo, desenvolvendo assim, através do mesmo, um determinado controlo e poder sobre pessoas, e sobre coisas, dados e processos; **(xi)** por último, o trabalho pode assegurar a função de conforto e segurança, pelo facto de, eventualmente, usufruir de boas condições físicas, segurança no emprego e/ou um bom horário de trabalho.

É possível verificar que todas elas convergem para uma valorização positiva, nomeadamente auto-realização, contatos interpessoais, fonte de identidade, entre outros. Assim, o trabalho constitui a principal fonte de contribuições económicas, para manter a sobrevivência e bem-estar, ao mesmo tempo, que permite a satisfação de necessidades

psicossociais como a autodeterminação, o prestígio, os contatos sociais, a realização e desenvolvimento pessoal, etc. (Peiró, Prieto & Roe, 2002). No entanto, o trabalho pode ser disfuncional para o indivíduo em função das características que apresenta, designadamente, ao ser caracterizado como repetitivo, humilhante, monótono e não potenciar autonomia, levando assim, consequências negativas para a pessoa. O que determina em parte as consequências ou os efeitos negativos que o trabalho produz para as pessoas é o conjunto das características do mesmo e as condições em que se desenvolve, visto que, as funções do trabalho estão fortemente relacionadas com o significado que tem o trabalho para as pessoas. (Salanova, Peiró & Prieto, 2002). O significado do trabalho resultante do processo de socialização ocupacional pode permitir ao indivíduo avaliar o trabalho em termos de grau da sua importância para a avaliação do seu projeto existencial, a par de outras áreas da vida. Considerando o papel do trabalho, um dos muitos papéis, que se espera que o adulto exerça, a sua relação pode ser vista como mais ou menos central face aos restantes papéis de vida e, por isso, torna-se mais ou menos saliente no conjunto dos papéis. Este facto de relevância do papel do trabalho pode influenciar significativamente o grau de envolvimento do indivíduo no seu trabalho (Quintanilla & Wilpert, 1988, citados em Cruz, 2009). Assim, o nosso trabalho é o nosso facto social total, já que estrutura por inteiro a nossa relação com o mundo e as nossas relações sociais. É a nossa relação social fundamental, por isso, somos uma sociedade baseada no trabalho, por muito que muitas vezes queiram fazer-nos sair dela (Méda, 1999).

A função social das organizações estende-se mais além, já que as pessoas passam grande parte das suas vidas nestas, e portanto, exercem uma influência no desenvolvimento das capacidades intelectuais dos indivíduos, e dos membros da sociedade como um todo (Aguiar, 1988, citado em Cruz, 2009). Neste cenário de

pertença organizacional, a organização laboral é uma grande potência na regulação social do indivíduo e na sua própria socialização, aculturando-o, fazendo com que ele se identifique com ela e tornando-a o seu grupo de pertença, contribuindo para a evolução da empresa e de si próprio. Com isto, é possível salientar, que pertencer a uma organização laboral, ou seja, possuir emprego, um contrato de trabalho sem termo e estável, é de facto um fator de inserção social. Numa altura em que se enfrenta uma série de barreiras no que respeita à construção de relações estáveis e desenvolvimento de raízes culturais, a organização laboral é, de certa forma, o ponto de encontro do indivíduo em sociedade e começa a ser o local mais sólido para a criação de pertenças (Câmara, Guerra & Rodrigues, 2007).

1.3 Mecanismos de relação entre trabalho e atividades extratrabalho

A temática sobre as relações trabalho/família tem sido alvo de investigação por um conjunto diverso de disciplinas como a psicologia, sociologia, estudos da família, gestão, saúde ocupacional e comportamento organizacional (Barnett, 1998; Voydanoff, 2002). A análise dos processos que ligam a vida profissional e familiar tem sofrido alterações ao longo do tempo. Inicialmente, e durante muitos anos, foi adotado o padrão comportamental de separação do trabalho dos sentimentos e, da mesma forma, considerava-se uma obrigação não levar para casa preocupações do trabalho, pois o trabalho e a vida pessoal consideravam-se em competição, como esferas independentes e sem qualquer relação. As pessoas eram levadas a crer que o aspeto racional se desenvolvia e adequava ao trabalho. Esta forma de compreensão conduziu ao equívoco conceitual de tratar separadamente os aspetos da razão e os aspetos emocionais (Silva, 2007). Atualmente, esse modelo está ultrapassado e substituído por um modelo de melhor relação trabalho/vida familiar, mais aberto, renovado, inspirado na natureza

integral do ser humano e orientado para o equilíbrio do todo, portanto, para o desenvolvimento do ser integral. Nesta perspectiva, o trabalho e a vida familiar são complementares e não podem ser compartimentados, havendo por isso uma aproximação integrada entre eles (Ferreira, 2006). Nesta linha, tem-se verificado um crescente interesse na relação e interdependência destas duas esferas, nomeadamente, na análise dos processos pelos quais estas esferas estão ligadas e os efeitos que cada um dos sistemas pode ter no outro e no indivíduo (Silva, 2007).

A temática da conciliação entre a vida familiar e profissional surge assim como consequência das mudanças sociais ocorridas nos países industrializados e, das novas tendências demográficas e laborais, nomeadamente a integração massiva das mulheres no mercado de trabalho e, o consequente, aumento do número de famílias de duplo-rendimento. Assim, presentemente, os indivíduos desempenham cada vez mais papéis com diferentes exigências e recursos variados, e portanto, torna-se importante a análise da forma como estes papéis são geridos e a análise das suas consequências individuais, familiares e profissionais pode trazer benefícios importantes para a compreensão da vida das famílias e para o desenho de políticas sociais e organizacionais mais adaptadas e ajustadas às novas configurações sociais (Silva, 2007).

A relação entre trabalho e a família é um aspeto delicado de gerir, quer pelos indivíduos, quer pelas organizações, mas é fundamental a existência de equilíbrio entre as duas esferas de modo a permitir uma boa saúde física e psíquica, o que contribui para a produtividade e sucesso das pessoas e das organizações (Ferreira, 2006). A existência desse equilíbrio passa pelo desenvolvimento organizacional de políticas e programas que proporcionem flexibilidade face às necessidades individuais dos colaboradores, e que recriem o ambiente de modo a poderem emergir mais-valias de um novo modelo em que o espaço doméstico não só colida com o profissional, mas antes pode agregar

valores importantes trazendo bons resultados pela sinergia existente (Ferreira, 2006). Todavia, este cenário é possível através das organizações autenticizóticas, ao qual, permitem aos seus colaboradores estabelecer um equilíbrio entre a vida pessoal e a organizacional. A percepção das características organizacionais autenticizóticas (superior credível e confiável; comunicação aberta e franca com o superior; oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento pessoal; equidade e justiça; conciliação trabalho/família; espírito de camaradagem), pelo trabalhador, indica níveis de *stress* inferiores, condições superiores de saúde, empenha-se mais afetivamente na organização, é mais leal e manifesta-se mais produtivo. Desta forma, a implementação destas características, fornece um conjunto de benefícios, entre os quais a conciliação trabalho-família (Rego & Souto, 2004). E assim, torna-se imprescindível um olhar sobre este tipo de organizações, de forma a criar uma harmonia entre a atividade profissional e os vários âmbitos da vida.

A investigação em termos de perspectivas teóricas, sobre a relação trabalho e vida familiar tem demonstrado que não existe um modelo unificador para a sua compreensão (Ferreira, 2006). No entanto, inicialmente, as relações foram identificadas a partir de 3 modelos: o modelo de segmentação, o modelo de compensação e o modelo de *spillover* (Loscocco & Roschelle, 1991, citados em Ferreira, 2006; Near, Rice & Hunt, 1980). Para além desta divisão inicial, um considerável conjunto de investigação tem sido fundamentada na teoria do papel e as suas duas hipóteses (conflito ou promoção do papel). A abordagem ecológica dos sistemas familiares e profissionais surge recentemente, e tem sido considerado o modelo mais integrativo e completo para explicar a relação trabalho-família (Silva, 2007).

1.3.1 Modelo de segmentação

O modelo de segmentação é uma das primeiras perspectivas na análise da relação entre trabalho e família (Silva, 2007). Trata-se, portanto, de uma perspectiva clássica que assume a separação do domínio profissional e familiar, assegurando que estes dois domínios funcionam de forma independente e autónoma, não havendo influências mútuas (Loscocco & Roschelle, 1991, citados por Ferreira, 2006). Nesta perspectiva, as mulheres são as principais responsáveis pelo trabalho da esfera doméstica e familiar, enquanto os homens são participantes ativos na esfera pública, incluindo o trabalho remunerado. Esta abordagem de independência, dos dois conceitos, assume implicações para as políticas e práticas laborais, ou seja, se o trabalho e a família são considerados domínios separados, os assuntos familiares deverão ser resolvidos na esfera familiar e os profissionais na esfera profissional, levando os gestores e empregadores a considerar que não é da sua responsabilidade a compatibilização que os trabalhadores fazem dos seus múltiplos papéis. Por outro lado, esta visão de independência dos domínios apoia a conceção, segundo a qual um trabalhador que permite que assuntos familiares interfiram na sua vida profissional é manifestamente negligente. No entanto, este modelo foi alvo de investigação ao qual se verificou que apesar das tentativas de separação, os dois domínios estão intimamente ligados (Near, Rice & Hunt, 1980).

1.3.2 Modelo de compensação

Este modelo defende que as insuficiências (insatisfações) sentidas num determinado domínio são compensadas por maior investimento na outra esfera da vida (Loscocco & Roschelle, 1991, citados em Ferreira, 2006). Assim, os indivíduos procuram equilibrar os desapontamentos de uma esfera (profissional ou familiar) através do aumento da participação na outra esfera (Wilensky, 1960, citado em Near, Rice &

Hunt, 1980). Independentemente da direção, o modelo de compensação prevê uma relação inversa entre a satisfação no trabalho e a satisfação noutras esferas da vida (Loscocco & Roschelle, 1991, citados em Ferreira, 2006).

1.3.3 Modelo de *spillover*

O modelo *spillover* assume que existe uma relação de reciprocidade entre o trabalho e a família, influenciando-se mutuamente. Os indivíduos transferem as emoções, os valores, as qualificações e os comportamentos de uma esfera para a outra. Nesta perspetiva, as experiências provenientes do trabalho afetam as atividades do dia-a-dia, a família e a interação social, e a recíproca também é aceite como verdadeira (Loscocco & Roschelle, 1991, citados em Ferreira, 2006). Este modelo assume dois tipos: positivo e negativo. O *spillover* positivo envolve a disseminação de satisfação e estimulação profissional para elevados níveis de energia e satisfação em casa e vice-versa. O *spillover* negativo, refere-se ao modo como as tensões produzida a nível profissional afetam e preocupam o indivíduo na sua participação na vida familiar ou o inverso (Grzywacz & Marks, 2000; Higgins & Duxbury, 1992; Kirchmeyer, 1992, 1993; citado em Silva, 2007). Segundo investigações, esta abordagem é aquela que reúne maior consenso entre os investigadores, sendo aquela que melhor explica a relação trabalho-família e os efeitos que cada um dos domínios exerce sobre o outro.

1.3.4 Teoria do papel

Um considerável conjunto de investigações tem sido fundamentado na teoria do papel, em particular nas hipóteses de conflito de papéis associado a escassez de recursos e promoção do papel ou expansão. A abordagem do papel sugere que a interface

trabalho-família está associada a diferentes graus de conflito trabalho-família e/ou diferentes graus de promoção/facilitação de papéis (Voydanoff, 2002).

De acordo com esta perspectiva, quanto maior for a acumulação de papéis, maiores serão os riscos de incompatibilidade entre as exigências associadas aos diferentes papéis e, conseqüentemente, maior conflito e tensão será experienciado (Voydanoff, 2002). Este conflito de papel surge quando aumenta a dificuldade percebida em cumprir com as exigências de um dos papéis e quando aumentam as preocupações associadas ao não cumprimento das obrigações profissionais ou familiares. Segundo esta perspectiva, o conflito entre papéis é inevitável, normal e esperado. Em contrapartida, a hipótese da promoção do papel ou da expansão, sugere que o desempenho de múltiplos papéis, em equivalência, está também associado a recompensas e privilégios que facilitam a sua gestão, reduzindo assim os efeitos negativos da acumulação de papéis, garantindo maior gratificação e promovendo um melhor funcionamento global do indivíduo. A noção de promoção do papel implica que, para além de uma percepção de equilíbrio no desempenho dos diferentes papéis, deverão existir aspetos do papel familiar ou profissional que fornecem recursos e facilitam o desempenho do outro papel (Voydanoff, 2002). No entanto, esta abordagem é considerada, por alguns investigadores, demasiado individual, determinista e limitada para a análise da relação entre as experiências profissionais e familiares (Grzywacz & Marks, 2000a).

1.3.5 A perspectiva ecológica

A abordagem ecológica de Bronfenbrenner apresenta uma visão integrativa dos diferentes fatores que moldam as experiências profissionais e familiares dos indivíduos (Grzywacz & Marks, 2000a). Segundo esta perspectiva, é possível integrar de forma

mais completa os resultados encontrados na literatura, na medida em que compreende fatores individuais (como características disposicionais), fatores do microsistema familiar (como a idade das crianças, o estatuto parental) e, fatores do microsistema profissional (como número de horas de trabalho). Os microsistemas profissional e familiar interagem mutuamente de forma a criar um mesossistema trabalho-família, cujas relações poderão ser de conflito ou facilitação (Hill, 2005). Este mesossistema compreende as relações entre o microsistema familiar e profissional que podem ser relações diretas ou indiretas. Sendo o microsistema o primeiro nível de influência ambiental que interage com o indivíduo, qualquer contexto onde o indivíduo se insira e interaja com outros constitui um microsistema, incluindo o microsistema familiar e profissional. Os microsistemas estão ligados entre si, de modo que as experiências de um contexto podem apoiar as experiências de outros contextos, estas interligações constituem assim o mesossistema. Esta abordagem sugere que interações positivas entre o indivíduo e o ambiente podem fornecer recursos ou incentivos ao desenvolvimento dos seus papéis intra e inter domínios, enquanto que interações indivíduo e o ambiente negativas criam barreiras ao desempenho dos seus papéis e estão associados a maiores conflitos entre papéis e a efeitos negativos do indivíduo (Grzywacz & Marks, 2000b).

Neste capítulo, verificamos que o trabalho é definido, fundamentalmente, como uma atividade que não tem um fim em si mesmo, mas sim, que é um meio para conseguir um fim. O trabalho tem adquirido diferentes significados ao longo da história humana, desde a consideração do mesmo como castigo, obrigação ou maldição por parte dos antigos gregos e romanos, até ao seu significado como bênção que conduz à salvação eterna. Estes significados têm sido congruentes com os determinantes políticos, sociais, culturais, económicos e religiosos próprios de cada cultura e época

histórica. Atualmente coexistem diferentes significados do trabalho que também vêm determinados por fatores sociais, culturais e políticos, assim como por outros próprios da história individual. Não obstante, parte da importância do trabalho para a pessoa depende das funções psicossociais que cumpre, todas elas convergindo para uma valorização positiva. O significado do trabalho é, portanto, flexível e pode estar sujeito a mudanças e modificações em função da experiência subjetiva e os aspetos situacionais que se produzem no contexto do indivíduo, estruturando por inteiro as nossas relações com o mundo e as nossas relações sociais.

Tendo em linha de conta, os modelos de relação entre os domínios profissionais e familiares, podemos afirmar que a perspectiva de esferas separadas e independentes uma da outra não permite compreender a interface entre os domínios profissional e familiar. De facto, a abordagem empírica sugere que a abordagem de *spillover* é aquela que reúne maior consenso na investigação, na forma como descreve o modo como o trabalho e família estão associados. Esta sugere que a experiência de um trabalhador num dos domínios afeta a sua experiência no outro domínio, de modo que as experiências que caracterizam o trabalho estão intimamente relacionadas com as experiências familiares, e vice-versa. Com isto, é inevitável não experienciar situações de conflito quando é procurado um equilíbrio entre as exigências profissionais com as tarefas extratrabalho, havendo, no entanto, conotações negativas na articulação das mesmas. Assim, no capítulo seguinte será abordado esta temática, de maneira a perceber de que forma é realizada a conciliação entre estes dois domínios, tendo em conta o papel do género na articulação dos mesmos.

Capítulo II – Conciliação entre Trabalho e Extratrabalho: O Papel do Gênero na Articulação das duas Esferas

2.1 Conflito entre trabalho e extratrabalho

O interesse da psicologia organizacional pelas questões relacionadas com a família é relativamente recente, tendo-se manifestado principalmente nos últimos 15 anos (Muchinsky, 2004). Porém, durante muitos anos, o foco de atenção centrava-se nas questões relacionadas com o trabalho, nomeadamente, tarefas, cargos, ocupações, organizações, deixando o assunto da família/tarefas domésticas para outras áreas de estudo profissional. Contudo, os psicólogos organizacionais começaram a observar elos de ligação entre a esfera do trabalho e da família, expandindo a sua área de investigação nesse sentido (Muchinsky, 2004). O aumento da importância atribuída à qualidade de vida e ao bem-estar subjetivo como valores orientadores dos indivíduos, num número crescente de sociedades, e o aumento do tempo e do esforço despendido pela maior parte dos trabalhadores no exercício da sua função e no desempenho do seu papel no contexto laboral serão provavelmente, algumas razões, pelas quais, nos últimos 25 anos, um número crescente de investigadores se tem interessado em estudar a interface entre os papéis desempenhados no contexto do trabalho e os papéis desempenhados no contexto familiar (Tavares, Caetano & Silva, s/d).

O conflito trabalho-família tem sido definido como sendo uma forma de conflito inter-papel no qual as pressões de papel nos domínios do trabalho e da família são, de algum modo, mutuamente incompatíveis (Greenhaus & Beutell, 1985, citados em Grzywacz, et al. 2007). Contudo, o conflito entre o trabalho e a vida familiar pode surgir devido à interferência do trabalho na vida familiar (conflito trabalho-família), como devido à interferência da vida familiar no trabalho (conflito família-trabalho), evidenciando, assim, conflitos distintos, mas com reciprocidade entre eles. De acordo

com Grzywacz, et al. (2007), o trabalho poderá interferir com a vida familiar através do tempo que este consome ao indivíduo e que pode, de alguma forma, competir com o tempo destinado aos papéis familiares, como através do *stress*, ansiedade e o cansaço que o trabalho pode gerar no indivíduo e que pode interferir com o seu desempenho na vida familiar. Evidencia ainda, os padrões comportamentais que estão associados ao papel que o indivíduo desempenha no seu local de trabalho e que podem, de alguma maneira, colidir com as expectativas associadas aos papéis que o indivíduo desempenha na esfera familiar. Na mesma linha, Ferreira (2006) aponta como importantes fontes de conflito entre trabalho e família a quantidade de horas de trabalho, a sobrecarga ou a ambiguidade de papéis, o tipo de horários, nomeadamente a incompatibilidade de horários entre o trabalho e a família ou a mobilidade geográfica.

O conflito trabalho-família é normalmente analisado a partir de perspectivas causais, tal como argumenta Frone, Yardley e Markel (1997, citados em Grzywacz, et al. 2007) em que as causas estruturais, sociais e, psicológicas do trabalho e da família contribuem para níveis mais elevados de conflito trabalho-família. A explicação para esse efeito está enraizada na teoria de papéis e na escassez de recursos pessoais, tais como o tempo, disponibilidade física ou energia mental, deixando assim as pessoas com recursos insuficientes para comparecer às atividades de outros domínios. Algumas evidências revelam que o tempo e a pressão psicológica no trabalho estão associados a conflitos na família, assim como, exigências familiares a nível estrutural e social (por exemplo, número e idade dos filhos, estado civil, qualidade e relação familiar) têm sido associadas como causa de maior conflito familiar no trabalho (Grzywacz & Marks, 2000b; Voydanoff, 2005). Segundo Muchinsky (2004) o conflito entre trabalho e família aumenta à medida que a maioria dos trabalhadores procuram equilibrar as exigências do trabalho remunerado e as responsabilidades domésticas. Os principais

alvos de pesquisa em torno do conflito trabalho-família recaem sobre o efeito do trabalho sobre a família – análise do impacto dos fatores de trabalho sobre os assuntos de família; o efeito da família sobre o trabalho – investiga de que forma os aspetos estruturais ou de desenvolvimento da família influenciam o comportamento da pessoa no trabalho, e; a interação família-trabalho – analisa a compatibilidade ou incompatibilidade das relações família-trabalho e o seu impacto noutros processos, como a transição entre os papéis.

2.1.1 Consequências do conflito trabalho e extratrabalho

Diversos estudos concentraram a sua atenção nas consequências do conflito trabalho-família na saúde, verificando-se o efeito do *stress*, associados à saúde mental, como resultado de depressão e ansiedade, assim como, à saúde física, ao nível de probabilidade para a obesidade e pressão arterial elevada (Grzywacz, et al. 2007). De facto o conflito trabalho-família tem sido descrito como uma fonte de *stress*, a qual põe em causa não só o bem-estar dos indivíduos, como também o bem-estar das famílias e das organizações, havendo consequências a vários níveis. Allen, Herst, Bruck, e Sutton (2000, citados em Tavares, Caetano & Silva s/d) sugeriram que as repercussões da interferência do trabalho na esfera familiar podem ser organizadas em três categorias: **(i)** consequências relacionadas com o trabalho, nomeadamente a diminuição da satisfação no trabalho e o aumento das intenções e dos comportamentos de afastamento organizacional; **(ii)** consequências que não estão relacionadas com o trabalho, como por exemplo, a diminuição da satisfação com a vida familiar e o aumento de comportamentos de desajuste familiar e; **(iii)** consequências relacionadas com o *stress*, como o aumento de sintomas de *stress*, de *burnout* e de quadros depressivos, bem como o aumento dos comportamentos aditivos. Segundo uma ampla pesquisa levada a cabo

por Frone (2000, citado em Muchinsky, 2004), colaboradores que passavam por conflitos de trabalho-família, tinham 30 vezes mais probabilidade de sofrer um problema de saúde mental, clinicamente relevante, do que empregados que mencionavam não ter conflitos entre trabalho e família. De um modo geral, as interações negativas entre o trabalho e a família têm recebido especial atenção dos pesquisadores. De acordo com Polasky e Holahan (1998, citados em Paschoal & Tamayo, 2005) a literatura mostra a importância, para a saúde e bem-estar do indivíduo, de desempenhar diversos papéis dentro e fora de casa, isto porque aumenta a autoestima e oferece maiores oportunidades de apoio social. Contudo, estudos revelam que tentativas de equilibrar exigências advindas do trabalho e da família podem provocar consequências negativas no âmbito familiar e profissional. Assim, é possível compreender a preocupação com a investigação de como se dão os impactos negativos de uma esfera sobre a outra e os efeitos sobre o indivíduo, a sua família e o seu ambiente de trabalho.

Porém, apesar do impacto negativo do trabalho sobre a vida familiar e a possibilidade de problemas familiares gerarem dificuldades no trabalho, isto não significa que o trabalho e a família tenham obrigatoriamente uma conotação negativa em relação ao outro. E face a este paradigma, um crescente número de pesquisas na área da psicologia documentam os benefícios que o trabalho traz à vida familiar e vice-versa, apontando algumas estratégias para equilibrar trabalho e família: **(i)** procurar suporte social no trabalho ou em outros ambientes; **(ii)** reorganizar o tempo despendido com o trabalho e com a família; **(iii)** redimensionar a importância psicológica de um ou de ambos os papéis; **(iv)** descobrir maneiras de reduzir ou enfrentar melhor o *stress* (Ferreira, 2006).

2.2 Perspetivas de género na conciliação das responsabilidades profissionais e extratrabalho

As perspetivas de género são um foco importante de análise quando se considera questões do trabalho e da vida familiar (Ferreira, 2006), sendo dois domínios extremamente preponderantes para a compreensão das relações trabalho-família, uma vez que estas relações compreendem duas dimensões tão profetizadas: os homens estão associados à esfera profissional e as mulheres à esfera familiar (Silva, 2007). Desde a revolução industrial as famílias adotaram uma divisão do trabalho com base no género, ou seja, aos homens era incumbido a angariação dos recursos económicos e às mulheres assegurar os cuidados familiares. No entanto, ao longo dos tempos, tais papéis têm vindo a entrecruzar-se cada vez mais, e por toda a Europa, o crescente número de mulheres que fazem parte da força de trabalho é cada vez maior, conciliando o emprego com a prestação de cuidados a membros da família, quer sejam eles crianças, adultos e/ou idosos (Brannnen, et al. 1994; Cooper & Lewis, 1995, citados em Smithson, Lewis & Guerreiro, 1998). Contudo, a discussão deste assunto tem despertado atenção no aspeto problemático, que é, a conciliação trabalho instável com a dinâmica da vida familiar (Smithson, Lewis & Guerreiro, 1998), constituindo atualmente, numa das preocupações de extrema relevância, a conciliação da vida familiar e profissional (Ministério de Trabajo y Assuntos Sociales, 2001; Pinto, 2003).

Com algumas mudanças sociais, as exigências profissionais e as exigências familiares têm-se intensificado nas últimas décadas, aumentando as dificuldades em torno da questão da conciliação entre as duas esferas. A existência de horários de trabalho não estandardizados, como turnos, noites, trabalho de fim-de-semana e trabalho em períodos que eram previamente considerados como tempo privado contribui para uma maior complexidade da integração do tempo entre a vida familiar e profissional. A

existência de vínculos laborais cada vez mais precários, as maiores oportunidades para a criação de empresas e também as novas formas de organização do tempo são mudanças no campo laboral a ter em conta na discussão deste tema (Silva, 2007). A questão de equilibrar as exigências do trabalho e da família é considerada uma tarefa árdua, agravando-se ainda mais em famílias em que ambos tenham uma carreira profissional ativa. Este tipo de casais, na sua maioria, tem um estilo de vida orientado para o trabalho, mas com o nascimento de filhos assiste-se a uma profunda mudança, as exigências da vida doméstica aumentam drasticamente e não podem ser adiadas, reprogramadas ou ignoradas. Para a maioria dos homens e das mulheres, ter filhos significa menos horas de trabalho e a necessidade de adaptar a sua vida profissional à esfera familiar (Muchinsky, 2004).

Um estudo de Silberstein (1992, citado em Muchinsky, 2004), conclui a necessidade de a mulher adaptar a vida profissional à família, influenciando a escolha da carreira (para garantir um horário flexível) ou do local de trabalho, devido ao facto de em muitos ambientes de trabalho não haver condições face às exigências da família. Os homens, por outro lado, tendem a distinguir entre os seus sentimentos de conflito referentes à família e à carreira e os sentimentos das suas esposas. Essa diferença entre maridos e esposas é originada a partir das expectativas masculinas de que o trabalho é principalmente para os homens e a família para as mulheres. As mulheres realizam, comparativamente com os homens, mais trabalho doméstico e familiar e de natureza diferente. As tarefas domésticas que realizam são menos atrativas e, simultaneamente, mais rotineiras e consumidoras de tempo e energia, como cozinhar, lavar, limpar, tratar da roupa (Ferreira, 2006). Investigações realizadas em casais onde ambos perseguem uma carreira, indicam que são as esposas que continuam a despender a maior parte do seu tempo com as obrigações domésticas e com o cuidar dos filhos (Gracia, González &

Peiró, 2002; Santos, 1997, citado em Ferreira, 2006). As mulheres abandonam o mercado de trabalho mais facilmente do que os homens com o objetivo de se ocuparem dos filhos e de outras responsabilidades familiares, no caso de terem procurado empregos menos exigentes em termos de tempo e não terem conseguido horários de trabalho mais curtos (Ferreira, 2006; Giampino, 2004; Pinto, 2003).

A questão do horário de trabalho e do número de horas de trabalho é objeto de debates. As mulheres, no que se refere ao trabalho tentam adaptar-se no sentido de uma maior disponibilidade pessoal, particularmente enquanto os filhos são mais pequenos. Já nos homens, a paternidade tem pouca influência nos horários de trabalho ou nas preferências dos mesmos no que refere a esse horário (Ferreira, 2006). Em estudos sobre a dinâmica familiar de trabalhadores por turnos verificou-se que a não conciliação de horários e a necessidade de utilizar o tempo livre para se recuperar do desgaste do trabalho, afetam o tempo e a qualidade da convivência com os membros da família (Rotenberg, 2004). Esta situação tende a acumular-se ao longo dos tempos, levando o trabalhador a vivenciar dificuldades não só para proporcionar companhia, apoio e proteção à família, como a nível mais íntimo, para atuar como parceiro sexual (Mott, et al. 1965, citado em Rotenberg, 2004). Nesta perspetiva Seligmann-Silva (1994, citado em Rotenberg, 2004) acrescenta que a qualidade do relacionamento do trabalhador noturno com os familiares vai-se deteriorando, em função do cansaço e da necessidade do trabalhador dormir durante o dia e de se ausentar à noite.

A maior parte do trabalho de apoio à família é assegurada pelas mulheres, embora a contribuição dos homens esteja a aumentar lentamente, à medida que o papel dos géneros se vai modernizando, resultado de uma combinação das condições económicas e das atitudes sociais em mutação. Existem algumas dificuldades que impedem a mulher de desenvolver a sua ambição feminina de forma integral e de se

converter em verdadeiro agente de mudança na sua vida pessoal, familiar, social e profissional. “A rotina que impera, a estrutura empresarial, ausência de cumplicidade masculina e, por vezes, a própria mulher são os maiores obstáculos” (Ferreira, 2006, p.88). Em contrapartida, no caso da maior parte dos homens a relação trabalho e família é descrita como uma relação marcada pelo apoio e suporte emocional por parte do respetivo conjugue (Santos, 1997, citado em Ferreira, 2006).

2.2.2 A mulher no trabalho e na família – Contextualização teórica

Ao longo das últimas décadas têm-se verificado uma multiplicidade de abordagens que visam investigar as relações existentes entre o mundo do trabalho e a esfera familiar, tomando assim, as mulheres como protagonistas (Lopes & Perista, 1992). Todavia, é notório que a situação da mulher sofreu grandes transformações nas últimas décadas e, contrariamente ao que hoje em dia se possa pensar, as mulheres desde sempre trabalharam, contribuindo de forma significativa para o sustento económico e pelo bom funcionamento familiar (Rocha & Ferreira, 2006; Vicente, 1998, citado em Silva, 2007). No entanto, pensar o trabalho das mulheres exige que se tenha em consideração, para os diferentes momentos históricos, as limitações ditadas pela ordem de género presente em cada sociedade. Esta é entendida como um padrão historicamente construído em relações de dominação e poder entre homens e mulheres que atravessa as estruturas sociais. No caso do trabalho das mulheres, destaca-se significativamente a interferência do estado civil no ordenamento hierárquico e jurídico dos sexos, como fator determinante que preside às oportunidades de trabalho e aos termos da sua concretização (Rocha & Ferreira, 2006).

Quando se pensa na relação da mulher com o trabalho e com o emprego, ou quando se pensa no trabalho feminino na esfera pública, a revolução industrial

constituiu um marco de referência obrigatória: o século XIX foi considerado o “século da trabalhadora”, nele sobressaindo as imagens da mulher operária e mineira. Esta fase constituiu, por conseguinte, uma realidade em constante reavaliação histórica. Se o trabalho feminino nas fábricas, nas condições em que era realizado, se revelava incompatível com a gravidez e com a vida familiar para a mulher casada, o baixo custo e as longas horas de trabalho que as mulheres realizam dentro das paredes do lar, revelou-se igualmente inviabilizador do exercício do trabalho doméstico e do cuidado dos filhos. Assim se compreende melhor que todos os fatores mencionados tenham concorrido para que o trabalho feminino em contexto industrial permanecesse desqualificado, residual, mal pago, duro, pouco atrativo, desmotivador e sobreposto à vida doméstica. Por essas razões, o trabalho das mulheres manteve-se nas lutas sindicais dos homens e nas representações das próprias mulheres trabalhadoras, como um carácter de complementaridade necessária face ao trabalho masculino. As mulheres continuaram a adaptar, de forma oscilante, o seu emprego às necessidades da família durante as primeiras fases da revolução industrial e a desempenhar, de forma invisível, um enorme conjunto de tarefas pagas no seguimento do trabalho doméstico (Rocha & Ferreira, 2006).

Esta situação vem a alterar-se com a chamada terceira revolução industrial que se seguiu à Segunda Guerra Mundial, e com as vantagens resultantes da subida do nível educacional. Assiste-se, a partir de então, a uma incorporação sem precedentes das mulheres na força de trabalho na esfera pública, permitindo o acesso a todas as carreiras profissionais, tomando a vida profissional das mulheres um lugar de primazia nas decisões relativas à vida familiar, por exemplo, o controlo da natalidade, não só no que se refere ao número, como no que se refere ao calendário da sua ocorrência. A possibilidade de auferir uma relação estável com o trabalho e um rendimento

independente, a par da existência de uma participação estatal mais ou menos conseguida por via de um conjunto de serviços de guarda e de educação das crianças, permitiu ainda evitar a total incompatibilidade entre a vida profissional e o lar, bem como a sobrecarga da dupla tarefa que o exercício do trabalho pago fora do lar e o exercício do trabalho doméstico supõem (Rocha & Ferreira, 2006; Silva, 2007). Atualmente, em Portugal, as mulheres destacam-se, em comparação com outros países do sul europeu, por terem uma maior presença no mercado de trabalho, estando, desta forma, acima da média europeia (Torres, Brites, Mendes & Lapa, 2004a). Para além disso, as mulheres portuguesas, são aquelas com elevada carga horária e possuem os valores mais altos do sul da Europa no que diz respeito ao índice sintético de fecundidade. Com isto, é possível verificar que as mulheres têm que se desdobrar entre família e trabalho, articulação ainda mais dificultada pela insuficiência de redes, recursos e equipamentos sociais em Portugal (Torres, et al. 2004, citado em Torres, et al. 2004a). De acordo com o 3º trimestre de 2011 (INE, 2011), a população feminina constitui cerca de 55% da população ativa, demonstrando o lugar inquestionável das mesmas na atividade laboral. No entanto, cabe ressaltar, que esta integração feminina na vida ativa acarreta para estas mulheres diversos custos sociais, como a dupla responsabilidade (profissional e familiar), por falta de infraestruturas e por falta de uma mudança de mentalidades que repense a distribuição do trabalho e das responsabilidades familiares; a renúncia das mulheres a áreas fundamentais da vida, com o casamento tardio e o adiamento ou renúncia à maternidade; a subvalorização do trabalho das mulheres e; a adoção de padrões profissionais masculinos, em detrimento do desenvolvimento e afirmação de uma identidade feminina (Nunes, 1993, citado em Silva, 2007).

2.3 Trabalho pago e trabalho não pago numa perspetiva de género

O trabalho nas suas diferentes formas – nomeadamente trabalho remunerado em contextos profissionais e trabalho não-remunerado no contexto familiar – constitui-se como um dos domínios da atividade humana nos quais a valorização social dos tempos se refletiu de um modo mais assimétrico. Com efeito, os quadros legais, os aparelhos estatísticos e, em muitos casos, a literatura científica limitam o conceito de trabalho ao trabalho remunerado, exercido a título de atividade profissional. No entanto, em consequência, uma parte significativa do trabalho, é considerado invisível para a sociedade, as estatísticas e contagens nacionais – todo o trabalho não pago associado à reprodução, ligado à execução de tarefas domésticas e de prestação de cuidados, tarefas às quais não é atribuído valor social ou económico e que não são sequer reconhecidas como trabalho (Perista, 2002). O primeiro instrumento estatístico oficial, em Portugal, a permitir uma análise dos usos do tempo, foi promovido pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), intitula-se o Inquérito à Ocupação do Tempo 1999 e permite analisar as práticas habituais de mulheres e homens no contexto dos agregados domésticos, nomeadamente no que diz respeito à forma de trabalho não pago. Tem como objetivo a mensuração do tempo efetivamente despendido por homens e mulheres nas diferentes tarefas. Este inquérito permite verificar que a afetação dos homens e das mulheres ao trabalho não pago induz tempos diferentes em termos de género (Perista, 2002). Existe uma clara diferenciação em função do género no que diz respeito à afetação a diversas atividades, em contexto profissional e em contexto doméstico, sendo que estas diferenças se tornam mais evidentes em contexto doméstico. No caso das mulheres empregadas, o tempo que estas dedicam ao trabalho não pago reflete a duração semanal da atividade profissional, ou seja, quanto menor é a duração semanal do trabalho remunerado maior é a quantidade de tempo que dedicam ao trabalho doméstico e a

cuidados à família. Em contrapartida, o tempo dedicado pelos homens ao trabalho não pago não é afetado pela quantidade de tempo que dedicam à sua atividade profissional (Perista, 2002).

Segundo um estudo levado a cabo por Torres, Silva, Monteiro, e Cabrita (2004b) relativamente à divisão entre homens e mulheres do trabalho pago e não pago (tarefas domésticas, cuidado com as crianças, etc.) foi possível verificar que em Portugal, as mulheres realizem a quase totalidade do trabalho não remunerado, mesmo trabalhando no exterior aproximadamente o mesmo número de horas do que os homens, traduzindo uma sobrecarga feminina. Tal assimetria resulta, principalmente, da situação conjugal: os homens casados são os que menos tarefas realizam (9 horas semanais); as mulheres casadas são as que mais fazem (cerca de 29 horas). No campo oposto, os solteiros invertem aquele padrão de distribuição, já que os homens que vivem sozinhos realizam mais tarefas, do que os homens casados (15 horas semanais) enquanto as mulheres que vivem sozinhas realizam menos tarefas do que todas as outras (19 horas semanais). Em Portugal tem-se assistido, nas últimas décadas, a uma aproximação rápida e progressiva dos padrões de participação feminina e masculina no mercado de trabalho, contudo, isto não implica que o mesmo tenha acontecido em relação ao trabalho não pago, isto é, esta evolução não tem sido acompanhada por uma aproximação masculina no trabalho doméstico e cuidados à família. Porém, é de realçar que, apesar da persistência de uma grande desigualdade, tem havido uma lenta inserção dos homens no domínio do trabalho não pago (Perista, 2002). O trabalho doméstico mantém-se, por conseguinte, largamente feminizado nomeadamente no que diz respeito a tarefas de cariz mais rotineiro, mais exigentes em termos de dispêndio de tempo e confinadas ao espaço interior da casa como a preparação de refeições ou a limpeza regular da casa. A participação masculina em tarefas mais rotineiras é mais elevada quando existem no

agregado familiar crianças com menos de quinze anos de idade e, também, nos agregados com maior nível de instrução e rendimento.

Todavia, nestes agregados com maior nível de instrução, a menor afetação das mulheres às tarefas domésticas em geral, parece não resultar tanto de uma partilha mais equilibrada de tarefas entre os conjugues, mas sim de um processo de exteriorização do trabalho doméstico, nomeadamente no recurso ao apoio doméstico profissionalizado. Existe também uma elevada feminização da prestação de cuidados diários tanto a crianças como a idosos ou adultos dependentes. Por outro lado, a participação masculina ganha relevo em relação a um conjunto limitado de tarefas mais de carácter rotineiro e racional, como o acompanhamento das crianças às atividades desportivas, de entretenimento ou lazer (Perista, 2002). É importante realçar que estas diferenças de género, quer em termos das tarefas domésticas quer em relação à prestação de cuidados à família, persiste em indivíduos com idades compreendidas entre os quinze e os vinte e quatro anos, o que parece indicar uma reprodução dos estereótipos de género relativos à prática de afetação de tempo de trabalho pago e não pago (Perista, 2002).

2.3.1 Distribuição do trabalho profissional e tarefas domésticas

Partindo do pressuposto que o trabalho não pago inclui tarefas domésticas e cuidados com as crianças, é importante analisar como se procede a divisão das mesmas entre homens e mulheres.

Desta forma, é possível constatar, pelos resultados da investigação de Torres, et al. (2004b), que não é pelo facto de as mulheres exercerem uma profissão que deixam de realizar a quase totalidade das tarefas domésticas, enquanto os homens apenas colaboram numa pequena parte. Ao falar das tarefas domésticas, remetemo-nos a tarefas relativas à casa, roupa, alimentação, cuidados com as crianças e idosos, que ficam

restritas às mulheres, enquanto que atividades relativas a assuntos administrativos e financeiros, manutenção do carro, jardinagem e *bricolage* pertencem ao homem. Contudo, estes resultados permitem confirmar que a assimetria na repartição das tarefas domésticas parte da variável género (valores, atitudes, papel social) e não da condição perante o trabalho. Nesta perspetiva, cabe ainda ressaltar, que aquando a participação da mulher nas tarefas é diminuta, isto não resulta na maior participação do seu conjugue, mas sim da sua delegação numa empregada doméstica, que é, quase sempre, do género feminino. Relativamente a estes dados, a maioria das mulheres e homens, consideram justa a divisão das tarefas domésticas e o cuidado com os filhos entre os dois géneros, sendo uma percentagem mais reduzida que considera injusta. Assim como, a maioria dos inquiridos, em situação conjugal, afirmam a inexistência de conflitos a propósito da divisão das tarefas.

Importa salientar, que este tipo de informação, sobre a sobrecarga do trabalho não pago das mulheres portuguesas, evidencia as disposições que lhes foram incutidas, ou mesmo a responder a expectativas tradicionalistas sobre os desempenhos de papéis na sociedade atual. Desta forma, a mulher que possui uma carreira profissional, estará sempre preocupada em provar que é uma boa profissional, mas também uma excelente mãe, capaz de gerir as tarefas domésticas. Sobre a mesma recai a responsabilidade de conciliar a profissão e a vida familiar, mas não sobre o seu conjugue (Torres, et al. 2004b).

Neste capítulo, podemos verificar que os modelos de compatibilização entre a vida familiar e profissional têm sofrido várias alterações, devido essencialmente ao crescente número de famílias em que ambos os conjugues trabalham. Assim, a divisão tradicional do trabalho pelos dois sexos, em que o trabalho se associava ao homem e o

trabalho à mulher, já não constitui atualmente uma opção consensual. Os papéis de género são culturalmente prescritos e sofrem mudanças de acordo com o contexto histórico. Assim, as mulheres são cada vez mais sujeitas a exigências profissionais intensas, limitando a sua disponibilidade para o desempenho de papéis familiares, e os homens parecem cada vez mais envolvidos com as suas famílias, observando-se uma alteração nas suas prioridades, embora que seja uma lenta inserção. No entanto, o ajustamento dos compromissos para cumprir as necessidades familiares, ou mesmo para as evitar não tendo filhos ou adiar a maternidade, são estratégias que surgem de opções limitativas às quais homens e mulheres se encontram em situação desigual. Todavia, as próprias definições culturais e organizacionais fazem com que exista pouco espaço para diminuir o investimento profissional em *prol* do cuidado dos filhos ou de uma maior partilha de responsabilidades entre o casal.

A articulação dos domínios trabalho e extratrabalho, é indiscutivelmente, um tema de grande pertinência, despertando atenção para o aspeto problemático da conciliação do trabalho instável com a dinâmica da vida para além da atividade laboral. Nesta perspetiva, o próximo capítulo, aborda uma das formas de trabalho flexível, nomeadamente o trabalho temporário, de forma a compreender os seus efeitos positivos e negativos para a dinâmica da vida extratrabalho.

Capítulo III – O Trabalho Temporário e o seu Impacto Psicossocial

3.1 As novas formas de organização do trabalho em Portugal

A denominação de “novas formas de organização do trabalho” foi muito utilizada na Europa, nos anos 70 do século XX, tratando-se de uma perspetiva centrada no fator humano e inserida num movimento de humanização do trabalho e de democratização da empresa. A renovação organizacional é entendida como um dos meios essenciais para a sobrevivência e melhoria da competitividade e capacidade de adaptação às mudanças das empresas no contexto de concorrência intensificada da economia global (Kovács, 2006). O espírito humano para sobreviver e prosperar no tumulto tem que saber adaptar-se à mudança, e por isso tem que ser flexível (Lencastre, 2006). Assim, nesta linha, novas formas de trabalho flexível têm vindo a emergir, à medida que a tecnologia avança e se torna mais barata e acessível (Célestin, 2002). O aumento das formas flexíveis de trabalho constitui atualmente um dos aspetos mais marcantes do mercado de trabalho, sendo notável uma instabilidade no emprego, a procura da redução dos custos ligados ao trabalho e, conseqüentemente uma necessidade acrescida de flexibilização por parte das empresas. A principal causa desta crescente utilização de formas flexíveis, deriva da competitividade, cada vez mais intensificada, do mercado de trabalho (Célestin, 2002; Kovács, 2005, 2006). Contudo, face a este panorama, é necessário que o trabalhador tenha um perfil mais “polivalente” e “multifuncional” (Antunes, 2007) para corresponder às mudanças do mercado de trabalho.

A realidade do trabalho, nomeadamente a portuguesa é bem mais complexa no que toca ao tratamento de outras formas de emprego que não sejam aquelas estruturadas, permanente e a tempo inteiro desde o fim da escolaridade até à idade da reforma. Estas novas formas de emprego que entretanto apareceram e desenvolveram-

se, e são consideradas como trabalho não convencional ou ainda, precário ou atípico (Célestin, 2000; Lencastre, 2006). Refira-se, contudo, que as formas de trabalho atípicas não correspondem sistematicamente a situações precárias. A difusão das formas flexíveis de emprego em Portugal, mais do que na União Europeia, marcou o mercado de trabalho de forma significativa, verificando-se a redução do emprego estável baseado numa relação de emprego a longo prazo a favor de empregos instáveis numa relação de emprego a curto prazo, bem como ao aumento considerável da precarização do trabalho e ao desemprego. As formas de emprego flexíveis mais relevantes em Portugal centram-se no trabalho temporário (incluindo nesta categoria o trabalho sazonal, contratos a termo certo e incerto), o trabalho a tempo parcial, o trabalho independente, teletrabalho e o trabalho ao domicílio (Kovács, 2005). Face às formas que se manifesta o trabalho flexível, no contexto português, a forma de trabalho temporário é altamente expressiva à escala nacional, tendo em atenção a quantidade de empresas que o promovem (Lencastre, 2006) sendo notável o seu aumento no decorrer dos anos (Célestin, 2002).

3.2 Trabalho temporário – Definição e enquadramento jurídico

Face à evolução económica e das próprias oscilações de um mundo em permanente mutação, o trabalho temporário, surge como um fenómeno característico da sociedade industrial, posicionando-se como a alternativa mais variável face à demanda da flexibilidade e rápida mobilização de recursos humanos nas organizações. E apesar da sua crescente aceitação enquanto forma de trabalho, não existe uma definição universalmente aceite sobre o trabalho temporário. Contudo, de acordo com De Cuyper, De Jong, De Witte, Isaksson, Rigotti, e Schalk (2008), as definições encontradas remetem para uma diferenciação dos vínculos fixos baseada em quatro dimensões: 1) um contrato temporário tem uma duração reduzida e data de término previamente

definida; 2) os trabalhadores não exercem a sua atividade diretamente no seu empregador – trabalham numa empresa cliente; 3) os vínculos temporários não estão associados a benefícios sociais como o ordenado mínimo, subsídio de desemprego e subsídio de férias (tal não acontece em Portugal); 4) os trabalhadores a “recibos verdes” são vistos como trabalhadores temporários (caso específico dos EUA). Nesta perspetiva, Polivka e Nardone (1989) definiram o trabalho temporário como sendo um trabalho em que o indivíduo não tem um contrato explícito ou implícito para um emprego de longa duração ou um “contrato” em que as horas mínimas de trabalho variam de forma não sistemática. Os trabalhadores temporários de agência inserem-se no grupo dos trabalhadores temporários e são contratados por agências para trabalharem numa outra empresa e com o objetivo de cumprir uma missão específica (Amuedo-Dorantes, Malo & Muñoz-Bullón, 2008). Assim, depreende-se que existe uma relação jurídica triangular entre o empregador temporário, o trabalhador temporário e a empresa utilizadora de trabalho temporário (Amuedo-Dorantes, Malo & Muñoz-Bullón, 2007; Antoni & Jahn, 2009; Kalleberg, 2000; Lencastre, 2006), assente em dois contratos autónomos no plano jurídico mas interdependentes do ponto de vista funcional (Lencastre, 2006).

De acordo o art. 172.º- Lei n.º 7/2009 do Código do Trabalho, considera-se contrato de trabalho temporário, o contrato de trabalho a termo, celebrado entre uma empresa de trabalho temporário e um trabalhador, pelo qual este se obriga, mediante retribuição daquela, a prestar a sua atividade a utilizadores, mantendo-se vinculado à empresa de trabalho temporário. A empresa de trabalho temporário recruta os trabalhadores, fornecendo, por vezes, formação e encarrega-se da contratação, da demissão, e do pagamento ao trabalhador (Carey & Hazelbaker, 1986, citado em Kalleberg, 2000). Por sua vez, a empresa utilizadora dirige a atividade, exerce autoridade, estabelece os horários, a quantidade e as condições de trabalho, podendo

fazer o controlo da qualidade (Lencastre, 2006). Assim, o trabalhador temporário de agência é definido como um trabalhador empregado por uma agência de trabalho contingente e que trabalha sob a direção de uma empresa cliente (Chou, Chang & Yen, 2011). Contudo, os trabalhadores temporários podem estar contratados através de empresas de trabalho temporário, como diretamente pela empresa que estão envolvidos (Célestin, 2000; De Cuyper, et al. 2008).

Do ponto de vista social, o trabalho temporário permite o aproveitamento de uma parte da população economicamente ativa que, por razões diversas, encontra dificuldade para obter empregos permanentes, auferindo assim rendimentos imediatos, sem a necessidade de o empregador estabelecer vínculos permanentes ou onerosos e, com direitos e deveres equiparados ao dos empregados permanentes (D'Addio & Rosholm, 2004; Kalleberg, 2000). Desta forma, satisfaz as necessidades sazonais ou ocasionais de mão-de-obra da empresa e permite fazer face a circunstâncias extraordinárias, como o absentismo ou um grande acréscimo de trabalho imprevisto (Célestin, 2000). Além dos aspetos sociais, o trabalho temporário também desempenha um importante papel económico, por permitir o aumento da produtividade média da mão-de-obra e a ampliação do mercado consumidor. E nesta base, as empresas de trabalho temporário assumem uma enorme responsabilidade neste processo (Antoni & Jahn, 2009).

3.2.1 Evolução do trabalho temporário em Portugal

A conceção de trabalho temporário surgiu nos EUA no ano de 1920 para enfrentar as necessidades de mão-de-obra no sector fabril (Kalleberg, 2000) sendo posteriormente importada para o continente europeu após a II Guerra Mundial como forma de resposta à reconstrução dos países afetados. Em 1960, instala-se em Portugal a

primeira empresa de trabalho temporário, sendo que dois anos após negociações com o Estado, constituída oficialmente, centrando a sua atuação nas necessidades de mão-de-obra causadas pela mobilização de homens para a guerra colonial. Em 1963, este tipo de atividade passa a estar enquadrado no regime de proteção social, constituindo um elemento integrador dos trabalhadores na sociedade. Até meados da década de 70, surgiram mais quatro empresas no mercado português que acabaram por cessar atividade na mesma década. Nos anos 80, e com o aparecimento de outras novas empresas, esta atividade começou a ser conotada com práticas mais marginais devido à falta de regulamentação (Duarte, 2009). As dificuldades com que se deparam os legisladores remeteram-se principalmente, da complexidade da tarefa de conciliar os interesses das empresas e dos trabalhadores, num quadro realista dentro da economia de cada país, além de que o trabalho temporário não se enquadrava nos conceitos tradicionais do Direito do Trabalho. Em 1989, é aprovada a lei que regula este setor, sendo atualizada dez anos mais tarde, numa altura em que se voltava a viver um clima de desregulamentação (Santana & Centeno, citados em Duarte, 2009). Segundo De Cuyper, et al. (2008) a legislação sobre o trabalho temporário, nos países europeus, tende a ser mais protetora que a dos restantes países, visto serem estabelecidos direitos normalmente associados a vínculos diretos, como o subsídio de férias, Natal e de desemprego.

É evidente o crescente aumento do trabalho temporário na maioria dos países desenvolvidos, e conforme os dados da *International Confederation of Private Employment Agencies* (CIETT, 2011), em 2009, existiam cerca de 72 mil empresas de trabalho temporário no mundo, com 169 mil agências que empregavam cerca de 9 milhões de trabalhadores. No mesmo ano, no mercado português, atuavam 265 empresas que empregavam, por dia, cerca de 45 mil trabalhadores (0,9% da população

ativa). Em suma, o trabalho temporário tem vindo a tornar-se cada vez mais uma estratégia permanente das organizações para enfrentar as contingências externas, tornando-se a empresa de trabalho temporário uma extensão do departamento de recursos humanos de algumas empresas utilizadoras (Kalleberg, 2000), contribuindo assim, para o número crescente de empresas de trabalho temporário (Morris & Vekker, 2001, citados em Duarte, 2009). No entanto, importa ressaltar, que a maior parte destas empresas, para além de prestarem serviços na área do trabalho temporário, têm ao dispor outros serviços, como recrutamento e seleção, orientação vocacional, formação, consultoria e gestão de recursos humanos (Böeheim & Cardoso, 2007).

3.2.2 Vantagens e inconvenientes do trabalho temporário

Segundo Célestin (2000), este tipo de organização do trabalho aparece como uma forma de emprego assalariado cada vez melhor adaptado às realidades da produção de bens e serviços, sublinhando aspetos positivos dos contratos temporários, tanto para o lado da procura como para o lado da oferta. Ou seja, por um lado, as empresas podem recorrer ao trabalho temporário para testarem os trabalhadores antes de lhes oferecerem um contrato de duração indeterminada ou para adaptarem os seus efetivos às flutuações económicas e, conseqüentemente, às necessidades da produção, sem que tenham de fazer compromissos duradouros e onerosos (Célestin, 2000; Lencastre, 2006). Assim como, permite às empresas reduzir custos e a carga administrativa com os recursos humanos (De Cuyper, et al. 2008; Lencastre, 2006; Nollen, 1996). Por outro lado, o trabalho temporário permite aos trabalhadores por conta de outrem conciliarem melhor as exigências profissionais com a vida familiar e oferece aos jovens a possibilidade de dispor do tempo necessário para prosseguirem os seus estudos, permitindo-lhes desenvolver a sua experiência profissional no terreno. Da mesma maneira que permite a

peças mais velhas encontrar emprego rapidamente e de manter ou até mesmo aperfeiçoar, o seu profissionalismo (Célestin, 2000). Outra vantagem é o facto de não ser necessária formação inicial pois o trabalhador é seleccionado pela sua experiência anterior (Matusik & Hill, 1998, citados em Duarte, 2009) e, pelo facto de os vínculos temporários servirem como período experimental antes de integrar o trabalhador nos quadros da empresa utilizadora (Booth, Francesconi & Frank, 2002). Contudo, a flexibilidade permitida pelo trabalho temporário só é possível em situações que requerem um menor nível de estabilidade e em que a organização é menos burocratizada, visto que, segundo um estudo levado a cabo por Davis-Blake e Uzzi (1993), a tendência para recorrer a mão-de-obra temporária está associada a factores como o aumento do número de trabalhadores ou necessidades de competências específicas.

Apesar das vantagens existentes que advêm da utilização de vínculos temporários, há quem veja neles o aparecimento ou reforço de um mercado de trabalho secundário, caracterizado por salários baixos, poucas regalias, nenhuma segurança do emprego e pouco investimento na formação (Célestin, 2000). Face às relações laborais entre os intervenientes do trabalho temporário, as empresas de trabalho temporário lamentam-se habitualmente pelo atraso nos pagamentos das empresas utilizadoras e, por outro lado, as empresas utilizadoras queixam-se da falta de cooperação e preços praticados pelas empresas de trabalho temporário. Já os trabalhadores, em relação à empresa de trabalho temporário, lastimam a curta duração dos contratos, da desadequação entre qualificações e função e dos atrasos nos pagamentos. Em relação aos trabalhadores, as empresas utilizadoras queixam-se do elevado nível de absentismo (não começam a trabalhar, por vezes, no dia acordado, abandonam o trabalho, ou faltam frequentemente sem justificação) (Santana & Centeno, 2000, citados em Duarte, 2009).

Para além dos aspetos negativos mencionados, é ainda importante referir que os trabalhadores temporários tendem a receber um salário inferior aos trabalhadores com vínculo direto e menos benefícios, assim como não recebem formação e têm poucas perspetivas de desenvolvimento de uma carreira (Nollen, 1996). Isto decorre do facto de serem contratados face a necessidades temporárias de mão-de-obra, não existindo a perspetiva de continuidade com vínculo direto à empresa, levando, por outro lado, a sentimentos de insegurança em relação ao futuro profissional (Booth, et al. 2002).

3.3 Impactos psicossociais do trabalho temporário

De acordo com Parker, Griffin, e Sprigg (2002) existem poucos estudos sobre o impacto do trabalho temporário ou contratos temporários. Os que existem apontam, por exemplo, impactos negativos na saúde (Benach, Amable, Muntaner & Benavides, 2002). Portanto, é necessário conduzir investigações específicas sobre este assunto. Porém, a maioria dos estudos, já publicados, sobre o impacto do trabalho temporário para o indivíduo são fundamentados em projetos teóricos que provaram ser úteis para explicar atitudes, bem-estar e o comportamento dos trabalhadores (De Cuyper, et al. 2008).

3.3.1 Impactos negativos do trabalho temporário

O trabalho temporário é, muitas vezes, considerado como uma situação flexível de trabalho precário, que segundo Kóvac (2004) se refere a um tipo de trabalho mal pago, pouco reconhecido e que provoca um sentimento de inutilidade, assim como, à própria instabilidade que o emprego transmite, à ameaça constante do desemprego, à restrição dos direitos sociais e também à falta de perspetivas de evolução profissional. Muitos dos estudos relacionados com a precariedade, iniciaram-se através do panorama

de insegurança no trabalho, ou seja, receio de perder o emprego. Colaboradores expostos a uma constante insegurança no trabalho foram consideradas como mais suscetíveis a doenças, o que indica que a insegurança no trabalho atua como um fator de *stress* crónico trazendo perigos para a saúde do trabalhador (Benach, et al. 2002), efeitos negativos ao nível da saúde mental indicam uma menor estabilidade no trabalho e menor envolvimento nas decisões da empresa (Parker, Griffin & Sprigg, 2002). Nesta perspetiva, a perceção de insegurança e da incerteza levam os trabalhadores a fazer horários mais prolongados e, principalmente no caso da camada etária mais jovens, leva a um adiamento das principais fases do trajeto de vida (Smithson, Lewis & Guerreiro, 1998), como o casamento e nascimento dos filhos (Cooper, & Jones, 1992, citados em Smithson, Lewis & Guerreiro, 1998), pois aguardam primeiramente estabilidade económica e profissional.

Existem alguns indícios de que, no geral, os trabalhadores não permanentes, possuem menos autonomia e controle sobre o tempo de trabalho e que são menos saudáveis quando comparados com trabalhadores permanentes (Benach, et al. 2002). Enquanto alguns autores, maioritariamente economistas e gestores, defendem que o trabalho temporário é necessário para enfrentar flutuações de mercado, outros defendem que conduz a degradação de salários; diminuição de benefícios; perda de segurança; não acesso à formação profissional; perda de posição de força dos trabalhadores; (e movimentos sindicais); baixa lealdade para com a organização e, conseqüentemente; diminuição de qualidade e produtividade dos colaboradores (Polivka & Nardone, 1989).

3.3.2 Impactos positivos do trabalho temporário

É difícil encontrar estudos, dada a escassez de investigações sobre esta temática. Contudo, num estudo realizado no norte de Portugal, com uma amostra constituída na

maioria por licenciados (64%) que naquele momento trabalhavam, foi-lhes pedido que escolhessem palavras que associavam ao seu trabalho. Algumas das palavras verbalizadas pelos participantes foram enquadradas numa dimensão emocional positiva do trabalho, na qual se incluem, por exemplo “satisfação”, “interessante”, “prazer” e “ocupar” (Gonçalves & Coimbra, 2002). É natural admitirmos que alguns dos licenciados, apesar de se encontrarem em situação de precariedade laboral, sentem satisfação ou prazer através do trabalho que desenvolvem. Da mesma forma, um inquérito realizado em 1998, junto de trabalhadores temporários com forte intensidade de trabalho mostra que a maioria dos inquiridos, declarava que o trabalho temporário permitia aumentar ou variar as competências profissionais e adquirir uma maior capacidade de adaptação às evoluções que se perfilam em matéria de emprego (Célestin, 2000). No que diz respeito aos jovens, as empresas de trabalho temporário permitem-lhes aceder ao primeiro emprego; adquirir a primeira experiência profissional; multiplicar as experiências através das diferentes missões de trabalho, o que lhes permite escolher melhor; construir um *curriculum vitae* à medida que vão realizando diferentes missões de trabalho temporário. No caso dos estudantes, existe a possibilidade de uma certa flexibilidade na gestão do seu tempo e a realização de missões durante as férias escolares ou universitárias (Célestin, 2000). Esta nova forma de trabalho, pode significar, segundo alguns autores, uma menor pressão no trabalho (Lee & Johnson, 1991, citados em Parker, Griffin, & Sprigg, 2002; Russell-Gardner & Jackson, 1995, citados em Parker, Griffin & Sprigg, 2002).

As perspetivas positivas remetem-nos para um futuro em que mudanças laborais poderão promover a aprendizagem individual e organizacional e os trabalhadores que começam a surgir serão caracterizados pela grande capacidade de adaptação. Desta forma, é um facto que os trabalhadores em regime de trabalho precário e flexível,

acumulam experiência profissional diversificada e poderão tornar-se especialistas em transições laborais, já que a vivência das transições poderá constituir num desafio potencialmente promotor do desenvolvimento humano podendo provocar uma mudança nas afirmações de si próprio e sobre o mundo, no comportamento do indivíduo e na sua rede relacional. A forma como cada pessoa lida com a transição varia com as características do indivíduo e do acontecimento e também com as características do próprio contexto de vida, antes e depois da transição (Menezes, Matos & Costa, 1989, citados em Cruz, 2009). Isto poderá conduzir a uma readaptação das pessoas a novas formas de vida e a que nos submetamos à ausência de vínculos, para ingressar em constantes desafios, saltando de trabalho em trabalho (Azevedo, 1999, citado em Cruz, 2009).

Neste capítulo, podemos verificar que o trabalho temporário é uma forma de trabalho, que se posiciona como uma alternativa viável face à demanda da flexibilidade e rápida mobilização de recursos humanos nas organizações. Atualmente, podemos encontrar encontrá-lo em todos os setores de atividade económica e em praticamente todas as categorias profissionais, com a exceção das posições de topo (Oliveira, 2011). Assim, nas organizações, uma parte considerável da força de trabalho é formada por trabalhadores temporários dispostos a executar um trabalho com base num contrato de duração limitada. Esta forma de trabalho é cada vez menos sinónima de perfis profissionais indiferenciados

Contudo, esta forma de trabalho, apresenta aspetos negativos na vida do indivíduo, como da insegurança e a ameaça constante ao desemprego que desencadeia uma fonte de *stress* crónico trazendo riscos para a saúde do trabalhador. Todavia, e apesar da escassez de estudos sobre os impactos positivos, é necessário olhar para estas

mudanças num sentido positivo, considerando que poderão conduzir a uma adaptação do ser humano num sentido evolutivo benéfico (Castro & Pego, citado em Cruz, 2009), surgindo trabalhadores com imensa capacidade de adaptação, acumulando experiência profissional diferenciada.

Capítulo IV - Metodologia

4.1 Definição do problema

Um dos mais relevantes sinais de flexibilização e contingência no mercado de trabalho consiste no recurso ao trabalho temporário. A procura de trabalho temporário tem vindo a aumentar, tornando imperativo que os gestores de recursos humanos compreendam as necessidades destes trabalhadores (Oliveira, 2011). Porém, pouco tem sido escrito sobre a forma como as organizações deverão gerir os seus trabalhadores temporários (Feldman, Doeringhaus & Tunley, 1994, citado em, Oliveira, 2011). No que respeito à insegurança no emprego, podem observar-se especificidades decorrentes desta forma de trabalho. Estudos recentes demonstram que a insegurança no emprego reduz a satisfação no trabalho e empenhamento organizacional entre trabalhadores permanentes, enquanto que pouco acrescenta à explicação das respostas comportamentais dos trabalhadores temporários. Por conseguinte, a constatação de que o crescimento na utilização de trabalho temporário não foi despoletado pelos trabalhadores tem levado a preocupações sobre o impacto do emprego temporário nos indivíduos (De Cuyper, et al. 2008).

Este trabalho de investigação iniciou-se com o propósito de estudar o impacto do trabalho temporário na conciliação dos domínios trabalho e extratrabalho, partindo do testemunho pessoal de trabalhadores temporário. Esta temática surge devido à escassez de estudos em Portugal sobre o impacto do trabalho temporário sobre o domínio extratrabalho. Estes constructos são poucos estudados no âmbito da psicologia, nomeadamente, na área do trabalho e das organizações, e daí a necessidade de conduzir investigações sobre este assunto. Importa salientar que este estudo deve-se a um interesse de ordem pessoal sobre o tema trabalho temporário, devido ao desenvolvimento de um estágio curricular nesta área. Assim como, a tentativa de

estudar e analisar de que forma indivíduos em regime de trabalho temporário articulam as exigências do seu trabalho com as exigências da vida familiar, pessoal e tempo livre, partindo do pressuposto que é uma forma de trabalho cada vez mais utilizada á escala mundial, e um panorama da atualidade. A investigação caracteriza-se por ser qualitativa, visto analisar os relatos dos trabalhadores temporários, e exploratório por não haver estudos anteriores com a mesma amostra.

Neste capítulo apresenta-se a metodologia do estudo empírico realizado, descrevendo-se os objetivos principais, pormenorizando os vários objetivos específicos da investigação, tendo como referência o enquadramento teórico efetuado na primeira parte do trabalho. Seguidamente apresenta-se o método de investigação, caracterizando os participantes que fazem parte do estudo, bem como o material usado e o procedimento realizado na recolha de informação.

4.2 Objetivo geral de investigação

O objetivo geral desta investigação centra-se na análise e reflexão sobre o impacto do trabalho temporário na conciliação da dinâmica da vida profissional com a vida extratrabalho, considerando trabalhadores ativos, profissionalmente, em regime de trabalho temporário, há pelo menos 6 meses.

4.2.1 Objetivos específicos

Os objetivos específicos, para a amostra selecionada, que são os seguintes:

(i) Descrever a perceção do conceito de trabalho dos trabalhadores temporários.

(ii) Verificar como os trabalhadores temporários percecionam a atual situação laboral.

(iii) Identificar os aspetos positivos e negativos enquanto trabalhadores temporários, ao nível do domínio profissional, familiar e pessoal.

(iv) Descrever a perceção dos trabalhadores, em relação, à oportunidade hipotética de mudança de regime de trabalho.

(v) Enumerar as alterações sentidas ao nível da conciliação da vida profissional-extratrabalho enquanto trabalhador em regime temporário.

(vi) Comparar a forma de divisão de tarefas domésticas antes e durante a inserção na modalidade de trabalho temporário.

4.3 Método

Para concretizar esta investigação, e após a pesquisa bibliográfica efetuada, recorreremos a uma amostra de trabalhadores temporários residentes no distrito de Aveiro, ao qual estivessem vinculados a uma empresa de trabalho temporário. A recolha de informação foi realizada através da administração de uma entrevista semiestruturada. Visto que o objetivo se centra na questão da conciliação do trabalhador temporário com a sua vida familiar, neste sentido, para a constituição da amostra foram definidos *a priori* um conjunto de critérios de seleção: ser trabalhador temporário há pelo menos 6 meses e estar profissionalmente ativo. Estes critérios tornam-se pertinentes, para perceber o impacto que a modalidade de trabalho temporário tem na vida extratrabalho, pois num período de tempo mais curto, não seria tão evidente verificar esse impacto.

O acesso aos participantes, inicialmente previsto, seria através da empresa de Recursos Humanos - Adecco Agência de São João da Madeira, visto que o estágio curricular decorreu nesta agência e a atividade da mesma incide, maioritariamente, na área de trabalho temporário. No entanto, não foi possível recolher os dados devido à

indisponibilidade dos trabalhadores contactados. Face a este cenário, recorreu-se a uma amostra de conveniência que reunisse os critérios anteriormente definidos.

4.3.1 Grupo de participantes

O grupo de participantes é constituído por 18 indivíduos, 9 do sexo masculino e 9 do sexo feminino. Em termos de habilitações académicas, os participantes são diversificados, sendo que as maiores frequências se registam na categoria "Ensino Secundário (do 10º anos ao 12º ano)" com 11 casos, na categoria "3º Ciclo (do 7ºano ao 9ºano)" encontram-se 5 participantes e na categoria "Licenciatura" registam-se 2. Em relação à variável "Estado civil", 9 sujeitos são casados ou vivem em união de facto e 9 são solteiros (Tabela 1). As idades dos sujeitos, à altura da administração do questionário, estão compreendidas no intervalo [19-53] anos, com uma média etária de 28,2 anos e com um desvio padrão de 9,9.

Relativamente à atividade profissional, a maioria encontra-se a desempenhar funções na área da produção/manutenção (15), sendo que 9 dos casos estão diretamente ligados à área da montagem de peças e/ou embalagem, e 5 encontram-se no armazém, como operadores de máquinas/abastecedores de matéria-prima (fiel de armazém). No entanto, 2 participantes trabalham na área da restauração/hotelaria, como empregada de refeitório (1) e cozinheira (1) e, por último na área de loja, 1 participante como operador de caixa. É importante salientar que um participante da área de produção/manutenção é trabalhador-estudante.

A maioria dos casos já trabalha neste tipo de regime de trabalho há mais de 24 meses, sendo 7 casos a registar este período, seguindo-se 4 participantes a trabalhar entre 6 a 9 meses, e 3 casos a situar-se entre 21 a 24 meses. Os restantes participantes, situam-se entre 9 a 12 meses (1), 12 a 15 meses (1), 15 meses a 18 meses (1), e 18 a 21

meses (1). O ano de ingresso da maioria dos participantes foi em 2007 (7), registam-se ainda 5 casos em 2011, 2 em 2009 e 2 em 2010. Ainda 1 caso em 1995 e outro em 2006.

No que diz respeito ao facto de trabalharem sempre no mesmo registo ou já terem tido outro tipo de regime de trabalho, metade dos participantes (9) trabalhou sempre no mesmo regime e a outra metade já teve outro tipo de registo de trabalho, como contratos de tempo permanente (efetivo) e contratos anuais. Dos 9 participantes que teve outro tipo de regime de trabalho, 4 casos estavam desempregados, à procura de emprego, estando anteriormente em regime de trabalho efetivo.

Em termos de horário de trabalho, a maioria dos participantes encontra-se a realizar turnos rotativos (9), fazendo três ou mais horários diferentes, 3 participantes realizam turno diurno e horário fixo, respetivamente. Ainda registaram-se 2 casos em que fazem turno noturno e 1 participante turnos mistos (turno diurno e noturno).

Quanto ao montante líquido do rendimento mensal individual, verifica-se que a maioria se centra entre os 500 e 750€ (11). Dos restantes participantes, 4 mencionaram ter um montante inferior a 500€, 2 entre 1000 e 1250€ e 1 entre 750 até 1000€.

Tabela 1. *Distribuição dos participantes segundo o sexo, habilitações literárias e estado civil*

		Frequência	Percentagem
Sexo	Masculino	9	50
	Feminino	9	50
	Total	18	100
Habilitações Literárias	1º Ciclo (Até ao 4º ano)	0	0
	2º Ciclo (Até ao 6º ano)	0	0
	3º Ciclo (Até ao 9º ano)	5	27,8
	Ensino Secundário (Até ao 12º ano)	11	61,1
	Bacharelato	0	0
	Licenciatura	2	11,1
	Mestrado	0	0
	Pós-graduação	0	0
	Total	18	100
	Estado Civil	Solteiro	9
Casado		6	33,3
Divorciado		0	0
Viúvo		0	0
Vive em união de facto		3	16,7
Total		18	100

4.3.2 Instrumentos de análise

O instrumento de pesquisa deve permitir recolher a informação válida e pertinente à realização do trabalho de investigação. Assim, a recolha dos dados para a nossa investigação foi realizada através da técnica da entrevista. Este estudo, comporta um carácter fenomenológico e, todavia, tradicionalmente, não são utilizados instrumentos de medida com algum carácter quantitativo. Contudo, consideramos que a utilização de um questionário não compromete a natureza da investigação, na medida em que serve

apenas para recolher informação factual sobre o trabalho temporário e sobre as características sociodemográficas dos sujeitos.

Segundo Savoie-Zajc (2003, citado em Gauthier, 2003) a entrevista é a técnica mais comum na colheita de dados acerca das experiências vividas pelos sujeitos. Consiste numa conversa intencional, geralmente entre duas pessoas, dirigida por uma das pessoas, com o objetivo de obter informações sobre a outra (Gauthier, 2003). As entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja delinear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estão claramente explicitados (Duarte, 2004). A realização de uma entrevista, exige por parte do investigador uma série de cuidados a ter em atenção, nomeadamente: (i) ter bem definidos os objetivos da pesquisa; (ii) conhecer, com alguma profundidade, o contexto em que pretende realizar a sua investigação; (iii) conhecer muito bem todo o guião da entrevista; (iv) segurança e autoconfiança em si próprio e; (v) algum nível de informalidade, sem jamais perder de vista os objetivos que levaram a procurar aquele sujeito específico (Duarte, 2004). Deste modo, a importância das várias competências do investigador permitem uma dinâmica entre o entrevistado e o entrevistador mais fluente e concisa na recolha da informação.

A opção pela entrevista semiestruturada prende-se com o facto, de através da mesma, ser possível analisar os significados atribuídos ao tipo de regime de trabalho ao qual estão envolvidos, tendo em conta os domínios pessoal, profissional e familiar. Contudo, como todas as técnicas de recolha de dados, a entrevista tem as suas virtudes e as suas imperfeições e, tomando como referência alguns autores, tais como Marconi e Lakatos (1990), destacamos a atenção para alguns problemas que existem ao utilizar a entrevista como método de recolha de dados. Um dos problemas está relacionado com a ligação que se estabelece entre entrevistador/entrevistado, o *background* de

características e predisposições psicológicas, comportamentais e ambientais para a entrevista por parte dos intervenientes e a forma do entrevistador enunciar as perguntas e do entrevistado evitar as questões embaraçosas. Foi elaborado um guião de entrevista (Anexo A), assente a partir revisão da literatura previamente redigida, com vista à obtenção de informação que permitisse chegar à compreensão do fenómeno em investigação, bem como, ser constituído por um conjunto de questões possíveis, que aborde os temas centrais propostos. As questões em causa não sendo totalmente abertas, nem colocadas aos participantes pela ordem anotada, permitiu fazer adaptações, consideradas necessárias, no decurso da sua realização. Tendo em consideração a natureza do presente estudo, ao qual pretendemos obter descrições de um fenómeno vivenciado e tentar chegar à essência desse fenómeno, optámos pela entrevista. Durante a realização da entrevista, a intervenção limitou-se a reencaminhar o assunto, sempre que o entrevistado se desviava das questões, encorajando-o a explicar e a esclarecer melhor a sua vivência e opinião. Antecedente ao guião de entrevista, construiu-se um questionário de recolha de dados sociodemográficos (Anexo B), de forma a operacionalizar variáveis relevantes para a investigação.

4.3.2.1 Questionário sociodemográfico

A aplicação de um questionário no presente estudo pretende caracterizar o grupo de participantes em termos sociodemográficos. O questionário é constituído por 17 questões, referentes à caracterização do indivíduo. Um primeiro grupo de questões (questões de 1 a 9) contempla variáveis como: sexo, idade, nacionalidade, habilitações literárias, estado civil, número de filhos e idade, número de pessoas do agregado familiar e, número de familiares incapacitados a quem prestam assistência/cuidados. A atividade profissional e principais tarefas, período de tempo que trabalha em regime de

trabalho temporário e ano de ingresso, se trabalhou sempre no mesmo regime de trabalho, em que área trabalhou mais tempo como trabalhador temporário, tipo de horário e, o rendimento mensal individual, constituem o segundo grupo de questões (questões de 10 a 17) (cf. Anexo B).

4.3.2.2 Guião de entrevista semiestruturada

O guião de entrevista é composto por 7 questões abertas, elaboradas com o objetivo de conhecer a opinião dos trabalhadores temporários acerca de três domínios: vida profissional, pessoal e familiar.

Questão 1 - "*Fale-me do seu percurso profissional: Que atividades realizou até ao momento? Em que organizações? Durante quanto tempo?*" - pretende-se perceber o histórico profissional da pessoa de forma, a enquadrar a sua situação profissional atual.

Questão 2 - "*Imagine que ganhava uma grande quantidade de dinheiro, por exemplo, através de euromilhões ou da lotaria, continuaria a trabalhar? Porquê?*" - pretende-se conhecer a importância atribuída ao trabalho e as funções que ele apresenta para os indivíduos.

Questão 3 - "*Porque motivo está a trabalhar, atualmente, como trabalhador temporário?*" - perceber se é uma opção (intencional) ou uma necessidade ou inevitabilidade.

Questão 4 e 5 - "*Face à experiência que tem ao nível do trabalho temporário, diga-me, com máximo detalhe, os aspetos positivos que identifica: ao nível do trabalho; da vida privada/familiar; outras atividades*" e "*Indique-me, também, com máximo detalhe, os aspetos negativos que identifica: ao nível do trabalho; da vida privada/familiar; outras atividades*" - identificação dos aspetos positivos e negativos,

ao nível dos domínios profissional, familiar/pessoal e atividades de lazer ou de outra natureza, face à experiência do trabalho temporário.

Questão 6 - *"Se, eventualmente, surgisse a oportunidade de mudar a sua atividade profissional, de trabalhador temporário, para outra, mudaria? Porquê? Quais as diferenças que encontra?"* - alude a um futuro hipotético, no sentido, de perceber o impacto do trabalho temporário na vida dos indivíduos, e porque motivo o fariam ou não, comparando as duas modalidades em termos de diferenças.

Questão 7 - *"O que se alterou após o início da sua atividade como trabalhador temporário: Ao nível da confeção das refeições? De que forma é realizada a divisão com o seu companheiro(a) ou família?; Ao nível das tarefas de limpeza? De que forma é realizada a divisão com o seu companheiro(a) ou família?; Ao nível das tarefas de manutenção/reparação? De que forma é realizada a divisão com o seu companheiro(a) ou família?; Ao nível do cuidado com os filhos/ou pessoa(s) que presta assistência? De que forma é realizada a divisão com o seu companheiro(a) ou família?; Ao nível de atividades de lazer, sociais, etc.?; Ao nível da sua vida afetiva/relação com o seu companheiro(a)?"* - pretende-se perceber o que se alterou, após o início da atividade como trabalhador temporário, ao nível de várias nuances do domínio extratrabalho, focando a questão da divisão de tarefas com o companheiro(a) ou família, de forma a perceber, o impacto que o trabalho tem sobre a dinâmica trabalho-extratrabalho, verificando as diferenças ao nível do género.

4.3.3 Procedimento

Após a concretização do questionário de recolha de dados sociodemográficos e o guião de entrevista, foram submetidos, em Março de 2012, por e-mail (Anexo C), à Adecco - Agência de São João da Madeira, o pedido de autorização para realizar as

entrevistas com os trabalhadores temporários, dando a conhecer o desenho geral do estudo, bem como o que era pretendido dos participantes. Depois de asseguradas as autorizações superiores para a realização do estudo, foi enviado, e reenviado, um e-mail (Anexo D) a vários trabalhadores temporários com o objetivo de convidá-los a participar no estudo de investigação através da técnica de entrevista nas instalações da própria agência. Contudo as respostas ao e-mail, evidenciaram uma total indisponibilidade na participação do estudo (Anexo E). Face a este cenário, optou-se por recorrer, ao contacto direto com os trabalhadores temporários que reunissem as características definidas.

Após confirmada a disponibilidade para a realização da entrevista e previamente ao início das mesmas, os participantes foram informados sobre o teor da investigação, objetivo, garantindo que as respostas eram anónimas e confidenciais, que as entrevistas seriam gravadas em formato áudio para facilitar o depoimento e agilizar o tempo da entrevista. Desta forma, foi dado um consentimento por parte dos participantes para a recolha e gravação da informação, permitindo a utilização dos dados neste estudo e para futuras publicações científicas. As entrevistas foram realizadas face a face, com recurso a gravação e apenas com a presença do participante e da entrevistadora, nos meses de Maio e Junho de 2012 com a duração média de 30 minutos e em local designado pelos participantes, nomeadamente na sua própria residência ou em locais públicos, como estabelecimentos de restauração.

4.4 Análise de conteúdo das entrevistas realizadas

A análise dos objetivos do presente estudo foi desenvolvida através do tratamento de dados por análise de conteúdo de entrevista. De acordo com Bardin (2004, p.27), a análise de conteúdo é "um conjunto de técnicas de análise das

comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações". Esta técnica baseia-se na dedução e esforça-se por interpretar, tendo em conta a objetividade e a subjetividade do não-aparente, isto é, daquilo que não é dito (Bardin, 2004). As entrevistas são sujeitas a um processo de codificação, em que são atribuídos à informação conceitos e códigos formulados, próximos do texto, e, em seguida, conceitos mais abstratos. Assim, ao longo do processo de codificação são estabelecidas categorias de análise, encontradas nos dados recolhidos. O processo foi baseado na estratégia de codificação pormenorizado por Bardin (2004).

A análise de conteúdo foi organizada seguindo as seguintes etapas: **(i)** pré-análise; **(ii)** exploração do material; **(iii)** o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação (Bardin, 2004).

A pré-análise é a fase da organização propriamente dita, através de atividades abertas, não estruturadas, que incluiu:

- (a) Uma leitura flutuante, ou seja, conhecer o texto deixando surgir impressões e orientações, de forma a tornar a leitura mais precisa, em função dos objetivos definidos;
- (b) Escolha de documentos - face aos objetivos determinados, foram escolhidos os documentos suscetíveis de fornecer informações sobre o problema levantado, tendo em linha de conta, a regra da exaustividade (não deixar de fora qualquer um dos elementos que não possa ser justificável no plano do rigor), representatividade (um universo heterogéneo requer uma amostra maior que um universo homogéneo, embora, nem todo o material é suscetível de dar lugar a uma amostragem), homogeneidade (os documentos retidos devem obedecer a critérios precisos de escolha e não apresentar demasiada singularidade fora destes critérios de escolha) e pertinência (os documentos

escolhidos devem ser adequados enquanto fonte de informação, de modo a corresponderem ao objetivo);

(c) Formulação dos objetivos - de forma a estruturar a análise, no entanto, não é obrigatório ter-se como guia um conjunto de hipóteses para se proceder à análise;

(d) Referenciação dos índices e a elaboração de indicadores - que sinais no texto revelam o que procuramos, como por exemplo, gaguez, frases incoerentes e inacabadas (indicadores) para a ansiedade durante uma entrevista (índices).

(e) Preparação do material - transcrição das entrevistas

A exploração do material consistiu essencialmente nas operações de codificação, enumeração, em detrimento dos objetivos previamente formulados. A codificação trata-se de transformar os dados em bruto do texto, segundo regras precisas, por agregação (escolha das categorias), recorte (escolha das unidades), e enumeração (escolha das regras de contagem, permitindo atingir uma representatividade do conteúdo, uma descrição exata das características pertinentes do conteúdo. As categorias foram criadas *à priori*, caracterizando-se por ser um conjunto de classes que reúnem um grupo de unidades de registo sob um título genérico, esta reunião faz-se em razão da existência de características comuns entre esses elementos. Por sua vez, o recorte, consistiu na escolha das unidades de registo, estas são unidades de significação a codificar e correspondem ao segmento a considerar como unidades de base, visando a categorização, a contagem frequencial e a análise dos corpos das categorias. A enumeração foi realizada ponderando a frequência da aparição de um determinado elemento, a sua intensidade, direção e ordem.

Finalizando, a análise culminou na fase do tratamento dos resultados, inferência e interpretação, em que aqui os resultados em bruto foram tratados de modo a serem significativos e válidos, tratando-se de os fazer falar.

4.4.1 Codificação

Os conteúdos de análise das entrevistas foram agrupados em 7 categorias centrais (Tabela 2), e em subcategorias de análise, às quais correspondem unidades semânticas e unidades de registo. A ordem de apresentação das categorias centrais é congruente com o guião, por considerarmos que facilita a apresentação e leitura dos resultados obtidos. Em cada tabela identificámos os entrevistados com a designação EX.

Tabela 2. *Categorias centrais de análise*

1	Perceção do significado de trabalho
2	Motivo por ser trabalhador temporário
3	Aspetos positivos do trabalho temporário
4	Aspetos negativos do trabalho temporário
5	Mudança de regime de trabalho
6	Alterações na conciliação trabalho-família e divisão de tarefas familiares

Capítulo V - Apresentação e Discussão dos Resultados

5.1 Percepção do significado de trabalho

O conceito de trabalho remete-nos, imediatamente, para um dos aspetos mais importantes da vida, sendo um dos pilares fundamentais que assenta a sociedade de hoje em dia. Daí procurarmos saber a importância atribuída ao trabalho, partindo do pressuposto das várias funções que o mesmo possui, de forma a compreender a percepção que os sujeitos têm desse conceito. Esta categoria refere-se à questão 2, e os resultados são apresentados na Tabela 3.

Tabela 3. *Análise da questão 2: Imagine que ganhava uma grande quantidade de dinheiro, por exemplo, através do euromilhões ou da lotaria, continuaria a trabalhar? Porquê?*

Categoria	Subcategoria	Unidade Semântica	Unidade Registo	Entrevistados
Trabalhar após ganhar uma grande quantia dinheiro	Continuava a trabalhar	Criação de negócio próprio	11	E1, E5, E8, E12, E14, E17 E3, E6, E15, E16, E18
		Ocupação	13	E1, E2, E8, E12, E14, E17 E3, E4, E6, E10, E13, E15, E18
		Realização pessoal	4	E1, E2, E5 E18
		Profissionalmente ativo	6	E1, E8, E17 E4, E15, E18
		Empregar pessoas	4	E1, E14 E15, E16
		Satisfação/Gosto	6	E1, E2, E5, E14 E6, E13
		Aquisição experiência	3	E5, E11, E14
		Aquisição novas aprendiz.	3	E8, E12 E10
		Conhecer outras pessoas	4	E8, E12, E14 E4
		Estruturar o tempo	3	E2, E17 E3
		Sentir útil	2	E17 E10
		Transmissão de conhec.	1	E10
		Estatuto social/prestígio	1	E16
		Não continuava	Não gosta de trabalhar	1
	Dedicar aos estudos	1	E9	

A maioria dos participantes (16) referiu que continuava a trabalhar mesmo que ganhasse uma grande quantidade de dinheiro e 2 dos participantes mencionam não continuar a trabalhar. Dos participantes que continuavam a trabalhar, mencionam a necessidade de possuir uma ocupação (13), a ambição de poder criar um negócio

próprio (11), de forma a poder investir o dinheiro ganho e deixar de trabalhar por conta de outrem, o estar ativo profissionalmente (6), a satisfação/gosto (5), realização pessoal (4), poder dar emprego a outras pessoas (4), conhecer outras pessoas (4), adquirir experiência (3), adquirir novos conhecimentos/aprendizagens (3), estruturar o tempo (3), gostar de trabalhar (2), sentir-se útil (2), transmissão de conhecimento (1) e o estatuto social/prestígio (1). Os 2 participantes que evidenciaram não continuar a trabalhar, explicam não gostar de trabalhar (1) ou preferir dedicar o tempo todo aos estudos (1).

O facto de os participantes considerarem ou não continuar a trabalhar após receberem uma grande quantia de dinheiro, sugere a sua atitude na reflexão sobre o conceito de trabalho em geral e sobre a sua situação em particular. Por exemplo, os participantes que não continuavam a trabalhar, respondem o seguinte:

E7 - *"Com tanto dinheiro, não trabalhava, claro que não [...] Não trabalho porque quero não é?"*.

E9 - *"Porque trabalho para me ajudar nos estudos e para ter alguma qualidade de vida... Se pudesse dedicar-me mais aos estudos e não ter que tirar dois dias por semana aos estudos, que é o que acontece.... Nunca na vida metia o trabalho à frente. Os estudos são uma prioridade agora!"*.

Relativamente à importância dada ao significado de trabalho, por parte dos trabalhadores temporários, verifica-se que os participantes percecionam o conceito de trabalho como sendo um importante e imprescindível pilar da vida humana, considerando que mesmo detendo uma afortunada quantidade de dinheiro não seria motivo para deixar de possuir uma atividade profissional. Estes dados vêm confirmar que o trabalho proporciona às pessoas uma série de funções psicossociais, em que as mesmas convergem para uma valorização positiva, como é o caso da autorrealização,

contatos interpessoais, fonte de identidade, entre outros (Salanova, Peiró & Prieto, 2002), estruturando a nossa relação com o mundo e as nossas relações sociais, transformando-se numa necessidade vital (Méda, 1999). Contudo, o facto de se registar duas respostas negativas pode resultar de alguns fatores. Por exemplo, o trabalho pode ser disfuncional para o indivíduo em função das características que apresenta, designadamente repetitivo, humilhante, monótono e não potenciar autonomia, levando assim a consequências negativas para a pessoa (Salanova, Peiró & Prieto, 2002). Desta forma, o que determina em parte as consequências ou efeitos negativos que o trabalho produz para as pessoas é o conjunto das características do mesmo e as condições em que se desenvolve, pois as funções do trabalho estão fortemente relacionadas com o significado que tem o trabalho para as pessoas e os grupos sociais (Salanova, Peiró & Prieto, 2002). Por outro lado, considerando o papel do trabalho, um dos muitos papéis, que se espera que o adulto exerça, a sua relação pode ser vista como mais ou menos central face aos restantes papéis de vida, e por isso, torna-se menos saliente no conjunto de papéis, influenciando significativamente o grau de importância e envolvimento do indivíduo no trabalho (Quintanilla & Wilpert, 1988, citados em Cruz, 2009).

5.2 Motivo de ser trabalhador temporário

A perceção sobre a situação laboral exige por parte dos entrevistados uma reflexão sobre a situação do mercado de trabalho atual, confrontando-se com a sua situação e particular, exteriorizando os motivos e a perceção face ao tipo de regime que se encontram. Esta categoria refere-se à questão 3, e os resultados são apresentados na Tabela 4.

Tabela 4. *Análise da questão 3 - Porque motivo se encontra a trabalhar, atualmente, em regime de trabalho temporário?*

Categoria	Subcategoria	Unidade Semântica	Unidade	
			Registo	Entrevistados
Trabalhar em regime de trabalho temporário	Motivo	Ganhar dinheiro	2	E1 E4
		1º emprego	3	E1, E11, E12
		Desempregado	8	E2, E5, E7 E3, E4, E13, E15, E16
		Trabalho que surgiu	17	E1, E2, E5, E7, E8, E11, E12, E14, E17 E3, E4, E6, E10, E13, E15, E16, E18
		Procura de melhor	2	E8, E17
		Conciliar estudos	1	E9
		Não colocam em outro regime	9	E2, E11, E12, E14 E3, E4, E10, E15, E16

Analisando a Tabela 4, observamos que o principal motivo de os participantes estarem a trabalhar em regime de trabalho temporário, associa-se ao facto de ser o trabalho que surgiu (17), e sendo trabalho tiveram que aproveitar face a necessidade do mesmo. Seguem-se os motivos de ser o tipo de regime que se verifica atualmente em grande escala, não colocando em outro tipo de regime (9), nomeadamente efetivo, e por estar em situação de desemprego (8), procurando trabalho, preferencialmente, em agências de trabalho temporário. Os restantes motivos centram-se no facto de ser o 1º emprego (3), necessidade de ganhar dinheiro(2), procurar melhor trabalho (2), e por último conciliar com os estudos (1).

É verbalizado, pelos participantes, que independente de ser um trabalho temporário, é um trabalho, e por esse motivo aproveitaram a oportunidade, porque precisavam trabalhar, como nos referiram alguns participantes:

E4 - *"... porque preciso trabalhar, porque preciso ganhar dinheiro, foi o que apareceu (...) é esta a maneira que eles empregam".*

E6- *"Foi o que me apareceu... Não foi porque quis, mas foi a primeira coisa que me apareceu, procurei trabalho em muitos sítios, mas foi a primeira oferta. Não procurei exclusivamente trabalho temporário, porque acho que ninguém gosta de estar nesta situação. Mas surgiu e aproveitei".*

É evidente a preocupação quando verbalizam que se encontram nesta situação e, por mais que seja a procura, apenas conseguem trabalho através de empresas de trabalho temporário, tal como mencionam alguns dos participantes:

E8 - *"Eu estava à procura de emprego, e candidatei-me através de uma agência de trabalho temporário (...). E saiu a oportunidade de ir trabalhar".*

Contudo, esta modalidade pode ser vista como uma solução para o primeiro emprego, para situações de desemprego ou para a conciliação com os estudos:

E11 - *"... o primeiro que veio, tive que aceitar, não podia rejeitar... Não havia mais nada".*

E9 - *"... para mim que estudo durante a semana (...) é mais vantajoso... só um dia por semana (...)"*.

Relativamente à percepção dos trabalhadores temporários sobre a sua atual situação laboral, constatamos que esta modalidade de trabalho é procurada com agrado para quem deseja conciliar os estudos com uma atividade profissional (Célestin, 2000), de forma, a ajudar, monetariamente, nas despesas adicionais. Contudo, o ingresso em regime de trabalho temporário é caracterizado como sendo o que existe atualmente para

quem procura um emprego: um primeiro emprego (Célestin, 2000), emprego melhor ou está em situação de desemprego (Oliveira, 2011). Ao referir a procura de um trabalho melhor, é referente à empresa que vai integrar o colaborador, à atividade a exercer em questão, ou por alguma condição laboral mais aliciante em comparação com o trabalho anterior, e não, por ser, um trabalho em regime temporário. É salientado a dificuldade na procura, recorrendo, portanto, a empresas de trabalho temporário (Oliveira, 2011). Nenhum dos participantes, excluindo o que se encontra a estudar, encontra-se neste regime propositadamente, ou seja, não procurou intencionalmente trabalho temporário, e sim, por vários fatores. Nomeadamente, a empresa que necessita de colaboradores emprega através de agências de trabalho temporário, e por esta razão necessita estar vinculado à mesma durante um determinado período de tempo, ou por estar à procura de um primeiro trabalho e recorrer a empresas de trabalho temporário para encontrar alguma proposta de trabalho, tal como, estar em situação de desemprego. Contudo, apesar de ser notório algum descontentamento por estar em regime de trabalho temporário, face ao contrato de trabalho incerto, esta modalidade é encarada como solução para quem não consegue encontrar emprego estruturado, permanente e a tempo inteiro (Célestin, 2000; Lencastre, 2006) e procura trabalho indiferenciado, encontrando assim, em muito dos casos, de forma rápida, e sem precisar de possuir requisitos específicos nem experiência no ramo (Matusik & Hill, 1998, citados em Duarte, 2009). Desta forma, o trabalho temporário, permite o aproveitamento de uma parte da população economicamente ativa, que por razões diversas encontra dificuldade em obter empregos permanentes (D'Addio & Rosholm, 2004; Kalleberg, 2000).

5.3 Aspectos positivos do trabalho temporário

Sendo o trabalho temporário, uma das formas de trabalho 'não convencionais', mais utilizadas ao nível do trabalho assalariado, torna-se pertinente perceber quais os aspectos positivos que os sujeitos que experienciam esta modalidade identificam, a nível profissional, pessoal, familiar e atividades de tempo livre. Esta categoria refere-se à questão 4 (4.1, 4.2 e 4.3), e os resultados são apresentados nas Tabelas 5, 6 e 7.

Tabela 5. *Análise da questão 4.1 - Face à experiência que tem como trabalhador temporário, indique-me, com o máximo detalhe, os aspectos positivos que identifica: Ao nível do trabalho?*

Categoria	Subcategoria	Unidade	Unidade	Entrevistados
		Semântica	Registo	
Aspectos positivos Do trabalho temporário	Trabalho	Satisfação	8	E1, E2, E11, E12 E4, E10, E15, E16
		Aumento da experiência	17	E1, E2, E5, E7, E8, E11, E12, E14, E17 E3, E4, E9, E10, E13, E15, E16, E18
		Conhecer outras pessoas	5	E1, E5, E12 E9, E13
		Remuneração	2	E5 E15
		Maior capacidade de adaptação	3	E5, E7 E13
		Facilidade em sair	2	E15, E13
		Pagamento sem atrasos na Agência	2	E8 E16
		Boa integração na equipa	2	E11, E14

A Tabela 5 mostra que a maioria dos participantes (17) identificam o aumento da experiência como o grande aspecto positivo ao nível do trabalho, seguido da satisfação pelo trabalho que realizam (8). Porém, 5 participantes verbalizaram a interação/conhecer outras pessoas como fator positivo no trabalho, 3 referiram a maior capacidade de adaptação pelas mudanças de empresa/trabalho. A remuneração (2), a facilidade em mudar de trabalho (2), o pagamento sem atrasos na agência (2) e ainda a boa integração na equipa (2) foram aspetos identificados pelos entrevistados como sendo positivos ao nível do trabalho.

Os dados obtidos indicam que os indivíduos vêem o trabalho temporário como um aumento da experiência profissional:

E1 - *"... eu quando entrei, não sabia sequer andar de empilhador, por exemplo, e aprendi a movimentar e a utilizar as máquinas todas... Como também trabalhar com programas de computador, como por exemplo, o SAP. E portanto, aprendi isso tudo".*

E13 - *"... Ganho experiência, se não fosse, se calhar trabalho temporário, só conhecia uma empresa até agora, e só conhecia uma forma de trabalhar... Pronto, e com o trabalho temporário consigo ter outra visão das coisas, consigo ver a forma como as empresas trabalham... (...)"*

Face ao domínio profissional, os aspetos positivos mencionados vão de encontro ao estudo levado a cabo por Gonçalves e Coimbra (2002) em que os participantes verbalizaram palavras que associavam ao trabalho, que se enquadravam numa dimensão emocional positiva, como "prazer", "satisfação", "gosto". Evidencia-se, que apesar de se encontrarem em situação de instabilidade laboral, sentem prazer ou satisfação através do trabalho que desenvolvem. Do mesmo modo, que foi possível confirmar, os dados obtidos através de um inquérito de Célestin (2000) que o trabalho temporário permite aumentar ou variar as competências profissionais, adquirir uma maior capacidade de

adaptação, multiplicar experiências e aumentar o *curriculum vitae* à medida que vão realizando diferentes missões de trabalho temporário.

Tabela 6. *Análise da questão 4.2 - Face à experiência que tem como trabalhador temporário, indique-me, com o máximo detalhe, os aspetos positivos que identifica: Ao nível da vida privada/familiar?*

Categoria	Subcategoria	Unidade Semântica	Unidade	
			Registo	Entrevistados
Aspetos positivos do trabalho temporário	Vida privada/familiar	Conciliação face ao horário laboral	5	E1, E11, E14, E17 E18
		Tempo entre contratos	5	E2, E5, E12 E4, E10
		Conciliação trabalho-estudos-vida privada/familiar	1	E9
		privada/familiar		
		Não identificam	7	E7, E8 E3, E6, E13, E15, E16

Na Tabela 6, são apresentados os aspetos positivos que os participantes identificam ao nível da vida privada/familiar. Os participantes referiram que existe uma boa conciliação devido ao horário laboral que praticam (5), caso contrário, isso não seria tão acessível, e mais tempo para dedicar à vida privada/familiar entre contratos (5), ou seja, entre o fim e início do próximo contrato de trabalho. Da mesma forma, 1 participante refere a boa conciliação que existe entre o trabalho-estudos-vida privada/familiar. Porém, 7 participantes não identificaram nenhum aspeto positivo ao nível da vida privada/familiar, alegando que não existem pontos favoráveis nesse campo para quem se encontra em regime de trabalho temporário.

Relativamente à vida privada/familiar verifica-se que existe uma boa conciliação das exigências profissionais com a vida familiar, e um dos motivos centrou-

se nos horários praticados, turnos rotativos, que permitem conciliar com as necessidades da vida familiar e pessoal. Apesar de apenas estar presente um caso, foi possível perceber que esta modalidade oferece aos estudantes possibilidade de desenvolver atividades profissionais ao mesmo tempo que prosseguem estudos e/ou realização de missões durante as férias escolares ou universitárias (Célestin, 2000).

Tabela 7. *Análise da questão 4.3 - Face à experiência que tem como trabalhador temporário, indique-me, com o máximo detalhe, os aspetos positivos que identifica: Ao nível de atividades de lazer, sociais, etc.?*

Categoria	Subcategoria	Unidade Semântica	Unidade	
			Registo	Entrevistados
Aspetos positivos do trabalho temporário	Atividades extratrabalho	Conciliação face ao horário laboral	8	E1, E7, E11, E12, E14, E17, E16, E18
		Tempo entre contratos	3	E5, E4, E10
		Conciliação trabalho-estudos-atividades extratrabalho	1	E9
		Não identificam	6	E2, E8, E3, E6, E13, E15

Ao nível dos aspetos positivos relativos às atividades extratrabalho, apresentados na Tabela 7, observamos que 8 participantes verbalizam que existe uma boa conciliação das atividades extratrabalho devido ao horário laboral que realiza, 3 referem ter mais tempo entre contratos, ou seja, entre o fim e início do próximo contrato de trabalho, para dedicar a atividades de lazer, sociais, etc., e 1 participante afirma ter uma boa conciliação entre o trabalho-estudos-atividades extratrabalho. Todavia, 6 participantes não identificaram nenhum aspeto positivo.

No domínio das atividades extratrabalho, verifica-se que existe uma razoável conciliação das mesmas com a vida profissional, e tendem a ser também, bem conciliadas com a atividade profissional e estudos, devido ao horário e pelo tempo que existe entre contratos, fim de um e início de outro, visto que, um contrato temporário tem uma duração reduzida e data de término previamente definida (De Cuyper, De Jong, De Witte, Isaksson, Rigotti e Schalk, 2008).

5.4 Aspectos negativos do trabalho temporário

Da mesma forma, que existem aspetos positivos, a situação de trabalho temporário transporta consigo um leque de impactos negativos que advêm da utilização de vínculos temporários. Desta forma, é importante compreender quais os aspetos negativos que os trabalhadores temporários identificam ao nível do trabalho, da vida privada/familiar e atividades de tempo livre. Esta categoria refere-se à questão 5 (5.1, 5.2, 5.3), e são apresentados os resultados, respetivamente, nas Tabelas 8, 9 e 10.

Tabela 8. *Análise da questão 5.1 - Face à experiência que tem como trabalhador temporário, indique-me, com o máximo detalhe, os aspetos negativos que identifica: Ao nível do trabalho?*

Categoria	Subcategoria	Unidade	Unidade	Entrevistados
		Semântica	Registo	
Aspetos negativos do trabalho temporário	Trabalho	Insegurança	15	E1, E2, E5, E7, E8, E11, E12, E14, E17 E3, E4, E6, E13, E15, E16
		Precariedade no trabalho	3	E1, E2, E14
		Falta de investimento em formações	1	E14
		Falta de perspetivas de evolução profissional	11	E1, E2, E7, E8, E11, E14, E17 E3, E4, E9, E18
		Trabalho repetitivo	2	E9, E13
		Prolongamento de horários	8	E2, E7, E8, E11, E14 E13, E15, E16
		Horários não standardizados	1	E13
		Menos regalias	8	E7, E11, E14, E17 E10, E15, E16, E18
		Salários baixos	6	E12, E14 E4, E6, E10, E16
		Deslocação à Agência para tratar de algum assunto	1	E18
		Inferiorização dos trabalhadores temporários	1	E14

Relativamente aos aspetos negativos ao nível do trabalho, verifica-se na Tabela 8 que a maioria dos participantes menciona o fator da insegurança (15) como o aspeto

mais negativo da experiência como trabalhador temporário, mencionando ser as melhores palavras que caracterizam o trabalho temporário. Seguindo-se a falta de perspectivas de evolução profissional (11), a pressão que existe em ter de aceitar fazer um prolongamento de horários (8), a falta de regalias comparativamente a trabalhadores efetivos (8) e a aferição de salários baixos (6). Foi ainda referido a precariedade no trabalho (3), trabalhos repetitivos, com forte probabilidade de tendinites (2), a existência de horários não standardizados (turnos rotativos) (1), deslocação à agência para tratar de algum assunto propositadamente assim que necessário (1) e a inferiorização dos trabalhadores temporários por partes dos trabalhadores efetivos (1).

É de salientar que a palavra que mais associavam ao trabalho temporário, é sem dúvida, a insegurança que diariamente sentem pelo contrato de trabalho estabelecido, referindo que a qualquer momento podem receber a carta de despedimento por parte da entidade empregadora. O facto de ficar em situação de desemprego é assustador para a maior parte dos participantes, e por isso, a pressão e ansiedade é dominante, de forma a que o empenho na atividade profissional seja redobrado, tal como mencionado:

E3- *"... é viver sempre naquele sobressalto (...) hoje tenho trabalho, amanhã não tenho (...) viver em constante angústia. [...] ... e há lá pessoas com muitos anos que se vê que produzem muito menos que nós e tem muito menos interesse em estar lá que nós. Pela simples razão, na minha opinião, que nós temos que mostrar trabalho, porque somos novos, porque estamos a contrato temporário, e porque temos que fazer merecer o nosso posto de trabalho".*

Acrescentando ainda, outros participantes:

E5- *"... a parte da insegurança pesa muito, a nível psicológico, afeta muito. Por exemplo, uma pessoa que tenha encargos, como eu tenho, por exemplo... eu pago a*

prestação de um carro (...) conheço inúmeras pessoas que estão na mesma situação, ou até com encargos, bem menores que os meus, e não os conseguem cumprir".

É evidente a falta de perspectivas futuras e a pressão exercida em realizar prolongamento de horário pelo receio de ficar sem emprego:

E16- *"... no trabalho mesmo, o temporário, quer queiramos quer não, é sempre temporário, nós somos tratados como temporários, estás aqui mas amanhã podes não estar... (...) Uma pessoa não se pode meter em nada de cabeça, não tem segurança nenhuma, ou seja, o futuro, não há futuro! (...) Se nos pedirem 'olha ficas mais uma hora?', temos que aceitar porque senão... estás aqui e estás temporário, é porque precisam, por isso tens que ir..."*.

No que diz respeito aos aspetos negativos, ao nível do domínio profissional verifica-se que as palavras associadas de imediato, centram-se na incerteza, insegurança e ameaça constante do desemprego, afirmando que é o que mais caracteriza o trabalho temporário, e principalmente quem o experiencia, vive diariamente o receio de perder o emprego a qualquer altura. A utilização de vínculos temporários veio mostrar que existe precariedade no trabalho, nenhuma segurança do emprego, poucas regalias, salários baixos e uma pressão para realizar um possível prolongamento de horários. Este último facto, pode-se justificar pela perceção de insegurança e da incerteza levando a haver uma maior probabilidade de fazer horários prolongados (Smithson, Lewis & Guerreiro, 1998) pelo medo de perder o emprego. A falta de perspectivas de evolução na carreira, é outro grande aspeto evidenciado. Isto, poderá justificar-se, pelo facto de os trabalhadores serem contratados face à necessidade temporária de mão-de-obra, não existindo perspectiva de continuidade com vínculo direto à empresa, levando, por sua vez, a sentimentos de insegurança em relação ao futuro profissional (Booth, et al. 2002; Nollen, 1996).

Tabela 9. *Análise da questão 5.2 - Face à experiência que tem como trabalhador temporário, indique-me, com o máximo detalhe, os aspetos negativos que identifica: Ao nível da vida privada/familiar?*

Categoria	Subcategoria	Unidade Semântica	Unidade	
			Registo	Entrevistados
Aspetos negativos do trabalho temporário	Vida privada/familiar	Dificuldade em possuir créditos	3	E1, E2 E13
		Desgaste físico e emocional	9	E1, E2, E7, E8, E11, E17 E3, E13, E15
		Adiamento de etapas do trajeto de vida	8	E2, E8, E11, E12 E3, E13, E15, E16
		Consequências na saúde mental	7	E2, E5, E8 E3, E13, E15, E16
		Menos tempo para a família/amigos/si próprio	7	E8, E17 E3, E4, E6, E13, E15
		Dificuldade em fazer planos	3	E5 E15, E16
		Menos disposição para as tarefas de casa	4	E3, E4, E6, E13
		Hora de descanso alteradas	3	E3, E13, E15
		Pressão para aceitar o trabalho	1	E9

A leitura da Tabela 9, permite constatar que, face à experiência como trabalhador temporário, o aspeto negativo mais mencionado a nível da vida privada/familiar pelos participantes centra-se no desgaste físico e emocional sentido pela realização dos horários não estandardizados (9) e o adiamento das principais etapas do trajeto de vida (8), como é o caso, do nascimento de filhos, casar ou mesmo sair de

casa dos pais, são as principais etapas verbalizadas como adiadas pela situação de trabalho em que se encontram de momento, impossibilitando por completo a concretização dessas etapas. Da mesma forma, é referido as consequências na saúde mental, como o stress e as depressões (7) causadas pela insegurança e pressão, menos tempo para a família/amigos/si próprio pela realização de horários não estandardizados (7), menos disposição para as tarefas de casa (4), dificuldade em possuir créditos (3) dificuldade em fazer planos futuros (3), horas de descanso alteradas (3) e a pressão exercida para aceitar um determinado trabalho proposto (1) pelo medo de não voltarem a contactar.

Os resultados mostram-nos um cenário construído pela perceção da incerteza e insegurança, constatada anteriormente, e por essa razão o adiamento das principais fases do trajeto de vida, como o nascimento de filhos, casar, ou mesmo, sair de casa dos pais, pois aguardam primeiramente uma estabilidade económica e profissional. Por este motivo, alguns alegam já ter adiado de vez o nascimento, de um segundo filho, por exemplo, e sair de casa dos pais é algo que não está nos planos, pela dificuldade que é conseguir sustentarem-se sozinhos com trabalhos incertos. Podemos constatar isso em alguns relatos, como por exemplo:

E2- *"É um adiar, um adiar as situações mesmo... Eu até queria ter um filho, mas é sempre um risco..."*

E11- *"Se tivesse um ordenado maior, é obvio que podia... podia alastrar mais os meus objetivos, mas sendo um ordenado baixo, não estava a pensar casar, mas não consigo manter uma casa com este ordenado"*

E3- *"Adio, adio... quer dizer, acho que já adiei de vez. (...) Acho que realmente a instabilidade é demasiada".*

Tal como constatado na revisão da literatura, os trabalhadores expostos a uma constante insegurança no trabalho foram considerados mais suscetíveis a doenças (Benach, et al. 2002), e podemos verificar que o *stress* é experienciado pela maioria das pessoas que se encontram nesta situação de trabalho, como mencionado por alguns participantes:

E8- "*Sim aquela instabilidade de não estar seguros, é muito mais stressante...*"

E16- "*... psicologicamente afeta a pessoa, anda mais stressada, nervosa, triste, porque quer fazer alguma coisa, comprar alguma coisa, e não pode... Não tem uma garantia...*".

Ao nível privado e familiar, constata-se que a perceção de insegurança e de incerteza do trabalho temporário, mais uma vez, transporta consigo consequências negativas para o campo pessoal e familiar, como é o caso de um adiamento das principais fases do trajeto de vida (Smithson, Lewis & Guerreiro, 1998), como é o caso do nascimento de filhos, casamento (Cooper & Jones, 1992, citados em Smithson, Lewis & Guerreiro, 1998), ou mesmo sair de casa dos pais. Simultaneamente dificultam a criação de créditos (por ex. de habitação, carro) impossibilitando traçar um plano a médio longo prazo. Paralelamente a este cenário, verificámos que o panorama de insegurança no trabalho, leva a consequências para a saúde mental, como o *stress* e depressões. Isto deve-se à exposição constante à insegurança gerado pelo trabalho, o que indica que a insegurança no trabalho atua como um fator de *stress* crónico trazendo perigos para a saúde do trabalhador (Benach, et al. 2002).

Tabela 10. *Análise da questão 5.3 - Face à experiência que tem como trabalhador temporário, indique-me, com o máximo detalhe, os aspetos negativos que identifica: Ao nível de atividades de lazer, sociais, etc.?*

Categoria	Subcategoria	Unidade Semântica		Unidade Registo	Entrevistados
Aspetos negativos do trabalho temporário	Atividades extratrabalho	Deixar de praticar uma	atividade	3	E1, E3, E15
		Mais cansaço/stress		14	E1, E7, E8, E11, E12, E17
					E3, E4, E6, E9, E10, E13, E15, E16, E18
		Motivo monetário		4	E2, E5, E8, E17
		Não identificam		1	E14

Ao observarmos a Tabela 10, verificamos que a existência de mais cansaço/stress influencia na realização de atividade de lazer, sociais, etc., sendo mencionado por 14 participantes, como um aspeto mais negativo ao nível das atividades extra trabalho. 4 Participantes mencionaram não investir mais em atividades extratrabalho pela questão monetária e 3 referem terem, obrigatoriamente, deixar de praticar uma atividade devido ao horário laboral, pois era completamente impossível a conciliação, nomeadamente atividades desportivas e voluntariado. Apenas 1 participante não identificou aspetos negativos.

Ainda suportado pela perceção da incerteza e insegurança no trabalho, a realização das atividades extratrabalho fica penalizada pela existência de um maior desgaste físico, fruto, muitas vezes, de um prolongamento de horários, pelo *stress* e ansiedade:

E3- "...posso dizer que se calhar eu saía todos os fins-de-semana, todos os sábados à noite eu ia com a família e amigos, íamos tomar um café, ou isto ou aquilo, agora eu

chego e quero é descansar... é muito stressante, se calhar não fisicamente até... mas o próprio ambiente em si é muito... é stressante, é mesmo... a gente sai mesmo muito stressadas, enervadas... (...)".

Acrescenta ainda:

E3- *"... é menos saídas, menos tempo para mim, que eu considerava as minhas idas ao ginásio, era um tempo para mim só... mas o cansaço começa a apoderar-se de nós (...)"*.

O preditor de insegurança transporta para os vários domínios da vida uma carga negativa. Por conseguinte, evidencia-se nas atividades extratrabalho, uma diminuição da realização das mesmas pelo *stress*/desgaste físico/ansiedade, impossibilita experienciarem sensações de relaxamento e bem estar, através de atividade de lazer, sociais, etc.

5.5 Mudança de regime de trabalho

Analisar a maneira como os entrevistados aludem a um futuro hipotético, sobre o facto de mudar de regime de trabalho, pode-nos ajudar a compreender os fatores que estão na base da recusa ou aceitação de um determinado trabalho, comparando com a modalidade que se exercem atualmente. Esta reflexão é importante para verificar também o grau de satisfação face ao tipo de regime que se encontram e quais os motivos da mudança ou não. Esta categoria refere-se à questão 6, e os resultados são apresentados na Tabela 11.

Tabela 11. *Análise da questão 6 - Se, eventualmente, surgisse a oportunidade de mudar a sua atividade profissional, de trabalhador temporário, para outra, mudaria? Porquê?*

Categoria	Subcategoria	Unidade		Unidade Registo	Unidade Entrevistados
		Semântica			
Mudar de atividade	Sim	Segurança profissional/ Estabilidade financeira		13	E1, E2, E5, E7, E11, E12, E14 E3, E9, E10, E13, E15, E16
		Condições laborais		7	E1, E2, E8, E12, E17 E9, E15
		Evolução na carreira		2	E1, E12
		Tranquilidade psicológica		3	E5, E14 E3
		Horário fixo		1	E18
		Experienciar novos trabalhos		3	E4, E6, E18

Os dados apresentados na Tabela 11 referem-se à hipotética mudança de regime de trabalho. A resposta foi unânime e todos os participantes responderam de imediato que mudavam de regime de trabalho, sendo a segurança profissional/estabilidade financeira o principal motivo, referido por 13 participantes. Outras razões, centram-se pelas melhores condições laborais/ vencimento (7), pela experiência de novos trabalhos (3), evolução na carreira (2) e pela aquisição de um horário fixo (1). Estes foram os motivos ao qual os participantes mudavam de atividade profissional, deixando de ser trabalhadores temporários. É importante referir que alguns dos participantes mencionaram que antes de aceitar qualquer tipo de proposta de trabalho, precisavam rever muito bem as condições e tipo de trabalho em estar na mesma situação profissional. Da mesma forma, que se pudessem ficar na mesma empresa onde se encontram, mas com um contrato mais seguro, que ficavam sem hesitar. A questão

principal reside na segurança profissional e estabilidade financeira, de maneira a conseguir conquistar, conseqüentemente, uma harmonia emocional e psicológica.

Ao analisar a hipotética mudança de regime de trabalho, percebemos que a aquisição de uma segurança profissional e uma conseqüente estabilidade financeira, levava a que os participantes mudassem sem hesitar de oportunidade de trabalho. Este desejo e vontade de mudança, prende-se com o facto de vivenciar, presentemente e já com um período de tempo considerável, uma experiência instável e sem perspectivas de futuro, e por conseguinte, o grande e maior motivo de mudança seria a estabilidade, influenciando, posteriormente a estabilidade emocional e psicológica, para um equilíbrio entre as esferas profissional e familiar.

5.6 Alterações na conciliação trabalho-família e divisão de tarefas

Face ao cenário atual, pleno de mudanças sociais, ocorridas nos últimos anos, assim como a entrada massiva das mulheres no mercado de trabalho e a inserção de novas modalidades de trabalho, trouxeram novas liberdades e responsabilidades como também alguns problemas ao nível da conciliação trabalho-família. Desta forma, torna-se pertinente questionar os sujeitos sobre o que se alterou após o início da atividade em trabalho temporário, fazendo uma reflexão sobre o antes e depois da introdução na modalidade. Assim, é possível perceber se alguma coisa se alterou ao nível de várias nuances do domínio familiar, nomeadamente a confeção das refeições, tarefas de limpeza, tarefas de manutenção/reparação, cuidado com os filhos/pessoa(s) que prestam assistência, atividades extratrabalho, assim como, ao nível da vida afetiva/relação com o companheiro e/ou família.

Visto que a perspectiva de género é um foco importante de análise quando se considera questões do trabalho e da vida familiar, é essencial analisar de que forma é

realizada a divisão deste tipo de tarefas com o companheiro(a) ou família, para compreender o impacto que o trabalho temporário tem sobre a vida familiar e privada, verificando se existe diferenças ao nível do género na divisão de tarefas. Esta categoria refere-se à questão 7. (7.1, 7.2, 7.3, 7.4, 7.5 e 7.6), e os resultados são apresentados, respetivamente, nas Tabelas 12, 13, 14, 15, 16 e 17.

Tabela 12. *Análise da questão 7.1 - O que se alterou após o início da sua atividade como trabalhador temporário: Ao nível da confeção das refeições? De que forma é realizada a divisão com o seu companheiro(a) ou família?*

Categoria	Subcategoria	Unidade Semântica	Unidade			
			Registo	Entrevistados		
Confeção das refeições após início atividade	Alterou-se	Almoçar no trabalho	1	E4		
		Horários da refeição	8	E1, E2, E18, E12, E17 E3, E6, E13		
		Cozinhar menos	2	E2 E6		
		Diminuição do apetite	1	E7		
	Mantém-se igual	Cozinhar apenas o jantar	1	E15		
			3	E5, E11 E9		
		Cozinhar	4	E8 E10, E16, E18		
		Cozinhar pontualm.	1	E14		
		Divisão da tarefa	Existe	Ambos realizam	2	E6, E18
			Não existe	Mulheres executam a tarefa	8	E5, E7, E11, E12, E14 E9, E10, E15
Homens executam a tarefa	1			E8		
Horários diferentes	1			E13		
Parcial	Morar com pessoa incapacitada		1	E16		
			Pontualmente dividida com os homens	5	E1, E2, E17 E3, E4	

Conforme descrito na Tabela 12, os participantes que mencionaram alterações, ao nível da confeção das refeições, incluem a alteração do horário da refeição devido aos horários não standardizados (8), o cozinhar menos vezes (2), passar a almoçar no trabalho (1), diminuição do apetite (1) e passar a cozinhar apenas a refeição do jantar (1). No entanto, uma parte dos participantes afirmaram que mantiveram o comportamento após o início da atividade, ou seja, não houve mudança comportamental consequente da situação de trabalhador temporário. Nomeadamente, 4 participantes mencionam cozinhar de igual forma, antes ou após iniciar a atividade, 3 indicam não cozinhar alegando que algum membro da família executa essa tarefa na totalidade, e ainda 1 refere cozinhar pontualmente, tal como fazia anteriormente à situação temporária.

No que diz respeito à divisão desta tarefa, a maioria dos participantes (11) afirmam que não existe divisão desta tarefa, estando em maior número as mulheres a realizar a mesma (8). 1 Participante refere ser os homens a realizar essa tarefa na totalidade, da mesma maneira, que referem não haver divisão devido aos membros da família ter horários diferentes (1) e por morar com uma pessoa incapacitada (1). 5 Participantes afirmam existir divisão parcial (5), ou seja, apenas é pontualmente dividida, mas no entanto, quem realiza é maioritariamente as mulheres e de vez em quando dividida pelos homens. 2 Participantes dizem existir divisão, sendo ambos os sexos a realizar a tarefa, de forma equilibrada e justa, não sobrecarregando nenhum dos membros.

Os dados recolhidos sobre as alterações sentidas, ao nível da confeção das refeições, após o início da atividade profissional, demonstram que a realização de horários não standardizados, como é o caso dos turnos rotativos, é a alteração mais evidente sentida pelos participantes, na conciliação do trabalho com a confeção das

refeições (Rotenberg, 2004). A rotatividade semanal dos horários, e o seu consequente desgaste físico e emocional, levam a que a confeção das refeições seja afetada levando a uma diminuição da própria tarefa. No entanto, sendo algo que não pode ser ignorado ou adiado (Ferreira, 2006), verificamos que muitos dos participantes, maioria do sexo feminino, mesmo com alterações, a tarefa é realizada, tal como antes, de ingressar para um trabalho temporário o era. A questão da divisão de tarefas remete-nos para uma área um pouca ambígua, no sentido em que num primeiro impacto da questão a resposta era quase sempre afirmativa, que existia uma equilibrada divisão. Contudo, ao explorar verificou-se que o sexo feminino era quem executava, na maioria dos casos, a confeção das refeições, e o sexo masculino apenas o fazia pontualmente (Torres, et al.2004b). Apesar destes dados, é notável a inserção do sexo masculino na realização destas tarefa, e a mudança comportamental por parte dos mesmos, indo assim de encontro, às mudanças sociais verificadas atualmente na sociedade.

Tabela 13. *Análise da questão 7.2 - O que se alterou após o início da sua atividade como trabalhador temporário: Ao nível das tarefas de limpeza? De que forma é realizada a divisão com o seu companheiro(a) ou família?*

Categoria	Subcategoria	Unidade	Unidade	Entrevistados
		Semântica	Registo	
Tarefas de limpeza após início atividade	Alterou-se	Horário para a realização da tarefa	5	E1, E2 E3, E6, E13
		Menor frequência	7	E1, E2, E8, E17 E6, E13, E15
	Mantém-se igual	Realizar essa tarefa	5	E14 E4, E10, E16, E18
		Não realizar	5	E5, E7, E11, E12 E9
Divisão das tarefas	Existe	Ambos realizam	5	E2, E8, E17 E6, E18
	Não existe	Mulheres executam a tarefa	6	E5, E7, E11 E4, E9, E10
		Horários diferentes	1	E13
		Morar com pessoa incapacitada	1	E16
		Empregada	1	E15
Parcial	Pontualmente dividida	4	E1, E12, E14 E3	

Conforme observamos na Tabela 13, as alterações que se verifica ao nível da realização das tarefas de limpeza, centram-se na menor frequência da realização da tarefa (7) devido ao desgaste físico e, o horário para a realização (5) face aos horários não standardizados praticados. Contudo, alguns participantes referem que mantiveram o comportamento, realizando as tarefas de igual forma (5) ao que anteriormente faziam

antes de ingressar na atividade profissional, ou simplesmente não realizam (5) e não realizavam antes, visto existir algum membro da família, companheiro/a ou empregada a fazê-lo. Relativamente à divisão, verificamos que nesta atividade, na maioria dos participantes, a divisão não existe (9), constatando que 6 participantes referem que as mulheres executam a tarefa, 1 menciona que os membros da família tem horários diferentes e torna-se impossível dividir, da mesma forma, que 1 participante refere morar com uma pessoa incapacitada, e ainda 1 recorre a apoio doméstico profissionalizado, através de empregada. Contudo, existe divisão e ambos os sexos realizam a tarefa, mencionado por 5 participantes. A par disto, 4 afirmam que pontualmente a tarefa é dividida, mas maioritariamente é o sexo feminino que executa a tarefa.

A realização de horários não estandardizados e o desgaste físico consequente, influenciam a concretização das tarefas domésticas, levando a uma menor disponibilidade mental e a mudanças constantes no horário para a sua realização (Rotenberg, 2004). A divisão entre ambos os sexos, existe e denota novamente, a inserção do sexo masculino na realização deste tipo de tarefas. Porém, a mulher é o membro que mais executa as tarefas de cariz doméstico (Gracia, González & Peiró, 2002; Santos, 1997, citado em Ferreira, 2006) vindo desde o passado esta distinção de mulher casa e homem trabalho (Rocha & Ferreira, 2006). Mas, presentemente, consegue-se verificar uma mudança comportamental e social gradual, verificando-se os mesmos a executar ou dividir a tarefa com a família/companheiro(a) sem qualquer tipo de pudor ou preconceito.

Tabela 14. *Análise da questão 7.3 - O que se alterou após o início da sua atividade como trabalhador temporário: Ao nível das tarefas de manutenção/reparação? De que forma é realizada a divisão com o seu companheiro(a) ou família?*

Categoria	Subcategoria	Unidade	Unidade	Entrevistados
		Semântica	Registo	
Tarefas de manutenção/ reparação após início atividade	Alterou-se	Horário para a realização da tarefa	5	E1, E2, E8, E12, E17
		Menor frequência	2	E11 E13
		Maior frequência	1	E14
	Mantém-se Igual	Realizar a tarefa	1	E16
		Não realizar	9	E5, E7 E3, E4, E6, E9, E10, E15, E18
Divisão da tarefa	Não existe	Homens executam a tarefa	15	E1, E2, E5, E8, E12, E14, E17 E3, E4, E6, E9, E10, E13, E15, E18
		Mulheres executam a tarefa	3	E7, E11 E16

Ao observar a Tabela 14, reparamos que na maioria dos casos o comportamento manteve-se igual, em que 9 dos participantes não realiza este tipo de tarefa, e 1 realiza de forma igual ao que fazia antes de entrar em regime de trabalho temporário. As alterações manifestadas centram-se no horário para a realização da tarefa (5), estando dependente do turno que realize, uma menor frequência dessa tarefa (2), ou mesmo, uma maior frequência da mesma (1). No que diz respeito à divisão, constatamos que não existe qualquer divisão, sendo os homens a executar na sua maioria a tarefa (15) e uma pequena parte as mulheres (3).

As alterações manifestadas vão de encontro ao já observado nas tabelas anteriores (Tabela 11 e 12), divergindo ao nível da divisão da tarefa, sendo que nas tarefas de manutenção/reparação a presença do sexo masculino é indiscutível, relativamente ao sexo feminino, verificando-se que tarefas que englobam questões administrativas, financeiras, manutenção do carro, reparações, jardinagem, *bricolage* e afins, pertencem ao homem (Torres, et al. 2004b). Este acontecimento, pode ser justificado pelas disposições que foram inculcadas, ou mesmo em resposta às expectativas tradicionalistas sobre os desempenhos de papéis na sociedade atual. Desta forma, a mulher que possui uma carreira profissional, estará sempre preocupada em provar que é uma boa profissional, mas também uma excelente mãe, capaz de gerir as tarefas domésticas. Sobre a mesma recai a responsabilidade de conciliar a profissão e a vida familiar, mas não sobre o seu conjugue (Torres, et al. 2004b).

Tabela 15. *Análise da questão 7.4 - Ao nível do cuidado prestados aos filhos/ ou pessoa(s) que preste assistência? De que forma é realizada a divisão com o seu companheiro(a) ou família?*

Categoria	Subcategoria	Unidade Semântica	Unidade	
			Registo	Entrevistados
	Alterou-se	Horário para prestação de cuidados	1	E3
Prestação de cuidados após início atividade	Mantém-se igual	Prestação de cuidados ao filho/enteado	2	E17 E18
		Assistência a irmãos mais novos	1	E1
	Prestação de cuidados à mãe	1	E2	
Divisão da tarefa	Existe	Ambos realizam	5	E1, E2, E17 E3, E18

Ao nível dos cuidados prestados aos filhos, irmãos ou pessoas incapacitadas, a Tabela 15, apresenta o resultado de apenas 5 participantes da amostra, porque apenas a estes se aplicava a questão. Podemos observar que não houve mudanças no comportamento de 4 participantes, relativamente à prestação de cuidados ao filho/enteado (2), assistência a irmãos mais novos (1) e prestação de cuidados à mãe (1). Porém, 1 participante refere que houveram alterações ao nível do horário para prestar assistência (1). A divisão desta tarefa é realizada por ambos os sexos (5).

Tabela 16. *Análise da questão 7.5 - O que se alterou após o início da sua atividade como trabalhador temporário: Ao nível de atividades de lazer, sociais, etc.?*

Categoria	Subcategoria	Unidade Semântica	Unidade		
			Registo	Entrevistados	
Atividades extratrabalho após início atividade	Alterou-se	Deixar de praticar uma atividade	3	E1 E13, E15	
		Condicionamento do horário laboral	3	E1, E7 E9	
		Motivo monetário	3	E2, E14 E4	
	Mantém-se igual	Sair e realizar atividades	Tempo entre contratos	3	E5 E4, E9
			Menor disponibilidade de tempo	3	E12 E6, E13
				6	E8, E11, E17 E10, E16, E18

Como se pode verificar na Tabela 16, as repostas distribuem-se com maior incidência, na mudança do comportamento relativamente à realização das atividades extratrabalho. Nomeadamente deixar de praticar uma atividade (3), condicionamento do horário laboral (3) para realizar atividades, menor frequência pela questão monetária

(3), mais tempo entre contratos (3) e, realizar menos atividades pela disponibilidade de tempo (3). 6 Participantes referem que o seu comportamento manteve-se e continuaram a sair e realizar atividades com família/amigos/companheiro(a).

Tabela 17. *Análise da questão 7.6 - O que se alterou após o início da sua atividade como trabalhador temporário: Ao nível da sua vida afetiva/ relação com o seu companheiro(a)?*

Categoria	Subcategoria	Unidade	Unidade	Entrevistados
		Semântica	Registo	
Vida afetiva/relação com o seu companheiro	Alterou-se	Menor disponibilidade emocional e psicológica	5	E1, E5, E11, E12 E13
		Incompatibilidade de horários	7	E2, E8, E14 E3, E6, E9, E15
		Mais tempo para o companheiro	2	E10, E16
	Mantém-se igual	Menos aborrecimentos	1	E4
		Sem alterações	2	E7 E18
		Parcialmente alterado	Conflitos não realizar atividades em casa	1

A Tabela 17 mostra que na maioria dos casos houve alterações ao nível da vida afetiva/relação com o companheiro(a), após início da atividade profissional. Neste seguimento, a resposta com maior índice, centra-se nos desencontros/incompatibilidade de horários (7), acarretando um menor tempo para dedicar ao companheiro(a). Este fator é causado pelos horários não estandardizados, levando a desencontros entre os membros. Da mesma forma, é referido haver menos tempo e disponibilidade emocional e psicológica (5), para dedicar a uma relação, pela questão dos horários e instabilidade profissional. É ainda referido, por outro lado, haver mais tempo para o companheiro (2)

e menos aborrecimentos (1). 2 Participantes afirmam que não ocorreu nenhuma alteração ao nível da vida afetiva, mantendo-se igual. E apenas 1 participante refere que existe algumas alterações no sentido de existir alguns conflitos por não realizar determinadas atividades em casa.

A realização de horários rotativos, que mudam semanalmente, proporcionam momentos de desencontro entre os membros da família ou companheiros, havendo incompatibilidades de horário entre o casal, verificando-se que o tempo dispensado para a vida conjugal é diminuto. Assim, é possível confirmar que o trabalho em horários não estandardizados, nomeadamente turnos rotativos, interfere na vida familiar de forma bastante significativa (Rotenberg, 2004). Em estudos sobre a dinâmica familiar de trabalhadores por turnos verificou-se que a não conciliação de horários e a necessidade de utilizar o tempo livre para se recuperar do desgaste do trabalho, afetam o tempo e a qualidade da convivência com os membros da família. Esta situação tende a acumular-se ao longo dos tempos, levando o trabalhador a vivenciar dificuldades não só para proporcionar companhia, apoio e proteção à família, como a nível mais íntimo, para atuar como parceiro sexual (Mott, et al. 1965, citado em Rotenberg, 2004). Nesta perspetiva Seligmann-Silva (1994, citado em Rotenberg, 2004) acrescenta que a qualidade do relacionamento do trabalhador noturno com os familiares vai-se deteriorando, em função do cansaço e da necessidade do trabalhador dormir durante o dia e de se ausentar à noite.

5.7 Discussão geral dos resultados

O principal objetivo deste trabalho de investigação, centra-se na análise do impacto da situação de trabalho temporário, na conciliação da dinâmica da vida profissional com a vida extratrabalho. Pretendeu-se assim perceber a perceção dos

trabalhadores temporários sobre esta modalidade de trabalho e, de que forma articulavam com outros domínios da vida (familiar/privado/atividades de tempo livre). Para o estudo deste objetivo, foram definidos objetivos específicos para uma detalhada e aprofundada análise dos vários fatores expostos. Contudo, constatamos que, de forma geral, os participantes tendem a ter opiniões convergentes relativamente à situação de trabalho temporário, à conciliação da vida profissional e extratrabalho, tal como, a forma de divisão de tarefas domésticas entre os géneros, sendo notório, a lenta inserção do sexo masculino (Torres, et al., 2004b).

Relativamente, à importância dada ao significado de trabalho, verificamos que o trabalho é considerado um elemento fulcral na vida de todo o indivíduo, estando a valorização pessoal intimamente ligada com a realização profissional (Ferreira, 2006) procurando obtenção de recompensas extrínsecas e intrínsecas (Edwards, & Rothbard, 2000). Os resultados vêm confirmar que o trabalho proporciona às pessoas uma série de funções psicossociais, levando a uma valorização positiva (Salanova, Peiró & Prieto, 2002). Porém, o facto de existir respostas negativas, pode ser explicado pelo conjunto de características que o mesmo pode apresentar de carácter negativo (como ser monótono, repetitivo, inseguro entre outros) (Salanova, Peiró & Prieto, 2002) despoletando uma desvalorização do significado do trabalho.

Ao nível dos motivos, descritos pelos trabalhadores, pela inserção em empregos temporários, constatamos que devido ao rápido crescimento da taxa de desemprego, os trabalhadores desempregados ou que procuraram primeiro emprego, enfrentam cada vez mais dificuldades, seja na candidatura a novos empregos, seja na adaptação a novas áreas de atividade. Perante este cenário, optam por se inscrever em empresas de trabalho temporário para ganhar novas experiências laborais (Marler, Woodard & Milkovich, 2002, citado em Oliveira, 2011).

Face às mudanças no mundo laboral e a própria evolução económica, o trabalho temporário, constitui uma força de trabalho, flexível e necessária à competitividade das organizações (Kóvacs, 2006). Porém, o trabalho temporário transporta impactos psicossociais (Parker, Griffin & Sprigg, 2002), influenciando a dinâmica profissional, familiar e privada do indivíduo. Apesar de poucas investigações existirem sobre este impacto (De Cuyper, et al. 2008), podemos identificar neste estudo, através da experiência pessoal dos trabalhadores que os aspetos negativos, pesam mais, quando se fala em trabalho temporário. Verificámos que nos domínios privado/familiar e atividades extratrabalho, quase metade dos participantes não conseguiram identificar aspetos positivos. Esta dado pode ser justificado devido à exposição, constante, da insegurança e instabilidade (Kóvacs, 2004), e todas as consequências que estes fatores acarretam na vida de uma pessoa. Contudo, tal como, o estudo levado a cabo por Gonçalves e Coimbra (2002), os participantes identificaram palavras que associam o trabalho a uma dimensão emocional positiva, como "satisfação" e "gosto". Ao mesmo tempo que permite aumentar as experiências profissionais e conciliar com os estudos (Célestin, 2000). Ao nível dos aspetos negativos, constatamos que os trabalhadores temporários experienciam sentimentos de insegurança em relação ao futuro (Booth, et al. 2002; Nollen, 1996), face à falta de perspetivas de continuidade com vínculo direto à empresa. Esta insegurança no emprego leva a que os trabalhadores façam um prolongamento de horários (Smithson, Lewis & Guerreiro, 1998), assim como, influencia no adiamento das principais fases do trajeto de vida (Smithson, Lewis & Guerreiro, 1998) e na saúde mental, como o *stress* (Benach, et al. 2002). Desta forma, torna-se evidente a necessidade de alcançar uma segurança profissional, de maneira, a harmonizar a vida profissional com os outros âmbitos da vida. Assim, verificámos que a aquisição de segurança profissional era a ambição de qualquer trabalhador.

De forma a analisar as alterações sentidas ao nível da conciliação da vida profissional com a vida familiar, enquanto trabalhador temporário, pretendeu-se perceber as alterações comportamentais ao nível de várias nuances da vida extratrabalho. Todavia, foi possível constatar que as mudanças ocorridas após o início da atividade centram-se, principalmente, na realização de horários não estandardizados (Rotenberg, 2004), afetando a concretização das várias tarefas, alterando o horário semanal, para executar determinada tarefa, como acontece ao nível da confeção das refeições, tarefas de limpeza, tarefas de manutenção/reparação prestação de cuidados e realização de atividades extratrabalho. Da mesma maneira, que o mesmo, provoca um maior desgaste físico, implicando uma menor disponibilidade física e mental (Seligmann-Silva, 1994; Mott, et al. 1965, citados em Rotenberg, 2004), afetando a qualidade de convivência com os membros da família.

Constatamos, neste estudo, que mulheres evidenciam uma maior participação na realização de trabalho doméstico como cozinhar, lavar, limpar e tratar da roupa (Ferreira, 2006), do que os homens. Estes factos são corroborados por investigações que indicam que as mulheres continuam a despender a maior parte do seu tempo com as obrigações domésticas (Gracia, González & Peiró, 2002; Santos, 1997, citado em Ferreira, 2006). Resultados de uma investigação dirigida por Torres, et al. (2004b), mostram que, não é pelo facto de as mulheres exercerem uma profissão que deixam de realizar a quase totalidade das tarefas domésticas, enquanto os homens apenas colaboram numa pequena parte. Com os resultados que observamos, verificamos que as atividades relativas a assuntos administrativos e financeiros, manutenção do carro, reparação de eletrodomésticos, jardinagem e *bricolage* pertencem aos homens. Todavia, a contribuição dos homens, na realização de tarefas domésticas, evidenciou-se, mostrando uma clara mudança de comportamento e das atitudes sociais por parte dos

mesmos. Confirmamos assim, a lenta inserção dos homens no domínio doméstico e apoio à família (Ferreira, 2006; Perista, 2002).

Conclusão

A realização de uma pesquisa centrada nas pessoas e nas suas perspetivas constitui o empreendimento de um percurso sempre mais complexo do que à partida supomos. Foi possível confirmar a complexidade de cada pessoa, e a dificuldade, por vezes, em compreender o modo singular como cada sujeito pensa ou sente sobre determinada questão.

Indiscutivelmente, nas últimas décadas, emergiu uma série de modalidades de emprego que distancia do modelo de emprego inserido na relação salarial do pós-guerra. Ou seja, com um contrato de trabalho de duração indeterminada, horário de trabalho completo e regulado por contratação coletiva, um determinado local de trabalho, a possibilidade de progressão numa carreira profissional e ainda uma conceção hierárquica e coletiva das relações de trabalho (Célestin, 2002; Kóvacs, 2005, 2006). Face a estas mudanças no mundo laboral e com a própria evolução económica, o trabalho temporário, surge como uma forma de trabalho flexível e necessária para que as organizações se mantenham competitivas no mercado de trabalho (Lencastre, 2006). Estas novas formas de trabalho aparecem rotuladas como sendo um trabalho precário (Célestin, 2000; Lencastre, 2006), instável, com poucas perspetivas de evolução profissional e que provoca sentimentos de inutilidade (Kóvacs, 2004). Os impactos psicossociais do trabalho temporário, ainda são pouco investigados, e por conseguinte, salientamos a escassez de estudos encontrados sobre o tema, o que proporcionou uma dificuldade no suporte teórica para a investigação, bem como para a comparação de resultados. Existem poucos estudos sobre o impacto do trabalho temporário, e os que existem apontam, nomeadamente para os impactos negativos na saúde (Benach, et al. 2002) atitudes, bem-estar e comportamento dos trabalhadores (De Cuyper, et al. 2008).

Nesta perspectiva, o objetivo que nos propusemos a estudar refere-se ao impacto do trabalho temporário na conciliação da dinâmica do trabalho com a vida extratrabalho (pessoal, familiar e atividades de tempos livres), por parte dos sujeitos envolvidos nesta modalidade de trabalho. Para responder a esta questão e cumprir os objetivos a que nos propusemos, optámos pelo recurso a uma metodologia qualitativa, tendo em conta que era a nossa pretensão conhecer a perceção dos sujeitos sobre a temática em estudo. Inicialmente elaborámos o desenho do estudo onde definimos os critérios de inclusão para a seleção dos participantes e, pelo surgimento de entraves na recolha de dados, por parte da agência de trabalho temporário, ao qual estava previsto um apoio na parte prática do estudo, fomos forçados a construir uma amostra de conveniência e aleatória, para conseguir meter em prática a investigação em curso. É necessário salientar a dificuldade acrescida na angariação de participantes que reunissem os critérios de seleção e, paralelamente, estivessem motivados e disponíveis em participar. Assim como, o agendamento das entrevistas, era muitas vezes adiado pela indisponibilidade dos sujeitos, visto que a maior parte dos participantes, pratica horários não estandardizados, dificultando a conciliação de horários entre o entrevistado e o entrevistador. Outro facto a realçar, centra-se no facto de alguns sujeitos que se encontravam em base de dados para entrevista, quando contactados, já não se encontravam a exercer funções, e estavam em situação de desemprego. Logo, era excluída a sua participação. Todavia, a impossibilidade de utilização de trabalhadores através de uma agência de trabalho temporário, constituiu uma enorme dificuldade em chegar até aos trabalhadores, e conseguir uma resposta positiva para a participação voluntária no estudo.

A entrevista semiestruturada, permitiu alguma liberdade aos sujeitos para se expressarem sobre os temas abordados, mas também, algum controlo da nossa parte na

condução do processo, facultou a recolha de dados acerca da perceção dos sujeitos relativamente a seis temas centrais de análise: perceção do significado de trabalho, motivo de trabalhador temporário, aspetos positivos do trabalho temporário, aspetos negativos do trabalho temporário, mudança de regime de trabalho e alterações na conciliação trabalho-família e divisão de tarefas familiares. A técnica de entrevista permite ao pesquisador fazer uma espécie de "mergulho" em profundidade, recolhendo indícios dos modos como cada um dos sujeitos percebe e representa a realidade, levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior de um determinado grupo (Duarte, 2004). De facto, a entrevista é enriquecedora, exigindo ao mesmo tempo, um leque de competências por parte do investigador. Propiciar situações de contacto, ao mesmo tempo formais e informais, de forma a suscitar um discurso mais ou menos livre, mas que atenda aos objetivos da pesquisa e que sejam significativos e relevantes, é uma tarefa complexa e difícil (Duarte, 2004).

Os resultados obtidas do presente estudo, espelham uma realidade de trabalho, com uma crescente expressão na sociedade atual, deixando um alerta para um futuro acompanhamento deste tipo de trabalhadores, por parte de profissionais, Psicólogos Organizacionais e Gestores de Pessoas, para diminuir, em certa medida, as consequências que esta modalidade acarreta para a vida pessoal e familiar dos sujeitos. É necessário mostrar uma perspetiva positiva, à luz de um futuro em mudança, que promove a aprendizagem individual e concebem aos trabalhadores uma grande capacidade de adaptação, acumulando experiência profissional diversificada. Desta forma, importa ressaltar que a vivência das transições poderá constituir num desafio potencialmente promotor do desenvolvimento humano podendo provocar uma mudança nas afirmações de si próprio e sobre o mundo, no comportamento do indivíduo e na sua

rede relacional. Isto poderá conduzir a uma readaptação das pessoas a novas formas de vida e a que nos submetamos à ausência de vínculos, para ingressar em constantes desafios, saltando de trabalho em trabalho (Azevedo, 1999, citado em Cruz, 2009).

Face aos resultados obtidos, um dado deste estudo que poderá fomentar pistas para próximos estudos, é o facto de os resultados terem espelhado a influência direta da realização de horários não estandardizados na vida familiar e pessoal do indivíduo. A alteração constante dos horários, implica uma mudança comportamental, a vários níveis por parte do indivíduo, quer na execução de tarefas de casa como de lazer/sociais. Da mesma forma, que cria desencontros sucessivos com membros da família ou companheiro, levando a uma menor envolvência e interação entre os mesmos. Esta questão dos horários não estandardizados, parece indicar que os participantes estavam demasiado centrados neste facto, interferindo na forma como interpretavam a questão das alterações sentidas após o início da atividade. Evidencia que a redação das questões deverá ser feita de outra forma, mais clara e objetiva. Nesta linha, parece interessante uma investigação centrada na relação dos casais que experienciam trabalho por turnos, de maneira a analisar a sua interação, dinâmica familiar e social, assim como, a gestão do tempo para os dois. Todavia, outra pista, que podemos lançar para futuras pesquisas, incide numa amostra constituída apenas por casais, com filhos pequenos, em situação de trabalho temporário. Eventualmente, possam ter, uma perceção diferente, e transmitir informações mais pertinentes sobre o impacto do trabalho temporário nos domínios familiar e pessoal, comparativamente com indivíduos que sejam solteiros, sem filhos e vivam em casa dos pais.

As limitações deste estudo prendem-se com o facto do número de participantes não constituir uma amostra representativa do universo em estudo, e serem necessárias algumas alterações no guião de entrevista, para diminuir enviesamentos das respostas,

pela má interpretação das questões. Podemos replicar este estudo com base na investigação realizada, mas explorando mais o sujeito, aprofundar as questões, e posteriormente face aos resultados obtidos administrar um questionário a um número massivo de participantes, podendo tirar conclusões sobre esta modalidade de trabalho. Contudo, poderia ser interessante, um estudo longitudinal, com os mesmos participantes, verificando a perceção dos mesmos, ao longo de diferentes momentos no tempo.

Referências Bibliográficas

- Amuedo-Dorantes, C., Malo, M.A., & Muñoz-Bullón, F. (2008). The role of temporary help agency employment on temp-t-perm transitions. *Journal of Labor Research*, 29(2), 138-161.
- Antoni, M., & Jahn, E.J. (2009). Do changes in regulation affect employment durations in temporary help agencies? *Industrial & Labor Relations Review*, 2(62), 226-251.
- Antunes, R. (2007). *Dimensões da precarização estrutural do trabalho*. Disponível em <http://www.itcp.usp.br/drupal/files/itcp.usp.br/ANTUNES%20LIVRO%20GRA%20C3%87A%202007.pdf> (consultado a 21.11.2011).
- Bardin, L. (1988). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barnett, R. (1998). Toward a review and reconceptualization of the work/family literature. *Genetic, Social & General Psychology Monographs*, 124 (2), 125-153.
- Benach, J., Amable, M., Muntaner, C., & Benavides, F. G. (2002). The consequences of flexible work for health: Are we looking at the right place? *Journal of Epidemiology and Community Health*, 56, 405-406.
- Böheim, R., & Cardoso, A. R. (2007). *Temporary help services employment in Portugal, 1995-2000*. Paper presented to the National Bureau of Economic Research Conference on Labor Market Intermediation. Cambridge: MA.
- Booth, A. L., Francesconi, M., & Frank, J. (2002). Temporary jobs: Stepping stones or dead ends. *The Economic Journal*, 112(480), 189-213.
- Borges, L.O., & Tamayo, A. (2001). A estrutura cognitiva do significado do trabalho. *RPOT*, 2(1), 11-44.
- Célestin, J. (2000). *As novas formas de emprego atípicas: Reflexões sobre o caso francês*. Lisboa: DGEFP.

- Célestin, J. (2002). *A qualidade do emprego*. Lisboa: DGEFP
- Chou, Y.-C., Chang, P.-L., & Yen, H.-Y. (2011). Temporary worker performance and its antecedent factors from the viewpoint of relationship marketing. *Social Behavior and Personality*, 39(2), 161-172.
- CIETT (2011). *The agency work industry around the world*. Disponível em http://www.ciett.org/fileadmin/templates/eurociett/docs/stats/CiETT_Economic_Report_2011.pdf (consultado a 1.12.2011).
- Clot, Y. (2006). *A função psicológica do trabalho*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Cruz, M. G. P. (2009). *O impacto do desemprego nos níveis da depressão, auto-estima e desânimo-aprendido – estudo comparativo numa amostra de empregados e desempregados* (dissertação de mestrado). Universidade Fernando Pessoa, Porto.
- Davis-Blake, A., & Uzzi, B. (1993). Determinants of employment externalization: A study of temporary workers and independent contractors. *Administrative Science Quarterly*, 38, 195-223.
- De Cuyper, N., De Jong, J., De Witte, H., Isaksson, K., Rigotti, T., & Schalk, R. (2008). Literature review of theory and research on the psychological impact of temporary employment: Towards a conceptual model. *International Journal of Management Reviews*, 10 (1), 25-51.
- Duarte, A.R.G. (2009). *Satisfação no trabalho temporário: Implicações das motivações para aceitar o contrato de trabalho* (dissertação de mestrado). ISCTE-IUL, Lisboa.
- Duarte, R. (2004). Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar*, 24, 213-225.
- D'Addio, A.C., & Rosholm, M. (2004). *Exits from temporary jobs in Europe: A competing risks analysis*. Disponível em http://rlab.lse.ac.uk/lower/final_papers/daddio02.pdf (consultado a 21.11.2011).

- Edwards, J., & Rothbard, N. (2000). Mechanisms linking work and family: Clarifying the relationships between work and family constructs. *Academy of Management Review*, 25 (1), 178-199.
- Ferreira, M. M. F. (2006). *Organizações, trabalho e carreira*. Loures: Lusociência – Edições Técnicas e Científicas, Lda.
- Freire, J. (2009). *Trabalho e relações laborais*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Giampino, S. (2004). *As mães que trabalham são culpadas?*. Porto: Flor de Lótus.
- Gonçalves, C.M., & Coimbra, J. L. (2002). *Significados construídos em torno da experiência profissional/trabalho*. Disponível em <http://www.psicologia.pt/artigos/imprimir.php?codigo=A0119> (consultado a 12.09.2011).
- Gracia, F., González, P., & Peiró, J.M. (2002). El trabajo en relación com otros âmbitos de la vida. In J. M. P. Silla, & F. P. Alonso (1ªEd.), *Tratado de psicologia del trabajo. Volumen II: Aspectos psicosociales del trabajo* (pp 187-223). Madrid: Editorial Síntesis, S.A.
- Grint, K. (1998). *Sociologia do trabalho*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Grzywacz, J., Arcury, T., Marín, A., Carrillo, L., Burke, B., Coates, M., & Quandt, S. (2007). Work-family conflict: Experiences and health implications among immigrant latinos. *Journal of Applied Psychology*, 4(92), 1119-1130.
- Grzywacz, J., & Marks, N. (2000a). Reconceptualizing the work-family interface: an ecological perspective on the correlates of positive and negative *spillover* between work and family. *Journal of Occupational Health Psychology*, 5 (1), 111-126.
- Grzywacz, J., & Marks, N. (2000b). Family, work, work-family *spillover* and problem drinking during midlife. *Journal of Marriage and the Family*, 62, 336-348.

- Hill, J. (2005). Work-Family facilitation and conflict, working fathers and mothers, work-family stressors and support. *Journal of Family Issues*, 26 (6), 793-819.
- INE (2011). *Estatística do emprego 2011*. Lisboa: INE
- Kalleberg, A.L. (2000). Nonstandard employment relations: Part-time, temporary and contract work. *Annual Review of Sociology*, 26, 341-365.
- Kovács, I. (2004). Emprego flexível em Portugal. *Sociologias*, 12, 32-67.
- Kovács, I. (2005). *Flexibilidade de emprego – Riscos e oportunidades*. Lisboa: Celta Editora, Lda.
- Kovács, I. (2006). Novas formas de organização do trabalho e autonomia no trabalho. *Sociologias, problemas e práticas*, 52, 41-65.
- Lencastre, J. G. (2006). *Estudo sobre as modalidades distribuídas e flexíveis de trabalho no contexto empresarial português – O teletrabalho* (Relatório técnico do estudo). Lisboa: DeltaConsultores, Tecnologia e Recursos Integrados Lda.
- Lopes, M., & Perista, H. (1992). *Trajectórias familiares e modos de inserção laboral das mulheres: duas dimensões de uma mesma realidade*. Lisboa: CITE – Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.
- Méda, D. (1999). *O trabalho em vias de extinção*. Lisboa: Fim de Século Edições, Lda.
- Ministerio de Trabajo y Assuntos Sociales (2001). *Guia buenas prácticas: Para conciliar la vida familiar y profesional*. Madrid: Instituto de la Mujer.
- Muchinsky, P. M. (2004). *Psicologia organizacional*. São Paulo: Thomson.
- Near, J., Rice, R. & Hunt, R. (1980). The relationship between work and nonwork domains: a review of empirical research. *Academy of Management Review*, 5 (3), 415-429.
- Nollen, S. D. (1996). Negative aspects of temporary employment. *Journal of Labor Research*, 17(4), 567-582.

- Oliveira, E. (2011). Empenhamento organizacional nos trabalhadores temporários. *Revista da Associação Portuguesa de Psicologia*, 2(XXV), 61-86.
- Parker, S.K., Griffin, M.A., Sprigg, C.A., & Wall, T.D. (2002). Effect of temporary contracts on perceived work characteristics and job strain: A longitudinal study. *Personnel Psychology*, 5, 689-719.
- Paschoal, T., Tamayo, A. (2005). Impacto dos valores e da interferência família – Trabalho no estresse ocupacional. *Psicologia: Teoria e Pesquisas*, 2(21), 173-180.
- Peiró, J.M., Prieto, F., & Roe, R. A. (2002). El trabajo como fenómeno psicosocial. In J. M. P. Silla, & F. P. Alonso (1ªEd.), *Tratado de psicología del trabajo. Volumen II: Aspectos psicosociales del trabajo* (pp 15-33). Madrid: Editorial Síntesis, S.A.
- Perista, H. (2002). Género e trabalho não pago: Os tempos das mulheres e os tempos dos homens. *Análise Social*, 163, 447-474
- Pinto, A. (2003). As diferenças de género na percepção do conflito trabalho-família. *Comportamento Organizacional e Gestão*, 2(9), 195-212
- Polivka, A. E., & Nardone, T. (1989). On the definition of “contingent work”. *Monthly Labor Review*, 112(12), 9-16.
- Prieto, C. (2004). Sentido y valor del tiempo de trabajo profesional, género y representaciones de la “vida personal”. *Trabajo* 13, 37-58.
- Ramos, J., Peiró, J.M., & Ripoll, P. (2002). Condiciones de trabajo y clima laboral. In J.M.P. Silla, & F.P. Alonso (1ªEd.), *Tratado de psicología del trabajo. Volumen I: Actividad laboral en su contexto* (37-91). Madrid: Editorial Síntesis, S.A.
- Rego, A., & Souto, S. (2004). Comprometimento organizacional em organizações autênticas: Um estudo luso-brasileiro. *RAE*, 3(44), 30-43.
- Rocha, C., & Ferreira, M. (2006). *As mulheres e a cidadania: As mulheres e o trabalho na esfera pública e na esfera doméstica*. Lisboa: Livros Horizonte.

- Rotenberg, L. (2004). Aspectos sociais da tolerância ao trabalho em turnos e noturno, com ênfase nas questões relacionadas ao género. In Fischer, F. M., Moreno, C. R. C., & Rotenberg, L (Ed.), *Trabalho em turnos e noturno*. São Paulo: Editora Atheneu.
- Salanova, M., Gracia, F. J., & Peiró, J. M. (2002). Significado del trabajo y valores laborales. In J. M. P. Silla, & F. P. Alonso (1ªEd.), *Tratado de psicología del trabajo. Volumen II: Aspectos psicosociales del trabajo* (pp 35-63). Madrid: Editorial Síntesis, S.A.
- Silva, M. M. C. (2007). *Vida profissional e familiar: padrões de conflito e facilitação na gestão de múltiplos papéis* (dissertação de mestrado). Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação da Universidade do Porto, Porto.
- Silva, R. B. (1998). Para uma análise da satisfação com o trabalho. *Sociologia – Problemas e Práticas*, 26, 149-178.
- Smithson, J., Lewis, S., & Guerreiro, M. (1998). Percepções dos jovens sobre a insegurança no emprego e suas implicações no trabalho e na vida. *Sociologia – Problemas e Práticas*, 27, 97-113.
- Tavares, S., Caetano, A., & Silva, S. (s/d). *A identificação organizacional, os comportamentos de dedicação ao trabalho e o conflito trabalho-família*. Disponível em <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/psi/v21n1/v21n1a07.pdf>.
- Torres, A., Brites, R., Mendes, R., & Lapa, T. (2004a). *Famílias no contexto europeu: Alguns dados recentes do european social survey*. Comunicação apresentada no Vº congresso português de sociologia.
- Torres, A. C., Silva, F. V., Monteiro, T., & Cabrita, M. (2004b). *Homens e mulheres entre família e trabalho*. Lisboa: DEEP.

Voydanoff, P. (2002). Linkages between the work family interface and work, family and individual outcomes: an integrative model. *Journal of Family Issues*, 23, (1), 138-164.

Woleck, A. (2002). *O trabalho, a ocupação e o emprego – Uma perspectiva histórica*. Disponível em <http://www.icpg.com.br/artigos/rev01-05.pdf> (consultado a 23.06.2011).

Anexos

Anexo A. Guião de Entrevista



GUIÃO DE ENTREVISTA

Investigação no âmbito da dissertação de Mestrado em Psicologia do Trabalho e das Organizações

No âmbito da minha dissertação de mestrado, gostaria de lhe colocar algumas questões de forma a **perceber de que forma articula as exigências do seu trabalho, enquanto trabalhador temporário, com as exigências da sua vida familiar/privada**. Peço-lhe que seja o mais sincero(a) possível, pois a sua opinião é de extrema importância para o desenvolvimento da pesquisa. Não existe respostas certas ou erradas. Desde já, fica garantida a **confidencialidade** e o **anonimato** das respostas, ou seja, as suas respostas tem somente fins académicos e serão apenas do conhecimento do investigador.

Importa-se que grave?

1. Fale-me do seu percurso profissional: Que atividades realizou até ao momento? Em que organizações?

Durante quanto tempo?

2. Imagine que ganhava uma grande quantidade de dinheiro, por exemplo, através do euromilhões ou da lotaria, continuaria a trabalhar? Porquê?

3. Porque motivo se encontra a trabalhar, atualmente, como trabalhador temporário?

4. Face à experiência que tem como trabalhador temporário, indique-me, com o máximo detalhe, os aspetos positivos que identifica:

4.1 Ao nível do trabalho (considera que lhe dá satisfação, prazer, aumenta e diversifica as competências profissionais, adquire uma maior capacidade de adaptação, mantém e aperfeiçoa o seu profissionalismo, por ex.). **Dê-me exemplos.**

4.2 Ao nível da vida privada/familiar (considera que existe melhor conciliação entre as exigências profissionais com a vida familiar/privada, por ex.: confeção de refeições, tarefas de limpeza, tarefas de manutenção/reparação, cuidados com os filhos, vida afetiva/relação com o companheiro). **Dê-me exemplos.**

4.3 Ao nível de atividades de lazer, sociais, etc. (considera que existe melhor conciliação entre as exigências profissionais com atividades extratrabalho, por ex.). **Dê-me exemplos.**

5. Indique-me, também, com o máximo detalhe, os aspetos negativos que identifica:

5.1 Ao nível do trabalho (considera que existem salários baixos, precaridade no trabalho, poucas regalias, incerteza/insegurança/ameaça constante do desemprego, pouco investimento na formação, falta de perspetivas e evolução profissional, forte probabilidade de prolongamento de horários, por ex.). **Dê-me exemplos.**

5.2 Ao nível da vida privada/familiar? (considera que tem efeitos negativos sobre a sua saúde mental como *stress* profissional, adiamento das principais fases do trajeto de vida como o casamento e nascimento de filhos, menos tempo para a família e amigos pela realização de horários não standardizados ou extensos provocando desgaste físico e emocional, ou menos tempo para tarefas de limpeza, confeção refeições, tarefas de manutenção/reparação, cuidados com os filhos, relação com o companheiro, por ex.). **Dê-me exemplos.**

5.3 Ao nível de atividades de lazer, sociais, etc. (considera que não consegue conciliar o trabalho com as atividades extratrabalho pelos horários que realiza devido ao cansaço/stress/ ansiedade, não sente prazer em realizar, por ex.). **Dê-me exemplos.**

6. Se, eventualmente, surgisse a oportunidade de mudar a sua atividade profissional, de trabalhador temporário, para outra, mudaria? Porquê?

7. O que se alterou após o início da sua atividade como trabalhador temporário:

7.1 Ao nível da confeção das refeições? De que forma é realizada a divisão com o seu companheiro(a) ou família? (Fale-me como era antes e agora).

7.2 Ao nível das tarefas de limpeza? (limpar, lavar louça, lavar roupa, passar a ferro, compras diárias, etc.). De que forma é realizada a divisão com o seu companheiro(a) ou família? (Fale-me como era antes e agora).

7.3 Ao nível das tarefas de manutenção/reparação? (executar reparações de eletrodomésticos; trocar lâmpadas; etc.). De que forma é realizada a divisão com o seu companheiro(a) ou família? (Fale-me como era antes e agora).

7.4 Ao nível do cuidado prestados aos filhos (como mudar fraldas, dar banho, preparar e dar de comer, brincar, dar apoio nos trabalhos de casa; etc.)/ ou pessoa(s) que preste assistência? De que forma é realizada a divisão com o seu companheiro(a) ou família? (Fale-me como era antes e agora).

7.5 Ao nível de atividades de lazer, sociais, etc.? (Fale-me como era antes e agora).

7.6 Ao nível da sua vida afetiva/ relação com o seu companheiro(a)? (considera que o seu companheiro dá valor às tarefas que faz em casa; questões como a distribuição do trabalho em casa, profissão/trabalho, etc. são motivos de conflito; está satisfeita com a sua vida amorosa/sexual, por ex.) (Fale-me como era antes e agora).

Terminamos a entrevista.

Gostaria de fazer mais algum comentário em relação aos temas que abordamos nesta entrevista?

Muito obrigada pela sua colaboração!

**Anexo B. Questionário de Recolha de Dados
Sociodemográficos**

QUESTIONÁRIO DE RECOLHA DE DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

1. Sexo: Masculino Feminino

2. Qual a sua idade? anos

3. Qual a sua nacionalidade?

4. Habilitações literárias:

1º Ciclo (até à 4º ano)	<input type="checkbox"/>
2º Ciclo (do 5º ano ao 6º ano)	<input type="checkbox"/>
3º Ciclo (do 7º ano ao 9º ano)	<input type="checkbox"/>
Ensino Secundário (do 10º ano ao 12º ano)	<input type="checkbox"/>
Bacharelato	<input type="checkbox"/>
Licenciatura	<input type="checkbox"/>
Mestrado	<input type="checkbox"/>
Pós-graduação	<input type="checkbox"/>
Outro. Qual? _____	

5. Estado civil:

Solteiro(a)	<input type="checkbox"/>
Casado(a)	<input type="checkbox"/>
Divorciado(a)	<input type="checkbox"/>
Viúvo(a)	<input type="checkbox"/>
Vive em união de facto	<input type="checkbox"/>

6. Tem filhos? Não Sim

7. Se respondeu sim, indique o número de filhos: _____

7.1 Qual(ais) a(s) sua(s) idade(s)? 1ª criança _____ 2ª criança _____
3ª criança _____ 4ª criança _____
5ª criança _____

8. Quantas pessoas vivem em sua casa? _____ pessoas

9. A quantos familiares incapacitados presta assistência? _____

10. Qual é a sua atual atividade profissional? Descreva as principais tarefas que realiza.

11. Há quanto tempo trabalha em regime de trabalho temporário?

< 6 meses	<input type="checkbox"/>
6 a 9 meses	<input type="checkbox"/>
9 a 12 meses	<input type="checkbox"/>
12 a 15 meses	<input type="checkbox"/>
15 a 18 meses	<input type="checkbox"/>
18 a 21 meses	<input type="checkbox"/>
21 a 24 meses	<input type="checkbox"/>
Mais de 24 meses	<input type="checkbox"/>

12. Em que ano entrou para este regime? _____**13. Sempre trabalhou neste regime de trabalho?** Não Sim **14. Se respondeu não, indique que outro regime de trabalho teve:** _____**15. Em qual das seguintes áreas, trabalhou mais tempo como trabalhador temporário:**

Administração/Secretariado	<input type="checkbox"/>
Comercial	<input type="checkbox"/>
Construção civil	<input type="checkbox"/>
Higiene e Segurança/Qualidade	<input type="checkbox"/>
Lojas/Centros Comerciais	<input type="checkbox"/>
Marketing/Publicidade	<input type="checkbox"/>
Produção/Manutenção	<input type="checkbox"/>
Restauração/Hotelaria	<input type="checkbox"/>
Técnicos Especializados	<input type="checkbox"/>
Tecnologias de Informação	<input type="checkbox"/>
Telemarketing/Call Centers	<input type="checkbox"/>
Transportes/Logística	<input type="checkbox"/>
Outra. Qual? _____	

16. Realiza trabalho em:Horário fixo Turnos rotativos Turno diurno Turno noturno Turnos mistos
(turno diurno e noturno)

Outro. Qual? _____

17. Qual é o montante líquido do seu rendimento mensal individual?

Menos de 500€	<input type="checkbox"/>
500 até 750€	<input type="checkbox"/>
750€ até 1.000€	<input type="checkbox"/>
1.000€ até 1.250€	<input type="checkbox"/>
1.250€ até 1.500€	<input type="checkbox"/>
Mais de 1.500€	<input type="checkbox"/>

Anexo C. Pedido de autorização de recolha de dados



Andreia Pereira <andreiamarisappereira@gmail.com>

Dissertação de Mestrado

Andreia Pereira <andreiamarisappereira@gmail.com>

23 de Março de 2012 10:37

Para sandra.almeida@adecco.com

Bom dia Sandra,

Está tudo bem sim, e já na reta final para conclusão do curso! E devo muito à equipa de São João da Madeira, por todas as aprendizagens transmitidas!

De forma a recolher os dados pertinentes para a minha dissertação de mestrado, pretendia, numa primeira fase, fazer algumas entrevistas (cerca de 12, com duração máx. 30/45 min) a trabalhadores temporários, que estejam neste regime à pelo menos 6 meses e ativos profissionalmente.

De forma, a dar um pequeno contributo à agência e, em modo de agradecimento por toda a disponibilidade, a última questão da entrevista foi redigida em *prol* da agência, no sentido, de perceber a opinião dos trabalhadores sobre a mesma.

Como o tema da dissertação versa sobre o 'impacto do trabalho temporário sobre a vida privada/familiar', torna-se bastante pertinente a recolha de dados na agência de São João da Madeira.

Agradeço, desde já, toda a atenção despendida, e encontro-me completamente disponível para me deslocar à agência a qualquer hora ou dia.

Obrigada, por tudo, mais uma vez!

Um beijinho,
Andreia Pereira

Anexo D. Pedido aos trabalhadores temporários

Caro/a colaborador/a

Na sequência do e-mail enviado, gostaríamos de lhe solicitar que nos respondesse a este e-mail até amanhã, independentemente da resposta ser positiva ou negativa.

Agradecemos, desde já, toda a atenção dispensada.

Cumprimentos.

Consultora On-Site

Adecco Portugal - Agência de São João da Madeira

Av. Dr. Renato Araújo, 159

3700 - 243 São João da Madeira

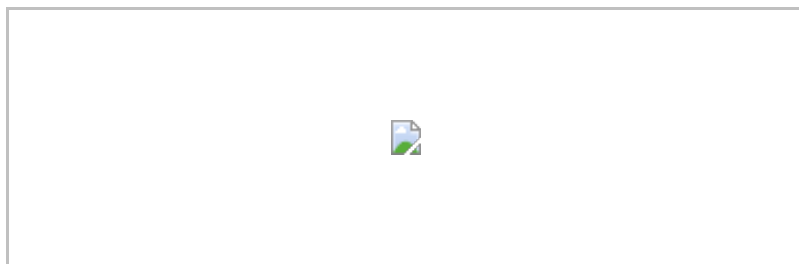
Telefone +351 256 833 971

Telemóvel +351 968 077 677

Fax +351 256 835 126

adelia.bastos@adecco.com

www.adecco.pt



This email and any files transmitted with it are confidential and intended solely for the use of the individual or entity to whom they are addressed. It may contain legally privileged information, and may not be disclosed to anyone else. If you have received this email in error please notify adelia.bastos@adecco.com and delete all copies from your system. Any opinion expressed in this email may be personal to the author, may not necessarily reflect the opinions of the Company or its affiliates.

De: Adelia Bastos - Adecco Portugal

Enviada: sexta-feira, 13 de abril de 2012 18:58

Assunto: Investigação Ex-Estagiária ADECCO S.J. Madeira

Caro/a Colaborador/a

A pedido de uma ex-estagiária da Adecco de S.J. Madeira (Andreia Pereira) vimos, por este meio, convidá-lo/a a fazer parte de uma investigação intitulada “Trabalho Temporário e Vida Familiar/Privada: O papel do género na articulação das duas esferas”, que surge no âmbito da sua dissertação de mestrado em Psicologia do Trabalho e das Organizações.

O objectivo geral desta investigação centra-se na tentativa de estudar e analisar de que forma indivíduos em regime de trabalho temporário articulam as exigências do seu trabalho com as exigências da vida privada/familiar, partindo do pressuposto que é uma forma de trabalho cada vez mais utilizada à escala mundial.

O método de recolha de dados será a

Portanto, a estagiária gostaria de saber se está disponível para fazer parte desta investigação, sendo necessário, para isso, ser entrevistado/a nas nossas instalações num dia e hora a combinar.

Queremos reforçar que esta entrevista não poderá afectar, de todo, o cumprimento do horário de trabalho que habitualmente exerce no nosso cliente (terá de ser obrigatoriamente fora do horário normal de trabalho).

Assim, e caso esteja interessado em colaborar nesta investigação, solicitamos-lhe que nos indique qual o dia e a hora que mais lhe convém para se deslocar cá.

<=b>

Ficamos a aguardar que nos responda a este e-mail até ao próximo 2ª feira (16/04/2012)

Agradecemos, desde já, a atenção dispensada.<=o:p>

Cumprimentos.

Consultora On-Site

=nbsp;

Adecco Portugal - Agência de São João da Madeira

Av. Dr. Renato Araújo, 159

3700 - 243 São João da Madeira

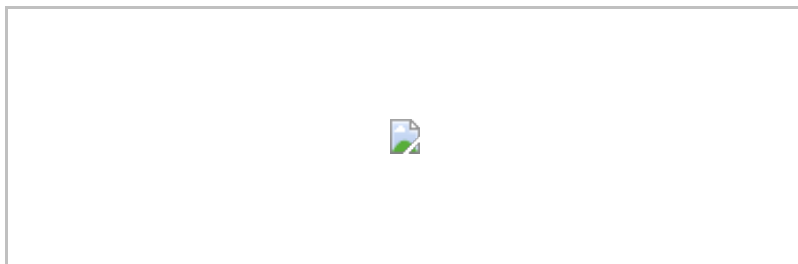
Telefone +351 256 833 971

Telemóvel +351 968 077 677

Fax +351 256 835 126

adelia.bastos@adecco.com

www.adecco.pt<=>



=/b>

This e-mail and any files transmitted with it are confidential and intended solely for the use of the individual or entity to whom they are addressed. It may contain legally privileged information, and may not be disclosed to anyone else. If you have received this email in error please notify adelia.bastos@adecco.com and delete all copies from your system. Any opinion expressed in this email may be personal to the author, and may not necessarily reflect the opinions of the Company or its affiliates.

<=:p>

Anexo E. Resposta dos trabalhadores



Andreia Pereira <andreiamarisappereira@gmail.com>

RE: Estágio

Adelia Bastos - Adecco Portugal <Adelia.Bastos@adecco.com>

18 de Abril de 2012 11:59

Para Andreia Pereira <andreiamarisappereira@gmail.com>

Cc: Liliana Alves - Adecco Portugal <Liliana.Alves@adecco.com>, Silvia Coelho - Adecco Portugal <Silvia.Coelho@adecco.com>

Olá Andreia,

Infelizmente não tenho boas notícias.

Enviamos e-mail na semana passada para 12 pessoas que tinham e-mail e que residiam relativamente próximo daqui. Pedimos que nos respondessem ao e-mail até 2ª feira.

Como só tivemos uma resposta, voltamos a enviar e-mail a pedir para nos responder até hoje, sendo a resposta positiva ou negativa. Entretanto, respondeu-nos só mais uma pessoa.

Conclusão: temos duas pessoas a dizer que não podem vir cá e as restantes ainda não nos responderam... (envio-te o e-mail em anexo)

Não sei como te posso ajudar, talvez seja melhor pensares em alguma alternativa...

Bjs

Adélia Bastos**Consultora On-Site****Adecco Portugal - Agência de São João da Madeira****Av. Dr. Renato Araújo, 159****3700 - 243 São João da Madeira****Telefone +351 256 833 971****Telemóvel +351 968 077 677****Fax +351 256 835 126****adelia.bastos@adecco.com****www.adecco.pt**

Transcrições

ENTREVISTA 1

Descrição:

Sexo Masculino, 24 anos, 12ºano (ensino secundário), solteiro, sem filhos e mora com mãe e irmãos.

Fiel de armazém (movimentação de cargas pesadas através da condução de máquinas; organização do material/armazém), há 4 anos, entrando no ano de 2007. Sempre trabalhou neste regime.

Realiza turnos rotativos, com um montante líquido mensal entre os 500€ até 750€.

Transcrição:

E - Portanto, gostava que me falasse do seu percurso profissional, ou seja que atividades realizou até ao momento?

R - Então, saí do liceu não é? E fui para essa fábrica, entrei na Grohe em 2007, para a área da 'maquinagem' e estive lá um ano, e... entretanto fui para o armazém, desde então... trabalho aí.

E - Portanto, a organização que trabalhou foi sempre a mesma?

R - Sim sim, estive sempre na Grohe.

E - Ok, mas dentro da Grohe desempenhou várias funções?

R - Estive em dois departamentos, foi, pronto a 'maquinagem' como já te disse... E depois o armazém.

E - Ok, aaa... portanto no armazém, aa nível de atividades, portanto é, como tinha dito, a nível de condução de máquinas..

R - Movimentação de cargas e tudo o que gira à volta disso... Abastecimento às vezes da montagem, pronto tudo o que o armazém faz são tarefas que eu... já desempenhei as funções quase todas lá. Agora estou mesmo nas máquinas, pronto faço aquilo q eu já tinha dito.

E - Ok, aaa... portanto, durante quanto tempo, aaa.. isto tudo durante 4 anos?

R - 4 anos, vai fazer 5 agora em Outubro. No armazém estou à cerca de 3 anos.

E - Ok, portanto sempre foi a nível dee.. contratos temporários?

R - Temporários, sim sim.

E - Nunca teve outro tipo de regime de trabalho, sem ser em contratos temporários

R - Sim sempre temporários.

E - Pela empresa ou por alguma empresa de trabalho temporário?

R - Pela Synergie, o meu contrato é Synergie, é a empresa que está lá.

E - Ok, aaa... Imaginando que ganhava uma grande quantidade de dinheiro, por exemplo através do euromilhões ou da lotaria, continuaria a trabalhar?

R - Aaaa... Na fábrica, se calhar não [risos] Se calhar não! Mas aaa..não sei, se calhar depois abria um negócio meu, ou qualquer coisa assim.

E - Hum hum, portanto continuaria a trabalhar mesmo que ganhasse uma grande quantidade de dinheiro?

R - Trabalhar por conta própria sim, se calhar..Mas passado uns anos, porque primeiro ia aproveitar um bocado o dinheiro [risos].

E - Qual era os motivos principais para continuar a trabalhar? Mesmo com uma grande quantidade de dinheiro, quais eram os motivos?

R - É mesmo para estar entretido.. e paaa... Não sei para me sentir realizado, para fazer alguma coisa que eu goste... Criar o meu negócio em alguma coisa que goste, e pronto, ajudar .. dando emprego a outras pessoas, por exemplo.

E- Exatamente. Portanto além da parte remuneratória, o trabalho também lhe dá outras funções..

R-Claro, eu acho que sim... As pessoas trabalham porqueee.. alguns tem que trabalhar porque tem que ser, não é? Mas há quem goste de trabalhar, eee.. eu gosto de trabalhar!

E- Ok, gosta de trabalhar, sentir-se realizado, profissionalmente ativo...

R- Sim sim sim, é isso mesmo!

E- Ok. Porque motivo é que se encontra a trabalhar atualmente, como trabalhador temporário? O motivo por estar nesse tipo de trabalho

R- O motivo do trabalho... Portanto eu acabei o liceu, o 12º ano, e não fui para a universidade nem nada, e pronto era mesmo arranjar algum trabalhinho para ganhar algum dinheiro e...

E - Mas procurou exclusivamente trabalho temporário ou surgiu?

R - Não foi mesmo... Olha até foi a primeira empresa que eu fui, meti lá ficha e ligaram-me passado uns dias e pronto.. Entrei, como temporário.

E- Portanto não escolheu propositadamente esse regime?

R- Não não.. foi mesmo .. era a empresa que lá tinha como empregador, e tive que aceitar!

E- Teve que aproveitar mesmo sendo um trabalho temporário...

R- Claro claro, temos que aproveitar o que há hoje em dia.

E- Ok. [...] Face à experiência que tem como trabalhador temporário, gostaria que indicasse com algum detalhe, os aspetos positivos que identifica... Dentro dos

aspetos positivos, a nível do trabalho, quais são os aspetos positivos que encontra, por ser trabalhador temporário... aspetos positivos

R- Aspetos positivos...

E- Sim..

R- Aaaa...

E- Por exemplo considera que lhe dá satisfação, prazer, aumenta a diversidade das competências profissionais...

R- Sim, mas ee.. os temporários.. é assim, se fosse por exemplo um contrato efetivo, se calhar uma pessoa sentia-se mais segura, porque sempre tinha aquela certeza ao fim do mês, de ter trabalho. Agora positivo... sinceramente acho que não tem assim...

E- Por exemplo, o trabalho que realiza, dá-lhe prazer em realizá-lo?

R- Sim sim sim, isso sim, e eu gosto imenso daquilo que faço, gosto do meu trabalho, sinceramente gosto.

E- Ok, portanto, gosta, dá-lhe prazer, satisfaz profissionalmente, aaa... sente também que aperfeiçoa algumas das suas competências a nível profissional?

R- Sim, aaa... por exemplo, em quando entrei , não sabia sequer andar de empilhador por exemplo, e aprendi a movimentar e a utilizar as máquinas todas... Como também trabalhar com programas de computador, como por exemplo o SAP.. E portanto, aprendi isso tudo.

E- Portanto são aspetos positivos que encontra...

R- Sim aspetos positivos mas se fosse em contrato efetivo era igual, tava lá na mesma e aprendia.

E- Exatamente, exatamente. Mas focando-se na parte do trabalho que realiza, portanto.. satisfaz, dá-lhe prazer, também aumenta as capacidades profissionais..

R- sim, vou sempre aprendendo e aperfeiçoando.

E- Aa.. Mais algum aspeto positivo que encontra a nível do trabalho mesmo?

R- Temos a cumplicidade.. Vamos conhecendo novas pessoas também, os colegas de trabalho...

E- Exatamente, outras pessoas para além da família, não é? Outros contactos...

R- Sim, é outro grupo, por exemplo temos o grupo de amigos fora, e na empresa conhecemos outras pessoas e acabamos por fazer sempre amigos também, e é bom, vamos sempre conhecendo outras pessoas novas.

E- Claro, claro que sim. Agora aspetos positivos que encontra a nível da sua vida privada, da sua vida familiar.. Por ser trabalhador temporário, os aspetos positivos

que encontra? Por exemplo, acha que consegue conciliar melhor as exigências profissionais com a vida familiar, por exemplo.

R- Consigo sim, isso nunca foi nenhum problema... Quando tenho que ir trabalhar vou, e depois por exemplo agora, somos de turnos, e isso é bom, porque não estamos sempre naquele horário fixo... Por exemplo temos uma manhã livre dá para ir.. dá para ir, fazer seja lá o que for, tratar de outras coisas, ajudar quem precise da família, pronto e isso é assim. Se tivermos a trabalhar no turno da amanhã, temos a tarde livre, dá sempre para conciliar as duas coisas.

E- Ok, portanto os horários que realiza é um fator positivo no campo da conciliação com a vida privada/familiar, conseguindo articular as exigências profissionais com as familiares...

R - Sim sim, exatamente.

E- Por exemplo a nível de confecção de refeições, tarefas de limpeza, tarefas de manutenção/reparação, aaa... sente por exemplo, que são aspetos positivos

R - Mas no trabalho?

E- Sim face à experiência como tem em trabalho temporário, como trabalhador temporário, ache que são aspetos positivos a nível de conciliação com as tarefas de limpeza, confecção das refeições.. Não sei se executa este tipo de tarefas...

R- Em casa? Sim, cozinho também ee.. limpo a casa, faço sempre tudo o que poder para ajudar lá em casa.

E- Ok, e considerada que é positivo o trabalho que tem, no sentido de conciliar bem essas tarefas?

R- Sim, perfeitamente, é como eu lhe disse ainda à bocado se não dá para fazer por exemplo à tarde, faço de manhã... Arranja-se sempre um spacinho durante o dia para fazer

E- E isso é positivo para si? Ou gostava de ter um horário fixo?

R- Não não, eu gosto mais de turnos, especialmente gosto.

**E- Ok. A nível das suas atividades de lazer, atividades sociais, aspetos positivos que encontra? Face à experiência que tem como trabalhador temporário. Ou seja, considera que consegue conciliar melhor por ser trabalhador temporário...
Consegue conciliar melhor com atividades extra trabalho?**

R- Aaaa... Depende. Por exemplo, às vezes .. Imagine, combino com amigos ir algum lado, seja o que for, um concerto.. se tiver a trabalhar nesse dia, não posso ir por causa

do horário (turnos). Mas outras vezes posso sempre ir quando tenho o horário livre. Mas consigo conciliar sempre muito bem com os amigos.

E-Hum hum. Consegues portanto, conciliar muito bem com outras atividades... Tem alguma atividade que faça extra trabalho?

R- Ah! sim. Eu antes até jogava andebol, mas aí tive que parar por causa dos turnos [risos]. Não tinha disponibilidade.

E- Portanto, já acaba por não ser um aspeto positivo, visto que teve que terminar a atividade..porque não conseguia conciliar...

R- Não não, por causa dos turnos, era! Por exemplo, estava a trabalhar no turno da tarde, não tinha mesmo hipótese nenhuma de ir treinar e assim.. mas pronto, encontrase sempre alguma coisa para fazer... Não é ali... Vamos para o café, ou para outro lado [risos].

E- Exatamente. Mais algum aspeto positivo que queira mencionar...

R- hum.. Não, acho queeee.. Pelo menos para já não me ocorre mais nada [risos].

E- Ok, E a nível dos aspetos negativos, que identifica... A nível do trabalho?

R- No trabalho? as petos negativos?

E- Sim, aspetos negativos no trabalho... face à experiência que tem como trabalhador temporário...Já falámos nos positivos, agora gostava que se focasse nos aspetos negativos, a nível do trabalho. Por exemplo, considera que existe salários baixos, tem precaridade no trabalho, poucas regalias, aquela incerteza/insegurança/ameaça constante do desemprego...

R- Claro, isso é sempre... Quem é temporário tem sempre algum receio de, de repente, ficar sem trabalho, isso é o principal aspeto negativo. penso que é esse. Agora, de restooooo....

E- Relativamente ao salário, considera que é um salario baixo, por ser trabalhador temporário, tem poucas regalias...

R- Temos o salario, claro que não é nenhuma fortuna [risos]. Mas, aquela empresa, até às vezes dá assim uns prémios bons, e é sempre bom!

E- Ok, ok. Humm.. relativamente, por exemplo, à falta de perspetivas de evolução profissional, à probabilidade de fazer horários mais prolongados.. Considera que isso é negativo a nível do trabalho?

R- É, porque é assim, nós estamos na empresa, se calhar, queremos sempre pensar em subir, não é? E fazer outras tarefas mais importantes... Assim sendo temporário, se calhar estamos um bocado em desvantagem sobre isso.

E- hum hum, portanto os aspetos mais negativos que encontra a nível do trabalho é aquela insegurança, aquela incerteza, ameaça de desemprego, è aquela principal? A própria precaridade do trabalho em sim.

R- É é.

E- Ok, Mais algum aspeto que queira mencionar ao nível do trabalho?

R- Não não.

E- Ao nível da sua vida familiar/privada, os aspetos negativos que encontra por ser trabalhador temporário?

R- Aaaaa.. É assim, por exemplo uma pessoa temporária tem mais dificuldades em ter um crédito, alguém que queira comprar um carro, não sei, depende da situação da pessoa.. Casa..., quem queira isso tudo é sempre negativo por ter aquela incerteza no final do mês. Mas de resto não...

E-Pois pois, exato. Relativamente à sua saúde, como o stress considera que existe stress no próprio trabalho, por ser trabalhador temporário...

R- Sim, Depende... Mas não propriamente por ser trabalhador temporário, há dias em temos mais trabalho que outros , existe sempre aquele stress, mas aaa.. não por causa do temporário. Eu sinceramente não penso muito nisso, estou a trabalhar e pronto..

E - Relativamente a algumas fases/etapas da vida, como o casar e ter filhos, considera que isso é um aspeto negativo por ser trabalhador temporário, e acabe por adiar essas etapas da vida.

R- Sim, acho que sim... e muita gente, pelo menos, faz isso ou pensa assim.

E- No seu caso em específico?

R- No meu caso não, porque para já não penso em casar, nem nada disso... Para já estou bem solteiro, tenho o trabalho temporário, claro, mas se um dia chegar ao fim hei de arranjar outra coisa... Mas é só mesmo para quem quiser casar e assim, isso sim, é mais negativo, mais preocupante.

E- hum hum.. Considera que tem menos tempo para a família e amigos?

R- Por causa do trabalho? Temos sempre menos tempo, se vamos trabalhar n ao podemos estar noutra sitio, mas aaa... consigo sempre conciliar as duas coisas.

E- Ok, a nível de desgaste físico, emocional..

R- A nível físico é.. Porque quando fazemos noites, por exemplo, não dormimos à noite e depois na semana seguinte, vamos de manhã, já temos que dormir numa hora diferente.. e é sempre complicado sempre a trocar as horas de sono, andamos sempre 'trocados'.

E- Considera então que é um aspeto negativo essa mudança de horário. Por um lado, pode ser benéfico porque consegue conciliar com outras atividades, de manhã, tarde ou noite, mas por outro lado, existe um grande desgaste físico, emocional e falta de descanso..

R- Principalmente as noites é aquela semana mais 'puxada' a nível de desgaste físico.. Dormir de dia e isso tudo, é diferente..

E- Claro, claro que sim. Ok, relativamente às atividades de lazer, atividades sociais.. atividades que tenha extratrabalho que aspetos negativos encontra, como já me referiu ter que deixar o andebol, pelo facto de realizar horários por turnos, portanto é um aspeto negativo... Mais algum aspeto?

R- Aaaa... Não eu acho queeee... devido aos turnos não.

E- Por exemplo, realizar esses horários não estandardizados, ou seja, não fixos, considera que tens mais cansaço, stress, ansiedade, portanto para realizar outras tarefas, ou seja, atividades de lazer, sociais?

R- Sim é sempre, principalmente naquela semana em que chegamos mais cansados, claro que depois não vamos com grande vontade de sair, por exemplo, ou de ir a outros sítios que tínhamos combinado, mas aaa...

E- Acaba por ser negativo...

R- Sim, acaba por ser negativo, mas aaa.. consegue-se sempre conciliar as coisas, e se é preciso ir algum lado vai-se sempre

E- Ok. Se eventualmente surgisse a oportunidade de mudar a sua atividade profissional de trabalhador temporário para outro tipo de regime, mudaria? Como por exemplo um tipo de contrato efetivo..

R- Sim claro, sem dúvida..

E- Porque motivo mudava?

R- Para ter aquele aspeto mesmo positivo de ter um contrato efetivo e ter a certeza que temos um trabalho seguro, pelo menos enquanto durar...

E- Exato, o principal motivo é a segurança.. Mais algum motivo pelo qual trocaria?

R- A segurança e se calhar regalias de certeza que melhores e a possibilidade de subir para outros postos (evolução profissional).

E- Portanto, evolução profissional na carreira, a segurança, a instabilidade... e também melhores regalias! Mudava logo sem pensar duas vezes?

R- Sim, sem pensar duas vezes [risos].

E- Mas isso se fosse efetivo, se fosse outro tipo de trabalho...

R- Aí depende, teria que analisar e ver.. ver muita coisa implicada, o sitio, a distancia até casa, o tipo de trabalho, mas pronto era sempre um caso a pensar. Que por exemplo, ser efetivo é sempre melhor do que estar em contratos temporários.

E- Ok, o que é que se alterou após o inicio da sua atividade como trabalhador temporário... O que é que se alterou ao nível da confeção das refeições? Como era antes e como é agora?

R- Isso agora depende sempre dos turnos, se eu tiver de manhã almoço no trabalho, e depois à noite, ou vou jantar a casa dos meus avós ou se tiver que fazer faço. Mas se por exemplo, estiver a fazer noite, aí já temos que levar a comida para o trabalho, e depois dormimos a manhã e já nem almoço, é só lanche e jantar...

E- Antes de iniciar como trabalhador temporário fazia as refeições?

R- Fazia, fazia..

E-Portanto considera que nada se alterou, ou acha que alguma coisa se alterou?

R- Não eu continuo a faze-las na mesma, mas aaa.. tal como eu disse é conforme o turno que estiver a realizar, os turnos é que vai mudando sempre alguma coisa. Mas não é por causa do trabalho, eu antes fazia e continuo a fazer

E- Portanto a nível da confeção das refeições, nada se alterou após a entrada como trabalhador temporário.

R- Não não, é dependente do turno.

E- A nível da divisão de tarefas com a família, de que forma é que dividem esta tarefa? Ao nível da confeção das refeições

R- Aaaa... é assim [...]

E- Faz algém por si, faz sempre?

R- Não, eu não faço sempre, muitas vezes faz a minha mae, que a minha mae também trabalha por turnos, e ela quando está em casa, se eu estiver por exemplo a descansar ou a dormir, ea faz, e muitas vezes quando está ela, faço eu. Dividimos sempre... Ou limpar a casa, seja o que for, dividimos sempre

E- Portanto existe uma divisão entre a família...

R- É vamos dividindo sempre.

E- A nível de tarefas de limpeza, como limpar, lavar a loiça, lavar a roupa, passar a ferro, compras diárias, o que é que se alterou após inicio da sua atividade como temporário... Fale-me do antes e do agora...

R- Continuo a fazer sempre tudo igual, mas lá está, vai dependendo sempre do turno. Dependendo do turno em que eu estiver, é que eu posso fazer as coisas.

E- Mas antes fazia este tipo de tarefas?

R- Sim sim, fazia e continuo a fazer sempre, vou dividindo com a minha mãe principalmente, e também com os meus irmãos, mas continuo sempre a conciliar bem. Conseguimos conciliar e dividir bem as tarefas.

E- Nota que existe alguma diferença, alguma alteração evidente depois de iniciar o trabalho temporário?

R- Evidente não, só se eu chegar assim muito cansado a casa.

E- Mas existe uma divisão, portanto, entre a família...

R- Sim, sim nós conseguimos sempre dividir e conciliar as coisas.

E- Portanto não nota grande alteração nas tarefas de limpeza...

R- Não, as coisas continuam a ser feitas, portanto não há grande alteração.

E- Hum hum... E a nível de tarefas de manutenção/reparação, como executar pequenas reparações, trocar lâmpadas, tratar de animais, ou fazer reparações a bicicleta/moto/carro o que seja, o que é que se alterou nessas tarefas?

R- Isso é igual, continuo a realizar as coisas... Por exemplo, os carros... trato eu sempre dos carros.. pego no carro da minha mãe ou mesmo no meu e vou ao mecânico, por exemplo é das tarefas que eu mais faço e a minha mãe, executa mais as tarefas de casa, como passar a roupa e assim... Nós dividimos sempre. Mas as tarefas de manutenção/reparação, continuo a fazer sempre tudo.

E- Por exemplo, as tarefas de cariz mais de limpeza, se calhar fica mais para a sua mãe e outras de manutenção/reparação fica mais para si...

R- É é, nós dividimos sempre assim.

E- Hum hum, o antes e o agora, após a entrada em regime de trabalho temporário, nota alguma diferença evidente? Que considere assim mais relevante...

R- Não, acho que não... Só mesmo dependendo dos turnos.

E- O fator principal é mesmo os turnos, e consoante o horário que estiver a fazer, tudo roda em função disso.

R- É isso, a maior parte das vezes é isso.

E- Ok.. Inicialmente falou-me que tinha irmãos mais novos, por isso, não sei se tem alguns cuidados com os seus irmãos?

R- Sim muitas vezes, vou buscar a minha irmã ao liceu Aveiro, por exemplo, se eu tiver em casa e puder vou buscá-la, se eu não puder e estiver a trabalhar, vão os meus avós,

por exemplo, ou a minha mãe se puder. Nós vamos sempre trocando, quem tiver em casa para ir buscar, vai. Os outros irmãos já são mais independentes, mas a mais pequenina, temos que a ir sempre buscar e levar à escola

E- Portanto o que é que se alterou, por exemplo nesse aspeto, antes e depois de entrar para trabalhador temporário, notou alguma diferença ou continua a estar tudo da mesma forma?

R- Continua sempre

E- Portanto e divide essa tarefa de ir busca-la com a sua família também?

R- Sim sim

E- Consoante o horário que está a realizar...

R- Exatamente

E- Ok.. Mas continua a fazê-lo na mesma ?

R- Sim sim, e sempre que eu possa, estiver livre e em casa, posso ir busca-la e vou. Se estiver a trabalhar é que pronto. Mas há sempre alguém para a ir buscar.

E- Ok, a nível de atividades de lazer, atividades sociais, portanto, alguma coisa se alterou?

R- Hum... Aaaa..

E- Antes de entrar na organização?

R- Claro, é assim, antes ... tinha aquela situação do andebol, treinava todos os dias regularmente, depois, quando comecei a fazer turnos não tive possibilidade de continuar.

E- E teve durante muito tempo a praticar desporto?

R- Sim, desde os 12 anos, foram 8 anos. No primeiro ano quando estava no departamento da 'maquinagem' podia ir sempre, mas depois passei para turnos rotativos e tive que deixar de ir, por causa dos horários.

E- Foi apenas por causa do horário, ou também pelo desgaste físico...

R- Também claro, mas foi muito principalmente por causa do horário.

E- Portanto a alteração que vê é mesmo.. antes treinava e agora, devido ao seu trabalho e a realização de turnos rotativos, não consegue. Outra atividade que executava e agora não executa? Outra atividade extra trabalho?

R- Hum... não era só mesmo essa. Porque sair com os amigos e assim, isso consegue-se sempre, dependendo sempre dos turnos claro. Mas continuo sempre a sair, sempre..

E- Ok, continua a sair, mas está condicionado face aos turnos

R- Por exemplo, no grupo de amigos, sou o único em turnos, o resto é tudo horário fixo, juntam-se sempre ao final do dia, se eu estiver por exemplo à tarde, já não tenho hipótese, só ao fim-de-semana, condiciona sempre também.

E- Ok, existe então, alteração nesse sentido.. ok. A nível da sua vida afetiva, notou alguma diferença? Após iniciar...

R- Também também, é mais ou menos a mesma coisa como estar com os amigos, quando estou assim aquela semana que não posso, depois tenho que arranjar tempo ao fim-de-semana...

E- Hum hum.. exatamente, exatamente. Portanto, acaba por alterar um pouco..a sua vida afetiva

R- Sim sim, altera..

E- Considera que por ser trabalhador temporário.. não sei se tem alguma relação neste momento?

R- Não, neste momento não..

E- Mas ia-lhe perguntar se era motivo de conflito a realização de turnos, o facto de não ter tanto tempo para a outra pessoa..

R- Sim.. mas não, porque eu namorava quando entrei, mas nunca houve assim nenhum problema por causa dos horários.. quando tinha que ir trabalhar ia...

E- Exato, e o facto de não estar tanto tempo com essa pessoa..

R- Sim, acabava por exemplo , às vezes queria estar e claro que não podia, porque tinha que ir trabalhar ... era só um café rápido depois de almoço e tinha que ir trabalhar às 15h, claro não era a mesma coisa... Mas arranjava sempre um tempinho [risos].

E- [risos]Não sei se tem mais algum aspeto a mencionar relativamente ao que se alterou na sua vida, portanto, após ter iniciado como trabalhador temporário, há mais algum aspeto ?

R- Não acho que está, mais ou menos, tudo dito.. Gira à volta disso tudo.. Não há assim nenhuma grande alteração..

E- Exatamente, portanto, a nível de tarefas de limpeza, confeção de refeições, a nível da vida privada/familiar portanto, não nota grandes alterações... só mesmo nas atividades extra trabalho que teve um bocadinho que se sujeitar face aos horários...

R- A grande grande alteração foi mesmo aquela que falei.. que treinava e agora não posso, só mesmo isso, de resto, consigo sempre conciliar seja o que for.

E- Portanto, terminamos a entrevista, não sei se gostaria de fazer algum comentário, alguma questão que queira colocar ?

R- Aaaa... Não sei acho que não. Não há mais perguntas, acabou? [risos].

E- Sim, já terminámos. Algum comentário que queira fazer relativamente aos temas que abordamos na entrevista?

R- Não.. Não sei que te hei de dizer [risos].

E- Ok, Mais uma vez muito obrigado pela sua colaboração!

ENTREVISTA 2

Descrição

Sexo masculino, 32 anos, 9º ano (3ºCiclo), vive em união de facto, e não tem filhos.

Fiel de armazém (movimentação de cargas pesadas através da condução de máquinas; organização do material/armazém), há quase 5 anos, entrando no ano de 2007, tendo anteriormente emprego com contrato efetivo, ficando desempregado.

Realiza trabalho em turnos rotativos, com um montante líquido entre os 500 e 750€.

Transcrição:

E- Portanto, relativamente à primeira pergunta, gostava que me falasse sobre o percurso profissional, ou seja, que atividades já realizou até ao momento, em que organizações, quanto tempo...

S- Trabalhei cerca de 6 anos, que era fiel de armazém e distribuição também, depois trabalhei dois anos e meio no *merchandising*, e o resto do tempo é armazém...

E- Portanto, basicamente, as atividades que mais tempo desempenhou foi fiel de armazém, mais dentro do armazém

S- Distribuidor, já tive categoria de fiel de armazém/distribuidor, trabalhei lá durante seis anos..

E- hum hum... 6 anos, foi a sua primeira experiência profissional?

S- Tive outras mas foram numa empresazita, tive lá pouco tempo, também não interessa... depois fui para a outra empresa e tive lá seis anos..

E- Foi mesmo o seu primeiro trabalho a 'serio'?

S- Sim sim

E- E foi nessa empresa que teve contrato efetivo... Estava efetivo?

S- Estava estava, mas faliu.

E- E depois dessa organização, passou para qual?

S- Depois daí, estive numa empresa um ano só na distribuição e armazém e depois é q foi sempre na Grohe

E- Depois da empresa onde esteve efetivo, o trabalho que a realizou foi a contratos temporários ou foi na Grohe que iniciou como trabalhador temporário?

S- Sim foi na Grohe que iniciei como trabalhador temporário

E- Ok... e portanto já lá vão cinco anos que está lá na Grohe...

S- eu estive lá tres, depois saí e entrei outra vez, quase à três...

E- Hum hum, ok. Eee... gostaria de saber agora, se eventualmente ganhasse uma grande quantidade de dinheiro, por exemplo através do euromilhões ou a lotaria, continuaria a trabalhar?

S- Sim

E- Porquê que continuava a trabalhar?

S- Porque lá está, sou daquelas pessoas que não gosto de estar sem fazer nada

E- Exatamente, independentemente de ganhar uma grande quantidade de dinheiro, continuava a trabalhar.

S- É da minha natureza mesmo.

E- Principalmente a questão de não estar parado, mais algum motivo?

S- Eu acho que também devemos ter uma motivação na vida, não é?

E- Claro, portanto o trabalho para si não é só o facto remuneratório?

S- Sim, acho que para mim não, gosto... por um lado gosto de trabalhar e prefiro do que estar em casa sem fazer nada...

E- Claro.. o trabalho dá-lhe satisfação, elaização pessoal...

S- Tenho um trabalho ao qual gosto, e aí dá-me 'pica'.

E- Ok... qual é o motivo pelo qual está atualmente a trabalhar em regime de trabalho temporário?

S- O motivo?

E- Sim.

S- Não metem efetivos [risos].

E- Mas procurou exclusivamente, trabalho temporário ou surgiu?

S- Não, eu sempre... eu já estive sem emprego... quando entrei para a grohe estive lá um ano e meio, e ao cabo desse tempo eles tinham que me passar ou a efetivo ou mandavam embora e o que é que aconteceu... mandaram-me embora para casa, e a partir daí entretanto, e foi aí que entretanto tive dois anos fora, como estava sem trabalho também...

E- Esteve fora a trabalhar?

S- Estive por outra empresa de trabalho temporário... aaa antes de eu ir da grohe, quando saí da Grohe, saí eee... e estive dois anos e meio noutra empresa, também temporário Sempre com trabalho temporário.

E- Antes de entrar para trabalho temporário, esteve desempregado, correto?

S- Sim..

E- e depois procurou empresas de trabalho temporário.

S- sim sim

E- Mas algum motivo em especial?

S- humm... é uma forma de... eu pelo menos quando fiquei sem trabalho, comecei a pensar em todo o lado... estava à procura de trabalho

E- hum hum, exato. O motivo principal era porque estava sem trabalho e queria um trabalho e foi um trabalho que surgiu, mesmo sendo um trabalho temporário, agarrou a oportunidade..

S- Sim sim

E- Ok...Face à experiência que tem como trabalhador temporário, gostava que me dissesse os aspetos positivos que identifica relativamente ao trabalho que realiza... aspetos positivos.

S- Aspetos positivos?

E- Sim.. Por exemplo considera que lhe dá satisfação, prazer em realizar esse tipo de trabalho...

S- É lá está... eu tenho um trabalho ao qual gosto, tenho gosto no trabalho que faço, gosto.

E- Acha que também aumenta as suas competências profissionais, mantém ou aperfeiçoa também...

S- Sim, sim, sem duvida... estou cada vez a ficar mais velho não é, e claro que vamos aperfeiçoando as nossas competências

E- Exatamente, exatamente, portanto... aspetos positivos: prazer em realizar o trabalho, correto? E também vai aumentando as suas capacidades..

S- Conhecimentos não é?, capacidades... é isso!

E- Mais algum aspeto positivo que identifica ao nível do seu trabalho face à experiência que tem...

S- Não, mais nenhum. São esses!

E- Ok. A nível familiar, aspetos positivos, por exemplo é trabalhador temporário...

S- A nível familiar?

E- Sim a nível privado, familiar...

S- Nenhum, a nível familiar. Sendo eu trabalhador temporário, a nível familiar não tenho nenhum aspeto positivo...

E- Hum hum... Considera que por exemplo existe uma melhor conciliação, por ser trabalhador temporário, com as exigências familiares

S- De momento não, porque se fosse efetivo numa empresa sabia com o que podia 'contar', até porque um trabalhador temporário se quiser comprar uma casa nunca tem acesso ao crédito, porque estão a contrato (NÃO CONSIGO PERCEBER)

E- Portanto, não encontra nenhum aspeto positivo

S- A nível familiar... naquela empresa a nível de estabilidade, nunca temos estabilidade

E- Exatamente, por exemplo a nível da confeção de refeições, tarefas de limpeza, considera que consegue conciliar melhor por ser um trabalhador temporário...

S- Sim há flexibilidade de horários, mas isso é por estar a trabalhar por turnos...

E-Sim sim, mas neste caso, focando-se sendo trabalhador temporário, como é trabalhador temporário...

S- Sim por um lado, de repente tenho trabalho, como de repente já não tenho trabalho e assim já tenho tempo para limpar a casa [risos] Deve ser bom só se for por isso..

E- Portanto o aspeto positivo foca-se mais nesse sentido.. é isso? ok... A nível de atividades de lazer, sociais, aspetos positivos que encontra...

S- Por ser um trabalhador temporário?

E- Sim... Considera por exemplo que tem mais tempo para as atividades de lazer, consegue conciliar melhor... atividades extratrabalho...

S- Eu sendo um trabalhador temporário, eu trabalho tenho um horário como os trabalhadores pela empresa, portanto por aí é igual.. Se calhar se estivesse efetivo numa empresa se calhar viajava mais, sendo trabalhador temporário já não arrisco tanto...

E- Hum hum... positivo, não encontra mais nenhum neste momento?

S- Não, sendo trabalhador temporário não temos a vida facilitada nesse aspeto.

E- Ok, agora a nível negativo, a nível do trabalho, quais são os aspetos negativos que encontra, a nível do trabalho por exemplo... considera que tem baixo salário, que é um trabalho precário, ou que existe uma ameaça constata do desemprego, a instabilidade... quais são os aspetos negativos?

S- Estamos sempre a pensar no dia de amanhã, não há estabilidade nenhuma

E- Aquela ameaça do desemprego...

S- Pois é mais por aí,

E- Considera também que existe pouca perspetiva de evolução profissional?

S- Pouca evolução profissional? Mas como? não estou a perceber...

E- Tem o cargo que ocupa neste momento, se acha que pode ter outro superior e assim sucessivamente..

S- Áh sim! Por ser trabalhador temporário não tenho hipótese não é?

E- Portanto acaba por ser um ponto negativo...

S- É, claro que sim.

E- E por exemplo, relativamente ao prolongamento de horários, considera que se calhar é um aspeto negativo?

S- Prolongamento de horários?

E- Sim, eventualmente pedirem para fazer mais tempo .. acaba por ter que aceitar?

S- Se for obrigado, acabo por ter que fazer.

E- ok, ok. A nível familiar, aspetos negativos, por ser trabalhador temporário.

S- Não posso fazer grandes planos para o futuro... Comprar casa, empréstimos bancários, por aí

E- A nível das principais etapas da vida, como o casar e ter filhos, o adiar acha que é um aspeto negativo?

S- É um adiar, um adiar as situações mesmo... Eu até queria ter um filho, mas é sempre um risco, eu não sei se amanhã tenho dinheiro não é?

E- E a nível de stress?

S- Andamos sempre mais com o coração nas mãos...

E- Hum hum... Relativamente ao desgaste físico e emocional, por exemplo o trabalhar por turnos, considera que isso acaba por afetar um pouco atividades de limpeza, atividades de manutenção/reparação, aquelas atividades que tem mais em casa...

S- É sempre, o trabalhar por turnos é mau por um lado mas é bom por outro...Por um lado trabalho à noite tenho o dia, o trabalhar de dia, posso fazer as coisas durante o dia.. Não é um aspeto assim tão negativo...

E- Considera que seja positivo?

S- Digamos que sim, por um lado. Por outro lado pelo aspeto físico não..

E- Pelo desgaste físico..

S- Pelo desgaste físico, está provado que envelhece...

E- Relativamente às atividades de lazer, atividades sociais... agora relativamente aos aspetos negativos... considera que com o stress, a ansiedade, o desgaste físico acaba por não ter tanto tempo?

S- Não dá... Se eu quiser comprar um barco por exemplo? Como estou num trabalho precário nunca posso investir num desporto que queira mesmo, tenho limitações...

E- Aquelas atividades extra trabalho não é, de lazer ou sociais, pelo stress e a ansiedade acaba por não ter tanto tempo disponível, ou não está tanto tempo disponível para realizar.

S- Por exemplo, metade das férias estão todos a trabalhar, mas se estamos parados ou vamos para outra empresa esses dias já nos são pago e já não os gozamos... NAO PERCEBI.

E- portanto acaba por ser negativo

E- Se eventualmente, surgisse a oportunidade de mudar de atividade profissional, portanto sem ser trabalhador temporário para outra, por exemplo, efetivo, mudaria?

S- Se fosse na empresa que estou, mudaria.

E- E porquê que mudava?

S- Por causa da estabilidade, por um lado.

E- E se fosse em outra empresa?

S- Tinha que ver o trabalho e essas coisas todas

E- Se fosse um contrato efetivo, noutra empresa?

S- Depende do trabalho

E- Depende do trabalho?

S- Sim

E- Preferia estar como trabalhador temporário na empresa em que está?

S- Lá está, eu quero estar num sitio.. e quero trabalhar e minimamente gostar do que estou a fazer... Agora ia para outra empresa se calhar ganhar o mesmo, mas efetivo, era um caso a pensar...

E- Portanto não mudava logo?

S- Por um lado não... só se.. fosse para receber um bom ordenado, soubesse que era uma empresa sólida e não quê... era um caso a pensar

E- Ok, tinha que ponderar vários parâmetros..

S- Tinha que ponderar muitas coisas, muitas coisas.

E- Não só pelo próprio contrato em si, de ser efetivo, mas a solidez da própria organização, a própria função que fosse desempenhar, portanto estão postos em causa.

S- Sim sim

E- Ok. Relativamente às alterações que teve após o início da sua atividade como trabalhador temporário considera que a nível da confeção das refeições, alterou-se algum aspeto após iniciar, como trabalhador temporário...

S- Por ser trabalhador temporário?

E- Sim, por exemplo, teve um registo em que não era trabalhador temporário, e depois entrou nesse registo, por exemplo, um antes e um depois, como era antes e como é agora, por ser trabalhador temporário? o que se alterou? alterou-se alguma coisa?

S- Fazia refeições a horas antes e agora já não faço..

E- Confecciona, faz as refeições...

S- Por acaso gosto..

E- Mas cozinha mesmo?

S- Sempre não [risos].

E- e depois de entrar para o registo de trabalho temporário, alterou-se alguma coisa, no sentido que passou a não cozinhar tanto?

S- Sim nesse aspeto sim, posso não fazer o almoço mas faço o jantar.. normalmente cozinho uma vez por semana...

E- A nível, por exemplo, de que forma é que é feita a divisão, com a sua companheira, como é que realizam esta divisão da confeção das refeições?

S- Ela lava e eu sujo [risos]. Não, eu ajudo, ela faz e eu lavo a louça. Nós dividimos tarefas.

E- Ok, então não nota assim grandes diferenças, de alteração...

S- Neste momento não.

E- E a nível de tarefas de limpeza, como lavar a louça, lavar a roupa, passar a ferro, fazer compras diárias

S- É igual... São coisas que têm que ser feitas.

E- Mas nota alguma alteração após iniciar como trabalhador temporário?

S- Por ser temporário não, mas por ser por turnos sim. Nesse aspeto sim... quando ando a trabalhar à noite durmo de dia, descontrola um bocado a vida.. não há tanta vontade de acordar e arrumar a casa

E- Alterou-se relativamente a isso

S- Alterou-se por causa dos turnos.

E- Exato, exato... E essas tarefas de que forma é realizada a divisão com a sua companheira, existe uma divisão coerente ou existe mais sobrecarga para um do que para outro?

S- É assim, nós dividimos sempre as tarefas... Se for preciso aspirar aspiro.. dividimos as tarefas... Ela está a cozinhar ou fazer não sei o quê, e eu posso pegar no aspirador e aspiro e tal

E- E relativamente às atividades de manutenção/reparação, como mudar uma lâmpada ou fazer uma reparação a um eletrodoméstico...

S- Isso é tudo para mim... não há divisão de tarefas nisso. É tudo para mim

E- E considera que as atividades de limpeza é mais para a sua companheira?

S- não vejo por esse lado.

E- Como me disse que as atividades de manutenção eram mais para si...

S- Sim.. não gosto muito de lavar a louça, prefiro mais mudar uma lâmpada que lavar a louça não é?[risos]

E- Exato, eu só estou a perguntar, porque disse que era mais evidente nessas tarefas, poderia ser mais evidente nas outras tarefas?

S- Não, não... mas não é. Vivemos os dois, ajudamo-nos um ao outro existe uma divisão de tarefas...

E- Ok, e a nível das tarefas de reparação/manutenção, nota alguma diferença, uma alteração após ter iniciado? Continua a realizá-las, conciliando com horários...

S- Sim... Se não mudar a lâmpada de manhã, mudo à noite não é? É a hora, muitas das vezes.

E- Ok, exatamente... Nenhuma alteração assim aparente..

S- Não..

E- E a nível de... neste caso não tem filhos.. mas por exemplo a sua mãe, como me falou, que costuma dar-lhe alguma assistência... alterou-se alguma coisa, após ter iniciado?

S- Não continuo a prestar assistência quando ela precisa.

E- A nível de atividades de lazer e sociais?

S- A nível monetário... Lá está, por ser trabalhador temporário se calhar não posso fazer uma viagem grande... lá está, não tenho aquela solidez como se fosse um trabalhador efetivo tinha

E- Como é que era antes.. antes de ser trabalhador temporário?

S- Tinha mais segurança a nível financeiro e realiza mais atividades ..

E- E agora é mais contido?

S- Sim, mais contido...

E- Realiza alguma atividade extra trabalho, atualmente?

S- Faço desporto, mas nada profissional, amador, quando posso.

E- A nível da sua vida afetiva, a relação com a sua companheira, alguma coisa se alterou após o início da sua atividade? Como trabalhador temporário? Considera por exemplo que não tem tanto tempo para a sua companheira, neste momento..

S- Em relação ao facto de fazer turnos, alterou... alterou. Ela tem um trabalho fixo, de horário fixo, tem os fim-de-semanas livres, eu trabalho ao fim-de-semana, às vezes ao sábado... temos conciliar a nossa vida com férias, e isso tudo, sim.

E- A nível das questões de distribuição, do trabalho em casa, considera que a sua companheira lhe dá o devido valor?

S- Eu acho que sim [risos]

E- Ok. Terminamos a entrevista, não sei se tem algum comentário fazer sobre os temas abordados? Alguma questão a fazer?

S- Não... Espero ter ajudado..

E- Obrigado mais uma vez pela sua colaboração!

ENTREVISTA 3

Descrição:

Sexo Feminino, 39 anos, 12º ano (ensino secundário), Casada, 1 Filha (16 anos), mora com o marido e filha, presta assistência a uma pessoa incapacitada (familiar acamado).

Operária Fabril (linha de montagem), há 14 meses, entrando no ano de 2011, estando anteriormente desempregada e à procura de trabalho. Já desempenhou funções com contratos efetivos.

Realiza trabalho em turnos rotativos, com montante líquido entre 500 a 750€.

Transcrição:

E- Gostava que me falasse primeiramente sobre o seu percurso profissional, ou seja, que atividades já realizou até ao momento, em que organizações, durante quanto tempo... começando pelo seu primeiro trabalho, o que é que já realizou, o que é que já fez...

M- Olhe é assim.. eu comecei a trabalhar muito novinha, e então trabalhei com os meus pais até aos 19 anos, eles tinham um restaurante e eu trabalhei lá... Depois disso fui trabalhar para uma fábrica de confeções como aprendiz, trabalhei nesse ramo cerca de 9 anos. Claro que de aprendiz fui subindo sempre de grau, até que saí como costureira de 1ª. Mas era um ramo muito instável, ou seja, esses nove anos não foram todos no mesmo sitio.. Foi 1 ano numa empresa, outro ano noutra.. mudei de empresas, mas fui desempenhando funções sempre no mesmo ramo.. Como isso era um pouco instável, houve uma altura em que fiquei desempregada, a fábrica, era uma mini fábrica vá lá.. a senhora resolveu fechar as portas e nós fomos para o desemprego... No desemprego estive cerca de mês e meio, até que surgiu uma proposta de trabalho que não tinha nada a ver com aquilo que estava a fazer, que foi voltar à restauração, a proposta surgiu, na altura do patrão que era da minha irmã, e como estava desempregada ele ofereceu-me essa proposta de trabalho e aproveitei.. era em Aveiro, num centro comercial, bem.. tudo novo, vamos lá experimentar, tinha a filha pequena também, olha vamos experimentar.. e tive lá 10 anos, até ir para a Grohe.

E- E teve efetiva?

M- Sim, estive efetiva, entrei... e vá lá o primeiro meio ano assinei um contrato de meio ano, também não sabia se me ia adaptar aquilo ou não, trabalhar sábados, domingos,

feriados e a miúda era pequena, estava com um bocado de receio, então, estive só meio ano com contrato e depois passei logo a efetiva.. e durante 10 anos lá trabalhei.

E- E qual foi o motivo de saída nesse trabalho?

M- O motivo foi falta de pagamentos, salários em atraso que ainda hoje lá estão.. Aquilo começou a correr mal, o patrão começou a deixar de pagar... Eu tenho uma casa para pagar, uma família, portanto eu tinha que.. tive que me despedir. Despedi-me por justa causa, e vim-me embora em outubro de 2010, e estive no desemprego, novembro, dezembro e janeiro... em janeiro chamaram-me para fazer um curso, eu fui, tava obrigada também.. eu gostava também, mas chegou um ponto em que tive que tomar uma decisão, eu estava-me a deslocar todos os dias daqui (Branca) para Águeda, aquilo que me davam como subsidio, vá lá, de transporte e quê por andar a fazer o curso, mal dava para as deslocações.. então isto não dá, tinha que ter outro meio para ganhar rendimentos, senão assim não consigo ajudar o marido... Pronto, foi na altura em que fui meter uma ficha na Grohe e chamaram-me logo na semana a seguir, foi mesmo muito rápido, foi numa época alta em que precisavam de pessoal e sei que aquilo demorou cerca de uma semana, se calhar... Inscrevi-me num dia, que até estava lá a moça da Kelly (Empresa de Trabalho Temporário), a fazer as entrevistas, já fui à entrevista nesse dia, e ela disse que precisam, que tinha 2 vagas na montagem, e que depois me ligava.. ou seja, ligou-me logo para iniciar o trabalho... E até agora lá estou. Sei que é uma altura complicada, que despediram noventa e tal pessoas, e as pessoas que entraram no mesmo dia que eu, foram todas embora, e eu pensei.. bem eu também vou, mas vá lá, escapei naquela altura, agora a próxima não sei, isto é muito... é um dia atrás do outro, não há nada a fazer.

E- Exatamente. Ok. Aa.. Imaginando que ganhava uma grande quantidade de dinheiro, por exemplo através do euromilhões ou lotaria, continuaria a trabalhar?

M- É assim, na Grohe, de certeza que não [risos]. Na Grohe de certeza que não... Acho que é assim, deixar de trabalhar completamente.. acho que.. a não ser que fosse um avolumada quantidade de dinheiro em que eu dissesse: Não realmente não tenho mais em que me preocupar, agora de fosse um prémio.. uma ajuda, mas que não desse para deixar de trabalhar claro que continuaria a trabalhar. Agora se fosse aquele dinheiro todo, não.. isso não!

E- Portanto não continuava a trabalhar?

M- Não.. Poderia trabalhar, ter uma coisa minha, uma ocupação... uma coisa que me ocupasse, realmente todas as pessoas necessitam disso, não é estar em casa de perna

traçada, mas nada desse género de trabalhar de turnos nem de pressão como nós estamos sujeitas na empresa...

E- Era mais para a satisfazer pessoalmente...

M- Sim sim, uma ocupação, para eu poder dizer assim.. tenho que me levantar porque tenho que ir trabalhar... Acho que faz bem a todas as pessoas.

[risos]

E- Porque motivo encontra-se atualmente a trabalhar em regime de trabalho temporário? Porque motivo é que foi? Estava desempregada como já tinha dito, e foi o motivo principal? Escolheu propositadamente trabalho temporário ou porque surgiu?

M- Sim estava desempregada.. e surgiu. Porque na altura lá na Grohe era o unico regime que no momento estavam a empregar pessoal, e ali nós sabemos já de partida, que quem entra vai para contratos desse género, contratos mensais, mês a mês, portanto não tenho opção de escolha... ou aceita ou não é aceite para trabalhar, eles não metem ninguém a efetivo não

E- Portanto não escolheu exclusivamente trabalho temporário?

M- Não não, foi o que havia na altura, corri muito, procurei muito.. antes de ir fazer o tal curso, procurei, todos os dias andava aí, a bater à porta daqui e de acolá, mas não.. não consegui arranjar, e pronto ali na altura, foi o que apareceu vá lá e aproveitei. Aproveitei porque realmente vinha de uma situação complicada.. Como deves imaginar, eu sempre trabalhei, sempre ajudei o marido nas despesas e o que é preciso, e de repente... andas... no meu caso se calhar é diferente, porque andei 7 meses que não recebi, eu andei a trabalhar mas os meus salários ficaram lá entendes? Ou seja, o dinheiro que eu supostamente poderia ter 'arrumadito', como se costuma dizer, para uma coisa qualquer, acabei por o gastar.. porque tive que continuar a pagar a prestação, tive que continuar a comer, continuar a manter a garota na escola.. essas coisas eu tive que continuar a fazer, ou seja, esse dinheiro, olha 'foi-se', como se costuma dizer. E, ou seja, este trabalho que apareceu na altura, uma pessoa nem olhou para trás, porque eu tenho que trabalhar, eu preciso de recuperar pelo menos isto que se perdeu, este dinheiro que ficou lá que eu nunca mais vou receber, e foi o que apareceu na altura. Não é nem de longe.. o trabalho que eu goste de fazer... não é! Não vou mentir, não é... Porque eu fui mais habituada a lidar com o público, é diferente, é diferente, ali.. é um trabalho. Eu já aliviei aquilo, porque na altura em que entrei, eu [suspiro] ai custou muito, porque não estava habituada, é um ambiente completamente diferente... é muita mulher junta, não

estava habituada a esse tipo de trabalho, tenho que dizer a verdade, mas é como tudo, há dias que até se vem realizada e satisfeita porque até correu bem, é como tudo... Uns dias tem que superar os outros, não há nada a fazer... é isso!

E- Exatamente. Relativamente à experiência que tem como trabalhadora temporária, gostava que me dissesse os aspetos positivos que identifica, por exemplo, ao nível do trabalho, aspetos positivos...

M- Em ser temporário?

E- Sim.. Portanto é trabalhadora temporária, relativamente ao trabalho que realiza neste momento, aspetos positivos que encontra? Por exemplo, considera que lhe dá satisfação, prazer em realizá-lo, aumenta as competências profissionais...

M- Por estarmos em contrato temporário? Ou o trabalho em si?

E- Sim, tem a ver com a experiência que tem por ser trabalhadora temporária e relativamente à função que executa, neste momento. Se lhe dá prazer, se não dá.. satisfaz ou não realizá-lo... Claro tendo a ideia que é trabalhadora temporária

M- Pronto, é assim... é uma incerteza não é? Todos os dias nós sabemos que hoje estamos empregados, amanhã já podemos não estar, correto? Começa por aí... E depois pronto é aquela.. Não se pode dizer que seja uma satisfação, eu acho que não, é uma aflição, não é uma satisfação, é uma aflição.. é diferente, mas... não é de todo mau...

E- Mas se conseguisse identificar aspetos positivos, conseguiria identificar, face ao trabalho que executa?

M- É um bocado complicado, porque é assim... como eu te digo, não é realmente o que eu gosto de fazer, não é realmente o que eu goste de fazer.. Já estou lá à um ano e tal, já estou mais habituada, estou mais integrada se calhar, é assim também tive azar... mudei de turno, mudei de colegas, não conhecia ninguém quando fui para lá... foi muito difícil. Hoje, pronto... já posso dizer que já vejo aquilo com outra perspetiva pronto, vá lá, é uma grande empresa, pode ser que eu fique lá muito tempo, consiga estabilizar um pouco, é essa a parte que eu vejo de positivo... pronto é essa a parte.

E- Relativamente à sua vida familiar/privada, aspetos positivos, sendo trabalhadora temporária, considera que tem algum aspeto positivo, por exemplo, consegue conciliar melhor as exigências familiares, por ser trabalhadora temporária?

M- Não, não... aspeto positivo não tem nenhum, nesse aspeto não.

E- por exemplo a nível de atividades de tarefas de limpeza, confecção de refeições acha que consegue conciliar melhor, que tem mais tempo, por ser trabalhadora temporária?

M- Não de todo, ainda por cima de turnos, piorou... piorou. Porque é assim, por exemplo, hoje estou em casa (turno da manhã), posso fazer o jantar, para a semana, já estamos de noite, já não posso fazer o almoço porque tenho que dormir, porque depois tenho que ir trabalhar... Para mim, pessoalmente, nesse aspeto, piorou em tudo, porque eu tinha um horário fixo, só trabalhava de manhã, claro bem cedo, todos os dias às 6h da manhã, estava em Aveiro às 7h15, mas era sempre aquele horário, ou seja, a família tinha a minha companhia todos os dias à noite, conseguia chegar, organizar as minhas coisas e à noite estava sempre com eles, agora não, agora estou com eles uma semana, duas a seguir já não estou... temos menos tempo para eles... Se calhar por ser trabalho de turnos, por exemplo, há empresas de trabalho temporário com outro tipo de horários, e aí, se calhar até vá, tem outras vantagens.. Mas no meu caso pessoal pela experiência que tenho não. Para mim, para mim piorou, pessoalmente.

E- E a nível de atividades extra trabalho, de lazer, sociais...

M- Olha, posso dizer... quando tinha outros trabalhos, o que eu gostava de fazer, era ir ao ginásio, ainda hoje gosto de fazer, e desde que fui para a Grohe... Eu não tenho tempo. É completamente... Não é completamente impossível que ainda vou, mas de vez em quando, só de vez em quando mesmo, enquanto, eu antes ia duas vezes por semana ou três, agora não posso. Por exemplo a única semana que eu posso estar com eles (família) é essa, e era a única semana que eu poderia ir... é diferente, nas duas próximas semanas não posso ir porque não tenho horário compatível, e esta semana se acabar por ir, quem perde sou eu que não estou com eles em casa, acaba por vezes, era o que eu queria referir-me, acaba por condicionar muito a minha vida, porque era uma das coisas que eu mais gostava de fazer, e que me sentia muito bem porque eu, estive bastante doente à um tempo atrás... Não é nenhum segredo, tive uma depressão grave, eee... era uma das coisas que me foi muito recomendada pelo médico, porque abstraía-me do resto, sentia-me bem, fiz amizades lá, como também fiz no trabalho, faz também no lazer.. E sentia-me bem e ajudou-me bastante, e eu agora noto que faz-me falta agora, entendes? Aquela necessidade de ir, mas não tenho como, não tenho horários para ir, sinto-me um bocado limitada também nesse aspeto

E- Portanto não é um aspeto positivo, porque não consegue conciliar melhor, acaba por não conseguir conciliar...

M- Não não, não consigo conciliar. É assim por exemplo, imagina na semana da tarde, vamos iniciar às 15h30 não é? Eu até podia ir um bocadinho de manhã, pois e o almoço? pois e a roupa? pois e a casa? Acabo por já não conseguir ir... Enquanto que se tivesse aquele horário fixo, que eu conseguisse conciliar.. pronto, não dava hoje mas amanhã já dava, pronto!

E- Relativamente aos aspetos negativos, acabou por já dizer alguns... Mas por exemplo, aspetos negativos, face à experiência que tem, ao nível do trabalho? Considera por exemplo que existem salários baixos, poucas regalias, aquela instabilidade/insegurança relativamente à ameaça de desemprego... aspetos negativos que encontra relativamente ao trabalho?

M- Olha é assim... Tenho que dizer a verdade, o aspeto que eu acho mais negativo realmente... é viver naquele sobressalto, do género, hoje tenho trabalho, amanhã não tenho... Eu não sei, eu estou lá até quando? Até dizerem que já não querem, ou haver uma quebra grande de produção e tiverem que despedir pessoal... é esse o aspeto mais negativo. Pronto, toda a agente sabe que a nível de salário a Grohe não é a que paga pior de todas, não é de todo o que paga pior... O aspeto mais negativo é mesmo esse, o de viver em constante angústia.. Hummm... não sei, será que para o mês que vem será que vou trabalhar, e para o outro será que vou.. Apesar que eu... eu tenho que dizer, que é assim, eu já vivi muito essa situação, muito preocupante, e estava a dar cabo de mim... tive que parar e dizer assim: Não! Calma, calma, e vives um dia hoje, amanhã vives outro, e se ficares desempregada, tens que voltar a correr atrás e não sei quê, realmente quem viver este momento, na minha opinião, de emprego temporário, não pode fazer grandes planos, não pode mesmo fazer grandes planos, ou seja, tem que ir vivendo mesmo um dia após dia, isto é a minha opinião... Como trabalhadora temporária é a minha opinião.

E- Relativamente, por exemplo, à perspetiva de evolução dentro da própria empresa, acha que é um aspeto negativo, a falta de perspetivas de evolução profissional? por ser trabalhadora temporária...

M- É assim, nós temos sempre a esperança, eu falo por mim, como já passei esta fase mais crítica, tenho sempre a esperança de passar a contratos... Não sei se passam alguém a efetivo ou não, mas sei que por exemplo passam para a empresa mesmo, deixamos de ser empregados temporários, e passamos a ter contratos de meio em meio ano, penso eu, se não me engano, ou seja, eu tenho sempre essa esperança, pelo menos entre nessa fase desses contratos, agora dizer, passar para a Grohe efetiva, não tenho muita esperança

disso, mas se calhar aquela dos contratos de meio ano, não sei.. ainda tenho lá uma luzinha ao fundo que diz que pode ser que sim que chegue a minha vez, que consiga!

E- E dentro da função que executa pensa que poderá subir para um patamar superior?

M- Hummm.. não, acho que não [...] Eu penso que não, mas também a cima de nós é os chefes não é, os *team leaders*, percebes? Estão todos preenchidos, ou seja .. e penso que há pessoal com muitos anos de casa, para assim poder subir, não quer dizer que os mais novos não tenham competência, porque muitas das vezes sabe que isso acontece, que até sobe uma pessoa que entrou à pouco, e há pessoas lá com muitos anos que se vê que produzem muito menos que nós e tem muito menos interesse em estar lá que nós. Pela simples razão, na minha opinião, que nós temos que mostrar trabalho, porque somos novos, porque estamos a contrato temporário, e porque temos que fazer merecer o nosso posto de trabalho. Aquelas pessoas que estão lá há muitos anos, estão efetivos, não estão preocupados porque se quiserem mandar embora vã ter que me indemnizar porque tem não sei quantos anos de casa, e pronto, estão-se marimbando... Isto é a minha opinião, e como eu penso, penso que há muitas pessoas que vê da mesma maneira. Nós temos que nos forçar, o que é que eu me debato... Tentar arranjar uma equipa que pense toda da mesma forma... Porque nós queremos sempre tentar fazer mais isto, e fazer mais aquilo, para ver se realmente mostramos interesse, mostramos produção, para realmente conseguirmos ficar a trabalhar, não é? Para chegarmos aos tais contratos da empresa mesmo, é.. temos que lutar por isso.

E- Relativamente aos aspetos negativos, ao nível familiar, aos nível da vida privada... Por exemplo, considera que tem mais stress profissional... por exemplo no caso, já é casada, mas na questão de ter mais filhos, adia essa situação por estar em trabalho temporário?

M- Adio, adio... quer dizer, acho que já adiei de vez [risos]. Só se algo correr mal... Acho que realmente a instabilidade é demasiado ... Se calhar, não só para mim, a nível geral. O meu marido também trabalha à 19 anos na mesma fábrica, mas também não quer dizer que ela não vá fechar daqui a dias, nós não sabemos, a instabilidade é grande em todo o lado, em todo... mesmo para quem está efetivo. Neste momento quem está efetivo, eu acho que deve viver tão inseguro como os outros, é igual. Acho que as coisas não estão assim tão diferentes... mas se calhar também foi uma opção... Olha à uns anos atrás... porque andava aqui de volta da casa, porque não sei quê, porque trabalhava ao domingo, e não queria ter filhos para os outros cuidar... e foi passando... e agora já faz muita diferença, agora já não...

E- Por exemplo, considera que tem menos tempo para a família, para os amigos...

M- Sim tenho, sem dúvida... Por exemplo, eu antes de ir para a Grohe, posso dizer que se calhar eu saía todos os fim-de-semana, todos os sábados à noite eu ia com a família e amigos, íamos tomar um café, ou isto ou aquilo, agora eu chego e quero é descansar [risos]... è muito stressante, se calhar não fisicamente até... mas o próprio ambiente em si é muito... é stressante, é mesmo... a gente sai mesmo muito stressadas, enervadas... é diferente, não é um trabalho que a gente faça e diga: Eu venho realizada, correu bem, não houve stresses, tudo tranquilo... Mas não. Estava habituada a trabalhar.. também era outro posto, era chefe na outra loja, era diferente.

E- Por exemplo, relativamente, ao facto de ser trabalho por turnos, o desgaste físico, considera que tem menos tempo para tarefas de limpeza, confeção das refeições...

M- Menos tempo e muito menos vontade [risos]

E- Acaba por ser um negativo, o facto do desgaste físico e emocional ,que os turnos acabam por trazer...

M- É é... Eu ainda ontem cheguei, por exemplo, eu tinha dormido mal, vinha mesmo esgotada... eu deitei-me ali (sofá), eram 4h não sei, eu não sei se passei pelo sono se não passei, mas acho que sim... Eu acordei assim: 'Onde é que eu estou?', que horas são?', que dia é hoje?', eu não sabia nada. Pronto é esgotante, acaba por ser esgotante mesmo, porque é uma das coisas que eu não conseguia dormir de dia, nunca consegui dormir de dia, nunca consegui dormir de dia . E desde que fui para ali os meus sonos estão tão descontrolados, porque estamos sempre a trocar de turno, que depois já nem sabemos se é de dia, se é de noite, que horas são... principalmente na semana da noite.. Por exemplo, para a semana, faço o turno da noite, eu chego a casa o meu marido e filha estão a sair, ele vai trabalhar e ela vai para escola, e eu vou dormir, e eu assim: 'Mas está um dia tão lindo lá fora e eu tenho que ir dormir, eu tenho que ir dormir... Mas eu, tenho que ir dormir... O psicológico... A gente sabe que tem que ir dormir, mas não queria... as pessoas estão na rua, e eu tenho que ir dormir. É complicado, muito complicado

E- Relativamente às atividades de lazer, sociais.. um aspeto negativo, como me disse, as idas ao ginásio, acabou ser um aspeto negativo, porque teve que diminuir...Deixar de sair menos também...

M- Muito negativo... é menos saídas, mesmo tempo para mim, que eu considerava as minhas idas ao ginásio, era um tempo para mim só, não tinha a ver com a família..

Mesmo para mim a gente fica reduzidos, assim em questão de tempo e até de vontade. O cansaço começa-se a apoderar de nós: 'Eu devia ir, mas...estou tão cansada. Pronto não vou nada'. Até nesse aspeto eu acho que é negativo..

E- Claro, ok. Se eventualmente, por exemplo se surgisse uma oportunidade de uma atividade profissional, sem ser trabalho temporário, mudaria?

M- À sim, sem dúvida.

E- Porque que mudaria?

M- Mudaria principalmente pela estabilidade, não económica se calhar, mas psicológica.

E- O principal motivo era a estabilidade?

M- Era, era dizer assim... É a tal coisa, nada é seguro, mas dizer assim: 'Eu sei que pelo menos neste momento tenho emprego por mais um tempo', por mais um ano, ou dois, não sei que tipo de contrato, mas algo mais que pudesse chamar mais estável. Porque um contrato de mês é sempre, quer queiramos quer não, tentamos pensar... eu agora, agora tento pensar: 'Um mês?', Óh não vou pensar nisso, se eles me quiserem, quando decidir que vou embora, eles mandam e não posso fazer nada e acabou. Mas inicialmente, os primeiros meses, é inevitável pensar nisso, não é?... É inevitável. Tu vais trabalhar e sabes que o teu contrato é mensal, é assim, é renovável está certo, não tenho que lá ir assinar papel nenhum, é renovável, mas tu sabes que... é assim, eles até nem gostam do teu trabalho, dispensam-te.. até por um simples telefonema , e isso, quer queiramos quer não, afeta muito.. a nossa cabeça.. o nosso estado emocional, pelo menos a mim afetou-me e muito. Ainda me afeta sinceramente, ainda me afeta, mas se calhar é como eu digo... se calhar agora eu tento viver um dia após o outro, um dia após o outro... Porque não vale a pena grandes stresses, grandes planos, estar sempre naquela ansiedade, naquela... Só faz mal, só faz mal. Porque se eles tiverem que mandar embora eles mandam na mesma... Não vai ser porque tens uma casa para pagar ou por teres um filho porque eles não vão querer saber nada disso. Portanto nós é que estamos a gastar a nossa saúde... mental, por coisas que não está nas nossas mãos remediar, porque não está mesmo. E eu agora penso assim... Mas quando estive mesmo mal, ainda estava no outro trabalho é que foi tudo junto, entendes? E então foi um ano extremamente difícil, complicado, foi uma depressão grave derivado ao outro trabalho mas pela pressão de não receber não é? De saber que aquilo não tinha mais hipótese e eu só estava adiar uma coisa que não tinha solução. Foi isso, e foi depois o entrar ali na situação de temporário, na situação de ser uma fábrica de não sei quantas mulheres, nunca tinha estado naquele

ambiente, ser tudo novo, começar tudo novo, começar tudo do zero... eu não tenho propriamente dez anos nem vinte [risos]. Pronto, foi uma ano assim um bocado atribulado. Daí também.. estar sempre a bater... a pensar na mesma coisa, sempre a martirizar: 'E um mês, o que é que é um mês, mas no final do mês mandam-me embora, o que é que eu vou resultar trabalhar um mês'. Tive que chegar a um ponto e dizer, basta! Não penses mais assim se não vais ficar doente, se não o dinheiro que vais ganhar lá não vai dar para ir outra vez para o médico gastar, porque gastei bastante e não adianta, não vale a pena... É o conselho que eu dou a qualquer um temporário, que não pode pensar assim, mesmo. Não pode senão não vai a lado nenhum. Senão fica doente.

E- Relativamente a alterações, portanto... após o início da sua atividade profissional como trabalhadora temporária, as alterações que teve na confeção de refeições, por exemplo como era antes e como é agora fazer a confeção das refeições... antes de ser temporária e agora.

M- Olha antes de ser temporária e agora não tem diferença nenhuma a nível do que eu cozinhava e que cozinho agora é igual, a única diferença que tem é realmente... os horários. Aí condiciona a ser diferente, porquê? Porque, por exemplo, estou a trabalhar à tarde e vou deixar qualquer coisa organizada para eles à noite terminarem, por exemplo. Enquanto que antes isso não acontecia, aí se calhar alterou um bocadinho nesse sentido, por ser trabalho por turnos

E- E qual é a forma, a nível da divisão das tarefas, com o seu companheiro ou com a sua filha, como é que organizam a confeção das refeições a nível da divisão...

M- Olha isso às vezes é complicado, às vezes é complicado [risos]. Porque às vezes a mãe é que tem que fazer é mais nada. Nós normalmente tentamos dividir do género: o meu marido também chega tarde só sai às oito, chega a casa às oito e tal, não vou estar à espera que ele chegue para fazer o jantar, como é lógico... Normalmente é o que fica mais... vá o que menos realiza durante a semana, é ele. Normalmente eu cozinho e a miúda trata de arrumar a cozinha, arrumar a louça e fazer essas coisas... normalmente funciona mais ou menos assim, quando não sou eu que tenho que fazer tudo, funciona mais ou menos assim [risos].

E- E relativamente às tarefas de limpeza, portanto, o cuidar da roupa, lavar roupa, lavar loiça, passar a ferro, as compras diárias... como era antes e como é agora, face à experiência e após ter entrado..

M- É assim, realmente a única diferença é ser mesmo os turnos, porque de resto...

E- Realiza da mesma forma, sem ser os turnos, nada alterou?

M- Não não, a única coisa que alterou... alterou porque a miúda cresceu e também tem que ajudar um bocadinho... De vez em quando lá passa uma roupinha a ferro, coisa que não fazia à um tempo atrás mas isso também tinha a ver com a idade, não é?

E- E por exemplo o seu companheiro? Realiza também esse tipo tarefas, existe uma divisão...

M- Quando é necessário... sabe cozinhar tão bem como eu, sabe lavar a loiça, o resto não... apanha-me a roupa se for preciso, estende se for preciso... mas em casos pontuais. Agora por sistema não, não. Normalmente sou eu que faço. Agora... claro, quando vou... Imagina, quando vou trabalhar agora e está a roupa por apanhar, por exemplo, eles vão e apanham... as coisas mais básicas eles fazem... de resto é claro que é comigo.

E- E por exemplo as tarefas de manutenção/reparação, mudar uma lâmpada, fazer reparação a um eletrodoméstico,

M- Ai isso o marido faz.. O jardim lá fora, é ele que corta, essa parte lá de fora é ele que faz.

E- E notou alguma alteração após ter entrado como trabalhadora temporária, antes e depois... alguma alteração.

M- Não, não, nesse aspeto não...

E- Ok, e por exemplo ao nível... disse que cuidava de uma pessoa, prestava assistência a uma pessoa, por exemplo alterou-se alguma coisa após iniciar...

M- Olha é assim... alterou-se por uma questão, sempre pela mesma questão, os horários... Porque por exemplo na semana em que estou à tarde nunca lá posso ir, ou seja porque ... É assim, não deveria ser eu diretamente a cuidar, só que ela é avó do meu marido... Só que por exemplo, está a morar em casa dos meus sogros, e está acamada já alguns anos e tem que ter cuidados... tenho que dar comer na boca, tenho que fazer essas coisas todas, a higiene isso tudo... ela tem o chamado apoio domiciliário que vão fazer essas tarefas só que há noite não tem e como a minha sogra também trabalha... a filha, trabalha e só sai às onze da noite (23h), ou seja, é muito tarde para estar à espera, tem que ir alguém dar-lhe o jantar vá lá, antes, mais cedo, ou seja, fiquei eu, a fazer isso, como ainda estava no outro trabalho quando ela adoeceu, eu tinha horário para poder fazer isso sempre... ir todos os dias lá à noite. Agora, há uma semana que não consigo ir, pelo menos na semana da tarde não consigo ir...

E- Portanto notou alteração nesse aspeto então..

M- Notei, nesse aspeto notei, porque realmente é me impossível ir lá quando estou a trabalhar, não dá..

E- E relativamente às atividades de lazer, alterações... basicamente foi aquilo que me disse...

M- Menos tempo, menos tempo...

E- Por exemplo, antes saía mais...

M- Saía, saía mais... quase todos os sábados, nós saímos à noite, agora é como eu digo, o desgaste físico, não há tantaaa...

E- Energia..

M- [risos] Também vai-se envelhecendo, também conta. Mas não é por isso mesmo, é porque às vezes o tempo é tão pouco para estarmos... também mesmo para nós próprios aqui (casa) também é pouco, que se a gente for sair, vai passar o tempo com outras pessoas, também é necessário, mas já não... fica menos tempo para o pessoal de casa mesmo...

E- E para descansar também...

M- E para descansar também, e para descansar... Tudo junto!

E- E a nível da relação afetiva, da relação com o seu companheiro acha que se alterou alguma coisa, após iniciar... acha que tem menos tempo para estar com ele

M- É verdade, tenho menos tempo, tenho. Mas é como eu digo é derivado aos turnos, não há hipótese... por exemplo na semana da noite a gente mal se encontra, porque ele chega... ou melhor, ele sai e eu chego para dormir... ou seja, ele está a sair e eu estou a entrar... aaaa, depois por exemplo, perto das seis, normalmente é o meu horário de ir lá à minha avó, ou seja ele ainda não está em casa, quando ele chega são oito e tal, a essa hora está na hora de jantar para depois ir trabalhar... acaba por haver mesmo... menos tempo, mesmo para estarmos juntos...

E- Considera que ele dá valor, por exemplo às tarefas que realiza aqui em casa?

M- Olha às vezes devia dar mais [risos]. Às vezes devia dar mais, mas pronto. Eu acho que é assim... Ele não tem muito a noção do que é que é trabalhar por turnos, isto é a minha opinião, não tem mesmo.. aaaa... não é que seja por mal, não é por mal... não sabem o sacrifício que é, a gente estar em casa, por exemplo, agora no próximo domingo... opaa, eu gostava de ir dar uma volta, dar um passeio, sair para aqui ou acolá, mas eu tenho que me convencer que eu vou trabalhar à noite, se eu não descansar à tarde, ou de manhã, eu à noite vou ressentir porque eu vou trabalhar, embora eles venham para casa e vão descansar, mas eu vou trabalhar... e é assim não quer dizer que às vezes digam: 'ai vamos', nãoooo, 'opaa se tens que descansar, vai descansar ' e não sei quê... mas isso também faz falta... Até queria sair mas não pode, depois eles também

ficam em casa, não querem ir... tudo isso... não que dizer que faça afastar, não é o caso... mas é sempre um ponto que está ali.. 'a gente até ia, mas se não podes ir, não podemos sair porque tens descansar...', torna-se sempre assim mais complicado.

E- Antes se calhar saía mais ao fim-de-semana...

M- Saía mais, mas é a tal coisa, também estava mais estável no trabalho, também não estava cm tanto receio... que a gente sabe que vai sair, vai gastar, não é? já se sabe, claro, é inevitável. A gente sabe que vai gastar mais isto, ou mais aquilo... agora temos que ponderar mais um bocadinho, porque a gasolina está mais cara e não sei quê... e eu hoje estou a trabalhar, amanhã não sei...

E- Exato, existe mais contenção também nesse aspeto...

M- Estamos sempre prontas...Eu até podia ir, 'opa este mês até nem recebi muito mal, ou vamos comprar isto ou aquilo' e depois pensamos assim 'eu sei lá, e depois para o mês que vem fico no desemprego, se calhar esse dinheiro já fazia falta para outra coisa. estamos sempre na mesma! Não podemos deixar de viver por causa disso. estou a dar um exemplo daquilo que acaba por se passar mesmo, mas não quer dizer que faça disso um obstáculo para isto ou para aquilo não, não é, não pode ser... senão damos em doidos, mas há sempre aquele se, aquele condicionante que a gente fica ali a pensar ... 'se eu comprei isto, e se... não há de ser nada!'

E- por exemplo questões como a distribuição do trabalho de casa, acha que são motivos de conflito por exemplo...

M- O conflito maior, neste momento, é a idade critica da minha filha... porque é assim, claro, como todos os pais, acho que são quase todos, ou se não são todos, deveriam ser a gente preocupa-se sempre com eles, tem que preocupara. É assim, eu, também se calhar tive uma educação um bocado rígida, um bocado diferente, não quero também que ache que eu sou demais...para aquilo que me criaram a mim, eu acho que agora... Como não queria, que a minha filha passasse por aquilo que eu passei, até acabo por estragar, por exagerar... eles acham que agora só têm direitos não têm deveres... eu acho que todos os adolescentes passam por essa crise. Para nós também é muito complicado, lidar com esta... com esta idade, portanto é muito complicado. Se o nosso trabalho já não nos realiza... pessoalmente, depois estamos sempre a debater no mesmo assunto... 'eu preciso que me ajudes, eu preciso não sei o quê'... 'agora não, que agora tenho que ir estudar', eles têm sempre respostas... se eu não pedir para fazer nada, não vão estudar, se pedir, já têm que ir estudar... é esses pequenos conflitos ... que há dias que a gente até consegue dar a volta e não lidar, e há outros que já vem saturados e que pronto, acaba

por.... fazer valer a opinião dele e fazer valer. Eu costumo dizer à minha filha, é assim... ela sabes fazer, ela sabe fazer comida, se for preciso, ela sabe fazer, mas eu digo: 'tens que saber fazer, não é por mim, é por ti... porque tu amanhã ou além vais para a universidade e não sabes cozinhar'. Porque não é a nós, que estamos a fazer... não é para nós que estamos aaaa... ensinar-nos e a fazer-nos ver, é para eles mesmo. porque eu tenho um exemplo... aaa, a filha do meu ex-patrão foi estudar para Coimbra, para a universidade... e ela os pais deram-lhe, eram empresários, sempre teve tudo, a mãe tinha uma empregada doméstica, pronto, sempre teve as mordomias, como se costuma dizer todas. Nunca se preocupou em ter que saber cozinhar ou não sei o quê, quando chegou a altura de ir para universidade, sabes o que é que ela andava a fazer, vinha-me perguntar: 'como é que se faz a sopa não sei de quê', ela vinha com um caderninho e escrevia, apontava para fazer lá... depois com vinte anos é que se lembrou de aprender a cozinhar, e é isso que eu tento mostrar à minha filha que é bom é só para ela... para mim não que eu já sei cozinhar muito bem, é bom é para ela, são estes os pequenos conflitos que a gente às vezes tem.

E- E com o seu companheiro existe algum conflito deste género de tarefas...

M- Não, olha nesse aspeto é assim... eu acho que tudo tem a ver com a educação que a gente que vem de trás, eu que nós somos criados, porque ele também é filho único, aaa... a mãe também trabalhava sempre neste horário, mas o dele é um horário fixo, das duas e meia às onze (14h30-23h), ele à noite nunca tinha jantar... queria, tinha que o ir fazer, ou seja, essa necessidade, vá lá... ajudou com que a pessoa aprendesse e tivesse que fazer, coisa que quando os miúdos tem os pais que fazem não tem essa noção, acontece essas coisas...

E- Não existe conflito por causa desse aspeto..

M- Não não, ele se tiver que fazer por exemplo, às vezes eu digo: 'ai apetecia-me tanto ir hoje ao ginásio, estou com tantas saudades de ir, precisava tanto de ir'... 'vai que eu faço jantar... o que é?'... lá nisso, ele ajuda, entende, sabe que... ele sabe a necessidade que eu tenho além do trabalho e da casa de ter aquele tempo para me ocupar, para libertar as ideias negativas... nesse aspeto ele ajuda um pouco, não posso dizer o contrário.

E- Pronto, a entrevista terminou... Obrigada. Não sei se tem algum comentário a fazer relativamente a algum assunto, alguma questão.

M- Espero que tenha ajudado, não sei se a minha opinião é muito parecida com o de outras pessoas ou se é válida ou se ajudou alguma coisa... ou se contribui alguma coisa pelo menos para o trabalho.

E- É a sua opinião e contribui de certeza. Agradeço mesmo sua colaboração e disponibilidade, mesmo um muito obrigada!

ENTREVISTA 4

Descrição

Sexo Feminino, 48 anos, 9º ano (a frequentar RVCC-12ºano), Casada, 2 filhos (27 e 23 anos), mora com o marido e os dois filhos.

Empregada de refeitório (prepara/desinfeta os alimentos p/posterior confeção; auxilio direto à cozinheiro nas várias tarefas a realizar; organização e limpeza do espaço), há 4 anos, entrando no ano de 2007, nunca tinha trabalhado antes fora de casa.

Realiza trabalho em horário fixo e o seu rendimento líquido mensal é de menos de 500€.

Transcrição

E- Gostava que me falasse agora sobre o seu percurso profissional, que atividades já realizou até ao momento, em que organizações, durante quanto tempo... fale-me um bocadinho sobre o seu percurso profissional...

O- É assim, o meu percurso profissional... trabalhava em casa, tomei conta dos filhos, dei apoio aos filhos e trabalhava em casa, realizava e geria todas as tarefas de casa... Depois os filhos cresceram, foram para a universidade... e eu comecei-me a sentir mais sozinha, falta deles... sentia a necessidade de qualquer coisa diferente, de preencher mais o meu tempo... tudo. Eee através de uma colega, a conversar com uma colega ela disse-me... Eu perguntei-lhe que precisava de arranjar emprego, e ela disse que também estava a precisar de alguém para trabalhar e tal... e assim consegui entrar neste trabalho (empregada de refeitório).

E-Portanto o trabalho que realiza agora é o seu primeiro emprego?

O- O meu primeiro emprego sim...

E- Ok, antes trabalhava em casa, era doméstica...

O- Sim trabalhava em casa, fazia de tudo e mais alguma coisa mas em casa.

E- Portanto cuidou dos filhos enquanto eram pequenos, da casa

O- Dos filhos, da casa, de outras atividades, mas tudo em casa.

E- Ok, depois então iniciou e teve sempre na mesma empresa?

O- Foi

E- E desempenhou sempre as mesmas funções?

O- Sempre as mesmas funções sim.

E- Portanto vai fazer cerca de...

O- Quatro anos..

E- Ok.. Mas faz cinco anos pela data que me deu...

O- Sim, faz cinco em setembro

E- Ok, E em que organização está a trabalhar?

O- Neste momento para a Uniself, apesar de a empresa que me paga é uma empresa de trabalho temporário... num refeitório da escola secundária de Estarreja. E sempre foi aí nesse local que trabalhei. Mas por conta de uma empresa de trabalho temporário, a Manpower.

E- Ok. Imaginando que ganhava uma grande quantidade de dinheiro, por exemplo através do euromilhões ou lotaria, continuaria a trabalhar?

O- Eu acho que sim...

E- Acha ou tem a certeza?

O- Eu tenho a certeza que sim...

E- E porque que continuaria a trabalhar?

O- Então porque senão ganhava maus vícios por estar em casa, só gastar dinheiro não [risos].

E- Também se tinha uma grande quantidade de dinheiro?

O- Mas a gente guarda, gasta naquilo que era preciso mais urgente, ajudava os filhos eeee... ia-se continuando a trabalhar para... me continuar a sentir ativa, ocupada, conhecer outras pessoas...

E- Portanto, independentemente da grande quantidade de dinheiro que ganhasse, gostaria de continuar a trabalhar?

O- Gostaria...

E- O trabalho então além da parte remuneratória também lhe dá outras funções outras valências?

O- Claro que sim, dá alegria, a gente anda bem dispostos por estar a trabalhar e ocupados... às vezes até estamos doentes com dores de cabeça, dores nas costas.. vai-se trabalhar fica-se bem [risos]. Chega a casa está ótimo. Não porque distrai-se uma pessoa, até nem se apercebe...

E- Mais algum motivo que queira mencionar...

O- Acho que não...

E- Ok, e porque motivo se encontra a trabalhar, atualmente, como trabalhadora temporária?

O- Então o motivo... porque preciso, trabalhar, porque preciso ganhar dinheiro, foi o que apareceu

E- Hum hum...Portanto não procurou exclusivamente trabalho temporário?

O- Não, foi o que apareceu... é esta a maneira que eles empregam... que eles exigem de nós, não é?

E- Exatamente... o motivo principal, independentemente de ser trabalho temporário ou não, é o facto de ser um trabalho, foi esse o motivo?

O- Não estive a escolher... foi aquela oportunidade que apareceu e agarrei essa oportunidade. Como era a primeira vez também, não estava... nem sequer estava a par do que era trabalho temporário ou não... nem conhecia nada disso.

E- Ok, face à experiência que tem como trabalhadora temporária, gostava que me indicasse com algum detalhe os aspetos positivos que identifica, nomeadamente ao nível do trabalho... aspetos positivos que identifica... por exemplo considera que lhe dá satisfação, prazer em realizar, aumenta as suas competências profissionais..

O- Dá sempre, então... claro! Uma pessoa a trabalhar está sempre a aprender, aprende coisas novas

E- Hum hum... mas focando-se no trabalho que realiza, aspetos positivos... está satisfeita com o trabalho que realiza, dá-lhe prazer?

O- Gosto daquilo que faço, sim isso gosto. e estamos sempre a aprender coisas novas, embora seja um trabalho repetitivo, mas é diferente até de uns dias para os outros... todos os dias é diferente, há sempre uma diferença

E- Considera que mantém ou aperfeiçoa as suas competências?

O- Ai isso, sem dúvida, de dia para dia a gente... se um dia não faz tão bem, ou o dia não correu tão bem, há sempre umas diferenças e vamos sempre tentar melhor.

E- De certa forma acaba por aperfeiçoar o seu profissionalismo.

O- Sim sim, isso é verdade!

E- Mais algum aspeto positivo ao nível do trabalho para além dos que já mencionou? No seu trabalho que realiza?

O- Não, acho que não...

E- Ok, ao nível da sua vida privada/familiar, quais são os aspetos positivos, face à experiência que tem como trabalhadora temporária, nomeadamente considera que

existe uma melhor conciliação entre as exigências profissionais com a vida familiar, com a vida privada... consegue conciliar melhor?

O- É assim, eu consigo conciliar... agora eu também nunca experimentei outro regime não é? por isso também não sei qual será melhor, por ser outros horários ou não... não posso... não tenho essa experiência. Mas neste momento estou a conciliar bem as exigências profissionais com as exigências familiares.

E- Nomeadamente por exemplo a confeção das refeições, as tarefas de limpeza, a sua relação com o seu companheiro, considera que consegue conciliar bem estas exigências familiares?

O- Sim, de certa maneira... sim, consigo. É uma questão de se organizar e consegue-se, mais um esforço, é claro depois de vir do trabalho, é mais um esforço extra... faz-se mais coisas, mas consegue-se.

E- Considera que é um aspeto positivo, a experiência que tem como trabalhadora temporária, acaba por conciliar melhor...

O- Sim talvez... Visto pelo lado, em que o contrato termina no final do ano letivo e depois inicia no início do outro ano letivo.. aquele tempo todo.. aqueles meses que estamos em casa, acaba por me dar mais tempo para organizar a minha familiar como também ter mais tempo para mim.. vendo por esse lado, sim!

E- Relativamente às atividades de lazer, atividades sociais, face à experiência que tem como trabalhadora temporária, quais são os aspetos positivos que identifica, ao nível das atividades de lazer... aquelas atividades extra trabalho, portanto, considera que existe uma melhor conciliação, por ser trabalhadora temporária, entre as exigências profissionais com as atividades extra trabalho?

O- É uma questão de nos organizarmos, e claro conseguimos... Mas lá está, vendo pelo facto de que o contrato em Maio/Junho termina, sei que depois nos meses seguintes até Setembro tenho tempo para me dedicar a atividades de lazer, atividades sociais... o que seja. Durante o contrato também consigo conciliar bem, visto que trabalho num horário fixo e não trabalho aos fim-de-semana, logo consigo ter mais facilidade nesse aspeto...

E- Atualmente tem alguma atividade extra trabalho?

O- Huummm... apenas o que tive, e ainda estou em fase de conclusão... é a fazer o 12º ano através do RVCC.. fora isso, as atividades de lazer que tenho, são aproveitadas ao fim-de-semana, sair com a família, dar um passeio...

E- Ok, e considera que existe uma melhor conciliação para este tipo de atividades, ou..

O- sim de certa maneira, e visto que tenho sempre o sábado e o domingo disponíveis de certa maneira tem mais vantagens do que se tivesse a trabalhar, naqueles trabalhos que se trabalha ao fim-de-semana... já não era tão fácil de ir passear se calhar ir passear durante a semana, porque o marido não pode.. E a realidade neste momento é essa!

E- Agora, gostava que me indicasse, com algum detalhe também, os aspetos negativos que identifica ao nível do trabalho...

O- Os aspetos negativos é... é a insegurança, nós nunca sabemos se de repente, de uma hora para a outra somos despedidos, quer seja por redução de pessoas, quer seja por outro motivo qualquer... O ganhar pouco, os salários baixos... pelo menos é isso assim..

E- Ok... considera que tem poucas regalias, considera que existe falta de perspectivas de evolução profissional por ser trabalhadora temporária..

O- Se calhar...

E- por exemplo, considera que é fácil conseguir ter outro cargo, superior, dentro da empresa onde está? Sendo trabalhadora temporária acha que é possível?

O- Não, não... eu acho que não de todo. Não existe perspectivas de evolução nesse aspeto

E- portanto, acaba por considerar que é um aspeto negativo?

O- Pois de certa maneira é.

E- Considera que existe uma forte probabilidade de fazer um prolongamento de horários?

O- No meu caso concreto, não.. o trabalho que realizo é aquilo e aquilo mesmo.. portanto. Mas caso eventualmente pedissem, provavelmente acabaria por fazer, claro.. havendo um motivo lógico, não podia negar.

E- Ok... portanto basicamente os aspetos negativos que identifica ao nível do trabalho é aquela insegurança, aquela incerteza da ameaça do desemprego e os salários baixos.. principalmente são estes dois?

O- Sim sim, muito trabalho e ganhar pouco..

E- Hum hum, ok. Mais algum aspeto negativo que queira mencionar...

O- Daqui a pouco posso-me lembrar agora não... [risos]

E- Ok.. Ao nível da sua vida privada/familiar, quais são os aspetos negativos que encontra por ser trabalhadora temporária... Nomeadamente considera, que por exemplo, tem alguns efeitos negativos sobre a sua saúde mental, como o stress profissional...

O- Pois uma pessoa chega a casa tão cansada, depois ainda tem que fazer tantas tarefas, tanto trabalho.. é muito cansativo, isso às vezes não é fácil, isso não, mas...

E- Considera que tem menos tempo para a família e amigos?

O- Não acho que não...

E- Ok... Aaaa, por exemplo relativamente às tarefas de limpeza, confeção das refeições, tarefas de manutenção... considera que tem menos tempo? Por ser trabalhadora temporária?

O- Não também não...

E- Portanto, o aspeto negativo que identifica será só a parte do cansaço depois de um dia de trabalho..

O- Sim, maioritariamente o que encontro de mais negativo é mesmo o cansaço que por vezes, me desgasta bastante a nível físico como emocional, deixando-me completamente sem cabeça para as tarefas de casa... acabando por ter de fazer mais um esforço adicional, pois...

E- E esse aspeto acaba por ser transmitido para o seio familiar...

O- Sim sim... acabo por não dar a atenção que gostaria...

E- Acaba também por não ter tanto tempo para si?

O- Pois, sem dúvida. Isso é verdade...

E- Ok, portanto o aspeto negativo é esse..

O- Sim.. o não ter tanto tempo, o estar cansada, não dar tanta atenção à família...

E- Ok.. Ao nível das atividades de lazer, as atividades sociais, aspetos negativos que encontra, face à sua experiência como trabalhadora temporária? Considera por exemplo, que não consegue conciliar de todo o trabalho com atividades extra trabalho... pelos horários, ou pelo cansaço, stress, ansiedade e não sente tanto prazer em realizar?

O- Pois, é muito cansativo sim conseguir conciliar o trabalho com outras atividades sim... Por exemplo, tal como já disse ando a tirar o 12º ano através do RVCC, depois do horário de trabalho, e sinto uma grande dificuldade em conseguir fazer as minhas tarefas, ir para escola, fazer os trabalhos que eles pedem para fazer em casa.. e tive um período que foi muito cansativo, muito desgastante... muito mesmo. Muitas tarefas da casa tiveram que ir ficando para trás, durante a semana, para conseguir fazer essa atividade extra trabalho. Mas por outro lado, é uma satisfação, uma alegria conseguir estar a fazer este esforço... porque vale a pena. Mas é preciso ter muita força de vontade,

e com isso consegue-se.. e ajuda, a família ajudou imenso também... Com muito esforço, mas consegue-se!

E- Ok, portanto aaa.. um aspeto negativo ao nível das atividades de lazer e sociais, deve-se realmente ao cansaço e ao stress que leva a que não tenha tanta disponibilidade e prazer em realizar esses tais os trabalhos da escola como me falou...

O- Sim é isso..

E- E se calhar algum sentimento de querer desistir por estes motivos?

O- Sim, muitas das vezes... a maior parte das vezes era essa a palavra que aparecia sempre: 'Vou desistir!', mas vinha outra vez aquela força de vontade : 'Não, e não desisto', e fui em frente.. e agora já estou quase mesmo a concluir...

E- Ok... Se eventualmente surgisse a oportunidade de mudar a sua atividade profissional, de trabalhadora temporária, para outra, mudaria? Por exemplo um contrato efetivo...

O- Mudava, se fosse uma coisa que eu ia gostar de fazer, um trabalho.... Agora se fosse um ambiente diferente, um trabalho que eu não ia gostar, acho que não mudava... Continuava onde estou.

E- Portanto, a questão de ser um contrato efetivo, por si só, não era motivo de troca... teria de avaliar outros fatores, como ambiente de trabalho, as próprias funções que ia desempenhar...

O- Sim sim, completamente... porque há trabalhos que não temos tanto jeito para fazer ou não gosta, pronto... e este como gosto tanto, acho que não mudava assim por isso...

E- Ok... Aaa, portanto não mudava sem pensar?

O- Não não, tinha que pensar bem, ponderar bem os prós e os contras, as vantagens e as desvantagens, ponderar bem! E não mudava se realmente chegasse à conclusão que não tinha assim tantas vantagens

E- Ok.. Por exemplo se fosse um trabalho efetivo, mas que tivesse um ambiente de trabalho mais tenso, uma função profissional mais exigente...

O- Sem dúvida que se calhar não mudava... tinha que ser mesmo ponderado..

E- Ok... Aaa.. O que é que se alterou após o início da sua atividade como trabalhadora temporária? O que é que se alterou por exemplo, ao nível da confeção das refeições... Como era antes e como é agora...

O- Eeee... é assim... antes estava em casa, fazia a refeição sempre a horas ao meio dia e à noite, agora não estou em casa, faço a refeição à noite... e já faço a mais para dar para

o outro dia ao almoço, ou fica quase pronto e depois terminam, ou fica já pronto e é só aquecer.. é essa a alteração.

E- Portanto, antes estava em casa e confeccionava a horas, agora como não está numa refeição que é o almoço, correto?

O- Já deixo pronta essa refeição no dia anterior.

E- E de que forma é realizada a divisão com o seu companheiro, e a sua família, a confecção das refeições?

O- É assim... Eu faço a refeição e eles comem [risos].

E- Portanto como era antes e como é agora?

O- A diferença não é muito grande não [gargalhada]... Eu faço e eles comem. Não, mas eles ajudam.. estava a brincar também. Eles agora ajudam mais um bocadinho, na refeição... a fazer a refeição... Até arrumar depois a mesa... essas tarefas já são mais divididas, do que era antes, isso é sem dúvida. Eles já estão mais educados, já pensam também diferente.. em ajudar.. e ajudam. Já é diferente!

E- mas considera que existe uma divisão justa entre os dois?

O- Não, não, nesse caso não há nada, é muito injusta [risos]. Cai mais para o lado na mulher não sei porquê..

E- Ok.. portanto a nível de alterações do antes e do agora, acaba por não haver...

O- Não houve muita mudança... não!

E- Ok... Ao nível das tarefas de limpeza, limpar, lavar a louça, lavar a roupa, passar a ferro, comprar diárias...

O- Tirando as máquinas que me ajudam, pouco mais...

E- O que é que se alterou após o início da atividade... como era antes e como é agora?

O- Olhe.. de certa maneira, se calhar agora estou mais organizada do que era antes... Porque, como estava em casa, existe sempre aqueles pensamentos de que 'temos tempo, se não fizer agora faço mais logo', e agora não... Agora tenho que fazer porque amanhã não estou em casa e eu tenho que fazer porque tem que ficar feito... por exemplo. E nesse aspeto acho que estou mais organizada agora que antes, que não trabalhava fora.

E- Ok.. e agora como faz essas tarefas? Alguma coisa se alterou?

O- Pois alterou e muito, porque antes fazia durante o dia, tinha o dia todo para fazer essas tarefas, e agora... durante o dia não estou em casa, tenho que fazer as tarefas à noite, ou de manhã antes de sair, ou à noite e o fim-de-semana...

E- Hum hum... Exato. De que forma é realizado a divisão com o seu companheiro, neste tipo de tarefas de limpeza?

O- É assim... sou eu e eu mesma... Quase sempre é assim. Eles também nunca estão em casa, está tudo ocupado, e eu também... olha, sinto-me quase na obrigação de ter que fazer o trabalho todo..

E- Portanto, na divisão do antes e do agora...

O- É pouca diferença...

E- Relativamente ao nível das tarefas de manutenção/reparação como executar pequenas reparações de eletrodomésticos, trocar lâmpadas, tratar de animais, reparar motas/bicicletas/carros o que seja...

O- Isso é assim... essas tarefas já é mais com o marido, se é preciso arranjar alguma coisa, as avarias é com o marido ou com o filho... Mas, as limpezas é comigo, e as outras coisas já é com eles...

E- portanto, considera que alterou-se alguma coisa após o início da atividade ao nível destas tarefas de manutenção/reparação?

O- humm.. não.

E- Ao nível da divisão com o seu companheiro portanto, esse tipo de tarefas executa em maior quantidade?

O- Sim sim, executa em maior quantidade, é mais ele que faz

E- E considera que no caso dele, acaba por ser justa essa divisão?

O- Não sei o que ele pensa, mas... [risos], é justa, se é o que ele mais sabe fazer..

E- Ok... O antes e o agora..

O- è pouca diferença.. Antes fazia e agora continuo a fazer.

E- Ao nível do cuidado com os filhos, no seu caso não tem nenhum cuidado, porque eles já são maiores.. Não presta assistência portanto a ninguém...

O- Dou-lhes atenção na mesma, gosto muito de conversar com eles, procuramos conversar quando estamos sentados à mesa, que é um período que podemos estar sossegados e juntos, conversamos muito à mesa e eu dou-lhes atenção sempre que eles precisam..

E- Alterou-se alguma coisa, por exemplo, na relação com os seus filhos após o início da sua atividade como trabalhadora temporária?

O- Alterou, claro... Não dou tanta atenção, eles também.. tá certo que cresceram mais a esse nível, tornaram-se mais independentes... fazem tudo sozinhos, não estou perto deles todo o dia não é? Cresceram, estão mais maduros..

E- Por exemplo, considera que não tem tanto tempo para estar com eles?

O- Claro não estou tanto tempo, mas... por um lado, eles estão mais adultos, não precisam tanto daqueles cuidados todos que eu dava anteriormente

E- Hum hum.. Ao nível das atividades de lazer, as atividades sociais... Portanto, após o início da sua atividade, o que é que se alterou, o que era antes e como é que é agora?

O- Aaa.. talvez não passeie e saia tanto como antes, pois não há tanto tempo livre, como tinha antes... Mas lá está, se uma pessoa se organizar, não consegue fazer todos os dias, mas se quiser ao fim-de-semana.. Por exemplo, eu costumava fazer uma caminhada a pé todos os dias, é claro que agora não tenho tanto tempo para o fazer, não posso, porque se vou fazer a caminhada não posso fazer as tarefas que tenho que fazer em casa... fazer o jantar e isso.. Tudo isso altera-se.... Agora, vendo pelo lado, que o contrato vai terminar brevemente, depois terei mais tempo para me dedicar a alguma atividade de lazer ou menos organizar-me e ir passear com mais tempo e disponibilidade..

E- hum hum... Portanto, um antes e um depois.. Antes consegui fazer uma caminhada a pé, e agora não consegue..

O- Agora não consigo não.. Existe uma alteração a esse nível.

E- ok.. Ao nível da sua vida afetiva, da sua relação com o seu companheiro... algum coisa se alterou após o início da sua atividade? Considera por exemplo que o seu companheiro dá valor às tarefas que realiza em casa?

O- Pois isso eu não.. mas eu acho que sim, pois se eles aparecem feitas. Deve dar.. Não é do feitio dele estar sempre a dizer essas coisas, mas deve dar o valor... se ele gosta das coisas arrumadas.. dá o valor, não sabe é expressar, exprimir-se.

E- Mas considera que existe alguma diferença, alguma alteração na sua relação após o início da sua atividade?

O- É assim, a alteração, por um lado é positiva. Porque não estamos tanto tempo juntos, não dá tempo para nos chatear-mos [risos]... porque antes estava mais em casa durante o dia, e .. agora não. Até é melhor, nesse aspeto até é melhor!

E- Hum hum.. E questões como a distribuição do trabalho em casa são motivos de conflito?

O- Não não...

E- Portanto ao nível da relação com o seu companheiro, as alterações que encontra, são positivas?

O- São positivas,sim... de certa maneira são!

E- Ok.. Pronto, terminámos agora a entrevista.

O- Já? Eu até estava a gostar tanto...

E- Não sei se gostaria de fazer algum comentário em relação aos temas que abordamos na entrevista? Alguma questão que queira fazer? Algo que ficou por dizer?

O- Acho que está tudo dito...A minha opinião é que é bom trabalhar fora de casa, é bom estar ocupado, é bom ... faz bem, uma pessoa fica diferente, anda mais alegre, mais bem disposta, do que estar em casa... convive-se mais, é bom. E tendo um bom ambiente de trabalho então é melhor ainda.

E- Exatamente... Ok. Muito obrigada mais uma vez pela sua colaboração!

ENTREVISTA 5

Descrição

Sexo masculino, 25 anos, 12º ano, solteiro, não tem filhos e vive com os pais.

Operário fabril (maioritariamente embalagem de caixas de cartão), há cerca de 6 meses, entrando no ano de 2011, estando anteriormente desempregado. Já trabalhou em regime de contratos efetivos.

Realiza trabalho em turnos rotativos e o montante líquido mensal é menos de 500€.

Transcrição

E- Ok, fale-me do seu percurso profissional, ou seja, atividades que já realizou até ao momento, em que organizações, durante quanto tempo... O seu percurso profissional, o seu primeiro emprego até ao momento...

D- Aaaa.. o primeiro emprego foi o único fixo que tive até agora, foi 5 anos..

E- E foi onde?

D- Foi na *People's Phone*, é um grupo de rede de telecomunicações, e estava numa loja de telemóveis...

E- O que é que fazia?

D- Era assistente de loja mesmo, tipo vendia, dava assistência... só não fazia serviço pós-venda, de reparação, porque de resto, é tudo o que se faz num balcão basicamente...

E- E durante 5 anos?

D- Sim.. Depois disso, fui para fora... despedi-me e fui para o estrangeiro, estive lá fora 4 meses e voltei agora em... Novembro do ano passado..

E- A trabalhar no estrangeiro?

D- Sim.. Mais ou menos... Trabalhei enquanto lá estive trabalhei, só que lá está, as condições não eram propriamente legais e eu acabei por vir embora outra vez... E depois é que entrei no regime da agência de trabalho, foi-me inscrever lá e comecei a ser contratado ao dia, a partir de Dezembro..

E- Ok.. Imaginando que ganhava uma grande quantidade de dinheiro, por exemplo através do euromilhões ou lotaria, continuaria a trabalhar?

D- Provavelmente, não por conta de outro... talvez o mais provável era que investisse num negócio pessoal, ou num negócio de família... Manter o investimento, mas não ía

propriamente encostar-me porque o dinheiro não nasce do chão... Apesar de ser muito um gajo tem que o multiplicar, acho que é assim que isso funciona.

E- Exatamente... Portanto continuaria a trabalhar?

D- Sim sim... Não logo imediatamente não é? Acho que ia tirar umas férias, mas... sem dúvida que ia trabalhar. E por acaso não sou aquele tipo de pessoa... Já fui... Na altura em que estudava trabalho para mim era palavra ao lado, depois... desde que comecei a trabalhar, sempre levei aquilo a sério.

E- O que é que o trabalho lhe dá... ao realizar um trabalho?

D- É assim... Não posso dizer que me satisfaça, porque nunca trabalhei naquilo que realmente gosto, mas por exemplo, dentro do último trabalho que tive, o meu primeiro trabalho... até foi algo bastante engraçado, porque eu não dominava as telecomunicações... é uma coisa bastante acessível para qualquer pessoa...basta ter formação para isso, e dentro daquilo com o passar do tempo, uma pessoa começa a ganhar uma estima e um orgulho pelo trabalho que faz... e depois também tem a tua capacidade pessoal, que é tentar fazer o teu melhor, porque senão... também não é muito agradável trabalhar noutras perspetivas, mas há pessoas assim... há pessoal que trabalha contrariado... opa, eu não, propriamente.

E- Considera que o trabalho o satisfaz, realiza-o profissionalmente? Aumenta a autoestima... além da retribuição económica lá está...

D- Sim... lá está, tudo se enquadra no tipo de trabalho em questão... porque lá está, tendo em conta a situação que está hoje em dia o trabalho, não é tão fácil, conseguir isso... lá está, sendo trabalhos temporários é muito menos provável, porque são fases de tempo muito curtas em que acabas por não criar... não ter tempo de criar grandes laços até com a equipa de trabalho, e a começar a ganhar aquele automatismo, daquele trabalho que estás a desenvolver ou a fazer, o que quer que seja, e... depois lá está, não é a mesma coisa. A experiência que tive, foi no primeiro emprego, que lá é que tive o contato mesmo com o mundo do trabalho, num longo período e pronto... tendo em conta a situação de agora, não tem nada a ver, nem comparação possível...

E- Por exemplo ao criar um negócio próprio...portanto, ganhava uma grande quantidade de dinheiro, criava um negócio próprio, se calhar o trabalho já lhe dava...

D- Aí já era completamente diferente, já ia abrir um negócio, num âmbito que já domínio ou que gosto, e automaticamente gera motivação... Não quer dizer que ao fim de uns anos não perdesse a graça ou até nem resultasse bem isso são outros fatores, mas

qualquer pessoa que faça aquilo que gosta ou que esteja envolvido com algo lhe dê animo, a autoestima é óbvio dispara, sem dúvida.

E- Portanto, além da retribuição económica...

D- Claro, a remuneração... lá está, se for o caso de ser proprietário de um negócio aumenta as responsabilidades, como é óbvio já não se trata de receber só o vencimento e cumprir os meus objetivos e padrões de operário, mas sim... manter todo o funcionamento e contas, etc.... tudo direitinho. É diferente, mas claro é óbvio que ia dar outro gosto, porque não é tudo mau, e ia ver muitas coisas a crescer.. ia ver o negocio a evoluir e isso acho que toda a gente gostava de ver, pelo menos aquelas pessoas que não têm problemas com o trabalho, porque há aqueles patrões, que mesmo assim tendo negócios e nem lá metem os pés... e pronto. Eu tive contato com uma empresa que tinha 400 funcionários, em que o patrão sabia o nome deles todos... Hoje em dia não se vê muito isso, e eu no primeiro jantar de natal fiquei admirado... a ver tanta gente e um velhinho de gravata que andava lá a chamar toda a gente pelo nome... Senta-se à minha beira, a falar comigo e nem sabia quem era... eu nem sabia quem ele era. Ele sabia perfeitamente o meu nome. E pronto, hoje em dia não há muitas pessoas assim... E isso é assim... há dez anos, passou de 1 loja para 70. Nesta altura... imagina. Tem muito amor, até porque a empresa é marido e mulher, dois engenheiros que criaram tudo aquilo eu olho para a cara deles e consigo ver a satisfação que eles têm, por isso... Se eu abrisse um negócio dentro da minha área, ia estar feliz e satisfeito, sem me chatear com nada, de certeza.

E- Portanto, continuaria a trabalhar mesmo que ganhasse uma grande quantidade de dinheiro... Ok. Porque motivo é que se encontra neste momento a trabalhar em regime de trabalho temporário? Como trabalhador temporário... qual é o motivo principal?

D- Porque ainda não me apareceu nenhuma proposta de trabalho fixo... Se formos a falar na parte temporária da questão eu estou no extremo, que é o contrato diário, mas pronto... nem três meses, nem seis meses, não tenho recebido nenhum tipo de chamada para nenhum tipo de trabalho mais estável.

E- Não procurou exclusivamente trabalho temporário?

D- Não não não, andei a entregar currículos, corri tudo o que eram grandes fábricas, que neste momento são as potências da zona... deixei currículos, preenchi as fichas, mas lá está... está complicado. É a resposta de toda a gente... de momento não mas nunca se sabe... Assim como vou eu, vão centenas e milhares de pessoas lá. Não há muita volta a

dar... ou se arranja algum conhecimento, ou então não há volta a dar... daí a ser chamado para lá... era bom, mas vamos ver.

E- O motivo foi mesmo, estava desempregado e inscreveu-se numa agência de trabalho temporário...

D- Sim, exatamente. Foi a única coisa que me chamaram... de todo aquele circuito regular que se faz quando se procura emprego, desde mandar currículos online, ir pessoalmente às fábricas, agências... Só que lá está, no momento em que chega às agências, a primeira chamada, normalmente agarra-se, quando realmente se precisa de trabalho e pronto... recebi uma chamada de lá e para realizar este tipo de trabalho.

E- São contratos diários?

D- sim são contratos diários.. Todos os dias tenho um contrato diferente, pode ser o mesmo contrato, mas vem sempre aquelas clausulas e não sei quê, não sei que mais...

E- Ok, Face à experiência que tem, como trabalhador temporário, gostava que me dissesse os aspetos positivos que identifica, ao nível do trabalho que realiza neste momento... ou seja, considera que lhe dá satisfação, que lhe dá prazer em realizar, aumenta ou aperfeiçoa as suas competências profissionais... aspetos positivos...

D- Positivos.... A remuneração é bastante boa, porque tenho toda uma parte de subsídios e direitos que num trabalho fixo só em caso de ser despedido é que normalmente se tem acesso... No meu caso é pago diariamente toda essa parte de subsídios, etc. ... A nível de experiência profissional, também tenho a vantagem de ser multifacetado, entre aspas, apesar de a minha formação nunca ter sido fabril, nunca ter sido um operário de fábrica... já fiz um pouco de tudo, dentro da empresa em que me chamaram, isso é bom, porque aprender não ocupa espaço como se diz e quem gosta acaba por fazer as coisas... porque nunca se sabe se não dará jeito já ter feito aquilo no futuro. De resto.... Não tem muito mais, acho que não... não estou a ver assim...

E- Acaba por mantê-lo ativo, vai mantendo algumas competências, ganhando também... ou aprendendo visto que nunca tinha feito...

D- Exatamente. Isso sem dúvida, a nível de experiência é bastante bom porque... é facultativo lá está. Nunca trabalhei com empilhadores na vida, e já conduzi empilhadores, nunca trabalhei com um porta-paletes, e já conduzi porta-paletes, nunca meti frutos para misturar umas papas de bebé, já misturei frutos.. toda uma série de processos que nós nem sequer sonhamos que existem... e pronto, ficas aprender. No geral aquilo é bastante bom ao nível da cultura pessoal, ficas a aprender. Opa, como as coisas são feitas... aquele fascínio. Por exemplo, fui para a aparte alimentar e não tinha a

mínima noção do que são medidas de higiene, de alta higiene, de segurança, tipo calçados profissionais... todas aquelas histórias de grandes empresas que nunca tinha tido o contato, porque era um operário de loja, não trabalhava com materiais em si e pronto, lá trabalhas com tudo... E lá está, lá também vê produtos que consumes, a serem confeccionados... o que para algumas pessoas, pode ter uma ideia errada que qualquer coisa entra lá dentro, mas não. Aquilo realmente é ao milímetro... é mesmo muito rigoroso.. Mas é bom. Porque se tiver filhos, sei que aquela papa é de confiança [risos] e que todos os produtos daquele marca estão bem feitos. Mas pronto, de resto, a nível de pessoal, de convívio... vai um bocado também da pessoa... há pessoas mais retraídas, há pessoas um bocado mais animadas... não tenho problemas em relação a isso, faço amigos em todo o lado, por isso está tudo bem, só que lá está não crias aquele laço, mas lá está isso não é positivo... A nível positivo que eu esteja a ver é mesmo a parte do dinheiro e da cultura geral do que aprendes. Isto falando que só foi chamado para uma empresa apenas, porque à agências e eu conheço pessoas que intercalam postos de trabalho em empresas diferentes, aumenta mais o teu conhecimento... Eu estou na parte da alimentação, há pessoal que vai depois para a metalurgia noutra fábrica, depois se for preciso vai trabalhar para os estofos ou tratar bancos para outras fábricas, lá está... tudo isso é bom a nível pessoal...

E- Aumenta as suas competências...

D- Claro, aumenta sempre o currículo, entre aspas, mas na vida profissional sabes que já fizeste e consegues fazer...

E- Exatamente...Aspetos positivos agora ao nível da vida privada/familiar, ou seja, considera que existe uma melhor conciliação entre as exigências profissionais com a vida familiar?

D- [...] Depende, não é fácil, porque é assim tem sempre a parte surpresa, no meu caso. Por exemplo, se falarmos, por exemplo num contrato temporário de para aí três meses, a perspetiva é diferente.. Aí já entra rotinas, já entraaa.. toda a tua vida começa-se a adaptar. Se for num regime diário, já não é tão fácil porque, assim como hoje não tens nada para fazer, vou para uma esplanada espaiar um bocado, amanhã às oito horas vais trabalhar, se for preciso vais da meia noite às oito... Em termos familiares não ajuda, porque a variação cria desencontros.. No meu caso com os meus pais é 'Olá, bom dia. Está tudo bem?', e está sempre tudo bem [risos]... agora no caso de uma pessoa casada já afeta, já é um pouco mais complicado.

E- E consegues identificar algum aspeto positivo?

D- É assim, eu posso ir buscar um aspeto positivo no meio dos negativos, que é o facto de sermos temporários liberta certos tempos, que se fosse um trabalho efetivo se calhar não libertaria, só se for mesmo por esse lado, porque de resto tudo se encaixa como uma rotina normal, desde que ela exista...

E- Por exemplo, a nível da confeção de refeições, tarefas de limpeza, tarefas de manutenção/reparação acha que tem mais tempo para as realizar, e em relação à sua vida afetiva/amorosa, considera que tem mais tempo para conciliar estas exigências?

D- Sim... principalmente na parte, por exemplo, do ter tempo, ou melhor, ter tempo e possibilidade de escolher, no meu caso, de ir trabalhar amanhã ou ir a uma consulta médica, por exemplo... Porque no emprego dá um certo trabalho conseguir uma data para naquele dia não ir trabalhar... Eu como sou eu que escolho o dia e é me sempre perguntado se posso ir trabalhar, se não poder outra pessoa será chamada, e isso é óbvio que facilita qualquer um.. se amanhã preciso de ir a um dentista ou qualquer coisa, digo que não posso ir trabalhar e vou.. mas liberta-me muito tempo sim, a gestão de tempo fica mais facilitada, mas lá está, o período de tempo laboral também é muito menor... as horas de trabalho são menores.

E- Pois pois...Ok! Mas pronto, considera que de certa forma tem mais tempo?

D- Sim sim, tenho mais tempo, sem dúvida.

E- A nível das atividades de lazer, atividades sociais... aspetos positivos, face à experiência que tem.. aspetos positivos. Por exemplo, considera que também tem mais tempo para atividades extra trabalho?

D- Por exemplo, posso fazer a comparação tendo em conta, a minha situação atual e a situação quando trabalhava na empresa anterior, por exemplo, antes trabalhava aos fins-de-semana, agora não trabalho ao fim-de-semana, nunca me chamaram para o fim-de-semana, só de segunda a sexta, e parecendo que não, liberta logo o fim-de-semana, porque para muitas pessoas em comum, é um período de descanso sagrado. Depois... depois...

E- Acaba por ter mais tempo...

D- Sim isso mais tempo tem sempre, e lá está a flexibilidade de horários, também te dá para o teu lazer, para os teus hobbies, para o teu tempo livre em questão... porque se não puderes ir de manhã podes sempre ter a opção de um turno de tarde, porque precisas da manhã para fazer qualquer coisa, ou até ir às compras, e podes ir para o turno da tarde...

e fazer noite porque precisas no dia a seguir logo de acordar cedo porque vais fazer qualquer coisa e já saís logo direta do trabalho... enfim, facilita sempre bastante.

E- Exato, uma melhor conciliação... Não sei se tem alguma atividade extra trabalho, neste momento?

D- Só o ginásio à semana. E a música (Dj), mas a música não ocupa muito tempo, é de onde em onde quando é necessário..

E- Por exemplo o ginásio, nunca interferiu nada com o trabalho... Nunca teve de deixar de ir ao ginásio?

D- Já aconteceu, mas aí foi por opção própria, não propriamente pelo trabalho... por opção própria, ou porque não estava com cabeça para ir para o ginásio, ou porque o trabalho foi um bocadinho mais duro, mas já por opção.

E- Ok, agora gostava de saber os aspetos negativos, que identifica, face à experiência que tem, ao nível do trabalho. Ou seja, que são salários baixos, que existe poucas regalias, existe aquela incerteza, insegurança sobre a ameaça do desemprego...

D- É assim, os dois pontos... que pesam mais são sem dúvida os rendimentos. Se formos falar não diretamente dos rendimentos, mas dos impostos, taxas, o que seja que se paga hoje em dia... acho que é um pouco elevado para a remuneração do trabalho dá às pessoas. Um salário mínimo... é baixo! É baixo, mas há uns anos não era, porque o nível de vida duplicou, os custos duplicaram e os salários manterem-se.... pronto, subiu mas foi uma parcela mínima. E é óbvio que tudo isso, e o dinheiro, infelizmente, faz a nossa vida, é preciso para comer e para tudo mais, complicou bastante, e as pessoas cada vez mais, estão descontentes com o trabalho, não têm vontade de trabalhar... apesar de haver aqueles dois lados, que é o lado da necessidade e o lado do 'comodismo', o chamado 'comodismo', que são aquelas pessoas que estão a trabalhar e se for preciso não tem necessidade, é mesmo assim... não trabalham de vontade própria e vão contrariados, enquanto que se for preciso há milhares de pessoas que realmente necessitam ter um vencimento, um salario mínimo que seja para manter a casa a funcionar, por exemplo, e não conseguem... Mas isso é um pau de dois bicos, não é? Não há volta a dar,

E- Mas no seu caso específico, quais são os aspetos negativos?

D- É assim, a parte da insegurança pesa muito, a nível psicológico, afeta muito. Por exemplo, uma pessoa que tenha encargos, como eu tenho por exemplo... eu pago uma prestação do carro mesmo estando desempregado. Se for preciso, tenho sempre a ajuda dos meus pais que me podem ajudar mas conheço inúmeras pessoas que estão na

mesma situação, ou até com encargos, bem menores que os meus e não os conseguem cumprir. E hoje em dia não está fácil manter um trabalho, por muito que o queiras manter isso já não serve. Pelo menos a minha perspetiva em relação ao trabalho que já não é como antigamente, em que suavas a camisola, porque gostas do teu trabalho e o teu patrão via-te e dava-te valor... E hoje em dia é um bocado relativa essa parte... do estar bem com o trabalho, do 'encarar' o trabalho de uma forma segura, porque até quem está seguro por contrato, nos dias de hoje está sempre na insegurança, porque o mercado não está bom, porque a empresa num instante está a trabalhar como... que acontece em muitas, e tem trabalho, e são obrigados a fechar, e inúmeras coisas... Uma pessoas hoje em dia é o certo pelo não certo, e uma pessoa fica um bocado desmotivada, mas infelizmente, trabalho tem que se trabalhar, não há volta a dar, e hoje em dia, o que é que uma pessoa faz sem trabalho? Não faz nada. Não se vai a lado nenhum, não se compra nada, não se conquista nada, o que se conquistar é porque não foi necessário dinheiro, porque até para atingir sonhos é preciso essa parte do capital, é necessário. Por exemplo, na minha perspetiva... lá está, eu arrisquei um bocado, tendo em conta o que eu fiz, não foi propriamente racional, tendo em conta o que devia... se pensasse como penso hoje, não tinha feito, sem dúvida que não tinha feito, que foi abdicar de um posto de trabalho fixo... mesmo sabendo que aquele fixo, que tinha os seus 'senãos' porque num instante a loja onde estava colocado, que ficava a 4km de casa, fechar e ter que ir para uma a 30km ou 40km... ou como já me deslociei várias vezes a Matosinhos... e aquilo lá está... e eu... despedi-me! Fui à procura de algo mais (estrangeiro) e não correu bem... quando voltei, tive uma proposta para abrir um negócio, mas lá está, não há capital... não há volta a dar, e sem trabalho mais tarde vou conseguir atingir esse feito. Mas isso infelizmente, não há volta a dar, temos que andar nisto [risos].

E- Exatamente. Ok, portanto o maior aspeto negativo, talvez seja aquela incerteza, aquela insegurança...

D- Insegurança, e... lá está, interfere logo com estabilidade porque a nível emocional, profissional, monetário.. tudo, fica tudo instável. Porque no momento em que uma pessoa não se sinta segura, é raro sentir-se segura no resto, eu acho que, a nível de trabalho afeta muito as pessoas, e vê-se... vê-se na cara até das pessoas, algumas mostram bem a frustração do desemprego... assim como há outras que têm trabalho e mostram bem o sorriso que tem por ter trabalho, nós vemos isso na rua.

E- Hum hum... Relativamente a aspetos negativos relativos à vida familiar, à vida privada? Portanto considera que tem alguns efeitos negativos sobre a sua saúde mental, como o stress profissional... Considera que acaba por adiar principais etapas da vida, como o casar e ter filhos...

D- Sim... tudo torna-se muito mais difícil, fazer planos a esse ponto, e óbvio que aí depois depende também para situações para depressões e coisas assim do género, é óbvio que depende de pessoa para pessoa, também vai da vontade e da situação da vida em questão, no se sabe o que está para trás ou para a frente, mas cada um é que sabe da sua vida, mas a meu ver, sem dúvida que interfere bastante... a instabilidade deixa qualquer pessoa.... a pisar a linha, do para lá do que alguns anos atrás dizia que nunca ia fazer, ou que nunca sequer ia chegar aquele ponto de... seja do que for, estou a falar do género de pessoas que também sei que tinham luxos e tiveram que abdicar deles, tinham rotinas e tiveram que as modificar completamente... isto aplica-se depois em tudo... no dia-a-dia em si, tu levas com essa carga negativa da coisa... tanto do desemprego, como do emprego temporário, a curto prazo... digamos assim. Mesmo sendo meio ano... hoje em dia as pessoas ainda ficam felizes, porque tendo em conta como isto está, que nem para uma semana se arranja trabalho, uma pessoa que arranje um contrato de meio ano, já dá outro ânimo...é óbvio que não fica feliz o resto da vida, mas pelo menos naquele período a autoestima sobe, só que, é óbvio que mais tarde ou mais cedo a realidade volta a quebrar, senão é sinal que passaram da fase temporária para um posto mais efetivo, e aí as coisas já são diferentes.

E- Mas por exemplo no seu caso, o casar e ter filhos, condiciona o facto de ser temporário?

D- Não veio condicionar porque não fazia parte dos planos tendo em conta a idade estipulada, se bem que isso é um percalço, não há propriamente uma idade, mas todos nós temos a vida mais ou menos traçada, e tendo em conta por exemplo as minhas prioridades, foi um bocado assim que estipulei a minha vida... enquanto não, terminar, por exemplo, de pagar o meu carro, não colocaria em hipótese um viver, em partilha com alguém, ou mesmo em união de facto ou o que quer que seja... qualquer tipo de investimento, ficou logo anulado, ou pelo menos é assim que eu tenho a perspetiva... e lá está, como não fazia questão de me casar, nem ter filhos tão cedo... nesse aspeto não veio interferir em nada, porque não fazia mesmo parte dos planos.

E- Ok... Por exemplo, considera que tem menos tempo para a família e amigos?

D- Não... é um bocado relativo, lá está depende de como direcionarmos a pergunta... Neste caso até tenho tempo a mais, se formos a falar a verdade..

E- Portanto mais aspetos negativos que encontra?

D- [...] Ando tudo um pouco à volta do mesmo... Nesse aspeto de rumo, não propriamente. Porque lá está, também a vida permite um bocado eu estar impasse sem grandes preocupações... mas há pessoas que realmente podia ser uma catástrofe esta situação como a que eu estou... não pago renda, não pago alimentação, tudo isso acaba por facilitar psicologicamente um pouco a coisa, mas lá está, se for uma pessoa, numa situação dessas torna-se um pouco complicado.

E- Mas por exemplo, imaginando que tinha uma relação, por exemplo o facto de viver junto e ter uma casa própria, pode condicionar?

D- Na minha perspetiva ia condicionar, sem dúvida.

E- Acabaria por ser um aspeto negativo, se estivesse nos planos, viver sozinha ou viver com alguém

D- Sim, sem dúvida, se... tivesse uma relação e se já quisesse... se já andasse a pensar, em talvez, ou juntar-me ou casar ou ir viver com a pessoa ou até ter filhos, aí já entraria logo num dilema, e talvez adiar a situação até ter uma estabilidade considerável em que eu realmente visse que tinha um trabalho estável, realmente o dinheiro que entra é estável e dá para fazer as contas e a gestão em condições. Porque receber realmente ao dia, não é fácil a gestão do dinheiro... Este mês tive um salário mínimo, próximo mês tenho 50€... torna-se impossível enquanto uma pessoa tiver um vencimento certo mesmo sendo um contrato temporário, acaba por criar sempre aquela rotina, mas se fosse eu... mesmo que fosse um contrato de meio ano... se calhar não arriscava nesse prazo de meio ano juntar-me... porque do meio ano para a frente não sei e podia ter dinheiro para os meus afazeres nos próximos 2 meses e depois vejo-me no desemprego com mais encargos em cima, porque o juntar trás sempre encargos, coisas que não pagava e ia começar a pagar, tudo isso requer dinheiro, e o dinheiro é preciso trabalhar, é por aí.

E- Exatamente... E relativamente às atividades de lazer, atividades sociais... aspetos negativos, que encontra neste momento, face à experiência que tem?

D- Lá está, envolve sempre o nosso querido capital, porque...

E- Mas por exemplo, não consegue conciliar com as atividades extra trabalho? Pelo que disse consegue sempre...

D- Conseguir consigo, mas a parte do lazer fica um pouco limitada pela parte do vencimento, porque... como é que eu hei de explicar...

E- Não é pela questão do tempo..

D- Não propriamente, porque lá está, o tempo não é coisa que tenha problema na minha situação, tenho vários dias livres, semanas até, neste caso, foi o primeiro mês livre, completamente que tive, não é que seja bom, porque apesar de ter livre o dinheiro não existe para proporcionar certo lazer ou um certo *hobby*... pronto, vou conseguindo manter o luxo do ginásio, graças ao pouco que recebo, também é única coisa que consigo mesmo ter, porque de resto não é muito fácil... apesar de ter tempo, a não ser que seja algo tipo ir passear ao jardim abaixo da rua, ou ali à cidade ao lado... tudo o que seja grandes deslocações já fica praticamente impossível e vê-se.. agora as pessoas já não passeiam o que passeavam...

E- Exatamente, portanto, consegue conciliar bem...

D- Sim, em termos de tempo, sim!

E- Ok. Se eventualmente surgisse a oportunidade de mudar a sua atividade profissional de trabalhador temporário, para outra, mudaria?

D- Outra... efetivo? Sim sim.

E- Sem pensar duas vezes?

D- Sim

E- E porquê?

D- [...] No meu caso, mais pela calma psicológica que ia trazer... porque apesar de... como é que eu hei de explicar... a remuneração do trabalho o facto de serem contratos diários, em termos monetários é muito superior, mas depois tem sempre aquela quebra cabeça de ser incerto, pode haver como pode não haver... como o facto de trabalhar 7 dias e tirar 360€, está muito próximo de um ordenado mínimo e é um quarto de um mês de trabalho, e por aí realmente uma pessoa fica fascinada, dinheiro fácil, digamos. Só que preferia se calhar ganhar o salário mínimo, trabalhar três vezes mais, que era o que ia acontecer, mas ter aquele dinheiro certo e saber que para a semana, à segunda-feira, para muitos não é bom, mas sabia que tinha que ir trabalhar e ter o trabalho é óbvio que uma pessoa fica muito mais estável e tranquila... Depois é sempre aquela pressão do incerto, a vida não anda para lado nenhum, enquanto não se traçar um rumo. Se não há trabalho, como é que uma pessoa vai-se safar? Não vou andar ao alto o resto da minha vida, que isto não vai dar nada... é sempre complicado. Tento sempre dedicar-me um bocado ao negócio de família mas nem para isso dá que a empresa do meu pai tem três funcionários, é ele e mais dois, e o trabalho que há, eles são técnicos naquilo, não tenho grande experiência, sei pouca coisa... quando vou, tudo muito bem, mas...nada de outro mundo!

E- Ok, portanto mudaria logo de tipo de trabalho..

D- Sim sim.

E- Agora gostava de saber, alterações que surgiram na sua vida, após o início da sua atividade como trabalhador temporário. Por exemplo, ao nível da confeção das refeições, alguma coisa se alterou?

D- No meu caso não, porque eu não cozinhava, e continuo a não cozinhar, e não passo fome. A empresa tem cantina.

E- Portanto, um antes e depois, alguma alteração?

D- Aaaa... não. Antes deslocava-me a casa, trabalhava aqui ao lado em Arrifana, ia a Cucujães todos os dias, agora almoço lá porque tem cantina, não há problema. Nunca tive essa preocupação. Nenhuma alteração nesse sentido.

E- Ok. Ia perguntar de que forma é que se realizava a divisão dessa tarefa... Fica mais direcionada para que membro da família?

D- Para a mãe.

E- Ok... Relativamente a alterações ao nível das tarefas de limpeza, como o limpar, lavar louça, lavar roupa, passar a farro, compras diárias...

D- Não realizo nenhuma dessas tarefas [risos]. Nenhuma, a não ser fazer a cama, acho que é o máximo que faço

E- Portanto, a nível de tarefas de limpeza... não se alterou nada porque também não fazia nenhuma tarefa de limpeza? Antes e depois mantêm-se igual?

D- Igual... menino da mamã.

E- Portanto, a sua mãe é que realiza essas tarefas?

D- Exatamente. Como o meu pai diz: 'é o emprego dela' [risos].

E- Agora ao nível das tarefas de manutenção/reparação, mudar uma lâmpada, uma pequena reparação num eletrodoméstico, alguma coisa se alterou ao nível dessas tarefas?

D- Nunca fiz nada disso.. [risos] Não. Mas quando há necessidade de algum tipo de trabalho lá em casa, tenho sempre tempo. Porque se o trabalho em questão for direcionado para mim, é óbvio que eu faço a minha gestão do tempo, e numa altura em que posso e esteja livre... de outra forma é tudo o pai ou a mãe.

E- Portanto, nenhuma alteração a esse nível?

D- Não não. Também não.

E- Ok. Ao nível de divisão destas tarefas é realizada entre os seus pais?

D- É, ou um ou outro. A não ser que tenha que ser algum tipo de trabalho externo que tenha que ser alguém, especializado. Mas dentro das lides domésticas eles dão bem conta do recado.

E- Ok. Portanto, não presta assistência a nenhuma pessoa, nem cuida de ninguém..

D- Não.

E- Ao nível das atividades de lazer, sociais o que é que se alterou? O antes e o depois?

Alguma alteração? Alguma coisa que fazia e agora não faz ou vice-versa?

D- Nada que tenha sido causado pelo trabalho diretamente. Basicamente o tempo livre que tenho, as atividades que realizo, são muito centradas, sempre muito reguláveis dentro do meu ordenado...

E- Um antes e depois, alguma alteração evidente?

D- Tenho mais tempo livre, faço mais coisas..

E- Alterou-se no aspeto de ter mais tempo..

D- Ter mais tempo para fazer o que poder e me apetecer, que é mesmo assim.. [risos]

E- E a nível da sua vida afetiva alguma alteração? Sente que não tem tempo para se dedicar a uma vida afetiva

D- Se calhar isso era mais antes

E- Alguma alteração, um antes e depois?

D- Se calhar lá está apesar de com um trabalho fixo o tempo ser mais grado, não é? a sobra do tempo ser mais canalizada, no caso de uma relação... Há sempre, o tempo que resta acaba por ser sempre pouco, não é? quando se está bem é sempre pouco. Mas em contrapartida tens sempre um estado emocional mais estável, tipo estás mais tranquilo a nível do trabalho, a tua cabeça está menos preocupada, não existe um desgaste emocional tão grande, e tanto *stress*, porque quando se está numa relação tem frutos que são muito positivos. Enquanto que agora, posso-me dedicar à vontade, tenho tempo, mas não me considero com um estofo psicológico para andar de volta dessas lides... à procura de andar na busca de uma relação. Por exemplo, se calhar antes era mais focado e agora.... Antigamente se calhar andava mais numa de conhecer

alguém que realmente se enquadra ou que me despertasse algum tipo de interesse, de me focar de me esforçar... agora não tenho tanta essa perspectiva porque o acarretar das preocupações acaba por também desleixar um bocado esse lado... acabo por andar com mais tensão e *stress*, e eu também... mais desmotivado, acaba por afetar a parte emocional...

E- Não está tão disponível não é?

D- Eu posso resumir o meu dia-a-dia com... por exemplo, a tensão diária de não ter nada para fazer, à pessoas que não afeta, a mim deixa-me um bocado frustrado... Vou ao ginásio, descarrego e acabo por aí a minha situação diária... não saio, não vou a um café para ver gente, para conhecer gente... não há aquele estado... aquela disponibilidade emocional para ir... uma pessoa já está um bocado retraído, pela situação financeira, ou o emprego, e deixa uma pessoa já um bocado de pé atrás. E depois ainda mais essas degraus que temos que subir, uma pessoa acaba por não se preocupar com isso, ou pelo menos eu não tenho cabeça para andar por aí atrás de uma pessoa tendo em conta que pesa-me todos os dias o facto que tenho um encargo que não consigo cumpri-lo. E só por aí... é o meu pai que cumpre-o. Graças a Deus que tenho essa sorte, mas também sei o que causa nele, o que a minha situação causa nele... nele não a nível financeiro, mas a nível psicológico... Tendo em conta que é uma pessoa que já tem uma idade, que já é reformado, já ter um negócio e tudo isso acaba por o afetar bastante. É mais por aí que me pesa, porque sei perfeitamente o tipo de pessoa que sou, o tipo de pessoa no que diz respeito a trabalho... quando é para trabalhar trabalho, e uma pessoa vê-se numa situação em que quer e não há, ou melhor, é quase um não pode, porque o que há não temos acesso, e o que temos acesso não temos qualificações... Ainda esta semana me disseram como não fui chamado para uma empresa que trabalha ali na zona de Oliveira de Azeméis, que fica relativamente perto de minha casa, trabalha muitos amigos meus lá e é uma empresa fabril de moldes plásticos... aquilo tem três turnos e é uma empresa grande que funciona bem e, eu fui lá preencher ficha e deixar CV, e perguntaram-me: 'Não te chamaram? Colocaram pessoas', e eu depois referi o facto que como eu fui lá preencher devem ter ido mais umas centenas, e houve alguém lá que me perguntou: 'O que é que colocas-te nas tuas habilitações literárias?' e eu: 'coloquei o que tenho, 12ºano', e ele: 'tivesses posto 9º ano tinhas sido chamado'... Pelo menos 4 colegas que lá estão, amigos meus colocaram 9ºano porque já sabiam que colocar mais não os ia ajudar em nada, a não ser que fosse algum cargo de Engenharia específica, ou algum cargo lá dentro... e pronto. Para ter noção que o 12º ano é uma grande coisa, que nos dias de hoje tem que se investir na formação... há situações assim que temos que esconder a formação, que eu nem considero ter formação, que é ensino secundário... Mas dão prioridade a pessoas só com o ensino básico, por exemplo. Não sei explicar o porquê, mas realmente acontece, e também não acredito que seja pela parte monetária porque o 12º anos ou o 9º ano, não é nenhum grau de engenharia, nem nenhum tipo de salario base elevado, mas acontece e existe essas situações

E- Portanto, a nível da vida afetiva, alterações é o que me disse, antes e depois, não está tão disponível agora como estava... é essa a alteração mais evidente?

D- Sim, se bem que o antes.. mas lá está, falo do antes porque apanhou relações, apanhou uma relação em questão, e pronto o tipo de vida era completamente diferente, é aquele contacto com vida-trabalho-pessoa com que se está... direciona um bocado. Neste momento é, vou trabalhar se tiver que trabalhar, e saio do trabalho e vou ter com o pessoal, e estar com os amigos sem grandes rodeios, sem grandes idas... por ali mesmo.

E- Ok, terminamos a entrevista. Não sei se quer fazer algum comentário em relação aos temas abordados... alguma questão, duvida?

D- Não não.

E- Ok, mais uma vez muito obrigado pela colaboração!

ENTREVISTA 6

Descrição

Sexo Feminino, 21 anos, 12º ano (ensino secundário), casada, não tem filhos e mora com o marido.

Operadora de linha de montagem (realiza ligações elétricas de arcas numa linha de montagem). Trabalha no regime de trabalho temporário há mais de 2 anos, iniciando esta modalidade no final de 2009, estando anteriormente desempregada. Já teve trabalho sem ser em regime temporário, com contratos de 1 ano.

A maior incidência como trabalhador temporário é na área de produção/manutenção, realizando horários em turnos rotativos, com montante líquido mensal entre os 500 até 750€.

Transcrição

E- Inicialmente gostava que me falasse sobre o seu percurso profissional, as atividades que já realizou, em que organizações, durante quanto tempo... Portanto, o percurso profissional, desde o início até agora.

P- Ainda estava a estudar, comecei a trabalhar aos fins-de-semana num restaurante, depois... pronto, trabalhava ao fim-de-semana, durante a semana, quanto precisavam e tinha disponibilidade, fazia umas horas, quando nos pediam. Depois terminado o curso, estive lá mais dois ou três meses, e saí por opção. Depois quando voltei a arranjar trabalho foi numa pizzaria, em Santa Maria da Feira, e assinei lá um contrato de um ano. Também não fiquei lá até ao fim do contrato, cheguei a um acordo com os patrões, e saí. Depois, foi a partir daí que estive através de Empresa de Trabalho Temporário. Estive na, depois entre os trabalhos estive sempre algum tempo em casa. Depois estive cerca de 15 dias na Vulcano (BOSH). Não sei a ordem como foi... mas, tive também 5 meses num restaurante em Oliveira de Azeméis, que entretanto fechou, e viemos embora. Estive 1 ano na GROHE, e agora estou na TENSAI, a contratos temporários, mês a mês.

E- Ok. Imaginando que ganhava uma grande quantidade de dinheiro, por exemplo através do euromilhões ou lotaria, continuaria a trabalhar?

P- Trabalhar sim. Porque eu não consigo estar muito tempo sem fazer nada, mas em quê não sei.

E- Portanto, trabalhava independentemente de ganhar uma grande quantidade de dinheiro?

P- Sim sim, tinha que trabalhar. Tinha que fazer alguma coisa. Talvez arranja-se... era trabalho... abrisse qualquer coisa, não ter aqueles horários, sempre estar ali aquela hora... ser mais independente, digamos assim...

E- Portanto o motivo principal era para estar ocupada?

P- Sim sim.

E- Mais algum motivo?

P- É assim gosto, e procurava algo que gostasse... talvez alguma coisa ligada a crianças, provavelmente, não sei. [risos]

E- Ok, mais algum motivo?

P- Não...

E- Porque motivo é que se encontra atualmente a trabalhar em regime de trabalho temporário? Algum motivo em especial, procurou exclusivamente trabalho temporário?

P- Foi o que me apareceu... Não foi porque quis, mas foi a primeira coisa que me apareceu, procurei trabalho em muitos sítios, mas foi a primeira oferta. Não procurei exclusivamente trabalho temporário, porque acho que ninguém gosta de estar nesta situação. Mas surgiu e aproveitei..

E- Face à experiência que tem como trabalhadora temporária, gostava que me dissesse os aspetos positivos que identifica... Ou seja, os aspetos positivos que identifica ao nível do trabalho, que está a realizar neste momento... Considera que lhe dá prazer, que lhe dá satisfação em realizá-lo...

P- O trabalho que eu estou a desempenhar neste momento, gosto, até gosto daquilo que faço... É assim ao fim de uma horas é um pouco cansativo, mas pronto, gosto... se não gostasse não sei se conseguia. Mas, não é mau.

E- O trabalho, de certa forma, a satisfaz, e tem prazer em realizá-lo...

P- Sim sim, gosto

E- Por exemplo, considera que adquire mais competências profissionais, aperfeiçoa, mantém...

P- É assim, vou aperfeiçoando de dia para dia, com a experiência, com os erros que cometo, depois sou chamada à atenção e explicam-me o porquê, vou vou... melhorando de dia para dia e tento sempre, para além da minha função, tento sempre aprender um

bocadinho da função dos meus colegas, para se faltarem ou se estiverem atrapalhados eu poder ajudar, mas...

E- De certa forma, o trabalho que vai realizando, acaba por lhe dar experiências diferentes em vários ramos, visto que já desempenhou funções diferentes, em empresas diferentes..

P- Sim, sim.

E- Portanto, os aspetos positivos, centram-se no prazer e satisfação em realizá-los, gosta do que faz...

P- Sim sim.

E- Mais algum motivo, aspeto?

P- Não não.

E- A nível da sua vida familiar/privada, aspetos positivos que encontra, face à experiência que tem... Considera, por exemplo, que consegue conciliar melhor as exigências profissionais com as exigências familiares?

P- Não, é assim... aspetos positivos para trabalhadora temporária, não há, acho que não há... Muito menos para a vida pessoal, porque nunca é certo. Estamos a trabalhar, temos contrato para um mês, sabemos que no final desse mês, quer dizer não sabemos... porque sabes que chega ao dia de renovar o contrato e sabes que podes continuar a trabalhar como podes vir embora, nunca podes fazer assim muitos planos à tua vida, porque não sabes, temos que ir andando... neste caso, mês a mês.

E- Exato. Portanto, aspetos positivos a nível familiar, por ser trabalhadora temporária...

P- Não não. É assim, eu sendo trabalhadora temporária, como sendo efetiva... conciliar horários, isso é a mesma coisa, porque os horários seriam os mesmos... Agora, fazer planos, ou organizar qualquer coisa, ou organizar mesmo a vida é um bocado complicado, é instável.

E- E a nível de atividades de lazer, atividades sociais, aspetos positivos que encontra... Ou seja, consegue conciliar melhor, por exemplo, as atividades extra trabalho?

P- Consigo conciliar, não por ser trabalhadora temporária, mas consigo conciliar o que quero fazer.

E- Tem alguma atividade extra trabalho?

P- Ando num ginásio.

E- E consegue conciliar bem?

P- Depende, depende. Depende do horário que estiver a fazer, se estiver a fazer manhãs, consigo, se estiver a fazer tardes, não. Porque trabalho até tarde, e não dá, mas isso, lá está, não tem a ver com ser trabalhadora temporária, mas sim com os horários.

E- Ok. Agora gostava que me falasse dos aspetos negativos, portanto, face à experiência que tem... Ao nível do trabalho. Considera que tem salários baixos, aquela instabilidade, ameaça do desemprego...

P- O salário é baixo, neste momento o ordenado base é o ordenado mínimo, mais subsídios e isso... Pronto, o salário é baixo. E claro, a instabilidade que é ao final de cada mês... Estamos sempre naquela... naquela... insegurança. Não sabemos se estamos mais um mês ou vamos embora. É sempre aquele stress.

E- E relativamente à vida familiar, aspetos negativos. Por exemplo, adiar algumas etapas da vida, por exemplo. Considera negativo, por ser trabalhadora temporária?

P- É um aspeto negativo.. Mas é assim, não é por ser trabalhadora temporária que vou abdicar de ter filhos, jamais em tempo algum. Mas atualmente... quero filhos, e estou a fazer planos para isso, mas estou... a tentar juntar mais um bocadinho. Lá está, mesmo trabalhando num trabalho temporário, se estiver lá ao final de um tempinho, assim meio ano, já dá para juntar algum dinheiro.

E- Por exemplo, considera que não tem tanto tempo para a família, para o seu marido? Face à experiência que tem e aos horários que realiza (turnos).

P- Não.. Mas é assim, por turnos, ele (marido) também trabalha por turnos, às vezes, estamos em turnos completamente contrários, eu faço manhãs e ele faz tardes... Chego a casa e ele não está, às vezes estamos há noite... ou vice-versa. Há semanas que quase não nos vemos, mas é devido mesmo aos horários que realizamos...

E- Por exemplo, considera que tem efeitos negativos para a sua saúde mental, como o caso do stress profissional?

P- [risos] É assim, tenho sempre pela situação de não saber se tenho trabalho ou não...Mas acho que no fundo já estou tão habituada a isto, que já, é 'pronto, olha quando vier embora vim, não posso fazer nada contra isso'. Mas...já pensei mais nessa questão, nesta situação, agora já estou assim naquela 'tenho trabalho, ainda bem', quando deixar de ter é outra etapa. Mais uma vez tenho que ir procurar, tenho que fazer tudo outra vez... Mas, enquanto tenho trabalho, não penso, ou tento não pensar muito.

E- Pois. Por exemplo, relativamente aos horários que realiza, turnos rotativos, considera que tem um desgaste físico e emocional maior, e acaba por ser negativo também?

P- Se calhar, ao nível da saúde um turno fixo, fosse mais saudável, digamos assim... Não nos alterava tanto as rotinas, mas eu pessoalmente prefiro assim, ter turnos rotativos, do que turno fixo, não gosto de turnos fixos...

E- Acaba por não ser um desgaste tão grande é isso?

P- Sim, porque prefiro assim... Às vezes, custa a mudança de turno, claro custa mais... mas prefiro assim.

E- Relativamente a tarefas de limpeza, confeção das refeições, tarefas de manutenção... considera que tem menos tempo para as realizar?

P- Tempo tenho, disposição é que às vezes falta [risos]. Por exemplo, este fim-de-semana tenho a casa toda desarrumada.. Porque também estive a fazer horas.. E apetece-me estar sentada, e quero tudo menos estar a limpar... É assim, regra geral, tenho tempo, pouco, porque também não é só trabalho-casa/casa-trabalho. Tenho mais afazeres, mas tenho tempo... É preciso é disponibilidade mental [risos].

E- Relativamente às atividades de lazer, aspetos negativos... Como tinha dito, consegue conciliar, não é a questão do cansaço, de...

P- É assim, há dias que estou mesmo exausta... Fisicamente e depois a parte psicológica não deixa, não dá. Mas, por norma, sim consigo. Porque também, lá está, pratico desporto porque gosto... A maior parte das vezes, vou cansada mas vou. É uma coisa que gosto, que me dá prazer, e estou com as minhas amigas. E como vou fazer uma coisa que gosto muito isso ajuda.

E- Portanto, regra geral, não consegue encontrar nenhum aspeto negativo, porque consegue conciliar por norma, a atividade profissional com essas atividades extra trabalho.

P- Exato.

E- Ok. Se eventualmente, surgisse a oportunidade de mudar de atividade profissional, como trabalhadora temporária, para outro tipo de trabalho, mudaria? Por exemplo, um contrato efetivo, um contrato mais estável.

P- Depende do trabalho que fosse. Se fosse num trabalho que eu visse que até me poderia enquadrar. Se me dessem a opção 'estás como trabalhadora temporária aqui, e podes passar para ali a efetiva' e visse que era um trabalho que achasse que me ia adaptar, não pensava duas vezes.

E- Se fosse um trabalho que não gostasse de realizar, mas era um contrato efetivo?

P- Hum... não sei, não sei. Possivelmente, iria acabar por não aguentar e ter que me despedir e depois, perdia tudo. Quando eu estive na Vulcano, vim embora, por opção... Porque, não sei explicar, o porquê, mas não conseguia estar ali. Não conseguia estar lá a trabalhar meia dúzia de meses.. Não me consegui adaptar ao meu trabalho nem ao ambiente, não me consegui integrar na equipa... Cheguei ao final de dias e vim-me embora logo. Neste caso, estou na TENSAI, é trabalho temporário, mas se me dissessem 'vais para a Vulcano a efetiva' eu dizia 'não'. Porque ali, estou a trabalho temporário, quando me vier embora, tenho direito ao fundo de desemprego... Pronto, tenho aquela segurança, digamos assim, até conseguir encontrar outro trabalho. Se for a situação de eu me despedir, do sitio onde estou, perdia tudo... perdia-a o trabalho, o direito ao fundo de desemprego, perdia tudo. Mas se fosse um trabalho, que eu visse que até não desgostava, sim.

E- Portanto tinha que ter em conta certos fatores, ambiente, função que desempenhasse.. Tinha que ponderar bem é isso?

P- Sim sim. Até porque o meu feitio é um bocado complicado, e depois quando eu não gosto de uma coisa, ando a 'cismar' e pronto... [risos]

E- Relativamente a alterações após o início da sua atividade como trabalhadora temporária, alguma coisa se alterou por exemplo, ao nível da confeção das refeições? Um antes e um depois... Por exemplo, antes de iniciar neste regime fazia e agora não faz, ou vice-versa, ou não verifica nenhuma alteração e está tudo mais ou menos na mesma.

P- A única alteração que há, é quando... Quando estou desempregada, normalmente sou eu que cozinho, mas quando eu estou a trabalhar, depende dos horários. Quando dá para cozinhar, cozinho, quando não dá para cozinhar, cozinha o meu marido. Tanto, o trabalho temporário, como não, sempre funcionou assim lá em casa.

E- Hum hum... E a forma como divide essa tarefa com o seu marido, de que forma é dividida? Existe uma divisão?

P- É dividido mediante a disposição de cada um, e a disponibilidade para o fazer

E- Mas existe uma divisão ou é mais sobrecarregado para um dos lados?

P- Não não. Não é a questão de ser sobrecarregado, ninguém é sobrecarregado em nada... Porque ele nas questões das tarefas de casa, ele ajuda em tudo, nas limpezas... ajudamo-nos, não é nada para um fazer. Eu não estou a limpar enquanto ele está no sofá a ver televisão, nada disso! Bem que a casa, ficava por limpar [risos]. E a nível de

cozinhar é a mesma coisa... Tanto sou eu, porque ele em casa tem sempre coisas para fazer, quando estou em casa, normalmente, sou eu que cozinho, não por obrigação, não porque ele diz para eu fazer, é aquela rotina, pronto... Já é natural, já é um ato natural. Aaa, quando eu não estou em casa, quando estou a trabalhar, muitas das vezes, tem mesmo que ser ele...

E- Portanto, alterações... antes, quando estava desempregada, cozinhas sempre, agora é dependendo dos horários.

P- Exatamente..

E- Ok. Relativamente, às tarefas de limpeza, como era o antes e o depois, como o limpar, lavar a roupa, lavar a louça, compras diárias... Alguma alteração?

P- A única alteração que há... é assim, quando uma pessoa está desempregada, tem mais tempo para tudo... Quando uma pessoa já está a trabalhar já não é bem assim e tem que organizar a vida em casa, mediante, a vida profissional... Primeiro está o trabalho, depois é que está a nossa vida pessoal, eu vejo assim, não é? Aaaa... As compras normalmente fazemos no início de cada mês, lavar a roupa é meter a roupa na máquina e no dia a seguir estende-se [risos], por isso... quer se esteja a trabalhar ou não é uma coisa que quando tenho que fazer faço... Lavar a louça, quando eu estou sem trabalho, lavo a louça sempre a seguir a cada refeição, quando estou a trabalhar, às vezes, fica para o dia seguinte, porque há dias que não apetece mesmo, é comer e arrumar. Mas por norma, arrumamos sempre.

E- E também uma tarefa que é realiza a dois?

P- Sim, sempre... Um lava outro limpa, por exemplo... depende, mas não é nada de 'hoje sou eu amanhã és tu'... depende de muitas coisas.

E- Mas existe a divisão?

P- Sim sim sim.

E- Relativamente às atividades de lazer, atividades sociais... alguma alteração do antes e depois? Por exemplo, o sair, o ir ao ginásio...

P- É assim, quando uma pessoa não tem trabalho, tem mais tempo, para tudo... Tempo, e neste caso, disposição. Porque quando uma pessoa chega do trabalho, às vezes cansada, às vezes não apetece sair, não apetece estar com muita gente, às vezes, apetece mesmo é descansar, que nos deixem à vontade... Quando uma pessoa está em casa, se calhar sente mais necessidade de fazer alguma coisa, de sair, de arejar...

E- Portanto, alguma alteração evidente, que tenha notado?

P- Alteração muito grande não, porque eu de mim já não sou uma pessoa de sair muito, e então não faz grande diferença... Mesmo a trabalhar, se tivermos que sair para algum lado, vamos... Mas ficamos mais por casa.

E- Hum hum... Relativamente à sua vida afetiva, a sua relação com o seu marido, acha que houve alguma alteração, face à experiência que tem? Uma alteração a nível do antes e do depois?

P- A única alteração que existe, é o tempo que passamos juntos, que é menos... Como trabalhamos os dois por turnos, muitas vezes, os turnos são desfasados, desencontramos, e passamos menos tempo juntos...

E- Considera, por exemplo, que ele dá valor às tarefas que realiza em casa?

P- Sim dá, às vezes, também é ele que as faz e sabe o que custa [risos].

E- Por exemplo, essas questões, da distribuição do trabalho em casa, são algum motivo de conflito, eventualmente?

P- Não..

E- portanto, a nível da sua relação, não houve nenhuma alteração, a não ser a não ser mesmo a questão dos desencontros (trabalho por turnos)?

P- Sim sim, não vejo mais nada.

E- Pronto, a entrevista terminou. Não sei se tem algum comentário a fazer, alguma questão?

P- Não não.. Já chega! [risos]

E- Muito obrigada pela sua colaboração!

ENTREVISTA 7

Descrição:

Sexo masculino, 24 anos, licenciado, vive com a namorada e não tem filhos.

Atualmente é operário fabril (montador de série de 2ª; monta peças de componentes de automóveis), há cerca de 7 meses, mas já entrou para regime de trabalho temporário desde o ano de 2006, enquanto estava a frequentar o ensino superior, fazia trabalhos nessa modalidade. Sempre trabalhou neste regime.

Realiza somente turno noturno, com um montante líquido mensal entre os 1.000€ e 1.250€.

Transcrição:

E- Ok, gostava que me falasse inicialmente sobre o seu percurso profissional. Portanto, o que já realizou até ao momento, em que organizações, durante quanto tempo... do início, até agora.

J- Trabalhei na ... Nestlé, que é um armazém de produtos alimentares, carrega camiões e faz separação de produtos, trabalhei três meses. Depois trabalhei na *GameStop* que é uma loja de jogos, trabalhei quatro meses, também trabalho temporário e entrei para a Renault, pelo que estive lá durante dois meses, na maquinação e montagem... depois tive uma interrupção e comecei outra vez, há seis meses.

E- Portanto, e antes de entrar para a Renault, onde está atualmente a trabalhar, estava desempregado, à procura de trabalho?

J- Estava há procura de trabalho, sim.

E- E entretanto entrou na Renault?

J- Sim sim.

E- Ok.. Imaginando que ganhava uma grande quantidade de dinheiro, por exemplo através do euromilhões ou da lotaria, continuaria a trabalhar?

J- Não não.

E- Não continuava a trabalhar?

J- Não.

E- Porquê?

J- Montava um negocio, mas não trabalhava, metia pessoas a gerir...

E- Mas mesmo que tivesse um negócio próprio, continuava a trabalhar, de certa forma?

J- Não trabalhava, mandava alguém gerir aquilo e ia só buscar os fundos...

E- Portanto, não continuava a trabalhar?

J- Não.

E- Mas algum motivo em especial?

J- Com tanto dinheiro, não trabalhava, claro que não.

E- Hum.. portanto preferia ficar sentado em casa, e não fazer nada.

J- Em casa não, com dinheiro ia para todo o lado [risos].

E- Mas o que é o que trabalho lhe dá, independentemente da parte remuneratória, o trabalho não lhe dá outras valências?

J- A mim não. Não trabalho porque quero não é? Mas se ganhasse o euromilhões

E- Ok. Portanto não continuava a trabalhar...

J- Não.

E- Ok. Porque motivo é que se encontra a trabalhar neste momento em regime de trabalho temporário?

J- Porque não arranjo mais nada...

E- Mas procurou exclusivamente trabalho temporário?

J- Não. Procurei na minha área de formação e depois foi o que apareceu.

E- Portanto, finalizou o curso, procurou na sua área, e como não encontrou nada relacionado com a mesma, procurou numa empresa de trabalho temporário, é isso?

J- Sim sim.

E- Quanto tempo foi essa espera entre terminar o curso e arranjar trabalho?

J- [...] Ainda foi algum tempo... foi para ai cinco meses, sei lá!

E- Hum hum... ok. E depois não procurou exclusivamente trabalho temporário, foi mesmo porque apareceu esta oportunidade?

J- Sim sim.

E- Ok... Face à experiência que tem como trabalhador temporário, gostava que me dissesse com algum detalhe os aspetos positivos que identifica. Ao nível do trabalho, aspetos positivos... Considera que lhe dá prazer em realizar, satisfação, aumenta as suas competências profissionais ou aperfeiçoa...

J- Aaa... não sinto satisfação em realizar o meu trabalho, nem prazer... Acabo sim, por ganhar uma certa experiência profissional, porque ao realizar várias funções, acaba por aumentar a experiência profissional, aprendendo várias funções e tarefas. Nesse ponto, é um aspeto positivo que aumenta o meu leque de competências profissionais.

E- Aspeto positivo, ao nível do trabalho, é só mesmo esse?

J- É...

E- Não consegue encontrar mais nenhum?

J- Não...

E- Ok. Relativamente à sua vida privada, à sua vida familiar, aspetos positivos que encontra por ser trabalhador temporário? Por exemplo, considera que, consegue conciliar melhor as exigências profissionais com as exigências familiares, por ser trabalhador temporário?

J- Não, acho que é igual.

E- Portanto, encontra algum aspeto positivo? Tem mais tempo para atividades de casa, por exemplo.

J- Não o tempo é igual, mesmo sendo trabalho temporário.

E- Portanto, não encontra, nenhum aspeto positivo...?

J- Não..

E- Ok. Consegue conciliar bem as exigências profissionais com as familiares?

J- Sim.

E- Não sente dificuldade?

J- Não. Até ao momento não.

E- Ok. Ao nível de atividades de lazer, atividades sociais... aspetos positivos, face à experiência que tem como trabalhador temporário, encontra algum aspeto positivo? Por exemplo, consegue conciliar melhor as atividades de lazer/sociais com a vida profissional?

J- Concilio bem sempre.

E- Portanto, nada de diferente, face à experiência que tem?

J- Não não.

E- Aaa... Tem alguma atividade extra trabalho?

J- Sou treinador de futebol das camadas jovens do Avanca.

E- Por exemplo, consegue conciliar bem essa atividade?

J- Sim, só eles começarem a mudar o horário, é que pode ficar complicado. Mas tenho conseguido sempre.

E- Não nota, nenhuma dificuldade em conciliar?

J- Não, ultimamente não tenho tido dificuldade... Mas já tive, quando fazia outro horário (sem ser o noturno).. A dificuldade reside no horário que esteja a fazer. Como faço turno fixo, consigo conciliar bem até ao momento.

E- Agora gostava que me falasse dos aspetos negativos, que identifica face à sua experiência profissional, aspetos negativos ao nível do trabalho... Por exemplo, considera que existem salários baixos, considera que existe...

J- Onde eu estou não..

E- Poucas regalias, por ser trabalhador temporário, face a trabalhadores lá efetivos?

J- Sim tenho menos regalias, mas...

E- Por exemplo, considera que existe sempre aquela incerteza, insegurança face ao desemprego...

J- Claro, é o aspeto negativo mais evidente... A instabilidade por estar a contratos mês a mês... Pode acabar no fim do mês não é?

E- Considera também que existe falta de perspetivas na evolução profissional dentro da empresa por ser trabalhador temporário... subir de posto de trabalho?

J- Claro, o facto de ser temporário limita-me bastante nesse aspeto, e é outro aspeto negativo..

E- Hum, hum. Relativamente a fazer mais horas para além do horário de trabalho, considera que existe uma forte probabilidade em ter que aceitar pelo facto de ser trabalhador temporário?

J- Claro. Lá não há muito esse hábito, há sim trabalhar ao fim-de-semana, aos sábados e aos domingos, e não convém muito dizer que não, porque senão vamos embora...

E- Ok, portanto mais um aspeto negativo... Mais algum que queira mencionar?

J- Não, acho que os principais são esses, e principalmente a parte da insegurança e instabilidade do trabalho, não sabendo quando poderes ir embora.

E- Relativamente ao nível da vida familiar/privada, aspetos negativos, por ser trabalhador temporários? Por exemplo, considera que tem efeitos negativos para a sua saúde mental, como o stress profissional..

J- É assim eu não gosto, mas estou bem...

E- Por exemplo, considera que por ser trabalhador temporário acaba por adiar algumas etapas/fases da vida, como o casar e ter filhos?

J- Não... nem penso nisso ainda.

E- Não é por ser trabalhador temporário que acaba por adiar essas etapas da vida?

J- Não. No meu caso não, mas acho que em algumas pessoas acontece isso, claramente. Mas no meu caso não.

E- Considera que tem tempo para a família, amigos, namorada?

J- Sim, tenho tempo.

E- Realiza trabalho noturno, mesmo assim, consegue ter tempo?

J- Sim, consigo. Mesmo estando a fazer horário noturno e por isso, tendo uma rotina um pouco ao contrario das outras pessoas, consigo ter tempo para as pessoas importantes para mim.

E- Portanto, aspetos negativos que consiga evidenciar?

J- Não consigo destacar nenhum.. acho que no meu caso em específico, não encontro aspetos negativos por ser trabalhador temporário.

E- Ok, ok. Por exemplo, relativamente ao horário de trabalho que realiza, horário noturno, considera que existe um grande desgaste físico e emocional? Ao realizar esse tipo de horário?

J- Um bocado físico sim... é um bocado desgastante a nível físico fazer esse horário..

E- E considera que esse desgaste influencia a falta de tempo ou disponibilidade para outras atividades?

J- Tenho, emagrece-se um bocado, que trabalhar à noite não se come bem.. [risos]

E- Ok, ok. Portanto, neste momento, não ressalta mais nenhum aspeto negativo... E relativamente a atividades de lazer e sociais, aspetos negativos que encontra.. Por exemplo, não consegue conciliar por estar cansado..

J- Por estar cansado não, podem é às vezes, mudar de horário e não conseguir conciliar por causa disso..

E- Portanto, o cansado, o stress... nada tira a satisfação de realizar atividades sociais e de lazer?

J- Às vezes, vou um bocado chateado, por ter que acordar e ir para os treinos... Quando não se gosta do que se está a fazer é complicado.

E- Se eventualmente, surgisse a oportunidade de mudar de atividade profissional, de trabalhador temporário, para outra, mudaria? Por exemplo, contratos efetivos?

J- Sim.

E- E porquê?

J- Para estar mais seguro, estabilidade. Embora de momento não precise, não me aqueça nem me arrefeça, mas sempre era melhor não é?

E- Portanto, o motivo principal, seria a segurança e estabilidade?

J- Sim.

E- Mais algum motivo, porque mudaria?

J- Principalmente era esses os motivos principais..

E- Pensava duas vezes, ou mudava logo? Imaginando, está no trabalho que está, e lhe surgisse outro trabalho a contrato efetivo, sendo outra atividade que está a fazer... ponderava relativamente à função, ao tipo de trabalho, ou só mesmo por ser um contrato efetivo, mudava logo de imediato?

J- Não, ponderava, ponderava... Se fosse por exemplo andar na rua, nos contentores do lixo eu não ia não é? Tinha que ponderar, se me agradava ou não.

E- Ok... O que é que se alterou, após o início da sua atividade como trabalhador temporário? Por exemplo, ao nível, da confeção das refeições? Não sei se cozinha ou não?

J- Faço as refeições muitas vezes em casa da minha mãe. Sei cozinhar, mas não gosto.

E- Ok, face a essa tarefa, alguma coisa se alterou após iniciar a sua profissão como trabalhador temporário?

J- Não, perco é o apetite à hora de almoço [risos].

E- O que se alterou foi mesmo o apetite, porque a nível de cozinhar, nada se alterou, visto, ter sempre quem faça por si, ou organize a parte da alimentação, é isso?

J- Sim sim.

E- Ao nível de divisão dessa tarefa, com a sua família e namorada?

J- Fazem quase sempre por mim, não existe divisão nesse tipo de tarefas.

E- Portanto, nada se alterou? Como era o antes e como é agora?

J- É igual.

E- Ok, ao nível das tarefas de limpeza, como o limpar, lavar a louça, lavar a roupa, passar a ferro, compras diárias?

J- Não faço nada disso, só compras.

E- Ok, portanto alguma alteração do antes e do agora?

J- Não nada se alterou, mantém-se tudo igual.

E- Ok. Portanto não existe divisão de tarefas?

J- Pois...

E- E relativamente às tarefas de manutenção/reparação, por exemplo, executar pequenas reparações a eletrodomésticos, trocar uma lâmpada, esse tipo de tarefas de manutenção?

J- Essas faço, se souber fazer...

E- E considera que existe alguma alteração após iniciar a sua atividade como trabalhador temporário?

J- Não, está igual...

E- Antes e depois?

J- Está tudo igual..

E- E de que forma é realizada a divisão de tarefas, relativamente a isso? Existe uma divisão coerente ou não?

J- Eu não faço nada, só faço isso, se tiver que ser e está bom... e estar com a cadela, não faço mais nada. E depois vou comer a casa da minha mãe sempre, ela faz tudo. Às vezes fazer uma pizza aí no forno, de resto...

E- Ok, alterações a nível da sua vida mais de casa, nada se alterou?

J- Está tudo igual

E- E relativamente a atividades de lazer, sociais... antes e agora? Alguma coisa se alterou? O que fazia antes e agora já não consegue fazer, ou vice-versa..

J- Não, não... também está tudo igual a esse nível...

E- Aaa.. Mas nenhuma diferença após iniciar, mesmo nada?

J- É assim, problema é só do horário, porque de resto..

E- E relativamente à sua vida afetiva, a relação com a sua namorada, alguma diferença após iniciar como trabalhador temporário? Considera que tem menos tempo para ela?

J- Não não, tenho tempo para ela..

E- Portanto, a sua vida afetiva, teve alguma alteração... por exemplo, pelos horários que faz?

J- Não, nada

E- Antes e agora? Alterações?

J- Não.

E- Ok. pronto, terminámos a entrevista não sei se gostava de fazer algum comentário relativamente aos temas abordados ou alguma questão que queira fazer?

J- Não tenho nada a dizer.

E- Mais uma vez, muito obrigado pela sua colaboração!

ENTREVISTA 8

Descrição

Sexo masculino, 31 anos, dupla nacionalidade (venezuelana-portuguesa), 12º ano (mas frequentou licenciatura), vive em união de facto, não tem filhos.

Atualmente é fiel de armazém (condução de empilhador; levar material do armazém para as linhas; organização de todo o material no armazém após a sua receção), há cerca de 2 anos, entrando no ano de 2010. Anteriormente teve um trabalho a regime efetivo.

Realiza trabalho em turnos rotativos, com um rendimento líquido mensal entre os 500 e 750€.

Transcrição

E- Inicialmente gostava que me falasse sobre o seu percurso profissional, ou seja, o que é que já realizou até ao momento, que atividades é já fez, em que organizações... desde o início da sua atividade até agora.

J- Pronto, aos 17/18 anos trabalhei num mercado na parte de venda de sapatos, e isso... Trabalhava com o meu pai, na reparação de computadores, e tudo relacionado com isso... Depois fui para a universidade, trabalhava por conta própria, gravando cd's: de jogos, música, de tudo um bocadinho.. ao mesmo tempo que continuava a trabalhar com o meu pai. A minha mãe trabalhava numa imobiliária, e tive algum tempo a tirar fotos de imóveis e tudo aquilo, mas durante muito pouco tempo. Deixei de trabalhar com o meu pai e fiquei só na universidade, a estudar... Depois surgiu a oportunidade de vir para cá (Portugal), deixei tudo, os estudos e tudo, e vim para cá. Estive bastante tempo sem fazer nada, mas através de um colega, que fazia um queijo típico da Venezuela, e estive 1/2 anos a fabricar o queijo com ele, e a vender o queijo. Depois entrei para uma fábrica de plásticos, para fazer o corante dos plásticos, a coloração dos plásticos, durante 2/3 anos, mais ou menos. Depois vim para cá (restaurante no centro comercial 8ª Avenida), como empregado e gerente, e saí daqui e fui para a Grohe.

E- Qual foi a empresa pelo qual esteve efetivo?

J- Foi na fábrica de plásticos e aqui no restaurante, que ainda tenho o negócio.

E- E qual foi o motivo da sua saída?

J- Fartei-me. Era um trabalho muito cansativo, muito sujo, e muito pesado e barulhento. E também tive a oportunidade de vir para cá, e foi muito melhor vir para cá.

E- Exatamente, e atualmente ainda está na Grohe em regime de trabalho temporário?

J- Sim sim.

E- Imaginando que ganhava uma grande quantidade de dinheiro, por exemplo, através do euromilhões ou da lotaria, continuava a trabalhar?

J- Continuava!

E- Continuava, e porque motivo?

J- Sim, para fazer algo, para me manter um bocadinho ocupado, talvez em algo próprio.. Mas continuava.

E- Portanto, o trabalho para além da parte remuneratória, dá-lhe outras funções?

J- Sim dá. Especialmente tendo muito dinheiro, queria trabalhar, mas não no momento. Mas tinha que fazer algo, ou estudar, ou qualquer coisa...

E- Portanto, manter-se ocupado, manter-se ativo essencialmente...

J- Exatamente.

E- Mais alguma função, que o trabalho lhe dê, além da parte remuneratória?

J- Stress [risos]

E- E a nível positivo?

J- Sempre no trabalho, todos os dias, aprende-se qualquer coisa nova. É isso! Todos os dias aprende-se qualquer coisa nova, falar com pessoas novas, contato com outras pessoas para além da família.

E- Ok. Qual foi o motivo principal, para atualmente, estar a trabalhar em regime de trabalho temporário.

J- Porque foi o que apareceu primeiro. Quando saí do restaurante, foi aquilo que apareceu e aproveitei.

E- Mas procurou exclusivamente trabalho temporário?

J- Não, não. Eu estava à procura de emprego, e candidatei-me através de uma agência de trabalho temporário. Candidatei-me por candidatar, não foi nada em específico. E saiu a oportunidade de ir trabalhar a tempo inteiro..

E- E também vai conciliado aqui com o restaurante?

J- Sim sim.

E- Ok. Portanto, não procurou exclusivamente regime de trabalho temporário?

J- Não não. Agarrei a oportunidade que surgiu.

E- E porque motivo procurou outro trabalho mesmo tendo aqui este negócio(restaurante)?

J- Fartei-me, fartei-me. Queria outra ocupação, porque isto aqui é um bocado complicado, problemas pessoais e tudo.. Não queria, seguir esta vida. Era sempre o mesmo turno, só trabalhava no horário da tarde, trabalhava de domingo a sexta, das quatro (16h) ao fecho do local, e só tinha o sábado para mim e não tinha tempo para nada, e trabalhando por conta de outrem, tenho mais tempo para mim, um horário fixo... e às vezes se faltava alguém tinha que vir.. Não me estava a sentir bem com isso. E também comecei a ter alguns problemas com os meus sócios.. e resolvi sair.

E- Mas ainda mantém este negócio?

J- Sim, mas faço um dia ou outro, é diferente.

E- Ok. Face à experiência que tem como trabalhador temporário, gostava que me dissesse, os aspetos positivos que identifica, por exemplo, ao nível do trabalho que realiza?

J- Aspetos positivos? Ao nível do trabalho temporário acho que é nenhum.

E- Por exemplo, o trabalho que realiza, dá-lhe prazer, satisfação em realizá-lo?

J- Não, acho que nunca me vai dar prazer.

E- Considera que ganha competências profissionais?

J- Sim, vou ganhando experiência, todos os dias, vou fazendo algo e vou aprendendo sempre mais.

E- Nesse aspeto acaba por ser positivo, visto que vai ganhando experiência diferente?

J- Sim sim, é sempre experiência. Não aquela que goste e adore, mas é sempre experiência.

E- Portanto, a nível do trabalho, aspetos positivos, não encontra mais?

J- Não, é isso. Uma pessoa vai aprendendo o dia-a-dia, a experiência com o pessoal que trabalha lá..

E- Ok... A nível da sua vida privada, da sua vida familiar, face à sua experiência como trabalhador temporário, aspetos positivos que identifica? Por exemplo, considera que tem mais tempo, para conciliar as duas exigências?

J- O trabalho temporário, o única coisa que ressalta mais é o facto de hoje estarmos cá, amanhã não sabemos. Porque de contrário, mesmo que fosse efetivo lá, tinha os mesmos turnos, o mesmo ordenado que os outros, só que estava efetivo e tinha aquela segurança. E não, a minha empresa que me contratou, diz-me: 'olha não vais mais para a Grohe, agora vais para outra empresa', e eu tenho que ir lá deixar os colegas, com quem já convivo dois anos... Estou ao dispor deles.

E- Sim sim, ao nível da vida privada/familiar, considera que consegue conciliar bem?

J- Sim é igual, é igual se estivesse efetivo ou não. porque na empresa onde estou é algo seguro, e não é tão inseguro como outras, que é dez dias aqui, 6 meses lá.. E lá não, até porque tenho colegas, que são temporários há para aí 5 anos. Por isso... é igual para mim. Só que é aquela insegurança não sendo efetivo claro.

E- Portanto, ao nível da sua vida familiar e privada não encontra nenhum aspeto positivo por ser temporário?

J- Não, positivo não, negativo só.

E- E relativamente a atividades de lazer, sociais.. aspetos positivos, que encontra? Lá está, não sei se tem alguma atividade extra trabalho, que realize neste momento?

J- O pessoal reúne-se... para beber uns copos, fazer qualquer coisa, dar um passeio...

E- Acha que é positivo, sendo um trabalhador temporário, tem mais tempo?

J- Não não, é a mesma coisa, é igual, estar a efetivo ou trabalho temporário. É a mesma coisa, para mim é igual... Como estava a dizer, a única diferença é que hoje estamos e amanhã não. Isso é o único medo que o pessoal possa ter, é o único.

E- E agora a nível de aspetos negativos, que encontra, por ser trabalhador temporário, face ao trabalho que realiza?

J- Negativos?

E- Por exemplo, considera que tem salários baixos, tem poucas regalias relativamente com outras que são efetivos...

J- Não, por acaso, a nível de regalias não, a empresa de trabalho temporário que estou, paga bem, paga certinho, nunca se atrasa, não tenho problemas com eles, sempre foram impecáveis... e regalias, tenho, pode-se dizer, as mesmas que os efetivos, perante a produção, horas extras, é igual.

E- Por exemplo, que existe aquela insegurança e instabilidade face ao desemprego?

J- É isso. Hoje, por exemplo, estamos agora, a produção está no pico, vamos trabalhar bem, mas se aquilo parar, o pessoal que está temporário, é o primeiro a sair. Já em Dezembro, já tive, passei um susto, por causa disso, porque acho que despediram três ou quatro trabalhadores, e eu como era dos mais novos, pensei que eu ia, e até falei com um dos chefes, 'como é que é? vou embora ou não?', era só para poder sair e começar a procurar uma coisa nova... mas ali com sorte fiquei. Mas é aquela insegurança!

E- É um aspeto negativo muito forte?

J- Começa-se a ouvir 'vão despedir pessoal, não sei que mais'... eu sei que posso não ir, por antiguidade, que os novos vão primeiro... mas sendo temporário, nunca se sabe. Claro, que mostrando aptidões, empenho, conhecimentos, ajuda a ficar...

E- Pois, exatamente. Considera que por ser trabalhador temporário, tem falta de perspectivas de evolução profissional? Ou seja, subir no posto em que está, por ser trabalhador temporário?

J- Aaaa... há pessoal ai que é temporário, que é ajudante de rececionista, e está ai..

E- Mas considera que consegue subir para o outro posto? Ou acha que por ser trabalhador temporário, limita-o?

J- HUUUU... Não sei. Mas acho um bocado, que pode ser, acho que dão preferência ao pessoal efetivo, para dar cursos, para dar formação... e tudo aquilo.

E- Acaba por ser negativo, nesse aspeto não é? Acaba por não ter perspectivas de evolução, porque vai para aquele posto, e sabe que vai ficar naquele posto.

J- Sim, mas tem pessoal ai que faz 14 anos de empresa e está a fazer o mesmo há 14 anos.

E- Sim sim, mas como é obvio, tenta-se sempre subir mais um pouco, e evoluir sempre a nível profissional, por isso a questão... Por exemplo, considera que a probabilidade de lhe pedirem para um prolongamento de horários, acaba por ter que aceitar, por ser um trabalhador temporário?

J- Não, isso está no contrato. Trabalho mais pagam mais. O contrato é de 7h30 por dia, posso trabalhar 8h/9h, mas remunerado.

E- Mas acha que é mais obrigado a ter que aceitar, por ser trabalhador temporário?

J- Sim, é assim, ou aceito ou vou embora, e procuro uma coisa melhor ou pior. Por ser trabalhador é complicado por causa das greves, por exemplo, estou no meu direito, mas não vou a nenhuma greve, nunca na vida, sendo temporário não. Mas, se fosse efetivo, também não fazia. Mas é aquela coisa, que muitas vezes, tem que comer e calar, dizem assim 'tens que fazer isto, isto, isto, isto' e eu 'tá bem', não posso dizer nada. Tenho que andar com cuidado.

E- Exato.. Relativamente à sua vida privada, à sua vida familiar, aspetos negativos, por ser trabalhador temporário? Por exemplo considera que sente mais stress profissional..

J- Sim aquela instabilidade de não estar seguros, é muito mais stressante, e às vezes tem que se trabalhar mais, para mostrar que vale mais que os outros para, sempre agradar o chefe, para ele dizer assim 'ele trabalha bem, faz sempre o seu trabalho'..

E- Exatamente... Considera que acaba por adiar algumas etapas da vida, como o casar e ter filhos, por ser trabalhador temporário?

J- Sim sim, é um risco. Porque eu gostaria de ter um filho agora, maaaaas... Se eu sair da fábrica, tenho sempre o restaurante, não é por ai, mas, como não sei o dia de amanhã, e é sempre aquele medo... se me dizem daqui a dois meses 'isto está mau, vamos ter que te mandar embora', e agora? Tinha que voltar ao restaurante, fazer uma algo que não queria, nem gosto, onde me sinto mal, mas por pouco tempo, até encontrar alguma coisa que goste.

E- Exato, mas lá está, acaba por ter que adiar e ter que pensar melhor..

J- Sim, mesmo agora, sendo efetivo ou não tem que se pensar muito. Porque agora ser efetivo ou não, não adianta muito, depende das regras.

E- Considera que tens menos tempo para a sua família, para a sua companheira, amigos?

J- Não, o tempo é igual. Tenho o meu fim-de-semana... Pronto, às vezes quando faço o turno da noite é mais complicado, estar com a família.. Mas tenho o fim-de-semana..

E- portanto, consegue conciliar bem, não acha que tem menos tempo agora?

J- Não não o tempo é o mesmo,.

E- Por exemplo, fazer horários... turnos rotativos, acha que tem um desgaste físico e emocional maior, e acaba mesmo por não ter tempo para as tarefas de lazer ou tarefas de limpeza?

J- Físico, físico, físico. É assim, eu faço trabalho há noite, chego de manhã, e venho para cá e logo deito-me, e acordo e limpo a casa, ou meto roupa a lavar, tenho tempo... tempo é igual, o que altera é o horário, é noite, tarde ou manhã.

E- Tudo gira em volta do horário que está a realizar...

J- Sim, tenho tempo, tenho tempo de manhã, tenho tempo à tarde ou tenho tempo à noite , mas tenho sempre. São aquelas 24horas, nem a mais nem a menos.

E- Portanto, não considera que tem assim menos tempo para realizar essas tarefas?

J- Não... Nós temos três turnos, quando fazemos noites, saímos sexta de manhã, e só voltamos segunda à tarde, são três dias quase, por isso. Mas complicado é quando se faz manhãs, que sai sexta à tarde, e vamos domingo à noite.. é mais complicado, mas

também depois tem outra semana com três dias, por isso... tenho tempo. É aquela coisa das noites, mas... eu até prefiro fazer noites, que fazer tardes. Há pessoal que não gosta das noites, prefere as tardes. Isso já é do gosto de cada um.

E- Ok, portanto a nível de aspetos negativos, é mais, o stress e aquele adiar de algumas etapas da vida... A nível de atividades de lazer/sociais, encontra algum aspeto negativo, por ser trabalhador temporário? Ou seja, pelo cansaço, ansiedade ou stress não realiza atividades extra trabalho?

J- Não, a culpa não fazer e tudo isso, não é culpa do trabalho temporário, é culpa da situação económica do país, como as coisas estão mais caras e o pessoal não adere. Por exemplo, aqui no restaurante há muito menos volume de vendas, já não vendia o que vendia à dois anos, o pessoal vem menos e está sempre a queixar-se 'ui, tão caro, ui, não sei que mais, ai'... Vê-se menos pessoal no shopping e nota-se..

E- Claro, mas por exemplo, alguma atividade que nem precisa-se de despender dinheiro, considera que tens menos vontade para a realizar? Por causa do desgaste, cansaço...

J- Mas isso é preguiça própria, eu sou muito preguiçoso [risos], mas faço o normal.

E- Ok, portanto, não é a questão do cansaço que faz com que deixe de fazer, ou deixar de sair...

J- Não não...

E- Ok. Se eventualmente, surgisse a oportunidade de mudar de atividade profissional, de trabalhador temporário, para outra, mudaria?

J- Sim, se fosse melhor e pagasse mais... Tendo as regalias todas não tenho problema nenhum.

E- Portanto, não pensava duas vezes? Por exemplo, se fosse um trabalho efetivo?

J- Efetivo, com contrato na mão e tudo isso... mudava! Mas dependia do trabalho...

E- Teria que ponderar vários fatores? Tipo de trabalho, tipo de ambiente...

J- Exato.. Pelo melhor vai... Foi como vim para aqui... 'Ai é shopping, ar condicionado, trabalhar com pessoal, fixe!'... e é muito complicado trabalhar com o pessoal, foram surgindo problemas internas, e tal... e, se soubesse tinha ficado onde estava. Às vezes, também depende... se tivesse ficado lá já tinha 2/3 anos lá, ganhava na altura, até ganhava, ganhava bem... trabalhava, às vezes mais horas por dia, mas não me importava, e olha... o patrão era porreiro comigo, chegava à minha beira e dizia se não tivesse depósito cheio, para dizer que ele enchia... era porreiro. O pessoal que ficava para a noite, ele pagava o jantar. Os sábados, pagava o almoço, íamos ao restaurante...

era agradável. Só que era um trabalho muito forçado, e um trabalho porco. Às vezes, saía azul, amarelo, verde... consoante a cor que fazia, era complicado! E saí, a pensar que o restaurante era melhor, e olha.

E- Portanto, mudava de atividade profissional?

J- Mudava, se fosse apelativo, mudava sem problemas.

E- Se fosse um contrato efetivo, mas fosse um trabalho muito tenso, que fosse uma atividade profissional que até nem gostasse assim tanto de desempenhar, mas era um contrato efetivo?

J- Depende do dinheiro... Porque é assim, se me ofereces um trabalho de muita responsabilidade, essa responsabilidade tem que ser paga. O pessoal da Grohe, tem muita responsabilidade, que pode ser muito forte e ganha igual que todos... dependia de vários fatores.

E- Ok.. Inicialmente se fosse efetivo..

J- Trocaria, sem problemas nenhuns. Mas mesmo por contratos se alguém me oferecesse mais dinheiro, eu ia. Hoje em dia, é o dinheiro, é o dinheiro, a parte monetária, o fator principal. O trabalhar não me mete medo... Não me importa o carregar paletes, o carregar camiões, ou vender comida, ou vender roupa... o problema não é o trabalho. O problema agora é, quanto é o que posso ganhar, para ter uma melhor vida, mais confortável e menos preocupações... é o carro, é a casa, é o seguro, é o crédito não sei que mais... acabas por ver que não tens dinheiro para algumas coisas, e não é porque o pessoal não quer, é porque não tem... dar uma volta ao porto 'epa, ao Porto? Já são tantos kms, e agora mais portagens', e depois é mentira dizer que só se vai dar uma volta... dar uma volta sem gastar dinheiro? Isso é mentira, acaba-se sempre por gastar em qualquer coisa... e claro, vai somando. E depois também pode acontecer, teres algum problema com o carro, furar um pneu... [risos], é stressante... Por isso, às vezes, mais vale ficar em casa, ou então ir dar uma volta a pé, até praia... O que está a complicar tudo é a parte monetária, acho eu...

E- Relativamente a alterações, após iniciar a atividade, como trabalhador temporário, que alterações é que verificou, por exemplo, ao nível da confeção das refeições? Não sei se confeciona, se cozinha, se não...

J- Cozinheiro sim. Eu agora como lá, e muitas refeições faço aqui no restaurante também... Eu cozinheiro, gosto de cozinhar.

E- Mas houve alguma alteração do antes de entrar na Grohe e depois?

J- É a mesma coisa. Como eu te disse, eu gosto de cozinhar, e estou disposto sempre a cozinhar, não tenho problema nenhum. Aos fins-de-semana cozinho, e durante a semana levo comida aqui do restaurante para casa, é mais prático, também é comida que não pago.

E- As alterações do antes e do agora... mantem-se mais ou menos todo igual, não é?

J- É a mesma coisa..

E- Ok, a nível da confeção das refeições, nada se alterou... e de que forma é realizada a divisão de tarefas, com a sua companheira, a tarefa de cozinhar..

J- Cozinho eu, prefiro cozinhar eu. Não gosto da comida dela.. Eu sou um bocadinho esquisito, com a comida em casa. Já na fábrica é o que há, mas quando chego a casa, gosto de comer bem. E se não é bem feito, digo para não fazer e faço eu. A divisão é mais, ela lava e eu cozinho [risos]. Eu já cozinho desde os meus 12/13 anos, porque não gostava da comida dos meus avós, e uma vez o meu pai passou-se e disse' se não gostas, cozinha tu, e comes o que tu queres', e comecei a cozinhar.

E- Relativamente às tarefas de limpeza, limpar a casa, roupa, compras diárias...

J- Nisso eu tenho uma preguiça, isso não tenho paciência mesmo. Mas agora dá-me tanta preguiça...

E- Antes se calhar já realiza mais esta tarefa, não?

J- Sim... agora como estou acompanhado... não é comigo já.

E- Existe a divisão se calhar ela faz mais esse tipo de tarefas de limpeza e fica mais para si a confeção das refeições.

J- Se tiver que as fazer também faço. Por exemplo, às vezes, lavo o chão, como sou muito mais rápido que ela.. faço mais. Mas quando começo a limpar a casa, é mesmo limpar, não gosto de passar assim só por cima, é mesmo a fundo. E ela já não. Ela prefere fazer ela, porque faz rápido, mas é muito por cima, e eu não, vou mesmo a fundo... Mas faço. Eu morei sozinho, em Portugal morei sozinho... uns sete anos, por aí. Eu cozinhava, fazia as compras, estendia a roupa... muito bem esticadinha e era só dobrar.. se fosse camisas tinha que passar, mas t-shirts, e assim, nada disso.

E- Por exemplo, o antes e agora, quando entrou para a Grohe, sente que consegue fazer essas tarefas na mesma?

J- Agora tenho mais tempo, tenho muito mais tempo.

E- Portanto acaba por conseguir, caso tenha que fazer, faz...

J- Se tiver que fazer faço... ou berram comigo [risos]

E- Mas considera que a divisão é mais para ela...

J- Não, eu faço e ajudo sempre.

E- Portanto o antes e o agora?

J- É igual.

E- A nível das tarefas de manutenção/reparação, como trocar lâmpadas, fazer pequenas reparações em eletrodomésticos?

J- Trocar lâmpadas? É fácil, 5 minutos, buscar o escadote e tal, é igual.... Às vezes, é capaz uma revisão do carro ser mais complicado... Porque quando estava efetivo, tinha aquela confiança o patrão e 'amanhã não venho'. E não ia. E perguntava-me porquê e dizia que tinha que fazer isto e isto e isto... se tenho tempo eu venho, senão eu fico em casa, meto um dia de férias... Mas agora, na Grohe é mais complicado, é muito mais complicado. Eu tinha aquela disponibilidade, por exemplo, faço anos, não venho, não contes comigo, e ia. Ou se a minha mãe vinha de férias, ia buscá-la ao aeroporto, e ia. Aqui na Grohe, é mais complicado, mas posso perguntar. Eles também tem que ter aquelas considerações, e também posso meter dias de férias, senão olha, sinto muito. Também não é por estar com um contrato temporário que vou estar com aquele medo, tenho os meus direitos, tenho aqueles dias...

E- Exatamente. Portanto a nível dessas tarefas de reparação e manutenção, nota alguma alteração...

J- Sim, naquela parte do carro... Às vezes é mais complicado, que tenho que fazer a manutenção do carro, e tenho que ver o horário que seja mais compatível.. se de manhã, se à tarde.. tenho que ver conforme é mais fácil, visto que o trabalho é de turnos. Por exemplo, agora tenho uma televisão para arranjar... só consigo ir quando faço manhãs que tenho as tardes, porque quando faço tardes, estou sempre a dormir de manhã, não tenho quase tempo para nada... Estou a dormir, porque quero dormir, também posso acordar mais cedo e fazer, mas por preguiça.. Por exemplo, turno da manhã, já tenho tempo de fazer coisas à tarde... Posso chegar a casa e dar uma soneca de 1h, e tenho a tarde toda até à noite, não tenho problemas. Lá está, tenho que me organizar consoante os horários que faço....

E- Exatamente. E ao nível destas tarefas, como é realizada a divisão com a sua companheira? Existe uma divisão destas tarefas?

J- Não, faço tudo eu [risos]. Praticamente faço tudo eu.

E- Relativamente a atividades de lazer, sociais, como é que era antes e como é que é agora? Existe alguma alteração evidente?

J- Antes de quê? Do trabalho temporário?

E- Sim, antes de iniciar como trabalhador temporário.

J- É igual, é igual. Sim saía antes e continuo a sair... Só quando faço noites, posso sair na sexta, mas não gosto de sair durante a semana. Não gosto de beber uns copos e estar no trabalho, ao outro dia de ressaca, não gosto. Já tive uma má experiência por isso, e não gostei, não gosto. Tenho o fim-de-semana, perco-me no fim-de-semana se quiser... Durante a semana não, nem temporário, nem efetivo.

E- Ok. Então não nota nenhuma diferença do antes e do agora? Continua a realizar as atividades que desempenhava?

J- Sim sim...

E- Relativamente ao nível da sua vida afetiva, a relação com a sua companheira, alguma alteração depois de iniciar... Considera que tem menos tempo para ela, por exemplo?

J- É tudo por causa do horário... Ela trabalha de tarde e à noite... Eu quando faço manhãs, não estou com ela o dia todo, quando faço tardes, estou com ela de manhã, e quando faço noites, estou rabugento a semana toda, e quero cama, quero dormir...

E- O facto de estar a trabalhar por turnos nota alguma alteração na sua relação?

J- Não não... é normal.

E- Por exemplo a nível de conflitos, por causa da distribuição do trabalho de casa, por causa da profissão, são motivos de conflitos?

J- Às vezes, às vezes.. por exemplo ela diz 'aspira a casa' e eu tenho preguiça, e fico deitado o dia todo... E depois quando ela chega pergunta se aspirei a casa e às vezes surge uma discussão ou outra por isso... Ou também vice-versa, peço-lhe para fazer alguma coisa e chego a casa e não está feito... Mas é normal, isto depende do tipo de pessoa e feitio. Estou mais rabugento uma semana ou outra ou ela também, e pegamos por qualquer coisa...

E- Claro, claro. Por exemplo, considera que a sua companheira dá valor às tarefas que realiza em casa?

J- Deveria dar... [risos] Mas sim... Quando eu cozinho, ou adianto o trabalho dela sem ela saber...

E- Claro, claro. Portanto, não notou nenhuma alteração ao nível da sua vida afetiva, neste momento..

J- Não.

E- Ok. Pronto, terminámos a entrevista, não sei se quer fazer algum comentário, alguma questão sobre os temas abordados na entrevista...

J- Não, acho que o problema do trabalho temporário, não é o próprio trabalho temporário, como eu já disse, mas a situação económica do país... Acho que o problema não é por ser trabalhador temporário, ou não. O problema é a situação do país... É aquela parte, se tiver trabalho, para mim tanto me faz, trabalhar aqui ou trabalhar lá... Se tiver trabalho, também existe uma maior probabilidade de ficar efetivo em algo que eu gosto. Mas agora os portugueses preferem trabalhadores temporários, para simplesmente, olha 'baixou a produção', mandou embora mais facilmente.. Por exemplo, um caso em Estarreja, a Tensai, sei que contratam imensos trabalhadores temporários porque tinham uma encomenda, a encomenda foi para trás, e o pessoal todo foi despedido... e estiveram lá, 5 dias... É muito mais prático, aqui se vê a parte do empresário, que é a parte boa... E a parte má, a parte do empregado. Porque para o empregador é fácil, prático, não tem problemas de efetividade... temporário é o melhor. O trabalho temporário tem o bom e o mau... Para quem é empregado, é a atitude de 'olha, não estou efetivo, e para arranjar um crédito de habitação é mais complicado'... e aquilo tudo. Mas também tenho colegas que tem 5/6 anos lá e estão na boa. E também é experiência que vamos sempre ganhando, ao ser trabalhador temporário, hoje num sítio, amanhã noutra, e vai-se enriquecendo o currículo também, ao ter experiência em vários sítios, e nunca se sabe o dia de amanhã, por isso é sempre bom ir trabalhando mesmo sendo trabalhador temporário ou não, é trabalho.

E- Mais uma vez, obrigado pela sua colaboração!

ENTREVISTA 9

Descrição

Sexo feminino, 24 anos, portuguesa, licenciada (frequentar Mestrado), é solteira, não tem filhos e vive com os pais.

Atualmente é estudante de mestrado e operária fabril numa linha de montagem (realiza várias tarefas inerentes, mas principalmente incide na área da embalagem). Já trabalha neste regime há 5 anos, entrando no ano de 2007. Sempre trabalhou neste regime de trabalho.

Realiza trabalho em horários rotativos, com rendimento mensal individual de menos de 500€.

Transcrição

E- Portanto, inicialmente gostava que me falasse sobre o seu percurso profissional, ou seja, que tipo de atividades já realizou até ao momento, em que organizações, durante quanto tempo...

I- Ok... Aaaa, comecei a trabalhar na Nestlé, há 5 anos atrás, esporadicamente... Depois trabalhei o ano passado no Continente, a fazer reposição durante 2 meses, também 1 dia por semana.. aaaa e, á um ano e meio atrás, ao domingo numa loja.. tudo em trabalhos temporários... conciliando assim com o meu curso que estou neste momento a frequentar.

E- Hum, ok. Imaginando que ganhava uma grande quantidade de dinheiro, por exemplo, através da lotaria ou do euromilhões, continuaria a trabalhar?

I- Hum.. Não! [risos].

E- Porquê que não continuaria a trabalhar?

I- Porque trabalho para me ajudar nos estudos e para ter alguma qualidade de vida... Se pudesse dedicar-me mais aos estudos e não ter que tirar dois dias por semana aos estudos, que é o que acontece... Nunca na vida metia o trabalho à frente. Os estudos são uma prioridade agora.

E- Mas para além da parte remuneratória, o trabalho não lhe dá outras valências, outros benefícios?

I- O que realizo neste momento não. Para a minha área de estudos e formação não, não me dá nada. Por isso, dedicava-me aos estudos e guardava o dinheiro para outras coisas [risos].

E- Ok... Porque motivo está atualmente a trabalhar em regime de trabalho temporário, ou melhor, realiza trabalhos temporários?

I- Aaa... Porque para mim que estudo durante a semana, e não estou cá (área de residência), é mais vantajoso... só um dia por semana.. só me obriga a vir cá aos fins-de-semana.. Nas férias, quando tenho disponibilidade também aproveito.

E- Portanto, o principal motivo, é para conseguir conciliar com os estudos?

I- Exatamente.

E- Ok... Face à experiência que tem como trabalhadora temporária, gostava que me dissesse os aspetos positivos que identifica, ao nível do trabalho que realiza? Por exemplo, considera que lhe dá prazer, satisfação em realizá-lo...

I- Aspetos positivos?

E- Sim, aspetos positivos..

I- Aaaa... talvez... eu acho que.. para a minha vida futura vou ter que lidar com clientes, é bom, por exemplo, a parte de interagir com as pessoas, a parte social... Acho que evolui um bocado, aaa..

E- Aumenta, por exemplo, as competências profissionais?

I- Sim, sim, sem dúvida. Mesmo não sendo na área de formação, é sempre uma mais valia experienciar outras funções e realizar outras tarefas.. Ficamos mais enriquecidos profissionalmente, e claro, pessoalmente também traz benefícios.

E- Hum hum... Mais algum motivo que destaque, de carácter positivo, ao nível do trabalho? Para além do que já referiu.. Só destaca as experiências que vai adquirindo, o contacto e interação com as pessoas...

I- Sim [risos]... Não destaco mais nenhum.

E- Ok... Ao nível da sua vida privada, da sua vida familiar... algum aspeto positivo, por ser trabalhadora temporária... Considera que consegue conciliar melhor as exigências profissionais com a vida privada?

I- Talvez... Sim! Como no meu caso, é um dia, esporadicamente.. não tenho que mudar muita coisa na minha vida.. por isso acabo por conciliar bem, e também, o intuito de estar neste regime é mesmo esse, conseguir conciliar bem o trabalho, com os estudos, e a vida familiar e privada.

E- Ok... A nível das atividades de lazer, atividades sociais... aspetos positivos que encontra? Considera que consegue conciliar bem também?

I- Sim! Sim, consigo.

E- Tem alguma atividade extra trabalho?

I- Eu?

E- Sim.

I- Tenho.. Faço voluntariado, mais ou menos estágio, aaa... numa clínica (veterinária), e consigo conciliar bem.

E- Ok... Agora ao nível negativo... Aspetos que identifica ao nível negativo, relacionadas com o tipo de trabalho que realiza. Por exemplo, considera que a remuneração é baixa, que existe precaridade no trabalho, insegurança/instabilidade...

I- É assim... Na Nestlé, é bem remunerado, para o regime que estou, é muito bem remunerado... agora na loja que também trabalho, não. Inclusive, fui fazer uma formação e não me pagaram essa formação..

E- Hum hum... Para além desses, que aspetos negativos, destaca mais? Relativos ao trabalho que realiza...

I- O trabalho da fábrica é cansativo..

E- Por exemplo, considera que existe poucas perspectivas de evolução sendo trabalhadora temporária?

I- À sim! Sim. Não é uma coisa que me interesse muito a mim, ali, mas não, não existe perspectivas nenhuma, falo mesmo pelas pessoas que lá estão nesse regime... o facto de se ser trabalhador temporário, limita logo o crescimento profissional, dentro da organização que se está inserido, como é obvio.

E- Ok... Agora aspetos negativos, relativos à vida privada, à vida familiar... quais os aspetos negativos que consegue destacar? Considera que existe stress, que tem menos tempo para a família, amigos...

I- Huum.. não. O contrário, tenho mais tempo..

E- Portanto, não encontra nenhum aspeto negativo?

I- O único que é negativo, é chamarem-me a qualquer hora.. e uma pessoa não pode dizer que não, porque sei que depois posso ser penalizada... Então opto sempre por interromper alguma coisa que esteja a fazer para ir.. que já aconteceu algumas vezes.

E- Acaba por ser negativo, o facto de ser quase obrigada a ter que aceitar, para não ser penalizada futuramente.

I- Sim...

E- A nível de atividades de lazer, atividades sociais... aspetos negativos. Por exemplo, considera que não consegue conciliar por estar cansada..

I- Sim, isso sim... Ao sábado nunca posso fazer nada à noite, a não ser que vá a dormir para o trabalho [risos] ... Às vezes, quando trabalhava no Continente, era a mesma coisa, à sexta não podia sair... E o cansaço e o próprio stress do trabalho acaba por não deixar conciliar com outras atividades, por vezes.

E- Hum hum... Ok. Se eventualmente surgisse uma oportunidade de mudar de atividade profissional, de trabalhador temporário, para outra, mudaria? Por exemplo um regime efetivo?

I- Sim, sim... Porque tem melhores condições, e lá está, mais seguro... Principalmente essa é a razão principal, a segurança.

E- Hum hum... Portanto a principal razão reside nesse fator. Mais algum que queira mencionar?

I- Não.. basicamente é esse o principal.

E- O que é que se alterou após o início da sua atividade como trabalhadora temporária, o que é que se alterou... por exemplo, ao nível da confeção das refeições? Não sei se cozinha, se não...

I- Não.. não cozinho [risos]

E- Portanto, nada se alterou nesse aspeto? Vendo um antes e agora?

I- Não não, nada se alterou. E o antes e agora não é diferente [risos]

E- E relativamente a tarefas de limpeza? Limpar, lavar roupa, fazer compras diárias... Alguma coisa se alterou relativamente a isso?

I- Não, não... Não faço nada disso [risos]

E- Portanto, o antes e agora, tudo mantém-se basicamente da mesma forma?

I- Sim.

E- E relativamente a tarefas de manutenção/reparação... Por exemplo, fazer reparação a algum eletrodoméstico, trocar uma lâmpada...

I- Não, nenhuma alteração...

E- O antes e o agora, mantém-se sem grandes alterações?

I- Assim evidentes, penso que não.

E- Relativamente a atividades de lazer, sociais.. Alguma alteração, que fazia antes e agora não faz?

I- Sim.. bastante. Principalmente à noite. Porque como trabalho sempre cedo, à noite, nas vésperas, já não consigo fazer nada... E acaba por ser uma alteração bastante grande, por sinal.

E- Ok... Relativamente à vida amorosa/afetiva... alguma alteração? Menos tempo, por exemplo, para o seu namorado?

I- Não.. Quer dizer, talvez ao domingo, como trabalho o dia todo...

E- Portanto o antes e depois?

I- Antes tinha mais tempo, e agora já tenho menos...

E- Face ao trabalho que realiza, à algum motivo de conflito, entre si e o seu companheiro?

I- Não não, isso não.

E- Ok.. Só mesmo a alteração ao nível de não ter tanto tempo para ele.

I- Sim.

E- Pronto, terminamos a entrevista... Não sei se tem alguma questão a fazer, alguma observação face ao que foi dito?

I- Não não tenho [risos].

E- Mais uma vez, muito obrigada pela colaboração!

ENTREVISTA 10

Descrição

Sexo feminino, 53 anos, portuguesa, 3º ciclo (9º ano), é casada e tem 2 filhos: um filho de 34 e uma filha de 29 anos, vive com o marido e a filha.

Atualmente é cozinheira numa escola secundária, realizando todas as tarefas inerentes ao refeitório, desde a preparação dos almoços, ao servir, até à limpeza e organização de todo o espaço. Já trabalha neste regime há cerca de 17 anos, entrando em 1995. Já trabalhou em regime de trabalho a contratos efetivos.

Realiza trabalho em horário fixo, com um rendimento mensal individual de menos de 500€.

Transcrição

E- Inicialmente gostava que me falasse do seu percurso profissional, ou seja, que atividades já realizou até ao momento, em que organizações, durante quanto tempo...

C- Olha.. O meu primeiro emprego foi trabalhar 'a dias'... Pronto o meu pai meteu-me a trabalhar... tirou-me da escola... depois eee... trabalhava para uma professora, e o marido era engenheiro, eee eram muito exigentes e o meu pai achou que não devia ser sobrecarregada a mando dos outros, eu saí... Depois eee completei a escola, a 4ª classe, arranjei emprego numa fábrica de conserva... gostei muito daquilo que fiz... eee trabalhava na parte mesmo de enlatamento da conserva, portanto, sardinha enlatada... e tirava-se a cabeça ao peixe que se chamava 'descabeçar'... Entretanto, tive que voltar outra vez à escola, completei a 6ª classe, eee voltei outra vez a trabalhar, numa fábrica de azulejo, na parte de escolha, que era num armazém, escolhia os azulejos que era de 1ª, de 2ª e 3ª... Depois retirei-me, pelo motivo principal, para estar em casa a tomar conta dos filhos... Num espaço de tempo eee... o menino chegou a uma idade que mais ou menos já já comia pãozinho, e apareceu-me a oportunidade na área de escolas, de entrar como cozinheira, que não era a minha área, nem nunca foi, nem pensava ser, e foi uma opção de vida que eu tomei, e para mim realizou-me os sonhos. Pronto, é uma coisa que adoro, gosto muito e mantendo-me até onde poder! E até agora estou lá.

E- Exatamente. Ok. Imaginando que ganhava uma grande quantidade de dinheiro, por exemplo, através do euromilhões ou lotaria, continuaria a trabalhar?

C- Continuava!

E- E qual era o motivo por continuar a trabalhar?

C- Porque acho que nós temos que ter uma ocupação.. ee nós também temos que transmitir aos outros que somos úteis em alguma coisa, não era esse dinheiro que se calhar me ia completar a felicidade, ajudava claro, mas por motivos profissionais, não era o dinheiro que me ia comprar aquilo que eu gosto de fazer. Porque não se compra, temos que dar no 'batente' mesmo.

E- Portanto, para além da parte remuneratória, o trabalho dá-lhe ...

C- Sim sim dá-me um ânimo diferente, entrego-me e sou eu mesmo, sou eu aquela pessoa.. A nível pessoal, a nível de comunicação com os outros, o que se aprende com os outros, o que podemos transmitir aos outros... Não o dinheiro não era aí que me parava. Portanto, continuava a trabalhar independentemente de ganhar uma grande quantidade de dinheiro.

E- Hum hum... Porque motivo é que se encontra a trabalhar em regime de trabalho temporário atualmente? Procurou exclusivamente trabalho temporário? Ou porque surgiu na altura?

C- Surgiu na altura, foi assim e a área de escolas é assim. Não se passa a efetivos, e é assim que temos que estar.

E- Portanto, esse foi o principal motivo?

C- Sim... Apareceu, a oportunidade apareceu, a oportunidade apareceu daquele emprego, e ao aparecer a oportunidade era assim que as coisas funcionavam e continuam a funcionar assim. Na área de escolas não existe outra forma de trabalho. A não ser que aquilo passasse a gestão direta... aí já era diferente. Mas a nível de firmas tem que ser assim mesmo.

E- Hum hum... Face à experiência que tem como trabalhadora temporária gostava que me dissesse, os aspetos positivos que identifica, nomeadamente ao nível do trabalho que realiza, aspetos positivos? Ou seja, dá-lhe prazer em realizar, satisfação...

C- Muito, muito!

E- Aumenta ou mantém as competências profissionais...

C- Aumenta as competências, eee... nós conseguimos, nós conseguimos... eeee como é que eu te hei-de explicar... [pausa] Emociona-me muito, aquilo que eu faço emociona-me muito... a pontos de criar... temos às vezes uma dificuldade, não temos certas coisas

para trabalhar, e consegue-se criar e consegue-se sair, e isso dá-me uma força muito grande para fazer aquilo que eu estou atualmente a fazer...

E- Portanto é um trabalho que a satisfaz profissionalmente e aumenta as suas capacidades...

C- Muito, muito. Aprende-se, consegue-se aprender sempre, cada dia aprendemos um bocadinho de qualquer coisa...

E- Hum hum... E a nível da sua vida privada, da vida familiar, face à experiência que tem, considera que consegue conciliar bem as exigências familiares com as exigências profissionais?

C- Consigo, consigo, muito bem. Embora às vezes a gente se atrapalhe um bocadinho, que destina certas coisas e não se consegue fazer, mas ao outro dia a gente com mais um bocadinho conseguimos fazer tudo.

E- Ok, portanto consegue conciliar bem esses dois campos, torna-se um aspeto positivo esta forma de trabalho e o próprio horário que realiza...

C- Sim, sim. Consegue-se conciliar muito bem mesmo.

E- E a nível de atividades de lazer, atividades sociais, aspetos positivos que consegue identificar, face ao tipo de regime de trabalho que se encontra, consegue conciliar atividades extra trabalho, ou outras atividades como o sair, atividades de lazer...

C- Também se consegue, consegue-se ir à pesca, consegue-se ir à praia, consegue-se dar um passeiozinho, a gente esquece-se um pouco do que tem para fazer e depois quando se chegar faz... Consegue-se, consegue-se, eu acho que sim [risos].

E- Neste momento, tem alguma atividade extra trabalho?

C- Tive... Trabalhava, fazia, portanto, produtos para fora e quando aparecia serviços, como Bodas de Prata, Comunhões... Já cheguei a fazer, agora não. Mas claro, se me pedirem, faço sem problema.. E consigo conciliar bem com o meu trabalho e família.

E- hum hum... Ok. Agora a nível negativo, aspetos que identifica a nível negativo, face à experiência que tem, a nível do trabalho? Por exemplo, considera que existem salários baixos, precariedade no trabalho...

C- Considero que existe muito trabalho para pouco pessoal. Considero que somos mal pagas, eu falo pessoalmente por mim, pelas responsabilidades que se tem, porque desde que se tira... desde que se recebe os materiais, até chegar ao cliente, tem que se ter muita responsabilidade das coisas... Como o cuidado da refeição, como chegam, como é

armazenado, como é descongelado, como é confeccionado, até chegar ao cliente. Acho que as responsabilidades são muitas para aquilo que pagam...

E- Hum hum... Por exemplo aquela questão da insegurança e a instabilidade/ameaça de desemprego... por exemplo.

C- Não nos afeta muito, porque na área de escolas, alguém tem que servir as refeições... Podem não ser 5, são 4, se não é com 4 é com 3... mas alguém tem que o fazer. Não está assim uma ameaça muito grande... Mas claro, nós temos uma pausa (de meses), porque é assim que funciona, estamos sempre com aquela ansiedade do que vem em Setembro... Mas aaa ameaça ameaça ameaça... não estou assim com muito medo.

E- É mais aquela questão de salário baixo..

C- Sim sim é isso... é é. O salário baixo e as poucas regalias... porque aquelas que se tem, o que se luta para as conservar... Porque eles querer tirar, querem. A nível de sindicatos, os sindicatos é que estão sempre em campo, e nós também fazemos questão de fazer mesmo por isso... Como alguma coisas que vejo que não estão muito bem, entro logo em campo...

E- Hum hum.. reivindicar os direitos..

C- É é, de cabeça!

E- Claro. Relativamente à vida familiar, aspetos negativos... Por exemplo, a questão do stress, ter menos tempo para a família e amigos...

C- Olha, eu amigos eee... quando eles aparecem tira-se tempo... Para a família tenho todo o tempo do mundo. Embora uns dias mais cansada, outros menos... mas eu acho que estou realizada nesse aspeto... estou consciente que tiro o tempo necessário.

E- Portanto consegue conciliar... No entanto, não nota algum aspeto mais negativo...

C- Não, eu não quero ter nada negativo na minha vida [risos]

E- Por exemplo, a questão do stress...

C- Não há stress, é sem stress [risos]. Há uns dias mais agitados, outros dias descansamos mais um bocadinho, uns dias dormimos mais um bocadinho, não há nada de negativo...

E- Face à experiência que tem como trabalhadora temporária, não encontra aspetos negativos, em relação à conciliação com aspetos da vida familiar/privada...

C- Não não, não tenho. Aaaa... a única coisa negativa, é agora o problema do meu marido, mas isso também agora, não é caso para ser negativo.

E- Hum hum... Relativamente às atividades de lazer, atividades sociais... por exemplo, não consegue conciliar eventualmente porque está cansada, ou alguma outra razão, face ao trabalho que tem, considera que não consegue conciliar tão bem alguma atividade?

C- Aaaa... por exemplo, já ando à muito tempo a dizer que quero ir à piscina, e não consigo. Aaaa por exemplo, o ir andar a pé, tirar assim um bocadinho para ir andar a pé, mas a gente, lá está, tem de conciliar as coisas em casa... e nunca sobra um bocadinho. Mas se calhar, é uma questão... de melhor organização ainda, eeee fazer, se calhar é mesmo uma questão de dizer assim: 'Eu vou', e vou mesmo. É só nesse aspeto. É o sonho da piscina, e fica para trás.

E- E acaba por ser negativo...

C- Negativo nesse aspeto, porque não consigo chegar aí. É só o que eu acho, que a única coisa negativa é nesse aspeto... Mas como também não é uma coisas assim... prioridade, vai ficando...

E- Hum hum... Claro. Se eventualmente surgisse a oportunidade de mudar a sua atividade profissional, de trabalhadora temporária, para outra, mudaria? Por exemplo, para um contrato efetivo?

C- Mas dentro da minha área?

E- Ou se fosse para outra área? Ou seja, eventualmente fosse a mesma ou outra, mas com um contrato efetivo..

C- Claro claro, e nem olhava para trás.

E- E porquê?

C- Para ter mais segurança, a nível profissional e financeiro. Porque isso, torna-nos mais estáveis, mais seguros... aaa na questão do querer comprar qualquer coisa, estarmos.. sabermos com o que podemos contar... Aaaa o pensarmos no amanhã de outra maneira, se quisermos lançar a qualquer coisa, sabemos que podemos, nesse aspeto fazia...

E- Nem pensava duas vezes?

C- Não não não não... Mudava!

E- Pela estabilidade, segurança..

C- Sim sim sim... Principalmente pela segurança. De estarmos estáveis... mais... estarmos mais seguros com o que contar no futuro.

E- Hum hum... O que é que se alterou após o início da sua atividade como trabalhadora temporária... por exemplo, ao nível da confeção das refeições? Como

é que era antes e como é que é agora? Alterou-se algum aspeto? Considera que tem menos tempo ou não faz tanto?

C- Não, faço na mesma... Só que faço diferente do que fazia à uns anos atrás. Faço mais saudável agora. Agora baseio-me mais numa refeição prática, mas dentro do saudável...

E- Hum hum.. Continua a cozinhar na mesma?

C- Na mesma, mas uso outros métodos... aaa que sejam menos agressivos fisicamente, portanto, mas saudável portanto...

E- O antes e o agora... antes de entrar como trabalhadora temporária para agora é igual? Nada se alterou relativamente à confeção das refeições em casa?

C- Não não... Continuo a fazer, como antes fazia também.

E- E de que forma é feita a divisão com o seu companheiro? Ou a sua família? Em casa essa tarefa...

C- A divisão cai sempre para a mesma... Sempre para a mãe.

E- Não existe uma divisão?

C- Não não... a unica coisa que a gente divide é: 'eu faço e ele come', é a única divisão que há aqui [risos]

E- E relativamente a tarefas de limpeza? Como é que era antes e como é que é agora após o inicio da atividade como trabalhadora temporária?

C- Olha, agora tentei conciliar tudo com as máquinas, comprei uma máquina de lavar roupa, comprei uma máquina de secar, comprei um micro-ondas, comprei um aspirador, portanto em vez da vassoura.. aaaaa tento conciliar assim, com as máquinas que é mais rápido e mais eficaz, pronto...

E- Portanto, continua a executar essas tarefas?

C- Tudoooo.. Não há diferenças para o antes e agora. A diferença é que agora são mais sofisticadas que antigamente...

E- E nível da divisão, dessas tarefas, como é realizada?

C- Só a filha, o companheiro... o companheiro, não, não faz nada! [risos] Estende-me a roupinha de vez em quando... Quando é preciso estende, e a única coisa que a gente divide aqui, é para a gente conciliar, por exemplo, ele vai dar de comer à criação e eu arranjo o comer, ou por exemplo, vai regar e eu venho arranjar o comer... Se eu estiver a passar a ferro, ele é capaz de pôr a mesa... é a única tarefa que ele faz...

E- Por exemplo, as tarefas de manutenção/reparação, se calhar são atividades que o seu marido desempenha?

C- É, é sim.

E- Como o trocar uma lâmpada, fazer uma reparação num eletrodoméstico, cuidar de animais...

C- Sim sim sim sim... isso! Nessa parte ele ajuda, na parte de casa não.

E- Por exemplo, nessas tarefas de manutenção e reparação, como é que era o antes e o agora?

C- É a mesma coisa, é igual.

E- Eee relativamente por exemplo a atividades de lazer e sociais, como é que era antes e como é que é agora?

C- Agora são melhores, do que antigamente, são.

E- Fale-me como era o antes e o agora?

C- Portanto, antes de estar empregada, era mais... as tarefas eram os filhos que eram pequenos, mais eles, ocupavam mais tempo, do que agora. Agora é a mesma coisa.. é igual. Não existe grande alteração... aaaa o dia-a-dia é sempre o mesmo, temos que fazer de tudo um bocadinho para não acumular, mas é sempre dentro das tarefas de agora... claro que antigamente lava-se a roupa à mão e ia-se para o rio, agora tem as máquinas... mas também lá está tinha os filhos pequenos que ocupava mais tempo, mais cuidados, não se saía tanto quando os filhos eram pequenos, é a única diferença...

E- E relativamente à sua vida afetiva, relação com o seu companheiro, considera que alguma coisa se alterou após a sua atividade? Menos tempo para ele...

C- Olha, aaaa menos tempo claro, nos primeiros tempos... agora que ele está reformado, ainda pior porque quando ele trabalhava tínhamos mesmo pouco tempo, porque muitas das vezes ele saía, e eu entrava, depois eu chegava e ele só chegava à meia-noite... Agora dou-lhe mais tempo, apesar de trabalhar 8 horas, dou-lhe mais tempo, porque ele também passa mais tempo em casa, que está reformado.

E- Portanto, não considera que exista menos tempo para ele?

C- Não não, agora não, porque ele está reformado.

E- E nada se alterou na sua relação com ele após início da sua atividade?

C- Não, nada se alterou, as únicas alterações foram para melhor...

E- Ok. Ótimo. Bem, sendo assim, terminámos a entrevista. Não sei se tem alguma questão a fazer, algum comentário, face aos temas abordados na entrevista...

C- Não, espero que tenha atingido os teus objetivos.

E- Sim... E mais uma vez muito obrigada pela sua colaboração!

ENTREVISTA 11

Descrição

Sexo masculino, 19 anos, português, ensino secundário (12ºano), solteiro, não tem filhos e vive com os pais, irmão e avós.

Atualmente é operário fabril, realizando tarefas inerentes a uma linha de produção, especialmente a parte final da mesma, ou seja, embalagem de painéis solares. Trabalha neste regime à cerca de 6 meses, desde 2011. Como é o seu primeiro emprego, sempre trabalhou neste regime de trabalho.

Realiza trabalho em turno diurno (6h-13h30), com um rendimento mensal individual entre os 500€ e os 750€.

Transcrição

E- Inicialmente gostava que me falasse sobre o seu percurso profissional, ou seja, que atividades já realizou até ao momento, em que organizações e durante quanto tempo...

A- O que já fiz, foi... trabalhar nas férias, quando ainda estava a estudar, os meus pais são donos de uma padaria, e eu ia para lá estudar... quando eu podia e eles precisavam também... Isto enquanto estava a estudar. Depois acabei de estudar, e ou era universidade, ou era ingressar no ramo do trabalho... e eu decidi pelo menos este ano trabalhar, e pronto... foi a primeira opção que apareceu..

E- Ok... E está a trabalhar na Bosch?

A- Sim...

E- Ok. Que tipo de atividade é que faz? Fale-me um bocadinho sobre isso...

A- Aaaa... Faço principalmente o embalamento dos painéis solares, faço final da linha de produção de lá, e é basicamente isso...

E- Hum hum... Ok. Imaginando que ganhava uma grande quantidade de dinheiro, por exemplo, através do euromilhões ou da lotaria, continuava a trabalhar?

A- Depende da quantia. Se a quantia fosse elevada, talvez sim... quase de certeza que sim.

E- Hum... Mas continuava a trabalhar na mesma?

A- Não não, não continuava.

E- E porquê?

A- Porque talvez fosse investir os meus... esse dinheiro que ia ganhar, ia investir noutra coisa, melhor, e que pudesse tirar mais dinheiro do que estou a tirar agora a trabalhar...

E- Hum hum, exato. Mas isso quer dizer, que continuava a trabalhar, mas de outra forma, comparando com o atual..

A- Sim sim... de outra forma, mas não ali (empresa que trabalha), queria um salário mais elevado, já que tinha mais dinheiro.

E- Exatamente. E, para si, o que é que o trabalho lhe dá, a nível de funções, para além da parte remuneratória...

A- as responsabilidades talvez... Nunca tinha, mex... nunca... talvez... saí da escola e é diferente não é? Agora aqui é um horário comprido, se falharmos, somos mais penalizados do que eramos na escola, é diferente, e é acima de tudo, responsabilidade.

E- Hum hum...

A- Acho eu...

E- Mais alguma coisa que o trabalho lhe dê?

A- Experiência também, como é óbvio, eee... penso que seja tudo! Acho também que, eu penso que seja na altura de começarmos a trabalhar, a nossa mentalidade muda um bocado... Sabemos que já não somos aquelas crianças que estávamos a estudar, e estamos a trabalhar, e é diferente... E a partir daí começamos a ver as coisas de maneira diferente. E sabemos que podemos depender de nós próprios, sermos nós próprios aa..

E- Independência...

A- Exatamente.

E- Hum hum.... Porque motivo é que está atualmente a trabalhar em regime de trabalho temporário?

A- Porque não há outra maneira de arranjar trabalho...

E- Mas procurou exclusivamente trabalho temporário? Ou surgiu?

A- Não, procurei em todo o lado. Ainda andei bastante tempo, cerca de meio ano à procura de trabalho, e ou seja, o primeiro que veio, tive que aceitar, não podia rejeitar... Não havia mais nada!

E- Hum hum... Não procurou exclusivamente trabalho temporário?

A- Não não não. Foi o que apareceu...

E- Ok... Face à experiência que tem como trabalhador temporário, gostava que me dissesse os aspetos positivos que identifica... Por exemplo, ao nível do trabalho...

A- Mas dentro da empresa?

E- A função que desempenha, se lhe dá prazer em realizar o trabalho que faz ou não, aumenta as competências profissionais...

A- Sinceramente...As competências profissionais, se calhar nem tanto, mas por acaso, estou a gostar bastante da experiência, também se calhar por estar a receber remuneração, eee... o trabalho em si também acho que é bom, porque não é muito maçante, apesar de ser sempre a mesma coisa... Também não estou lá há muito tempo, mas por acaso, estou a gostar bastante.

E- Hum hum, dá-lhe prazer em realizar aquele trabalho?

A- Por acaso sim... não pare... normalmente ninguém gosta, mas por acaso, estou a gostar bastante.

E- E acaba por aumentar as competências profissionais, concretamente, naquele ramo...

A- Sim sim, naquele ramo sim.

E- A nível da vida privada, aspetos positivos... Por exemplo, consegue conciliar, por ser trabalhador temporário, consegue conciliar bem com... as atividades familiares...

A- Sim, porque também o meu horário, é bastante bom para isso, como é das 6h às 13h30, fico com a tarde toda para mim e com a noite, só tenho que me deitar um bocadinho mais cedo, de resto consigo fazer a minha vida normalmente...

E- Exato... Portanto, consegue conciliar bem com as outras tarefas...

A- Se calhar se tivesse outro horário, não. Mas com este horário, acho que consigo conciliar tudo bem.

E- Portanto, acaba por ser um aspeto positivo?

A- Mais que positivo. Talvez por isso é que goste do trabalho, que consigo... não me proíbe de nada.

E- Hum hum, exatamente. Aaaa... e a nível de atividades de lazer/sociais, aspetos positivos, face à experiência que tem, consegue conciliar bem...

A- Também, também... Só perco a quinta-feira, a quinta-feira à noite, que tenho que me levantar cedo, e se for trabalhar ao sábado, a sexta... porque de resto.

E- Tem alguma atividade extra trabalho?

A- Não, não tenho. Só pratico futebol de vez em quando, mas não me impede, posso praticar na mesma...

E- Hum hum... Consegue portanto conciliar bem todas essas atividades extra trabalho, atividades sociais, como sair e estar com os amigos...

A- Exatamente... Consigo, consigo.

E- Consegue conciliar bem, ok. A nível de... Gostava agora de saber, os aspetos negativos, que encontra, face ao trabalho que realiza... Por exemplo, considera que existem salários baixos, precaridade no trabalho, aquela instabilidade/insegurança...

A- Isso é verdade, em termos de instabilidade... é um pouco mau saber que estamos a trabalhar hoje e saber que amanhã podemos ser despedidos, é um pouco... a cena do contrato também não tem fim, ou seja, amanhã posso ser despedido, o problema é esse... é um aspeto negativo. Mais aspetos negativos...

E- Por exemplo, considera que não tem perspetivas de evolução profissional...

A- Exatamente... Neste momento, e já quando entrei, disseram-me que não iam passar ninguém a efetivo, ou seja, é uma desmotivação logo no início... aaa

E- Por exemplo, a nível de, eventualmente, perguntar-lhe para fazer prolongamento de horários, sente que é quase forçado a fazer por ser temporário?

A- No início, talvez sim, só que eu vejo pessoas que trabalham lá há mais tempo e são temporários, e simplesmente dizem que não... Mas como também trabalho há pouco tempo, acho que é um pouco mal estar a dizer um não, logo nos inícios.

E- Hum hum... Relativamente às regalias, face por exemplo, a trabalhadores efetivos, considera que existe menos por ser trabalhador temporário?

A- Sim sim, porque se eu trabalhar horas extras, eu recebo 50%, e os trabalhadores normais, recebem ainda mais, ou seja, o ordenado deles já é maior, e incide 100%, ou seja, vão ganhar quase o triplo, do que eu vou ganhar.

E- Portanto acaba por ser negativo?

A- Exatamente...

E- Portanto, a falta de regalias, a falta de perspetivas de evolução, e a questão da instabilidade... são estes os principais aspetos negativos? Mais algum que queira mencionar?

A- Penso que não. Depois é o aspeto pessoal lá da empresa, que estão-me a integrar bem, estão-me a receber bem, gosto bastante das pessoas de lá, por acaso, são simpáticas...

E- Hum hum.. consegue criar laços...

A- Sim... foi fácil!

E- Agora aspetos negativo ao nível da vida privada, à vida familiar... considera que tens efeitos negativos, como o stress profissional... menos tempo para a família, e amigos...

A- Para já não... para já não... Porque... Acho que não... porque como sabe o horário é... é... é assim, tenho bastante tempo... o único que considero negativo, é às vezes, estar um bocado mais cansado, e ter de, por exemplo, dormir um bocadinho à tarde.. e aí... aí falho um bocado, para estar com os meus amigos, para estar com a minha família... Mas não é muito negativo.

E- Por exemplo, considera que por ser trabalhador temporário, acaba por adiar algumas etapas da vida, como o casar, ter filhos...

A- Isso talvez pelas remunerações não serem suficientemente altas...

E- Hum hum...

A- Se tivesse um ordenado maior, é óbvio que podia... podia alastrar mais os meus objetivos, mas sendo um ordenado mais baixo, não estava a pensar em casar, mas não consigo manter uma casa com este ordenado...

E- Ainda não está nos seus planos... [risos]

A- Não ainda não está nos meus planos [risos]

E- Ok... Por exemplo, o horário que faz, sente que por tem um desgaste físico e emocional que acaba por não estar totalmente...

A- No início, um pouco, porque também quando comecei a trabalhar estávamos a fazer uma hora a mais, porque pegamos às 5h da manhã, era mais difícil, porque tínhamos que acordar às 4h da manhã... e acordar às 4h da manhã já custava mais um bocadinho, mas foi só uma semana, e depois comecei-me habituar levantar-me às 5h para trabalhar às 6h... e a partir daí sinto-me bem.

E- Com esse horário, conhece estar com os amigos, ou está cansado...

A- Sim... eu durmo um bocadinho. Chego à uma e meia (13h30), almoço, vou para o café lá para as duas da tarde (14h), estou um bocadinho, venho para casa lá para as três/quatro horas (15h/16h), durmo um bocadinho, para aí até às sete (19h), janto, fico um bocado lá com a família e etc, depois se for preciso volto outra vez ao café, e depois vou dormir... por isso que eu te digo... Mas acredito que é por ser pelo horário, porque se fosse um horário diferente eu acho que não conseguia conciliar isso tudo...

E- Ok.. porque tinha um desgaste físico se calhar mais forte...

A- Pois... Também vou quase a dormir para o trabalho, às seis da manhã (6h), e as horas passam a correr [risos]

E- Hum hum...E a nível das atividades de lazer, sociais... por exemplo, considera que não consegue conciliar pelo cansaço, o stress, a ansiedade...

A- O cansaço um pouco, chega a uma altura que estamos... por exemplo, se eu não dormir à tarde, sinto que no dia seguinte estou um pouco mais cansado... claro se me convidarem para ir jogar uma 'futebolada', ou uma coisa do género, eu vou dizer: 'E hoje não, estou cansado, preciso de ir dormir um bocadinho, para amanhã estar melhor para ir trabalhar!'... Por acaso isso, priva-me um pouco.

E- Considera um aspeto negativo...

A- Exatamente.

E- Hum hum... Se eventualmente surgisse uma oportunidade de trabalho, de mudar de atividade profissional, de trabalhador temporário, para outra, mudaria?

A- Se fosse para efetivo... sim mudava, sem dúvida!

E- Porquê?

A- Porque lá está, como já foi dito anteriormente... aquilo de não ter a certeza do trabalho... aí era óbvio que podia manter o meu trabalho por mais tempo, dependendo do contrato que assinasse, mas sabia que não ia embora durante x tempo, era diferente era outra segurança...

E- Principalmente pela segurança?

A- Sim, principalmente pela segurança. O ordenado se fosse um pouco mais baixo, mas mesmo assim, acho que aceitaria na mesma.

E- Portanto, ponderava alguns fatores ou aceitava logo de imediato?

A- Eu acho que aceitava de imediato, mas acho que me ia custar bastante sair de lá, porque já criei laços de amizade com as pessoas de lá, e não sei, antes de ir embora ia ter uma conversa lá com o chefe e ia-lhe dizer... E acho que se tivesse um contrato melhor, acho que ficava lá. Agora se não...

E- Se fosse um contrato efetivo na empresa onde está?

A- Ficava, ficava.

E- Se fosse noutra?

A- Se fosse noutra...

E- Outra função, outras pessoas...

A- Não sei não sei... isso era uma questão a pensar!

E- Hum hum, mas principalmente mudava pela segurança..

A- Sim... pela estabilidade financeira, e sabia que... o meu emprego ia durar pelo menos o contrato que ia assinar, não a tempo indeterminado como estou agora.

E- Hum hum.. O que é que se alterou após iniciar a sua atividade, como trabalhador temporário, o que é que se alterou? O que é que se alterou, por exemplo, ao nível da confeção das refeições... Não sei se cozinha, ou não...

A- Às vezes chego a casa e já está o almoço feito pela minha mãe, por isso, para mim é o mais fácil...

E- Portanto, nada se alterou nesse aspeto, não cozinha...

A- Não [riso]

E- Ok. Nada se alterou... E ao nível da divisão dessas tarefas, fica mais para a mãe, é isso? O antes e o agora, é igual?

A- É igual... A única coisa, é que tenho a pausa de dez minutos (10min), às nove e meia (9h30), como lá um pão, è a única diferença...

E- Ok. A nível de tarefas de limpeza, como limpar a casa, lavar a louça, roupa, compras diárias, alguma coisa se alterou?

A- Também não faço nada disso [risos]

E- Não? Ok. Aaa... portanto, o antes e o agora...

A- Neste caso, é igual.

E- Relativamente a tarefas de manutenção/reparação, como o reparar algum eletrodoméstico, mudar uma lâmpada, cuidar do carro...

A- Se calhar tenho menos paciência... Porque é um bocado maçante. Imagine, antigamente tínhamos mais tempo, não é? Imagine, que queríamos arranjar qualquer coisa, eee pegava naquilo, e 'vou arranjar isto agora', e agora chego a casa 'eetxxxii, não me apetece', estou cansado e apetece-me estar um bocadinho descamisadinho ali no sofá a ver televisão, em vez de estar a arranjar aquilo, mas também sei que já é preguiça da minha parte, mas...

E- A única alteração, portanto, antes tinha mais tempo, talvez e mais...

A- Mais cabeça, mais cabeça...

E- E agora...

A- Tenho menos um bocadinho... tenho menos.

E- Como é que é feita a divisão dessa tarefa com a sua família? Como é feita...existe uma divisão, ou essa tarefa é mais para um determinado membro da família...

A- É mais para a minha mãe, a minha mãe faz quase tudo, ou tudo! [risos]

E- [risos] Ok... Aaa por exemplo ao nível de atividades de lazer, atividades sociais, o antes e o agora... alterações, após iniciar...

A- Acho que não se alterou mesmo.

E- Não?

A- Não.

E- Continua a fazer as mesmas coisas?

A- Sim, consigo fazer.

E- Ok. Portanto, não se alterou nada que fazia antes e agora que não faça, ou que não fazia e agora faça?

A- Acho que é igual mesmo, porque tenho os fins-de-semana para mim, e é mais essa parte que importa...

E- Hum hum... A nível da sua vida afetiva... Não sei se tem alguma relação neste momento, ou não...

A- Não não.

E- Mas, por exemplo, na sua vida afetiva, considera que alguma coisa se alterou, antes e o agora...

A- Agora sinto que se tivesse uma relação, ou ... não sei, digamos uma relação, pronto, iria ter menos tempo, como é óbvio, tinha aquelas sete horas e meia a trabalhar, mas acho que, como o horário também permite, acho que... tinha a tarde toda... estava disponível.

E- Portanto, acaba por não afetar, ou acha que não afeta...

A- Se calhar o cansaço podia afetar um pouco, mas... nada de muito relevante.

E- Ok. Portanto, o antes e o agora, não sei se antes tinha, e agora não..

A- Não não...

E- Ok. Pronto, e terminamos aqui a entrevista... Não sei se tem alguma questão a fazer ou algum comentário, relativamente aos temas abordados na entrevista?

A- Não!

E- Ok. Muito obrigado mais uma vez pela colaboração!

ENTREVISTA 12

Descrição

Sexo masculino, 19 anos, português, ensino secundário (12º ano incompleto), solteiro, vive com os pais e não tem filhos.

Atualmente é operador de máquina, num armazém, desempenhando tarefas tais como: recolha e armazenamento de material (matéria-prima), abastecer linhas de montagem, organização de todo o armazém e, outras tarefas inerentes à função. Trabalha neste regime à cerca de 9 meses, desde 2011. Sempre trabalhou neste tipo de regime de trabalho.

Realiza trabalho em horário fixo (13h30-21h00), com um rendimento mensal individual entre 500 até 750€.

Transcrição

E- Inicialmente gostava que me falasse sobre o seu percurso profissional, ou seja, o que é que já fez até ao momento, em que organizações, durante quanto tempo...

P- Pronto, eu comecei a trabalhar com 16anos, em restaurantes, durante as férias e durante os fins-de-semanas... até ao ano passado (2011), que acabei o secundário, quer dizer, não acabei porque deixei matemática por fazer... e, estive parado em casa, e então decidi procurar trabalho. Foi então que me inscrevi em várias empresas de trabalho temporário, e com sorte consegui entrar numa empresa pós termo tecnologias..

E- Ok... O que é que faz lá mesmo, nessa empresa?

P- Nessa empresa, eu sou operador de máquinas, trabalho com... num armazém, trabalho com todo o tipo de máquinas, tenho que fazer *picking*, tenho que fazer armazenamento, tenho que fazer a receção do material, tenho que fazer o abastecimento para levarem o material para as diferentes células dentro da fábrica...

E- Essa função já realiza durante quanto tempo?

P- Portanto realizo há cerca de 9 meses, durante 7h30 diárias, 5 dias por semana.

E- Ok. Aaa... Imaginando que ganhava uma grande quantidade de dinheiro, por exemplo, através do euromilhões ou da lotaria, continuava a trabalhar?

P- Casava-me primeiro...

E- E continuava a trabalhar? Mesmo com essa grande quantidade de dinheiro...

P- Isso é uma pergunta difícil... Não! Continuava e não continuava. Pegava nesse dinheiro e investia-o.... Investia-o pá, fosse no que fosse, mas dinheiro faz dinheiro... Comprava casas, comprava hotéis, isso seria o meu trabalho gerir o dinheiro.

E- Portanto continuava a trabalhar. O que é que o trabalho lhe dá? Para além da parte monetária... Outras funções para si relevantes.

P- Oque é que o trabalho me dá? O trabalho dá-me conhecimento, dá-me muito muito conhecimento... pá, cria-me laços de amizade com muitas pessoas, e... sinceramente, mantém-me ocupado, não é bom estar o dia todo sem fazer nada.

E- Exatamente. Ok... Portanto, independentemente de uma grande quantidade de dinheiro que recebesse continuaria...

P- Continuaria.

E- a trabalhar para estar ocupado, realização pessoal, profissional. Ok. Porque motivo, é que se encontra atualmente a trabalhar em regime de trabalho temporário? Algum motivo em especial?

P- Há um motivo bastante em especial... Aaaa porque as empresas não metem a trabalhar para elas. É esse o motivo.

E- Mas procurou exclusivamente trabalho temporário, ou...

P- Não não não. Antes de ter recorrido às empresas de trabalho temporário, andei a meter fichas em todo o tipo de empresas, aqui da zona, diretamente à empresa, da qual muitas responderam: 'Aqui trabalhamos com empresas de trabalho temporário, seria melhor inscreveres-te nas empresas de trabalho temporário.

E- E foi isso que fez..

P- Foi isso que fiz. Depois de ter posto ficha nas mesmas empresas.

E- Hum hum... Portanto, não colocou exclusivamente trabalho em regime temporário, mas porque surgiu trabalho, e teria que ser segundo essa regime?

P- Exatamente. Se me dessem a escolher, entre trabalhar na *Bosh*, como trabalhador temporário, ou como trabalhador da *Bosh*, preferia como trabalhador da *Bosh*. Até pelos direitos que depois ia ter.

E- Hum hum... Face à experiência que tem, como trabalhador temporário, gostava que me dissesse os aspetos positivos, que encontra, por exemplo, ao nível do trabalho... que realiza neste momento. Considera que lhe dá prazer em realizá-lo, satisfação, aumenta as suas competências profissionais...

P- Sim aumenta muito as minhas competências profissionais, dá-me muita experiência...

E- Aspetos positivos....

P- Podia ser pior [risos], podia... pode ser muito pior!

E- Gosta daquilo que faz?

P- Exatamente... estou a fazer pelo menos uma coisa em que me enquadraram... e gosto! estou bem ali. Porque se estive numa linha a trabalhar, se calhar não me enquadrava tão bem e talvez já me tinha vindo embora... Mas ali não, estou bem.

E- Hum hum... Portanto face à experiência como trabalhador temporário, os aspetos positivos que encontra centram-se no gosto que tem por aquilo que realiza, dá-lhe prazer...

P- Gosto!

E- E acaba por manter e/ou aperfeiçoar as competências profissionais...

P- Sim, as que vou ganhando... e as que vou aprendendo todos os dias.

E- Mais alguns aspetos positivos?

P- Já disse, é mesmo os conhecimentos que me dão... As pessoas que se conhecem, porque é sempre bom conhecer outras pessoas, porque cada pessoa abre-nos outro caminho, um dia mais tarde essa pessoa pode-nos meter a mão e... se for preciso ir para outro sitio qualquer, e pode-nos fazer a vida.

E- Hum hum... por exemplo, ao nível da vida privada, da vida familiar, aspetos positivos que encontra, por ser trabalhador temporário... Por exemplo, consegue conciliar melhor as exigências profissionais com a vida privada, por ser trabalhador temporário?

P- Depende, sendo trabalhador temporário ou não, penso que seria a mesma coisa... com a minha família.

E- Consegue conciliar bem esses dois campos?

P- Claro que consigo.

E- Não tem nenhuma dificuldade?

P- Não, seria a mesma, mesmo que fosse trabalhador de uma empresa, se fosse efetivo digamos, epá, o horário não devia ser muito diferente... o que eu consigo conciliar agora, penso que conseguiria conciliar da mesma forma.

E- Ok... perguntava, no sentido, de sendo contratos temporários, lá está, quando termina-se o contrato, até assinar um outro contrato, teria ali um tempo livre, e por isso teria mais tempo para realizar certas e determinadas tarefas, de foro mais privado, eventualmente, podendo conciliar melhor ou podendo ter mais tempo...

P- Sim, mas é tempo perdido, determinado tempo parados...

E- para os amigos, para si também...

P- Sim está bem, mas... penso que seria o mesmo. Os amigos passavam mais tempo, passavam. Naquele tempo que tivesse parado, entre passar de um contrato para outro, passava mais tempo com os amigos... mas não ia fazer de mim uma pessoa mais feliz...

E- Ok. Portanto, atualmente, consegue conciliar bem essas exigências. A nível de atividades de lazer, atividades sociais, atividades extra trabalho... aspetos positivos por ser trabalhador temporário? Consegue conciliar melhor ou...

P- Também é exatamente a mesma coisa...

E- Encontra algum aspeto positivo... Ao ser trabalhador temporário, na realização dessas atividades? Não sei se tem alguma atividade extra trabalho?

P- Tenho... Sou Bombeiro Voluntário.

E- Ok. E consegue conciliar bem o trabalho que tem com essa atividade?

P- Sim consigo. Tive sorte, calhei num turno bom, num turno da tarde, em que me possibilita sair à noite, em que me possibilita fazer estas atividades extra trabalho, dá-me oportunidade porque os *picquet's* são à noite, não há problema, se tiver que perder uma noite, perco, porque também não é por aí, porque tenho a manhã para dormir...

E- Ok, portanto consegue conciliar bem.

P- Consigo, bastante bem.

E- Aaa agora gostava que me falasse dos aspetos negativos, por ser trabalhador temporário, a experiência que tem, aspetos negativos relativamente ao trabalho que realiza... Por exemplo, considera que existem salários baixos, precaridade no trabalho, poucas regalias face ao trabalhadores efetivos, a instabilidade, a insegurança, a ameaça de desemprego...

P- Exatamente. Digo-lhe, esse é mesmo o ponto crítico. Porque é que as empresas escolhem empresas de trabalho temporário? Para poderem, se tiverem que despedir os empregados, pronto, as empresas de trabalho temporário é que vai despedir, que o contrato já foi feito à medida disso, uma empresa normal não pode se calhar fazer isso... não sei, estou a falar por alto. Se calhar uma empresa não pode fazer um contrato de um mês, deve ser no mínimo três, no mínimo um ano, não sei. Enquanto as empresas de trabalho temporário podem fazer esses contratos, de um mês, em que nos paga as férias, em que nos paga... em que já nos dá o ordenado com nosso conhecimento em que a qualquer momento podem ir embora, pronto... nós sabemos. Esse para mim é o meu medo! É a instabilidade... é a insegurança que nós temos. Se tivéssemos um contrato de um ano, eu sabia que ia estar aquele ano a trabalhar, não precisava de preocupar que estava aquele ano a trabalhar, se entretanto eu for despedido, vou ter os meus direitos,

vou ter as minhas regalias... enquanto numa empresa de trabalho temporário, estou a trabalhar este mês, no próximo mês podem muito bem mandarem-me embora... sem me pagarem nada.

E- Hum hum... esse é o motivo mais negativo?

P- Mais negativo mesmo.

E- E relativamente a salários, considera que são baixos, comparativamente a trabalhadores que não são temporários, as regalias que tem...

P- Comparativamente com os trabalhadores da empresa, os salários, são relativamente baixos... Mas também não é nada por aí além, se compararmos com a população em geral, a média do ordenado se calhar está em 500€, eu ganho 600€/650€/700€... Por isso não posso dizer que o meu ordenado propriamente seja baixo...

E- Relativamente a perspetivas de evolução, a função que faz na empresa, por ser temporário, considera que é negativo não ter essa perspetiva de evolução na empresa?

P- Isso também depende... porque nós vamos mostrar o nosso valor... vamos trabalhar, vamos mostrar o nosso valor, o nosso empenho... somos nós que vamos fazer a nossa cama. Se nós mostrarmos que somos mesmo empenhados, que gostamos daquilo... se mostrarmos que... opá, eu quero trabalhar aqui, eu gosto de trabalhar aqui, eu quero isto para o meu futuro, se alguém reparar nisso, alguém... acima, eee opá, pode-nos pôr a trabalhar na empresa.

E- Portanto, para si, não é por ser trabalhador temporário que vai existir entraves a essa nível?

P- Não, julgo que a oportunidade não é a mesma, mas não fica muito atrás... Eu estou a trabalhar há uns meses, tinham duas pessoas que trabalhavam comigo que eram efetivas na empresa, eu comecei a trabalhar, entrou mais uma pessoa como trabalhador temporário, comigo, e as outras pessoas que estavam lá efetivas foram mandadas embora. Portanto, por isso... Eles podiam estar a fazer a minha vez durante estes meses que lá estou, mas não estão.

E- Hum hum... Por exemplo, considera que existe uma forte probabilidade de ter que prolongar os horários, ou seja, ser quase forçado a fazer um prolongamento de horário por ser trabalhador temporário? Se lhe pedirem...

P- Aaaa [...] Eu não sei responder a isso, mas se fosse eu patrão da empresa, a quem é que eu ia bater? Nos meus empregados, ou nos outros da empresa de trabalho

temporário? Se tivesse que aumentar mais uma ou duas horas de trabalho.... claro que era eles!

E- E no seu caso em particular, é forçado a tal?

P- Não, não sou forçado. Dão-me a escolher! Se bem que nós trabalhos também com o regime de banco de horas, o banco de horas não podemos dizer que não... O banco de horas é assim, tem que nos avisar com uma semana de antecedência... está avisado, está avisado... temos que ir trabalhar, temos, nem pomos em questão.

E- Ok...

P- Não sou forçado, mas também se uma pessoa diz que não, já sabe ao que está sujeito... Depois não te admires 'Olha, vais ter que ir embora'.

E- Claro claro. Portanto, o motivo mais negativo é relativamente à insegurança e instabilidade do trabalho.

P- Sim... também um pouco os ordenados, mas também não vamos por aí.

E- Ok... Agora gostava que me indicasse aspetos negativos, relativos à vida privada, à vida familiar, ou seja, considera que tem efeitos negativos na saúde mental, como o stress profissional? Sente que tem menos tempo para os amigos, para a família, pelo desgaste físico e emocional...

P- No meu caso, o tempo que eu tenho dedicado aos amigos, e à minha família, é o tempo que eu quero ter... se quisesse ter mais tinha sem problemas nenhuns, dava para isso, mas é o tempo que eu quero dispor com eles... pais, família e amigos.

E- Considera que sente mais stress pelo tipo de regime que experiênciava?

P- Nós estamos sujeitados a várias coisas durante o dia que puxam mais por nós...

E- A questão da instabilidade e insegurança, acarreta maior stress para si?

P- Não não... Mas acredito que várias pessoas, se calhar sofrem disso.

E- Hum hum... relativamente ao adiar de certas etapas da sua vida, como o casar e ter filhos, por ser trabalhador temporário, acha que está a adiar essas etapas?

P- Acho acho... mesmo! Eu não vou estar agora a investir num futuro quando a qualquer momento posso ficar a pé...

E- Portanto, acaba por ser um aspeto negativo, ao nível da vida privada/familiar?

P- É é...

E- O adiar?

P- O adiar mesmo!

E- Por exemplo, relativamente ao horário que faz, considera que tem menos tempo para as tarefas de limpeza, de manutenção/reparação...

P- Não... O horário é o da tarde, mas se não fizermos de manhã podemos fazer à tarde, se não se fizer à tarde podemos fazer à noite, consigo.

E- Hum hum.... E ao nível das atividades de lazer/atividades sociais, aquelas atividades extra trabalho, aspetos negativos que encontra? Por estar cansado, stressado, não consegue conciliar tão bem, por ex.?

P- Às vezes uma pessoa está mesmo cansada e diz mesmo 'Já chega!', o corpo tem que descansar e temos mesmo que parar... Sim, isso afeta-me um pouco.

E- Como referiu, ao ser Bombeiro Voluntário, considera que por vezes por estar cansado, acha que não consegue conciliar essa atividade?

P- Sim, por exemplo.... Saber que logo à noite estou de picquet (não estou, mas se estivesse), estive a trabalhar o dia todo, um dia pesado, trabalhar o dia todo, chegar à noite e saber assim, 'sair do trabalho, tenho que jantar e ir para o quartel'... Se por azar o telefone toca a noite toda, eu tenho que estar toda a noite acordado, opa, amanhã dorme duas ou três horas e fico mais ou menos, mas o cansaço vai estar sempre em cima de mim...

E- Claro claro. por exemplo, estar com os amigos, estar com a família também... não considera que seja negativo... o cansaço, o stress?

P- Não. Opa, se temos menos tempo, temos menos tempo também para eles... opa!

E- Portanto, não identifica nenhum aspeto negativo de grande relevância neste campo?

P- Não...

E- Ok. Se eventualmente surgisse a oportunidade de mudar de atividade profissional, de trabalhador temporário, para outra, mudaria?

P- Mudaria!

E- Porquê?

P- Porque lá está... uma pessoa quer cada vez mais... Eu não quero viver para sempre a fazer o posto que estou a fazer. Opa, gostava de um dia ser chefe, de desempenhar outras funções, até por uma questão de aprender, uma questão de conhecer outras pessoas, eee... pela questão monetária, porque gostava de ter um ordenado bom, um ordenado que pudesse sustentar a minha família, que pudesse dizer assim 'eu hoje posso não usar num futuro, mas sei que vou conseguir aguentar'... opa, acontecer o que acontecer vou ter...

E- Ter aquela segurança...

P- algo atrás que me vai estar a segurar!

E- Não pensava duas vezes, mudava logo?

P- Se fosse para melhor mudava, se fosse para pior... [risos]

E- Se fosse para um contrato efetivo?

P- Mudava!

E- Mudava logo? Qual era o motivo?

P- Principalmente pelo motivo da segurança mesmo, esse é o fundamental. Toda a gente espera ter um trabalho fixo e saber que aquele tem que estar segura em vez de trabalhar mês a mês.

E- Claro. Ok. Agora gostava de saber o que é que se alterou após o início da sua atividade, como trabalhador temporário, o que é que se alterou ao nível da confeção das refeições... Não sei se cozinha, ou não?

P- Eu não! Esporadicamente [risos]

E- Então nada se alterou nesse aspeto, ao nível da confeção das refeições?

P- Não.

E- Portanto, o antes e o agora... o antes de entrar e o agora...

P- Pronto, alterou o horário...

E- Sim sim, mas fazer as refeições, nada se alterou a esse nível?

P- Não não.

E- Acaba por ter alguém que faz tudo...

P- Exatamente, alguém que me faz as refeições.

E- E existe divisão nessa tarefa?

P- Não não.

E- É mais para um membro da família?

P- É [risos]. Eu não tenho grande jeito para isso.

E- E ao nível das tarefas de limpeza, lavar roupa, lavar louça, compras diárias...

P- Não gosto disso!

E- O antes e o agora, alguma alteração?

P- Também não. Também não.

E- Mantém-se igual?

P- Antes não limpava e agora também não. Agora é que não limpo mesmo [risos].

E- E a nível de divisão, também não existe nenhuma divisão, na realização dessas tarefas?

P- Não, também não existe a divisão, é a mesma pessoa que faz.

E- E já agora, quem é que faz?

P- É a minha mãe... É doméstica.

E- E a nível de tarefas de manutenção/reparação, cuidar por ex., do carro, ou fazer uma pequena reparação de um eletrodoméstico, ou trocar uma lâmpada, alguma alteração do antes e do agora? O que fazia antes e agora...

P- Também não houve nenhuma alteração, opa, houve talvez nos horários... mas o tempo que eu despendia para nisso posso despende agora, apenas... num horário diferente... Continuo com as mesmas horas, não continuo com as mesmas, estou com menos 7h30, podia mas...

E- A única alteração, é face ao horário que faz, tem é que...

P- Exatamente, jogar.

E- Exato. E notou alguma alteração evidente? Que fazia antes e agora já não faz?

P- Não não. Que o trabalho me privou de fazer não. Que o trabalho não me privou de fazer nada.

E- Existe algum tipo de divisão neste tipo de tarefas de manutenção/reparação em casa?

P- Existe. É uma questão de... É essa a divisão, a minha mãe faz o comer, lava a roupa e tal, as tarefas de limpeza... e como o meu pai está fora, eu trato das questões mais "mecânicas", opa trato de coisas...

E- Portanto a divisão é mais por aí... tarefas de casa trata a sua mãe e outras de cariz mais técnico e mecânico trata você?

P- Exatamente.

E- A nível de atividade de lazer/socias, como é o agora e como era o antes? Alguma alteração?

P- Antes era muito muito *rock*, agora é só muito *rock*. Antes era muito muito, agora é só muito. [risos]

E- Ok. Alguma alteração mais evidente?

P- Falta do *rock*... até no estado de espírito de uma pessoa... quando saís já não saís com aquela coisa que 'amanhã posso dormir até às 5h da tarde'... Agora pronto, uma pessoa também vai ganhando consciência, maturidade e percebe.... 'Está na hora, é melhor ir descansar'.

E- A alteração foi mesmo, menos tempo porque precisa de descanso e tudo mais... Aaaa continua a fazer, mais ou menos as mesmas coisas?

P- Mais ou menos as mesmas coisas sim...

E- Alguma coisa que fazia e agora não faz, ou ao contrário?

P- Coisas que fazia.... Grandes noites, grandes noites, que uma pessoa andava sempre em altos *rocks*, e agora uma pessoa tem que ter consciência que há certas coisas que estão à frente das grandes noites

E- Por exemplo, as atividades como voluntário, fazia antes?

P- Fazia.

E- E continua a fazer?

P- Continuo a fazer.

E- Ok. Portanto não houve assim grandes alterações a esse nível...

P- Não... desde que consiga conciliar.

E- Ok. A nível da sua vida afetiva... Não sei se tem alguma relação atualmente?

P- Não... Ando à procura de namorada!

E- Não sei se existe alguma alteração, nesse aspeto, na sua vida afetiva? Do antes e do agora...

P- Alterações.... há várias. Uma delas, comecei a trabalhar, conheci outras/novas pessoas, acho que a probabilidade de arranjar namorada seja maior, se bem que... outra alteração, o tempo. O tempo que eu poderia dispor a uma namorada agora, não seria o mesmo que antigamente podia dispor. Antigamente podia passar o dia todo com ela e não fazia mal nenhum, e neste momento teria que restringir a certas x horas, não é? E depois lá está, tínhamos que pôr algumas coisas à frente umas das outras, ou estamos com a família, ou estamos com a namorada ou estamos com os amigos, a namorada pode estar no mesmo grupo que não há problema, mas temos que pôr coisas à frente umas das outras...

E- Antes de iniciar, o seu trabalho, tinha alguma relação?

P- Não já não tinha... Não houve alterações!

E- Hum hum, ok. Pronto, terminámos a entrevista, não sei se tem alguma pergunta ou comentário a fazer, face aos temas abordados na entrevista?

P- Hum... não. Pronto, gostei muito de participar na entrevista.

E- Ok. Mais uma vez, muito obrigado pela colaboração!

ENTREVISTA 13

Descrição

Sexo feminino, 23 anos, portuguesa, ensino secundário (12ºano incompleto), solteira, vive com os pais e irmã, não tem filhos.

Atualmente é operária fabril, desempenhando tarefas numa linha de montagem, executando todas as tarefas implicadas na linha de produção, abastecer a linha de montagem e, outras tarefas relacionadas com a mesma função. Trabalha neste regime há mais de 24 meses, desde 2007.

Realiza trabalho em turnos rotativos, com um rendimento mensal individual entre 500 até 750€.

Transcrição

E- Ok, inicialmente gostava que me falasse sobre o seu percurso profissional, ou seja, que atividades já realizou até ao momento, em que organizações, durante quanto tempo... Portanto, desde o início da sua atividade profissional, até agora?

J- Pronto, é assim... tudo começou há muitos anos atrás [risos]... Tinha eu 15 anos, o meu primeiro trabalho foi na *telepizza*, fazer *pizzas*... em *part-time*, no período de férias. O meu segundo trabalho.... foi.... na Vulcano, em 2007, penso eu.

E- Isso foi quando iniciou trabalho temporário?

J- Quando iniciei trabalho temporário, exatamente.

E- O que é que fazia?

J- Era operadora de máquina, desempenhava funções numa linha de montagem, tinha que fazer uma peça do esquentador, o automático de gás... Pronto, eee... era basicamente isso... embalar, repor material, fazer mudanças de linha...

E- Sim, e durante quanto tempo?

J- Durante seis meses. Depois fui despedida... despedida, não foi bem despedida, eu é que tentei pedir, mesmo para vir embora, mas para trazer os direitos, consegui-me despedir e deu para trazer algum dinheiro... eee fui trabalhar para um bar, no verão, também durante 3 meses. Depois regressei outra vez à mesma empresa, à Vulcano, em regime de trabalho temporário, durante 3 meses, fui despedida, desta vez fui mesmo despedida... eee tive algum tempo sem trabalhar, até voltar a entrar noutra empresa, que foi no Glicínias, fazer reposição... Bem, agora depois disso... [...] À! Depois, acabou o

contrato, fui trabalhar novamente para um bar... mais 3 ou 4 meses, não sei bem [risos]... durante o verão. Depois acabou o verão, e regressei outra vez à Vulcano, estive lá, quase 2 anos, e fui despedida novamente, eee.... e pronto. Depois, fui trabalhar para a Grohe, e estou lá até ao momento.

E- Entre o atual e o último trabalho que esteve, esteve muito tempo desempregada?

J- Nunca estive muito tempo desempregada, algum tempo... da última vez, não... foi... da última vez que estive na Vulcano, é que estive para aí, 2 ou 3 meses sem trabalho, porque não encontrava.

E- E foi através de uma agência de trabalho temporário?

J- Exatamente, sempre através de agências de trabalho temporário.

E- E atualmente está na Grohe, há quanto tempo?

J- Eeee... faz 2 anos em Novembro.

E- Ok, ok... Imaginando que ganhava uma grande quantidade de dinheiro, através do euromilhões ou da lotaria, continuava a trabalhar?

J- Continuava.

E- Porquê?

J- Porque... uma pessoa tem que trabalhar, não sei.

E- Mas qual seria o motivo por continuar a trabalhar, mesmo ganhando uma grande quantidade de dinheiro? O que é que o trabalho lhe dá, para além da parte monetária?

J- Eu acredito que o trabalho não seja só uma forma de ganhar dinheiro... se tivesse dinheiro, provavelmente conseguiria ter um trabalho, e fazer aquilo que eu gosto. Por isso continuaria a trabalhar, não pela questão do dinheiro, mas também, mas fazer algo que eu gosto.

E- Mais algum motivo, pelo facto de continuar a trabalhar?

J- Para me manter ocupada também [risos].

E- Ok. Porque motivo, é que se encontra a trabalhar atualmente como trabalhadora temporária? Procurou exclusivamente trabalho temporário, ou porque surgiu na altura?

J- Porque surgiu, na altura, e porque neste momento não consigo encontrar nada a não ser trabalho temporário.

E- O motivo foi porque surgiu e aproveitou?

J- Porque surgiu...

E- Não procurou exclusivamente, porque lhe convinha mais este tipo de trabalho?

J- Não, até pelo contrário, este tipo de trabalho... não compensa muito... é sempre um risco.

E- Hum hum... face à experiência que tem como trabalhadora temporária, gostava que me dissesse os aspetos positivos que identifica ao nível do trabalho... Portanto, do trabalho que realiza, aspetos positivos? Por exemplo, considera que lhe dá satisfação, prazer em realizar, que aumenta ou diversifica as competências profissionais?

J- HUUUUUM... Não, não consigo ver qualquer tipo de aspeto positivo, não!

E- Hum hum... Mas de certa forma acaba por ganhar algumas competências naquilo que está a fazer...

J- Ganho, mas se estivesse noutra tipo de trabalho, era a mesma coisa.

E- Sim.. Mas não considera que mesmo sendo trabalho temporário, acaba por ganhar experiência por já ter experienciado várias funções?

J- Sim, claro. Ganho experiência, se não fosse se calhar trabalho temporário, só conhecia uma empresa até agora, e só conhecia uma forma de trabalhar... Pronto, e com o trabalho temporário consigo ter outra visão das coisas, consigo ver a forma como as empresas trabalham são completamente diferentes umas das outras, e as pessoas são diferentes... tipo é tudo diferente.

E- Portanto um aspeto positivo é que adquire uma maior capacidade de adaptação?

J- Também também... porque uma pessoa, é obrigada, tipo trabalho temporário a desenrascar, a conhecer sempre pessoas diferentes, e a ter que se adaptar a um meio diferente, e a tarefas diferentes...

E- Polivalência?

J- Exatamente. Pronto e nesse aspeto... ok!

E- E a nível de satisfação e prazer em realizar o que faz, acha que é um aspeto positivo o trabalho que realiza neste momento?

J- Não muito, acho que é um bocado repetitivo... Não sei, o facto de ser em horários rotativos, acho que prejudica um bocado a nível de saúde, e... não sei.

E- Hum hum... portanto o aspeto positivo, ao nível do trabalho, é principalmente a questão da adaptação, e ter vários conhecimentos de vários contextos?

J- Exato.

E- E aspetos positivos, ao nível da vida privada/familiar, ou seja, considera que existe uma melhor conciliação entre as exigências profissionais com as exigências familiares/privadas, por ser trabalhadora temporária?

J- Huumuum, a única vantagem que eu vejo no trabalho temporário, é que se eu de um momento para o outro tiver outra oportunidade de trabalho, tanto aqui como fora, não estou presa, não tenho obrigação de continuar lá, de dar um tempo à casa... posso-me desprender daquilo tal como eles fazem, também de desprendem de mim. Tenho a necessidade de estar ali e cumprir x tempo, até que eles me possam mandar embora, e normalmente eles mandam-me embora e trago sempre os meus direitos, não tenho a necessidade de ter que me despedir, isso acontece naturalmente sem eu me ter que despedir. Basicamente.

E- Hum hum... e considera que consegue conciliar bem? As exigências profissionais com as familiares? Por exemplo a questão da confeção das refeições, tarefas de limpeza...

J- É difícil, não consigo ter horários certos para o fazer... Consigo fazê-lo, mas não dá para ter um plano, 'naquele dia faço eu, naquela hora'... não, não ode ser assim tão linear, tenho que alterando consoante o turno que faço.

E- Hum hum, exatamente. A questão dos horários, neste caso, é o principal...

J- Sim.

E- Relativamente as atividades de lazer/sociais, aspeto positivo que encontra, ao nível dessas atividades... Por exemplo, considera que consegue conciliar bem, as exigências profissionais com as atividades extra trabalho? Como o sair, ou fazer outra atividade qualquer, como o ginásio, por exemplo.

J- É outra coisa... eu consigo conciliar, não quando eu quero, mas quando tenho oportunidade, porque sendo trabalhadores temporários, temos que nos submeter aquilo que as pessoas dizem, não podemos simplesmente dizer ao chefe 'não vou trabalhar naquele dia' ou... temos que nos sujeitar, porque sabemos se não o fizermos sabemos que um qualquer vai pegar no nosso trabalho, e fico sem trabalho facilmente, e não posso fazer isso... Ainda hoje, ainda hoje não, ontem aconteceu isso... o chefe pediu para ir trabalhar e eu podia ter dito 'não vou fazer horas extras, não vou trabalhar no feriado nem vou trabalhar no fim de semana', mas também a necessidade obriga-me um bocado a isso, porque sei que se não for, vão procurar outras pessoas que tenham mais disponibilidade que eu... E isso pode-me prejudicar a minha vida social... também lá em casa prejudica sempre um bocado.

E- Hum hum... Eu não sei se neste momento tem alguma atividade extra trabalho, além da atividade profissional?

J- Hum não, não.

E- Ou que tinha e deixou de fazer?

J- Também não...

E- Consegue conciliar bem as atividades de lazer e sociais, portanto?

J- Consigo conciliar consegui... Mas não é fácil. [risos]

E- Ok.. Não encontra nenhum aspeto positivo, ao ser trabalhadora temporária, relativamente a estas atividades?

J- Não.

E- Relativamente aos aspetos negativos que encontra ao nível do trabalho... Por exemplo, considera que existem salários baixos, precariedade no trabalho, insegurança e instabilidade face ao desemprego...

J- Sim... É assim, a nível de saúde também, são trabalhos repetitivos e uma pessoa tem tendência a criar tendinites... também a nível de horário, complica um bocado, uma pessoa anda sempre com a cabeça um bocado confusa, não é? Eee acho que não tem vantagem nenhuma.

E- Hum hum, por exemplo a questão do salário baixo, considera que no seu caso, é um facto, de existir salários baixos e poucas regalias face a trabalhadores efetivos? por exemplo comparando...

J- Comparando... a nível de salário, o meu salário é igual a um trabalhador efetivo, não faz diferença. Nesse aspeto é a mesma coisa...

E- A questão da insegurança, daquela incerteza?

J- A insegurança já é diferente, porque um contrato mês a mês é sempre um contrato mês a mês. E uma pessoa efetiva está tranquila, sabe que é muito mais difícil ficar sem emprego, e eu nesta altura posso ficar sem emprego a qualquer altura, só têm que me avisar com 15 dias de antecedência, e a partir daí pronto, tenho que me desenrascar...

E- Hum hum, portanto é um aspeto bastante negativo, a questão da incerteza e insegurança... Por exemplo, a falta de perspetivas de evolução profissional, considera que é um aspeto negativo por ser uma trabalhadora temporário, face à experiência que tem, ou que não é, e consegue facilmente evoluir profissionalmente dentro da empresa onde está?

J- HUUuum, não por ser trabalhadora temporária, é mesmo um problema da empresa, porque não é fácil naquela empresa subir na carreira, não é?

E- Portanto não existe perspectivas de evolução?

J- Não, não existe. Evolução no meu caso, de ser trabalhadora temporária, é só mesmo mudar o tipo de contrato e ficar efetiva.

E- Mas de posto ou função?

J- É assim, é possível, mas muito pouco provável.

E- E por exemplo a probabilidade de prolongar os horários, se lhe pedirem para fazer, a probabilidade de aceitar é muito maior... é quase obrigada a aceitar, se lhe pedirem para ir fazer um determinado horário, ou pedir para fazer horas extras...

J- É assim, sinto um bocado a pressão para o fazer, mas se não quisermos fazer não fazemos, não somos obrigados, nem ninguém nos vai penalizar exatamente por isto, mas claro que se calhar, havendo uma outra altura para fazer horas extras, não me vão convidar a mim, e se eles estiverem a precisar de dinheiro, porque eu não aceitei uma primeira vez, nunca mais vou ser convidada para isso. E pronto, juntamente com isso, posso vir a ser despedida mais tarde... porque querem uma pessoa que esteja sempre disponível para o fazer.

E- Hum hum, mas pro exemplo, pensando no facto de ser efetiva, sem ser temporária, para fazer prolongamento de horários... se fosse efetiva existia essa forte probabilidade, e sendo trabalhadora temporária?

J- Sendo temporária, é sempre mais complicado, porque uma pessoa está efetiva e sabe que não vai fazer horas extras mas 'ok', o chefe vai ficar um pouco chateado mas não tem como prejudicar...

E- Não sofre tanto aquela pressão como se fosse um trabalhador temporário...

J- Exatamente... Não tem forma de prejudicar, não vai poder despedir um funcionário só porque ele não faz horas extras... Mas se for um temporário essa possibilidade já...

E- portanto acaba por ser um aspeto negativo?

J- Exato.

E- Mais algum aspeto negativo? Que consiga mencionar ao nível do trabalho?

J- Acho que não.

E- E a nível da vida privada, da vida familiar, aspetos negativos... Considera por exemplo que tem efeitos negativos para a saúde mental como o stress profissional?

J- Sim, algum stress e o querer ter horários normais e fazer refeições com a família, e dormir às mesmas horas que dormem as pessoas normais, e não o posso fazer...

E- Por exemplo, considera que acaba por adiar algumas etapas da vida, como o casar, ter filhos, menos tempo para a família, amigos...?

J- Sim acabo por adiar... É assim, não é que tenhas planos de me casar, ou ter filhos [sorriso], mas sim, se pensasse neste momento não tinha possibilidades para isso. Não ia deixar os filhos em casa sozinhos à noite, nãooooo podia... não podia mesmo!

E- A questão de ter menos tempo para a família e amigos, considera que isso acaba por acontecer?

J- Aaa... acontece!

E- Principalmente pela questão dos horários?

J- Principalmente pela questão de trabalhar à noite... trabalhar à noite, afeta muito mesmo. Consigo estar uma semana sem ver os meus pais, viver na mesma casa, e não ver os meus pais.

E- É também pelo desgaste físico e emocional...

J- Sim, às vezes é mais o emocional que o físico, uma pessoa... chega a um pouco que é trabalho casa, casa trabalho, durante a semana é só isso, se não fosse o fim-de-semana...

E- Hum hum... Em casa tem menos tempo se calhar às tarefas de limpeza, confeção das refeições...

J- O tempo é o mesmo, a forma de o aproveitar é que é muito diferente, e se calhar, estando num horário fixo, conseguia ter outro tipo... pronto, disponibilidade para fazer.

E- Acaba por ser negativo conciliar com a vida privada, com a família?

J- Sim...

E- Principalmente pelos horários?

J- Exatamente... Porque se fosse efetiva, na empresa onde estou, fazia exatamente os mesmos trabalhos, recebia exatamente o mesmo dinheiro, mas pronto...

E- Hum hum, exato. Relativamente às atividades de lazer, sociais... aspetos negativos? Por exemplo, considera que não consegue conciliar o trabalho com as atividades de extra trabalho pelo stress, o cansaço, a ansiedade, por ex.?

J- Conseguir consigo realizar sempre, não se calhar da melhor forma, às vezes, podia estar mais bem disposta, e não consigo...porque estou preocupada..

E- Esses fatores acabam por influenciar na realização dessas tarefas de lazer, sociais?

J- Sim sim.

E- Hum hum, Ok. Se eventualmente surgisse a oportunidade de mudar de atividade profissional de trabalhadora temporária, para outra, mudaria?

J- Mudava.

E- Porquê?

J- Mudava, porque... é assim, uma pessoa precisa de fazer um crédito para comprar qualquer coisa e como trabalhadora temporária, não tem... não tem vantagem nenhuma, aliás, nem sequer tem possibilidade, eu com o meu tipo de contrato não posso fazer um crédito a nada, não posso.. tenho que pagar tudo a pronto, e hoje em dia, onde é que uma pessoa tem dinheiro para pagar tudo a pronto? Não é possível.

E- Nem pensava duas vezes? Ou só por ser um contrato efetivo, mudava logo, sem pensar?

J- Aaaaaa... também depende de onde fosse para ir trabalhar, se fosse longe de casa e tivesse que gastar muito em combustível não compensava, mas valia correr o risco, trabalhar mês a... contrato mês a mês... se fosse na mesma empresa, passava já, não me importava ficar já efetiva.

E- Pela questão da segurança?

J- Exato! Podia ser pouco mas era certo.

E- Hum hum... O que é que se alterou após o início da sua atividade como trabalhadora temporária? Ao nível da confeção das refeições, por ex.? Alguma coisa se alterou? O que era antes e o que é agora?

J- Alterou, alterou... Agora não consigo fazer refeições certas [risos]. Pronto, salto algumas refeições, depois tenho outras refeições que como muito [risos], tudo trocadinho.

E- Existe uma alteração nesse aspeto portanto..

J- Exato.

E- Hum hum, consegue confeccionar/cozinhar, ou essa tarefa é realizada por outra pessoa ou vai comer fora...

J- Não, consigo, consigo! Consigo conciliar... claro que se tivesse possibilidade de comer fora todos os dias se calhar até comia, mas o salário não dá para isso.

E-E de que forma é realizada a divisão, como vive com a sua família, de que forma é realizada a divisão com a família? Existe uma divisão ou não?

J- Não pode haver divisão porque temos todos horários diferentes, e então, eu se quero fazer uma refeição tenho que fazer o meu próprio... o meu próprio comer, e comer sozinha. A única oportunidade que eu tenho que comer com a minha família é ao fim-de-semana.

E- Hum hum... portanto a única alteração ao nível do ao antes e do agora, após iniciar, é relativamente às refeições que não são certas? É isso?

J- É, exatamente. É essa alteração.

E- Ok. E ao nível das atividades de limpeza, como o limpar, lavar a roupa, lavar louça, compras diárias, por ex.? O que é que se alterou nessas atividades?

J- Alterou-se que se calhar antigamente tinha um dia certo para fazer esse tipo de atividades e agora é quando há oportunidade, não tem hora marcada, não tem dia marcado, é conforme vai havendo disposição e tempo para isso.

E- Hum hum.. A alteração centra-se maioritariamente na questão de ter menos tempo e disposição?

J- Sim, acabo por ter menos tempo...

E- Hum hum. E relativamente à divisão com a sua família? Existe uma divisão?

J- Pouca [risos]. Pouca divisão, mas...

E- ou seja, é mais sobrecarregado mais para um membro, do que para outro?

J- Sim... [sorriso] [...] Como é que eu hei-de explicar... sei lá!

E- Portanto não existe nenhuma divisão, lá está... entre os membros, vão fazendo consoante a necessidade?

J- Exatamente. Vai-se fazendo consoante a necessidade... é quem chegar primeiro [risos], ou quem tiver disposição para o fazer primeiro...

E- Ok... E a nível das tarefas de manutenção/reparação... Como o reparar um pequeno eletrodoméstico, trocar uma lâmpada, cuidar do carro, ou de animais... Alguma coisa se alterou, relativamente a essas atividades?

J- Aaaa... é assim, alterou um bocado... Eu se calhar nessas atividades ajudava mais em casa, e agora não tenho oportunidade disso. Agora não ajudo tanto. A parte dos animais, é o meu pai que trata mais dos animais, apesar que agora ele está de baixa médica e tenho sido eu...E as reparações também acaba por cair mais para o meu pai... sim.

E- Hum hum, portanto a divisão, neste tipo de tarefa, recai mais para o seu pai?

J- Sim.

E- Huum... a nível de atividades de lazer/sociais, como é que era antes e como é que é agora? Antes de entrar como trabalhadora temporária e agora, existe alguma alteração, assim evidente?

J- Há! Antes era muito mais fácil, antes podia sair à semana e, estar à vontade, e agora tenho limitações, não posso sair todas as vezes, tenho que trabalhar à tarde, à noite ou de manhã... Enquanto era estudante fazia o que tinha a fazer durante o dia, e tinha sempre o resto por minha conta.

E- E teve alguma atividade que deixou de fazer por causa do trabalho?

J- Estudar [risos]

E- Ok, sem ser essa!

J- De praticar desporto, antes praticava desporto, depois de começar a trabalhar, nunca mais pratiquei desporto.

E- E considera que foi por causa do trabalho em si, que deixou de praticar?

J- Também foi um bocado, porque o tempo não dá para tudo, e a partir do momento em que começa a trabalhar são menos 8h diárias... E é claro que antigamente, pronto...

E- E se calhar por causa dos horários também...

J- E os horários exato. Porque mesmo que eu queira praticar alguma atividade tenho que estar sujeita aos horários da... associação... ou de onde eu me inscrever. Antigamente eu sabia que tinha sempre tempo para isso, agora é impossível.

E- Ok, portanto, menos tempo...

J- Menos tempo sim.

E- E relativamente à sua vida afetiva, alguma alteração do antes e do agora? Que considere assim mais relevante?

J- Só se for mesmo a falta de tempo e... sei lá, os horários não correspondem muito bem... e é só.

E- Hum hum, ok. Não sei se tem mais alguma questão, alguma dúvida sobre os temas abordados na entrevista?

J- Não não tenho nenhuma dúvida!

E- Mais uma vez, obrigada pela sua colaboração!

ENTREVISTA 14

Descrição

Sexo masculino, 23 anos, portuguesa, ensino secundário (12º ano), solteiro, vive com os pais e irmã, não tem filhos.

Atualmente é operário fabril, do ramo automóvel, executando tarefas como maquinar as peças de automóvel e montar (testar). Trabalha neste regime há cerca de 19 meses, entrando em 2010. Sempre trabalhou neste tipo de regime de trabalho.

Realiza trabalho em horário fixo, com um rendimento mensal individual entre os 750 e os 1.000€.

Transcrição

E- Inicialmente gostava que me falasse sobre o seu percurso profissional, ou seja, que atividades já realizou até ao momento, em que organizações, durante quanto tempo... Portanto desde o início até agora, o seu percurso profissional.

R- Comecei por dar aulas na *Decathlon* de Aveiro, de patinagem, trabalhei cerca de dois anos, em regime *part-time*, ao mesmo tempo que estudava, para ter algum dinheiro, a recibos verdes. Depois entrei... acabei o 12º ano, e não quis seguir para a universidade, e entrei para a Vulcano, a *Bosh* de Cacia-Aveiro, trabalhei lá 1 ano certo, e depois quando acabou aquele pacto entre o Estado e os painéis solares, eu trabalhava nos painéis solares, dispensaram-me. Entretanto, surgiu a hipótese de entrar na *Renault*, fiz formação de 2 semanas na Renault e entrei no mês seguinte, e estou a gostar muito, e trabalho lá há 19 meses, quer dizer... ninguém gosta de trabalhar, mas... [risos]

E- E atualmente, o qual é a função que desempenha?

R- Faço peças para carros, maquino-as, tenho que maquinar as peças, posteriormente passa por um tratamento, uma lavagem vá, e uma secagem, e depois temos que fazer uma pequena montagem de outra peça, inserida nessa que já fiz, e temos que a testar e embalar.

E- Hum hum... Ok. imaginando que ganhava uma grande quantidade de dinheiro, através do euromilhões ou da lotaria, continuava a trabalhar?

R- Não! Não era justo.

E- Porquê?

R- Porque... Faziaaaa... Criava oportunidade de arranjar trabalho para outras pessoas, salvaguardando a minha... a minha... qualidade de vida, que afinal de contas eram uns belos milhões.

E- Portanto, não continuava a trabalhar?

R- Acho que não, penso que não.

E- Mas o trabalho, independentemente da parte remuneratória o que é que lhe dá? As funções que lhe dá, os benefícios...

R- Como assim?

E- Por exemplo, está a trabalhar exclusivamente pelo dinheiro que recebe no final do mês?

R- Neste momento... Trabalho porque preciso. Quero ter as minhas coisas, quero criar os meus bens, quero criar a minha vida... parte da minha vida, e estou no momento para isso.

E- Portanto trabalha mesmo pela parte monetária?

R- Basicamente.

E- Hum hum... mas não sente ao trabalhar, que existe uma realização pessoal, profissional...

R- Também é verdade! Tenho crescido como pessoa e isso tem me boas oportunidade de conhecer outras pessoas e.... ganhar experiência a nível profissional também, e a nível de maturidade é uma coisa que também aumenta...

E- E pensando no que me disse, mesmo assim não continuava a trabalhar mesmo tendo uma grande quantidade de dinheiro?

R- Não, eu penso que não. É uma coisa que acontece poucas vezes.. Eu digo que não trabalhava nunca mais, mas não sei... Se encontrasse um trabalho que gostasse e não me fizesse grande transtorno...

E- Hum hum... ok. Portanto a minha impressão, é que não trabalhava...

R- Acho que não... Criava postos de trabalho, mesmo!

E- Ok... Porque motivo é que se encontra a trabalhar atualmente em regime de trabalho temporário? Qual é o motivo principal por estar neste regime?

R- Hum... já devia ter passado a um contrato, mas ainda estou à espera. Está para breve essa decisão.

E- Está a trabalhar através de alguma empresa de trabalho temporário, ou da empresa onde está?

R- Através de uma empresa de trabalho temporário.

E- Mas procurou exclusivamente um trabalho temporário, ou porque surgiu essa oportunidade de trabalho, e foi em regime de trabalho temporário?

R- Porque surgiu e porque é o que existe agora em todo o sítio, praticamente.

E- Hum hum... portanto não foi porque queria um trabalho temporário?

R- Não não. Onde eu trabalho é uma grande empresa, o meu pai trabalha lá há imensos anos, surgiu essa ideia e eu agarrei a oportunidade...

E- Mesmo sendo em regime de trabalho temporário?

R- Sim sim.

E- Ok. Face à experiência quem tem como trabalho temporário, gostava que me dissesse com algum detalhe, os aspetos positivos que encontra, ao nível do trabalho. Por exemplo, considera que o trabalho que faz dá-lhe satisfação profissional, prazer em realizar?

R- Hum... pois, acho que não consigo responder a isso assim de uma maneira...

E- Considera que aumenta as competências profissionais?

R- Aumenta... mas somos postos um bocado de lado. Trabalho num sítio, onde a maior parte são efetivos, pessoas mais velhas, e os temporários são vistos como uns 'coitadinhos', que num dia temos trabalho, e no outro dia o contrato já pode expirar... e vamos para a rua.

E- Exatamente... Mas não considera que acaba por aperfeiçoar, ou aumentar o seu profissionalismo... Tem uma atividade, ganha experiência...

R- Ai nisso! Nisso é verdade, e tento aproveitar ao máximo, e evoluir ao máximo para estar ao mesmo nível de quem lá está à uns tempos. E se calhar, é uma verdade, os temporários, acho que se esforçam mais do que os efetivos numa empresa, porque têm que demonstrar para ficar, e os efetivos têm é de ir picar o cartão, ao início e à saída, e o resto é palavras, e nós temos que demonstrar com gestos, e com empenho e tudo o resto que envolve.

E- Hum hum, o trabalho que faz, considera que é um aspeto positivo, o facto de ganhar experiência, competência...?

R- Sim sim.

E- Mas por outro lado, não considera que lhe dá prazer nem satisfação em realizar...?

R- Ao final do mês dá [riso]

E- Ok...

R- Sinceramente não estou num sítio em que me sinto realizado, porque não é um trabalho de sonho, e não foi o que eu idealizei para a minha vida, mas que neste momento tenho que aproveitar, porque é o que existe. Se algum dia tiver um trabalho que me dê prazer, aí sim, vou trabalhar com muito prazer, e com o mesmo empenho, desde o primeiro dia que comecei a trabalhar na vida...

E- Hum hum, exatamente. Agora gostava que me dissesse aspetos positivos ao nível da vida familiar, da vida privada... Por exemplo, considera que consegue conciliar melhor, as exigências profissionais, com as exigências familiares?

R- Eu acho que acaba por ser igual, porque eu tenho o mesmo horário que os outros, tenho um bom horário, e consigo... conciliar o trabalho com a família, e também com o desporto que pratico... E com a minha vida privada, acho que tenho tudo conciliado, é perfeito.

E- Hum hum... a pergunta era mais no sentido de ao terminar o contrato, estando em trabalho temporário, ao terminar contrato e até iniciar um próximo, acaba por ter mais tempo para a vida familiar/vida privada... era mais por aí

R- Como só tive 1 mês desempregado, desde que comecei a trabalhar, não senti grandes dificuldades... O tempo que tenho para os amigos e familiares acaba por ser equilibrado, basicamente.

E- Ok. Portanto consegue conciliar bem a articulação dessas duas exigências...

R- Sim.

E- Ao nível de atividades de lazer/atividades sociais, atividades extra trabalho, consegue conciliar bem?

R- Sim sim, perfeitamente mesmo. Nesse campo estou realizado e estou feliz!

E- Quais as atividades extra trabalho que tem?

R- pratico patinagem de velocidade, de alta competição, pertenço à Federação Nacional, e à Seleção Nacional... eee tenho a felicidade de ter feito grandes feitos na patinagem, graças à boa conciliação do trabalho com a patinagem. Também tenho tempo para os amigos, como um jovem tem direito, aliás, como todos devem ter direito.

E- Portanto as atividades de lazer, atividades sociais e extra trabalho consegue conciliar bem..

R- Sim, tento estar em todo lado ao mesmo tempo, embora às vezes não consiga...

E- Exatamente. Agora gostava que me falasse dos aspetos negativos que encontra, face à experiência que tem como trabalhador temporário, os aspetos negativos que

encontra, ao nível do trabalho... Considera que tem salários baixos, precariedade no trabalho...

R- É assim... Onde trabalhei numa primeira fase, que foi onde trabalhei 1 ano, na Vulcano... os aspetos positivos era a camaradagem que tinha, os aspetos negativos era o excesso de trabalho, no posto de trabalho, e o salário era baixíssimo, o que havia ali uma discrepância enorme entre o esforço que se tinha de fazer para efetuar o trabalho com aquilo que se recebia. Neste momento sinto que está apropriado ao trabalho que realizo e ao dinheiro que recebo. Neste momento estou bem, estou feliz com aquilo que recebo aquilo que tenho direito...

E- Mas talvez porque recebe um salário adequado, porque existe outros casos de trabalhadores temporários que têm trabalhos baixos...

R- Baixíssimos!

E- Exatamente. Considera que existe sentimentos de insegurança, instabilidade, ameaça face ao desemprego, por ser trabalhador temporário?

R- Sim completamente! Neste momento de crise, em que se fala da crise, se é que ela realmente existe, só em alguns sítios... na minha empresa, eu tenho a felicidade de o diretor nos dizer 'nesta empresa não há crise, a crise não passou por nós', sinto-me um pouco mais seguro, mas não sei o dia de amanhã, desde o dia que lá estou, que não sei o dia de amanhã...

E- Claro... Portanto um aspeto negativo, ao nível do trabalho essa insegurança?

R- É é! É estarmos bem agora, e daqui a um mês recebemos a carta, daqui a 15 dias receber a carta e tens de ir para casa porque... precisam mandar pessoas embora.

E- Claro claro. Considera também que ao nível de regalias, face a trabalhadores efetivos, os trabalhadores temporários têm menos regalias?

R- Sim, acho que sim, e acho injustíssimo... Por exemplo, em termos de equipa, sempre reclamei com isso, embora não esteja numa situação em que possa reclamar, porque não tenho nada lá dentro, mas... por exemplo, uma equipa, o facto de estar com uma equipa e a mesma ter um prémio por obter bons resultados, penso que é injusto não receber o prémio, e os meus colegas receberam... Mas quem fala disso, fala de outras coisas, sempre critiquei, mas também não posso falar muito porque sou um temporário ainda. Mas é super injusto, e penso que se devia começar a pensar nessas coisas, porque, por exemplo, no primeiro trabalho onde tive, eramos 12 pessoas, 3 eram efetivos e o resto era temporário, e tivemos o prémio anual da secção e só 3 é que recebem o prémio, e os outros que eram em número maior acabou por não receber nada.

E- E trabalharam de igual forma...

R- E trabalharam de igual forma, ou se calhar mais, e é completamente injusto, e uma pessoa fica mesmo triste e revoltado!

E- Portanto, um fator bem negativo...

R- Super negativo.

E- Relativamente à falta de perspetivas de evolução da carreira na empresa, por ser trabalhador temporário, considera que é negativo?

R- Acaba por ser negativo, porque basicamente não é feito, um aumento da aprendizagem, não são feitas formações para evoluirmos tecnicamente, no trabalho, e isso é um aspeto negativo. Ao longo do tempo deviam ser feitas formações para evoluirmos, acho que era importante... para a pessoa em causa, o temporário, e era importante para a empresa que as pessoas ficavam mais formadas... e acabavam por ter melhores resultados, e isso.

E- Hum hum... e mais motivadas...

R- Também!

E- Considera também que existe uma forte probabilidade de fazer prolongamento de horários por ser trabalhador temporário, caso lhe peçam? Por ser trabalhador temporário, não vai dizer que não, por ser trabalhador temporário...

R- Não... eu sempre, eu sempre tentei... 'educar' bem o meu chefe, eu sei que isto é uma coisa que não cai bem dizer, mas quando posso, posso, e quando não posso não posso... e tento fazê-lo perceber que também tenho coisas prioritárias lá fora e a vida desportiva.... mas sempre que posso tento conjugar... Falo com o meu chefe... e por exemplo, preciso de um dia para ir fazer um estágio (patinagem), ou um dia para fazer qualquer coisa, se ele me vai dar, também me sinto na obrigação de retribuir... e não vou dizer que não, quando ele me disse que sim. Mas já me senti pressionado a fazer no primeiro trabalho onde estive, senti muito pressionado... e fazia muitas vezes, ficava muitas vezes além da hora... era uma empresa que tinha ideais diferente, e nesta eu sinto-me muito mais à vontade, mais seguro e... posso dizer não, ou posso dizer sim, que o meu chefe compreende, e isso é bom. Não me sinto pressionado a nada.

E- Exatamente... Mais algum aspeto negativo que encontre ao nível do trabalho?

R- Hum acho que não.

E- A nível da vida familiar/vida privada, considera, por exemplo, que tem efeitos negativos sobre a saúde mental, como o *stress* profissional, sente que tem mais *stress*?

R- Não. Não porque neste momento tenho a felicidade de ter os meus pais, que me dão casa, alimentação, tratam de mim... e eu só tenho que pagar as minhas coisas, os meus gastos, pagar o meu carro... e são coisas que me orgulho... e também tento ser um exemplo, um filho exemplar.

E- Hum hum, exatamente. Por exemplo, considera que por ser trabalhador temporário, acaba por adiar certas etapas do trajeto da vida, como o casar, ter filhos, por ser trabalhador temporário?

R- Até agora não adiei nada, aaa penso que não adiei nada. Não sei se quero casar, é uma coisa que cada vez menos em Portugal face a outros... mas acho que não adiei nada!

E- Ok... E relativamente aos horários que faz, considera que tem menos tempo para os amigos/família?

R- Não... tenho o tempo que sempre tive... Tenho tempo também para mim, também gosto do meu tempo, gosto de estar sozinho... tenho tempo para todos e para tudo, felizmente!

E- Ok... Portanto não consegue identificar nenhum aspeto negativo por ser trabalhador temporário, para a sua vida familiar/privada?

R- Não.

E- Por exemplo, relativamente ao cansaço físico, emocional... considera que mesmo assim por estar cansado, não consegue dedicar tanto tempo à família ou à namorada....?

R- Sim, isso pode acontecer, porque tenho um desgaste físico adicional, por causa do desporto, e juntando as duas, às vezes, não consigo estar a 100%... Mas isso é uma coisa normalíssima. Mas só a nível do trabalho não.

E- Portanto consegue conciliar bem essas duas esferas... Ok. A nível de atividades de lazer/sociais, identifica algum aspeto negativo? Consegue conciliar na mesma face ao cansaço/ansiedade/stress? Consegue praticar o desporto da mesma forma?

R- Com muito esforço e dedicação, tenho conseguido alcançar grandes resultados a nível desportivo, mas neste momento sinto uma dificuldade que é... a Federação Nacional de Patinagem, conseguir fazer com que não seja prejudicado no meu trabalho... Neste momento estarei convocado para um Europeu, em que possivelmente tenho que faltar ao trabalho, e a Federação não me vai garantir o montante de dinheiro que vou perder por faltar ao trabalho... tenho as faltas justificadas, vou representar o país... mas neste momento estou a sentir essa dificuldade de não ser retribuído por

representar a Seleção, por exemplo. E acredito que se fosse um trabalhador efetivo, tinha uma regalia muito maior, e tinha uma segurança muito maior, e se calhar não perdia o montante de dinheiro que vou ter que perder para representar a nossa Seleção. É essa a dificuldade presente.

E- Hum hum... Compreendo. [...] Se eventualmente surgisse a oportunidade de mudar de atividade profissional, de trabalhador temporário, para outra, mudaria?

R- Sim.

E- Por exemplo, para um regime efetivo, por exemplo?

R- Sim.

E- Porquê?

R- É uma segurança que tenho a nível de futuro, e importante também, acho que me sentia muito melhor e tinha mais regalias... Sentia-me melhor, não me sentia tão inseguro, lá está.

E- Principalmente pela segurança?

R- Sim completamente!

E- Uma segurança... de que tipo? Financeira...

R- Sim... Gira tudo à volta de dinheiro neste momento.

E- Portanto, mudava logo de imediato, ou pensava ainda duas vezes?

R- Não, não pensava duas vezes.

E- Mesmo que fosse outra função? Outras pessoas, outra empresa?

R- Tinham que me garantir que era mesma efetivo, para ir para a rua, prefiro ficar a temporário.

E- Ok. O que é que se alterou após o início da sua atividade como trabalhador temporário... Por exemplo, ao nível da confeção das refeições? [...] Não sei se cozinha ou não?

R- Não. Cozinho, cozinho o essencial.

E- Mas por exemplo, o antes e o agora? Nessas tarefas, considera que existe alguma alteração? Por exemplo, antes cozinhava e agora não cozinha...

R- Eu não cozinho, porque as mulheres é que mandam lá em casa [risos].

E- Por norma, não confeciona as refeições?

R- Não não. Só quando preciso, levava para o trabalho, que levo sempre todos os dias, o almoço... mas é só para desenrascar, às vezes. Nunca cozinho assim regularmente.

E- Hum hum, exatamente. E como é realizada a divisão, com a família, nessa tarefa? Existe uma divisão ou é mais sobrecarregado para uma pessoa?

R- Não, uns cozinham, outros arrumam, outros... fazemos um pouco de tudo.

E- Quem é que costuma cozinhar mais?

R- A mãe.

E- Ok.

R- E eu tento, pelo menos, ajudar na arrumação...

E- Portanto, não existe nenhuma alteração, evidente, no antes e no agora?

R- Não.

E- Ao nível das tarefas de limpeza, como limpar a casa, limpar a louça, compras diárias... existe alguma alteração? O antes e o agora?

R- Aaaa... não. São bastante organizado, e gosto... faço todo o tipo de tarefas numa casa, tenho esse prazer de ter sido ensinado desde novo... É distribuído por todos os elementos da casa, sim.

E- Essa tarefa, portanto é dividida ou existe alguém que faz mais essas tarefas?

R- Sim é. Mas é claro que a minha mãe, é que faz mais, mas também... é normal!

E- Ok... Portanto não existe nenhuma alteração evidente..

R- Não.

E- Ok. [...] Ao nível das tarefas de reparação/manutenção... Por exemplo, reparar um pequeno eletrodoméstico, mudar uma lâmpada, tratar do carro, cuidar de animais... Existe alguma alteração?

R- Não... Fiquei foi.. mais a gostar de fazer esse tipo de coisas.

E- Antes realizava esse tipo de atividades?

R- Realizava mas... agora gosto mais, tenho mais admiração do que antes...

E- Ok.. E como é que é feita a divisão em casa? Com a família?

R- Hum... se calhar.. Uns tem umas partes, outros tem outras. Eu gosto de tratar dos cães, como falou, tratar dos carros...

E- Essas atividades ficam mais para os homens e as tarefas de casa para as mulheres?

R- Sim, tentamos distribuir as tarefas mais pesadas a quem tem menor possibilidade, e as tarefas menos pesadas, neste caso, para as mulheres.

E- Ok.. Basicamente as tarefas de casa é para o sexo feminino...

R- Sim, foi para isso que vocês nasceram [risos] Estou a brincar, completamente!

E- Huum... Ao nível das atividades de lazer, atividades sociais... algo se alterou? Antes e depois? Alguma coisa que fazia e agora não faz, ou vice-versa?

R- Gosto muito de fotografia, gosto mesmo muito, é um dos meus *hobbies* preferidos e neste momento, e agora não tenho tido grande disponibilidade para o fazer...

E- E antes, realizava com mais frequência, por exemplo?

R- Sim, se calhar... antes de trabalhar, estudava.. se calhar tinha mais tempo, não sei... Não tinha uma vida tão organizada, e deixava de fazer umas coisas para fazer outras... Mas neste momento, não tenho tido grande paciência para pegar na máquina...

E- Hum hum... E outras atividades, como no sair... com os amigos, alguma coisa se alterou?

R- Sim, gosto muito de fazer ciclismo, e passear de motorizada, gosto muito de motorizadas antigas, e gosto de me dedicar a esse *hobbie*... e gosto de passear, e estar com os amigos.

E- E houve alguma alteração nesse campo, ou foi só na parte da fotografia? Mais alguma coisa que deixou de fazer, derivado da situação profissional?

R- Não, acho que não. de resto, continuo a fazer tudo naturalmente. Também não deixei de fazer... Faço é com menos regularidade.

E- Hum hum... claro. Mais alguma alteração?

R- Não.

E- Ao nível da sua vida afetiva, da sua relação com a sua companheira... alguma alteração? Antes e depois?

R- Não, às vezes, há incompatibilidade de tempo, por causa também, da minha vida desportiva, mas tento sempre fazer o máximo, para que não prejudique ninguém, prefiro prejudicar a mim do que prejudicar os outros... sempre foi esse um grande erro talvez, mas gosto mais de dar aos outros do que dar a mim!

E- Sente que tem menos tempo para estar com ela?

R- Não o que eu sinto é que.... temos que ter tempo para tudo na vida, temos que gerir o tempo, uma vez que a minha namorada estuda, e está longe, tentamos sempre organizarmos para que no fim-de-semana poderemos estar juntos.

E- portanto não sente que a sua vida afetiva teve alguma alteração após iniciar em regime de trabalho temporário?

R- Não não. Se calhar até ficou melhor.

E- Hum hum. Pronto, terminámos a entrevista, não sei se tem alguma questão a fazer, alguma dúvida acerca dos temas abordados na entrevista?

R- Não não.

E- Ok. Mais uma vez muito obrigado pela sua colaboração!

ENTREVISTA 15

Descrição

Sexo feminino, 23 anos, portuguesa, ensino secundário (12º ano), solteira, não tem filhos e vive com os pais.

Atualmente trabalha numa empresa do ramo automóvel, sendo a sua função montadora de 3ª, ao qual desempenha tarefas inerentes à montagem de peças para automóveis. Encontra-se neste regime há cerca de 24 meses, entrando pela primeira vez em 2007. Já teve outro tipo de regime de trabalho, em detinha de contratos anuais.

Realiza trabalho em turno noturno, com um rendimento mensal individual entre os 1.000€ e os 1.250€.

Transcrição

E- Inicialmente gostava que me falasses sobre o teu percurso profissional, ou seja, que atividades já realizas-te até ao momento, em que organizações durante quanto tempo... Portanto, desde o início até agora, a nível profissional.

V- Olha... faço promoções desde 2006, até 2011, fiz sempre promoções ao fim-de-semana, aquelas promoções de hipermercados, em *part-time*, porque na outra empresa recebia um bocadinho menos, e como fazia o turno da noite, dava para conciliar... Agora de momento também já deixei, também o meu ordenado é melhor... Depois em 2007, em 2006 desculpa, depois que saí da escola, trabalhei na Galp, 8 meses... Depois da Galp fui para a Vulcano, tive 1 ano temporária, inicialmente, e depois passei para a empresa, e estive 3 anos com contrato anual... Passado 4 anos, ou passava efetiva, ou vinha embora, e vim embora... Estive desempregada 3 meses, e depois entrei na Renault... meti ficha em vários sítios, mas como na Renault me chamaram logo para fazer os exames e os testes, e estive desde Junho a Agosto à espera, mas como estive sempre a fazer testes/exames, formações... e Depois em Agosto entrei na Renault e estou lá até agora... Ainda temporária... Houve alguns que passaram aos 7 meses de temporária para a empresa, eu ainda não... [riso]

E- Hum hum, ok. Imaginando que ganhavas uma grande quantidade de dinheiro, por exemplo, através do euromilhões ou da lotaria, continuavas a trabalhar?

V- Continuava mas no sentido de 'montar' negócios, não a trabalhar na fábrica [riso].

E- Portanto, continuava a trabalhar independentemente de ter uma grande quantidade de dinheiro?

V- É assim, com dinheiro, metia pessoas a trabalhar para mim, 'montava' negócios e assim... Mas trabalhar, trabalhar mesmo, não.

E- E qual era o motivo, mesmo criando trabalho para outras pessoas, qual era o motivo?

V- Porque uma vida só de viagens também não seria muito boa [risos]. Teria que ter alguma coisa para fazer, alguma preocupação [riso].

E- Hum hum... principalmente para estar ativa para estar ocupada?

V- Sim...

E- portanto o trabalho para além da parte económica, também tem outras funções, qual é a sua opinião?

V- Sim, completamente... Quando estive desempregada, foi um bocadinho complicado porque nunca tinha estado em casa... Mas depois habituei-me, praia, 'borgas' [risos]... Mas pronto 3 meses, se estivermos a falar de anos, não é?

E- Claro... portanto continuavas a trabalhar na mesma?

V- Hum hum.

E- Ok. Porque motivo estás a trabalhar atualmente em regime de trabalho temporário? Qual é o motivo principal? [...] Por exemplo procuras-te exclusivamente trabalho temporário?

V- Não não. Eu procuro um trabalho fixo... O meu objetivo é para ficar efetiva, mas hoje em dia nenhuma empresa... é rara a empresa que coloca... para já a contrato logo empresa, muito menos efetiva, não é? As próprias empresas é tudo temporário e as pessoas têm que se sujeitar, se quer trabalho...

E- Portanto o motivo, foi mesmo porque pareceu, não foi porque procurou exclusivamente trabalho temporário?

V- Não não.

E- E estás através de uma empresa de trabalho temporário, ou pela empresa mesmo?

V- Não, através de uma empresa de trabalho temporário.

E- E procuras-te mais através desse tipo de agência, trabalho?

V- Sim, e também fui mesmo às empresas, fábricas... inscrevi-me em todo o lado. Mas as principais foram as empresas temporárias porque são aquelas que chamam mais.

E- Hum hum... Face à experiência que tens como trabalhadora temporária, gostava que me disseses com algum detalhe, aspetos positivos, que encontras ao nível do trabalho? Considera que te dá prazer, satisfação em realizar...

V- O único que eu vejo, é e não é [riso], recebo mais.... ao final do mês recebo mais, porque recebo tudo junto: subsídio de natal, subsídio de férias... Mas em compensação chego ao verão e não recebo aqueles dias... Pronto. Outro aspeto positivo é que se quiser mudar de trabalho de um dia para o outro é muito mais fácil, do que de contrato assinado... Mas de resto.

E- Por exemplo o trabalho que realiza neste momento dá-lhe satisfação em realizá-lo? Prazer em realizar aquilo que faz?

V- Por ser temporária não.

E- Mas face à experiência que tem, mesmo sendo trabalhadora em regime temporário, dá-lhe prazer em realizar aquilo que faz?

V- Áh! Sim sim dá. Gosto daquilo que faço. É um trabalho que gosto. É um trabalho que eu vou para lá com vontade, não é?

E- Hum hum, claro. Considera também que acaba por aumentar as suas competências profissionais?

V- Sim também.

E- Portanto, acaba por ser positivo?

V- Sim, aprendesse sempre coisas diferentes.

E- Já passou por outra empresa, outros trabalhos, vai aprendendo competências profissionais diferentes também...

V- E onde estou também temos muito tempo de formação, vamos sempre evoluindo... Já na outra empresa anterior não tive nada disto, era chegar lá e 'faz isto!'

E- Hum hum... Mais algum aspeto positivo que considera positivo ao ser trabalhadora temporária, ao nível do trabalho?

V- [...] Sinceramente não, não estou a ver!...

E- Hum hum... Ao nível da vida privada, da vida familiar... Aspetos positivos? Considera que consegue conciliar melhor as exigências profissionais com a vida familiar por ser trabalhadora temporária?

V- Não... Porque o horário é mesmo, o trabalho... só mesmo o contrato é que diferem, porque de resto...

E- Portanto não consegues identificar nenhum aspeto positivo relativamente à vida privada/familiar?

V- Não...

E- E a nível das atividades de lazer/sociais? Considera que consegue conciliar melhor, ao ser trabalhadora temporária, as atividades extra trabalho?

V- Não, é igual. Tanto uma coisa como outras, é igual.

E- E consegue identificar algum aspeto positivo a nível das atividades de lazer/sociais?

V- Não é igual.

E- E aspetos negativos? Face à experiência como trabalhadora temporária, ao nível do trabalho, aspetos negativos que encontra?

V- É assim ao nível do trabalho, não podes... não é não poder... mas não podes abusar muito em relação de estares em casa, faltares, ficares doente, porque de um momento para o outro... Ninguém quer numa empresa uma pessoa que falte, querem uma pessoa acessível e pontual... E tens que ter um bocadinho mais de cuidado e a nível do trabalho tens que te esforçar um bocadinho mais, para mostrares mais... não é que depois te 'baixes', mas tens que te esforçar um bocadinho mais no início para verem aquilo que vales...

E- Por exemplo, considera que existe maior insegurança/instabilidade...

V- Sim sim, sem dúvida. Mais medo... de 'vais embora!'

E- Aquela ameaça do desemprego...

V- Porque quando tiveres contrato, podes pisar o risco mas ainda tens aquele tempo para mostrar que 'olha foi um engano', ou foi isto ou aquilo, mas...

E- Um dos fatores negativos, passa mesmo pela questão da insegurança e instabilidade?

V- E o medo de perder o trabalho, de um momento para o outro... Hoje estás lá, amanhã podes já não estar.

E- Hum hum, exatamente. Relativamente ao salário, considera que existe um salário baixo?

V- Não, é muito bom! [risos].

E- E no que diz respeito às regalias, comparativamente com os trabalhadores efetivos?

V- Relativamente às regalias, comparando com os trabalhadores efetivos ou mesmo pela empresa, regalias nós não temos...

E- Acaba por ser negativo, ter menos regalias...

V- Sim sim. Por exemplo, elas vão ao médico, a empresa paga 80%, eu não, ainda não tenho direito a isso. Só mesmo quem está pela empresa. Os prémios mensais, trimestrais, neste caso, não tenho direito, por ser trabalhadora temporária...

E- E relativamente à perspetiva de evolução, da própria empresa, da própria carreira, acha que é possível, mesmo sendo trabalhadora temporária?

V- Não, por ser trabalhadora temporária não. Ali ainda não... e por ser mulher também. Porque no início aquilo era só homens. Mas tenho mais probabilidade de ficar do que um homem, porque agora estão apostar nas mulheres, por isso é que estamos muito pouco tempo temporárias, porque os homens estão muito mais tempo, estão até aos 2 anos mesmo, e nós não... As outras mulheres passaram aos 7 meses, agora não sei quando nos vão passar a nós. Mas os homens estão muito mais tempo temporários, sem dúvida.

E- Hum hum, ok. Existe também uma forte probabilidade de fazer um prolongamento de horários, a probabilidade de aceitar é maior, por ser trabalhadora temporária?

V- Sim, e não temos tanta possibilidade de dizer que não. A maior parte temos que dizer sempre que sim.

E- Acaba por ser um aspeto negativo?

V- Sim, mas é o medo, é o medo, lá está, das pessoas virem embora.

E- Hum hum. E relativamente à vida familiar, à vida privada... aspetos negativos? Por exemplo, considera que existe um maior stress profissional, por aquela insegurança e instabilidade? Acabando por não conseguir conciliar tão bem...

V- [...] Se calhar acaba por mexer um bocadinho porque existe sempre aquele medo de vir embora, e como é um trabalho muito instável, hoje estás, amanhã não estás, isso vai mexer com a tua vida familiar não é?... estás a trabalhar porque precisas para ti e para os outros... Acaba por mexer se calhar um bocadinho.

E- Hum hum... Por exemplo, relativamente, às principais etapas da vida, como o casar e ter filhos, considera que acaba por adiar?...

V- Adiar! Muito.

E- Por ser trabalhadora temporária?

V- Sim sim. Eu falo por mim, a minha opinião pessoal, eu não vou casar nem ter filhos sendo temporária! Ou não vou comprar um carro novo porque sou temporária, ou não vou comprar uma casa porque sou temporária...

E- Exato. Portanto, acaba por ser negativo, também esse aspeto?

V- Sim.

E- E relativamente ao tempo que tem para a família, para amigos... tem menos tempo para eles?

V- Não não...

E- Mas ao realizar o horário noturno, pelo desgaste físico e emocional...

V- Pelo turno noturno sim, isso sem dúvida! É muito mais cansativo, muito mais stressante. Sais de lá... e depois andas ao contrário do resto. Tu dormes de noite, e eu durmo de dia [risos]... Depois o fim-de-semana acaba por ser mais pequeno... deitas-te no sábado até às 6h da manhã, depois tens q dormir no mínimo até ao 12h, para te aguentares durante o dia, e depois tens a tarde de sábado e domingo... e é novamente dia de trabalho. Enquanto que, sais à sexta às 17h, ou às 22h que é horário de lá da tarde, tens a sexta à noite, tens o sábado todo o dia, tens o domingo todo o dia, e vais só na segunda às 14h...

E- Hum hum, exato. Portanto, acaba por ser negativo, realizar o turno da noite que não lhe permite ter tanto tempo para a família, amigos... e para fazer atividades com eles...

V- Sim sim.

E- Ok. Mais algum aspeto negativo a nível da vida familiar, da vida privada?

V- Não, acho que esses foram os principais.

E- A nível das atividades de lazer, atividades sociais... uma atividade extra trabalho, não sei se tem?

V- De momento, não. Tinha, mas já não tenho.

E- Relativamente, à questão do cansaço, do stress... acabas por não ter tanta disponibilidade, motivação para realizar atividades extra trabalho?

V- Não, não tenho. Eu estava nos Bombeiros e deixei, porque não tinha tempo... Ou durmo, ou ando por aí...

E- portanto não consegue conciliar com o trabalho?

V- Não, é quase impossível!

E- Principalmente por causa do horário?

V- Eu só estou em casa ao fim-de-semana, e também quero estar com a minha família e gozar um bocadinho a minha vida... à semana é impossível. Só acordo às 17h/18h, levanta, janta... estou um bocadinho com o meu namorado, não é? Também precisa de me ver algum dia [risos], e depois vou para o trabalho.

E- Ok. Se eventualmente surgisse a oportunidade de mudar de atividade profissional de trabalhadora temporária, para outra, mudaria?

V- Na mesma empresa sim, outra empresa não [risos]

E- Se fosse outra empresa, mas com um contrato efetivo?

V- Depende das condições... Se o ordenado não tivesse uma discrepância tão grande, se calhar mudava pelo motivo de ficar segura.. Mas efetiva, não pela empresa. Pela empresa, ali também passa, não é? Mas de resto não. Só mesmo pelo ordenado.

E- Ok. Ponderava ainda vários fatores não é?

V- Sim sim. Até porque o trabalho ali não é cansativo, o trabalho em si não é chato...

E- Portanto se fosse lá na empresa ainda gostavas mais de estar efetiva?

V- Claro, é isso que eu estou à espera [sorriso]

E- Hum hum. Agora gostava de saber alterações após iniciar como trabalhadora temporária... Ou seja, o que é que se alterou após iniciar como trabalhadora temporária, por exemplo ao nível da confeção das refeições? Não sei se cozinha ou não?

V- Agora cozinho, e só cozinho à noite...

E- Como é que era antes e como é que é agora? Nota algumas alterações evidentes?

V- Antes não cozinhava... mas fazia as minhas refeições ao 12h, ao meio da trade um lanche, e depois à noite... Agora não, agora só janto, e faço o meu lanche lá à 1h da manhã. Porque de resto, durante o dia, não me levanto para comer.

E- Hum hum, portanto a alteração foi a nível das refeições e agora ausências delas...

V- Sim sim...

E- E a divisão das tarefas, como é feita essa divisão em casa, com a sua família?

V- Eu faço.

E- Existe, por exemplo, uma divisão em que uns fazem...

V- Não não, eu faço e ele põe a mesa, que eu janto em Aveiro (casa do namorado). portanto praticamente não existe divisão na parte de cozinhar, porque cozinho sempre.

E- Ok... A nível das tarefas de limpeza, como o limpar, lavar a louça/roupa, passar a ferro, compras diárias... Alguma alteração, relativamente a estas tarefas de limpeza, no que se refere ao antes e agora?

V- [...] Eu vou-te falar por Aveiro, que eu agora passo mais tempo por lá... Em casa (dos pais) vou mesmo dormir. A roupa, é a mãe dele que a lava, as compras sou eu que faço, a limpeza é a empregada...

E- A nível das tarefas de limpeza é uma pessoa que faz?

V- É é. Pelo menos isso... Já que tenho que cozinhar todos os dias.

E- A nível de divisão... a empregada é que faz essas tarefas.

V- Sim, só as compras sou eu que faço... e a roupa é a mãe.

E- A nível das atividades de manutenção/reparação, por exemplo, mudar uma lâmpada, fazer uma pequena reparação num eletrodoméstico?

V- É ele! É ele ou em minha casa é o meu pai. Não tenho nada a ver com isso [risos].

E- A nível de divisão é mais esse tipo de tarefas para o sexo masculino?

V- É... Posso ajudar a chegar uma ferramenta, ou isto ou aquilo..

E- Ok, portanto não verificas nenhuma alteração nesse campo...

V- Não não.

E- Agora a nível das atividades de lazer/sociais... Como era antes e como é agora, alguma alteração?

V- É assim, a nível de lazer, eu tive que deixar... a outra atividade que tinha, que eram os Bombeiros, e agora tenho mais tempo, que antes não tinha... Acabei por ter mesmo que deixar.. Porque senão não tinha tempo, ou era o lazer, ou era a atividade...

E- E a parte do sair, estar com os amigos, e namorado...?

V- Agora tenho mais tempo... Tenho mais tempo, porque não tenho os Bombeiros.

E- A alteração foi mesmo essas, ou existe mais alguma? Continuas a sair...

V- Sim sim... Às vezes, sinto-me mais cansada, mas... Continuo a sair!

E- Relativamente à alteração com o namorado, alguma alteração? A nível afetivo...

V- É assim, não há.. porque também eu me estico um bocadinho, mas... Porque ele trabalha às 6h/7h da manhã e sai às 3h/4h da tarde... e só tenho aquele bocadinho das 5h/6h da tarde até às 9h da noite... E depois é sempre aquela correria, de fazer jantar, fazer alguma coisa ou quê... jantar e ir embora.

E- Hum hum, considera que tem menos tempo para ele, de certa forma?

V- Sim sim, se tivesse noutra horário... era mais fácil.

E- Relativamente à divisão de tarefas, considera que ele dá valor, relativamente às tarefas que realiza?

V- Sim sim, isso sim.

E- E existe algum tipo de conflito relativamente à execução/divisão das tarefas?

V- Existe sempre, existe sempre [riso]... 'Óh Miguel faz isto, Óh Miguel faz...' 'Óh!, está bem, eu vou lá' [riso], mas é um bocado contrariado, mas ajuda. Se pedir ele ajuda.

E- Exatamente. [...] Ok. Pronto, terminámos agora a entrevista, não sei se tens alguma questão a fazer, alguma dúvida sobre os temas abordados na entrevista?

V- Não... Mas no aspeto geral, temporário é só negativamente... Hoje em dia sequer, na nossa idade (23 anos), queres constituir família, não dá! Ou arriskas, e o teu marido, ou namorado, tem um bom ordenado, ou então não consegues.

E- Hum hum. Ok. Mais uma vez muito obrigada pela colaboração!

ENTREVISTA 16

Descrição

Sexo feminino, 21 anos, portuguesa, ensino secundário (12º ano), solteira, não tem filhos e vive com a avó, ao qual presta alguma assistência.

Atualmente é operária fabril, desempenhando tarefas numa linha de produção, ao qual realiza montagem de peças para arcas frigoríficas. Trabalha neste regime há cerca de 18 meses, entrando no ano de 2009. Sempre trabalhou neste tipo de regime de trabalho.

Realiza trabalho em horário fixo e possui um rendimento mensal individual entre os 500 e 750€.

Transcrição

E- Inicialmente, gostava que me falasse sobre o seu percurso profissional, ou seja, que atividades já realizas-te até agora, em que organizações, durante quanto tempo... Portanto, desde o início até agora.

C- É assim, eu comecei a trabalhar em Julho de 2009, tinha 18 anos.... aaaa comecei como costureira de série, fazia estofos para os carros, para algumas marcas, mas não gostei muito daquele ambiente e não fiquei. Depois não arranjei mais emprego, fui-me inscrever na empresa de trabalho temporário, que pelas empresas, ninguém colocava, e então em 2010, chamaram-me para a Desicor, uma empresa que faz portas para o IKEA, e pronto... estive lá desde Fevereiro de 2010 e saí em Janeiro de 2012, estava numa máquina a tirar portas, a 'paletizar' portas. Pronto, ao final desse tempo, vim-me embora, e estive dois.... quase três meses no desemprego. E agora, comecei na Tensai em Abril, também por sistema de trabalho temporário, estou lá a fazer frigoríficos e arcas, que é o que eles fazem, para exportar...

E- Hum, hum. Imaginando que ganhavas uma grande quantidade de dinheiro, por exemplo, através do euromilhões ou da lotaria, continuavas a trabalhar?

C- É assim, depende da quantidade, se fosse uma quantidade que me desse para fazer uma casa, comprar um carro, e ter uma vida confortável, se calhar continuava a trabalhar mas já montava um negócio próprio, não trabalhar por conta de outro, isso não.

E- Hum hum... Mas imaginando que era mesmo muito dinheiro?

C- Hum, não... É assim, eu trabalhar mesmo, se calhar dava oportunidade a outras pessoas, trabalhar para mim, naquilo que é meu, mas se calhar não colocava as pessoas em situação de trabalho temporário, porque não dá garantias nenhuma a ninguém...

E- Portanto, continuavas a trabalhar independentemente da avolumada quantidade de dinheiro...

C- Sim sim, era patroa!

E- Porque motivo, é que, neste momento, encontra-se a trabalhar em regime de trabalho temporário?

C- Porque não há outra hipótese, não dão outra hipótese às pessoas. Primeiro é assim, deixei de estudar por opção, não quis seguir estudos, fiz o 12º ano e não quis seguir para a faculdade, e é assim... tudo o que uma pessoa procura ou é contratos mês a mês ou é assim temporários, contratos incertos, e nós temos que nos sujeitar aquilo que há e, ou as empresas não colocam, ou então colocam assim... Porque acho que o Estado também facilita nesse aspeto, por isso.... não há outra hipótese!

E- Portanto o motivo é porque apareceu esse tipo de trabalho, e não porque procuravas exclusivamente trabalho temporário?

C- Não eu procurei para tudo o que fosse, trabalho vá, mas não.... pela empresa, contratar mesmo a pessoa diretamente, não o fazem. Principalmente indústrias, não fazem.

E- Hum hum... Face à experiência que tem como trabalhadora temporária, gostava que me dissesse os aspetos positivos que identificas ao nível do trabalho?

C- Positivos, ao nível do trabalho, é assim... nós somos trabalhadores, tal e qual os efetivos, só que é assim... temos uma espécie de proteção, é assim, essa empresa não nos pode falhar com o pagamento de maneira nenhuma, e as empresas, as indústrias podem facilitar 'Olha, este mês se calhar não pago o subsídio', ou outro e nesse aspeto, as empresas de trabalho temporário, funcionam melhores... Mas de resto é tudo igual, basicamente...

E- Hum hum... Por exemplo, consideras que o trabalho que fazes, te dá satisfação e prazer em realizar?

C- É assim, eu até gosto daquilo que faço, não é o ideal fazer arcas e frigoríficos, né? [risos], mas não é mau... a questão é que somos muito mal pagos, é o mínimo e é o mínimo... Não passa daquilo. Uma pessoa que é bom funcionário, e até tem a sorte de ser contratada mesmo pela empresa, pode ter a sorte de ter um aumento, mas é muito relativo, é muito incerto, uma pessoa não sabe e não está completamente garantida ali...

E- Por exemplo, consideras que acabas por aumentar as tuas competências profissionais...?

C- Sim, é assim.... Vou adquirindo conhecimento.... Já adquiri sobre portas, agora é sobre frigoríficos e arcas, e quem sabe amanhã já estou noutra coisa... É bom, mas os trabalhadores temporários, estão muito limitados, não podem fazer nada, ou é aquele dinheiro e não sei por quanto tempo... Não podem fazer nada, não se podem meter em nada.... Se eu quiser comprar um carro, primeiro ninguém me emprestava dinheiro, em trabalho temporário ninguém me empresta dinheiro, e depois não tinha como garantir o pagamento durante um determinado tempo... não dá!

E- Exato. Aspetos positivos, a nível de trabalho, mais algum... Que identifique?

C- Não, de resto, é tudo igual, aos contratados....

E- Hum hum... E a nível da vida privada, da vida familiar, aspetos positivos? Por exemplo, consideras que consegues conciliar melhor por ser trabalhadora temporária?

C- É assim, eu acho que não há esse tipo de aspetos positivos, nesse aspetos,. familiar, só negativos... Porque nós queremos fazer umas férias, passar um fim-de-semana fora... 'Áh! Se calhar é melhor não, porque não sabes quanto tempo vais estar a receber', ou assim, e enquanto não estou contratada, não estou segura, só estou... De resto, é tudo igual, horários, essas utilidades todas que um trabalhador normal tem, um temporário também tem... é igual!

E- Ok. Por exemplo, entre um trabalho e outro, entre o fim de um contrato e o início do outro, consideras que tinhas mais tempo para organizar a tua vida familiar/privada....

C- Não é igual... Trabalhador temporário.... não há um aspeto muitooooooooo positivo em relação ao trabalhador contratado pela empresa, não há, é igual. Eu sou igual a eles (efetivos), só que eles estão mais garantidos que eu, é só isso. Eu tenho sempre desvantagem.

E- Hum hum... E a nível das atividades de lazer, atividades sociais.... outras atividades que tenhas extra trabalho, aspetos positivos? Consegues conciliar melhor ou não...

C- É assim, eu acho... é assim, depende do horário, se uma pessoa contratada, por exemplo, entra agora numa empresa, a empresa tem horários rotativos, mesmo que eu entre a temporária, tenho que fazer o horário rotativo... Se entrar numa empresa que tenha um horário geral, faço o horário geral, é... depende da empresa, não... a empresa

de trabalho temporário funcionam em função do que a empresa lhes manda, não há nada de diferente...

E- Neste momento, tens alguma atividade extra trabalho?

C- Tenho o samba só...

E- E consegues conciliar bem?

C- Agora sim, antes não conseguia porque estava sempre a trabalhar das cinco da tarde à uma e meia da manhã, agora não... e se os ensaios forem à noite em já posso ir. Mas não tem nada a ver ser trabalhador temporário ou não, e sim o horário....

E- Hum hum, exato. Agora gostava que me dissesse aspetos negativos que encontras ao nível do trabalho?

C- É assim... A nível do trabalho?

E- Consideras que tens salário baixo, poucas regalias comparativamente com efetivos...

C- Ai isso tem sempre... É assim, no trabalho mesmo, o temporário, quer queiramos quer não, é sempre o temporário, nós somos tratados como os temporários, estás aqui mas amanhã podes não estar... Aaaa, sim as regalias que os outros têm é a nível de ordenado... Se a pessoa receber tanto como eu, é igual a mim, se o efetivo receber mais, vem para baixo... Eu só recebo aquilo, só se por ventura disseram 'Não, aquela pessoa vai ser aumentada!', aí é que a empresa de trabalho temporário, pode agir e dizer 'vai receber mais tanto, porque é ordens que recebemos da fábrica', tirando isso, temos sempre aquele salário, e temporários.... uma pessoa não se pode meter em nada de cabeça, não tem segurança nenhuma, ou seja, o futuro, não há futuro.

E- Portanto, um grande aspeto negativo, é a incerteza, a instabilidade, ameaça do desemprego...

C- Não há, não há hipótese, e a pessoa ou é temporária, ou não é nada... Agora não há outro tipo de facilidade... É raro o sítio onde uma pessoa, chama outra para trabalhar com um contrato a termo certo, é mesmo raro.... quem achar isso, não lhe saiu o euromilhões mas quase.

E- Hum hum... Considera, por exemplo, que existe perspectivas de evolução da carreira? Ou essa possibilidade é menor por ser temporária?

C- É assim... eles apostam... a empresa de trabalho temporário, aposta em pessoal novo, desimpedido, que... não quer dizer, que uma pessoa que seja casada e tenha filhos não entra a temporário, mas eles querem pessoas mais novas, porque é assim... é como se estivessem a tratar também do futuro da empresa, ou seja, é novo, mas sabe trabalhar, e

eles aproveitam essas pessoas para ficar como uma mais valia depois... o subir ou não, não tem nada a ver...

E- Então considera que pode eventualmente subir na carreira, de categoria profissional, sendo trabalhadora temporária?

C- Sim. Já houve Engenheiros a trabalho temporário... é conforme o trabalho neste momento... Sou uma operadora, mas sou igual aos outros, faço o que tiver que fazer... Assim que eles acharem que naquele posto, aquela pessoa é precisa, talvez deixe de ser temporária e passe para a empresa...

E- Hum hum... Considera que existe um forte probabilidade de fazer prolongamento de horários? Aquela probabilidade de ter que aceitar por ser trabalhadora temporária?

C- É assim, se nos pedirem 'Olha, ficas mais uma hora?', 'Olha, vens sábado?'... temos que aceitar, porque.... Um efetiva pode dizer 'Opa, olha não posso!'... um temporário, tem que aceitar porque senão... estás aqui e estás temporário, é porque precisam, por isso tens que ir...

E- Hum, hum... Claro! Mais algum aspeto negativo ao nível do trabalho?

C- É assim... Não, é a instabilidade mesmo. Porque o resto do trabalho é igual como se fosse efetiva, 'Olha, tenho que o fazer!'

E- Exato. E nível da vida privada/familiar, aspetos negativos? Consideras, por exemplo, que existe efeitos negativos para a saúde mental como o stress profissional? Por aquela insegurança, instabilidade

C- Sim, porque a pessoa, a pessoa... Eu falo por mim, eu comprei carro, paguei a pronto... Podia ter comprado uma coisa melhor, mas trabalhador temporário, ou seja, se eu tenho este x só posso gastar este x, que é o que eu tenho garantido e sei que não vai sair dali... Agora é muito complicado, uma pessoa querer... Eu, por exemplo, aluguei casa, não é? Tenho uma garantia que se não tiver trabalho, tenho o fundo de desemprego, há pessoas que não têm isso, que estão no trabalho temporário, e não tem direito ao fundo de desemprego, ou já acabou, ou assim, não tem outra maneira, outra hipótese mesmo, e isso psicologicamente afeta a pessoa, anda mais stressada, nervosa, triste, porque quer fazer alguma coisa, comprar alguma coisa, e não pode... Não tem uma garantia...

E- Hum hum... Considera também que existe uma adiamento das principais etapas da vida, como o casar, e ter filhos...

C- Totalmente, totalmente.

E- Acaba por ser negativo, porque não consegues...

C- Não consigo evoluir, como eu queria, da maneira que eu queria, não dá... E não se pode planear muito a longo prazo, não dá, porque hoje estou a trabalhar, mas amanhã posso não estar.

E- Exatamente... Portanto acabas por adiar essas etapas da vida...

C- Totalmente... Não dá.

E- Por exemplo, consideras que tens menos tempo para a família, para os amigos, para o namorado?

C- Menos tempo não, porque é assim, uma pessoa está a trabalhar, tem que se mentalizar que faz aquele horário, e ponto final, seja trabalhador temporário, ou não. Por isso a nível de tempo, a carga horária é a mesma. Não é por ser temporária que é diferente...

E- Face ao teu horário, consegues sempre ter tempo..?

C- Sim sim.

E- Hum hum. Ok. Mais algum aspeto negativo, a nível da vida privada, da vida familiar?

C- Tirando o adiamento de planos, não.

E- E a nível das atividades de lazer/sociais? Consegue conciliar bem, mesmo com o cansaço, com o stress, ansiedade?

C- É assim, tento conciliar... tento pensar assim 'um dia de cada vez'... Hoje estou bem, amanhã posso não estar, mas isso é... pronto... hoje estou viva amanhã posso não estar, é a tal coisa...

E- Mas, por exemplo, o cansaço/ansiedade/stress, acaba por impedir de realizar algumas atividades?

C- É assim... sim, a pessoa às vezes, de pensar muito, por exemplo 'olha amanhã, tenho isto para pagar, tenho o seguro do carro, ou assim... e uma pessoa está sempre naquela ansiedade 'será que eu vou ter trabalho até pagar isto?'... é um bocado complicado, e acaba por mexer emocionalmente...

E- Hum hum... Claro! Se eventualmente tivesse oportunidade de mudar de atividade profissional, de trabalhadora temporária, para outra, mudarias?

C- É assim... eu, eu... desde que comecei a trabalhar tenho em mente que é 'faço alguma coisa', a nível de trabalho faço qualquer coisa... Claro que não me passaria pela cabeça começar um trabalho se não tivesse outro, e só deixaria um trabalho se me dissessem

'opa, estás garantida', eu ia! Mas nunca iria deixar o trabalho que estou a fazer, para outro trabalho temporário igual, só se fosse para ganhar muito mais!

E- E se fosse um contrato efetivo?

C- Ai isso ia!

E- Independentemente da função, da empresa?

C- Isso à partida, se me aceitassem, ia.

E- E porquê? Qual era o motivo principal?

C- A garantia... Era o poder dizer 'eu vou fazer isto, porque sei que tenho trabalho'

E- Hum hum... a segurança principalmente.

C- Exatamente. E a segurança financeira, que cada vez é pior.

E- Hum hum. Portanto, mudava logo de situação profissional...?

C- Mudava, mudava!

E- O que é que se alterou, após iniciar a atividade como trabalhadora temporária, o que é que se alterou, por exemplo, ao nível da confeção das refeições? O cozinhar, alguma coisa se alterou, o antes e o agora?

C- Não, porque é assim, eu sempre trabalhei como trabalhadora temporária... No caso dos meus pais, já não é bem assim... a minha mãe esteve efetiva há... trabalhou cerca de 21 anos, mas efetiva esteve há 19 anos, praticamente... E é assim, de repente ficou sem trabalho não é? E teve que ir ao mais barato, e mesmo eu que estou a trabalhar, temporária, procuro sempre, vou sempre... há coisas que não, como o leite e assim, há coisas que não, mas outras vou ter que... 'opa, vou levar esta marca que é mais barata', para conseguir que o ordenado chegue até ao fim do mês, não vá acontecer alguma coisa e eu precisar...

E- Hum hum, exatamente. Por exemplo, cozinhar, cozinhas?

C- Sim sim...

E- E cozinhas antes e cozinhas agora?

C- Sim sim, isso sim. Claro que não vou cozinhar a saber que vou estragar, que não vou comer tudo... Ser calhar se fosse noutra altura, 'olha fiz a mais, deixa lá', agora não, é mais controlado... para não estragar.

E- Claro... Portanto, nesse aspeto de cozinhar, nada se alterou?

C- Não não.

E- E a nível da divisão das tarefas? Existe divisão das tarefas?

C- Não, eu em casa faço tudo, que a minha avó está um bocadinho limitada nesse aspeto... Mas se eu lhe pedir para varrer a casa, ela varre, ou qualquer coisa assim, mas de resto... Não tenho assim grande...

E- E a nível das tarefas de limpeza, limpar a casa, roupa, compras diárias... alguma coisa se alterou a esse nível? O antes e o agora?

C- Aaaa... Não vou tantas vezes às compras, e quando vou, trago mesmo o que é essencial... tudo o que for... 'ai até gostava', só se houver um dinheirinho extra e eu até goste mesmo daquilo, senão... olha, não se pode!

E- Portanto, nada se alterou a nível dessas tarefas?

C- Não.

E- Continuas a realizá-las da mesma forma?

C- Sim sim sim.

E- A nível da divisão de tarefas também é igual?

C- É igual.

E- E a nível das tarefas de reparação/manutenção, reparar um pequeno eletrodoméstico, reparar uma lâmpada, cuidar de animais...

C- É assim... tudo o seja, por exemplo... eu tenho uma embraiagem para pôr, no carro, e ando a adiar um bocadinho, e ando a ver o melhor preço, porque... o dinheiro é curto... e 'olha, vou arranjar isto, vou arranjar aquilo', depois não tenho para comer, nem para as despesas... Um café, já exige ir ao café muitas vezes, já não dá, pronto...

E- Hum hum... E a nível dessas tarefas, existe alguma alteração, após iniciares como trabalhadora temporária? O antes e o agora?

C- Não... Porque lá está, eu iniciei logo como temporária, por isso não noto grande diferença.

E- Ok. A nível da assistência que prestas à tua avó, alguma alteração?

C- Não, não...

E- É feita de igual forma?

C- Às vezes tenho menos paciência, venho mais cansada e tenho menos paciência, mas tirando isso...

E- Continuas a fazer com o mesmo cuidado...

C- Sim sim...

E- Aaa... a nível das atividades de lazer/sociais, o antes e o agora, continuas a realizar da mesma forma, alguma coisa se alterou, que fazias e agora não fazas, ou vice-versa?

C- com este horário, tenho mais facilidade para ver televisão, e assim... porque quando trabalhava de noite não dava, saía de casa e só entrava às duas e tal da manhã... e era dormir, agora tenho mais tempo, entre aspas, para mim, para descansar, porque trabalhar à noite não era a mesma coisa... tirando isso...

E- Claro, claro. Portanto, a alteração que existiu foi derivada do horário que fazia e agora já não faz..?

C- Sim a mudança do horário é melhor, porque de resto... é tudo igual!

E- Mesmo o sair também?

C- Sim, melhor. Antes à sexta-feira à noite lá ia eu... e estava a trabalhar, não dava para... agora já não!

E- Hum hum. E relativamente à vida afetiva, da relação com o seu namorado, alguma alteração?

C- Não, nesse aspeto não... Coitado, ele também está na mesma situação que eu... por isso...

E- Por exemplo, considera que tem menos tempo... para estar com ele?

C- Antes tinha, agora não... Com este horário já dá para estar mais com ele e assim, já é mais fácil.

E- Portanto considera que não existe nenhuma alteração, nada afetou a vida afetiva?

C- Não não... Nesse aspeto não.

E- Ok. pronto, terminámos a entrevista não sei se tem alguma questão a fazer, alguma dúvida sobre os temas abordados na entrevista? Alguma observação?

C- Não não... espero que tenha ajudado!

E- Ok. Mais uma vez muito obrigada pela colaboração!

ENTREVISTA 17

Descrição

Sexo masculino, 36 anos, português, ensino secundário (11º ano), casado e com um filho de 3 anos. Vive com a esposa, filho e sogros.

Atualmente desempenha funções como fiel de armazém, executando todas as tarefas inerentes ao armazém, desde receção do material, organizar no devido sítio, até ao abastecimento da produção, e outras tarefas solicitadas de acordo com a sua função. Trabalha neste regime de trabalho há cerca de 4 anos, entrando em 2007, estando anteriormente com um contrato efetivo.

Realiza trabalho em turnos rotativos, com um rendimento mensal individual entre 500 até 750€.

Transcrição

E- Inicialmente gostava que me falasse sobre o seu percurso profissional, que atividades já realizou até ao momento, em que organizações, durante quanto tempo... Ou seja, desde o início da sua atividade profissional até agora.

M- É assim, eu já trabalhei quando estudava no mercado abastecedor da fruta, que era da uma da manhã às dez da manhã, isso era na altura das férias, para ter dinheiro para sair... Depois iniciei a minha atividade profissional a sério na empresa *Singer*, na altura fui fazer uma formação para Lisboa, estive na *Singer* cerca de 2 anos, como chefe de loja no Fórum Aveiro, que já fechou, e entretanto a empresa estava prestes a abrir falência e eu integrei-me na *Infardados* também tinha uma loja no Fórum e eu fui chefe de loja durante 3 anos... Entretanto a *Infardados* também acabou por falir, e eu tive que sair da *Infardados* e tive cerca de 1 ano e meio numa empresa chamada *Force Center*, que é uma empresa de venda de alarmes, fazia a representação de uma marca de alarmes cá em Portugal e distribuía... trabalhei no armazém também, fui chefe de produção... Daí, da *Force Center*, saí e estive numa empresa de reparação de automóveis durante 5 anos, fui para lá para fazer o trabalho da rececionista, mas tinha jeito para a mecânica e acabei por ser mecânico durante os 5 anos... Mas entretanto tive lá um desentendimento com os patrões, já estava farto de os aturar, despedi-me e entrei na *Grohe*.

E- E esteve sempre em contratos efetivos?

M- Sim, sempre efetivo.

E- E o último trabalho que teve, despediu-se e esteve quanto tempo desempregado?

M- Não estive tempo nenhum desempregado. Quando me despedi já tinha trabalho na *Grohe*.

E- Ok... Mas inscreveu-se antes em agências de trabalho temporário...?

M- Não eu fui diretamente à *Grohe*... foi na altura que estavam a precisar de pessoas no armazém, falei com o responsável do armazém, e integraram-me no armazém... mas como a *Grohe* não põe diretamente ninguém no armazém, porque não põe ninguém no quadro, é através da *Sinergie Outsourcing* e até agora estou lá...

E- Hum hum... Portanto não teve nenhum momento desempregado...?

M- Durante estes anos todos não! Eu sempre que saía de um lado, já tinha trabalho noutra.

E- Hum hum, ok. [...] Imaginando que ganhava uma grande quantidade de dinheiro, por exemplo através do euromilhões ou da lotaria, continuaria a trabalhar?

M- Sim, mas não na *Grohe*... Continuaria a trabalhar talvez por conta própria talvez abrisse um negócio, qualquer coisa do género, não sei... Depende da quantia.

E- Hum hum, e imaginando que era uma grande quantidade de dinheiro, continuava a trabalhar na mesma?

M- Tinha que arranjar alguma coisa para me distrair [riso].

E- Qual era o principal motivo de continuar a trabalhar?

M- Era mesmo precisamente para ter um objetivo na vida, não podia ser só gastar dinheiro [riso]. Não é só ter dinheiro para andar em ginásios e passear... temos que ter objetivos na vida... investir o dinheiro em algum sítio, ee.. fazer alguma coisa.

E- Hum hum, para além da parte remuneratória, o trabalho o que é que lhe dá?... Porque é que trabalha? Quais são as funções do trabalho para si?

M- É assim... como fiel de armazém e quando eu estive como mecânico, o trabalho é por necessidade mesmo, para ter dinheiro para sobreviver...

E- Mas independentemente da função que faz...?

M- Para me sentir útil... principalmente.

E- Portanto, independentemente de ganhar muito dinheiro acabava por continuar a trabalhar para se sentir útil, ativo?

M- Exatamente, uma pessoa ativa, exatamente... para não me sentir... nenhum... [risos]... para ter objetivos de vida a fim ao cabo.

E- Ok. Portanto, continuava na mesma a trabalhar...

M- Sim sim... nalguma coisa... havia de me passar alguma coisa pela cabeça... também com dinheiro [risos]

E- Qual é o motivo principal de estar a trabalhar como trabalhador temporário? Procurou exclusivamente trabalho temporário?

M- Não não não. Foi na altura o que surgiu. queria deixar um bocado a mecânica... foi o que apareceu também na altura... porque é assim, foi uma decisão tomada um pouco em cima do joelho e eu tive pouco tempo para procurar trabalho, e apareceu esta situação na *Grohe*, e acabei por ficar por lá... acabei por aceitar, e acabei por ficar por lá até hoje, porque a *Grohe* neste momento, e desde que entrei até agora temos tido sempre trabalho, não tem sentido a crise... Senti a crise mas não como a maior parte das empresas sentiram, e precisamente porque a maior parte da produção da empresa é para exportar para fora, é a nossa grande vantagem... e para exportar não é para o mercado espanhol [riso] porque senão estávamos muito mal.

E- Ok... O motivo não foi porque procurou exclusivamente trabalho temporário e sim porque apareceu...

M- Não foi o que surgiu exatamente. Na altura foi assim um bocado à pressa

E- Hum hum... e acabou por aproveitar essa oportunidade, independentemente de ser trabalho temporário ou não

M- ... trabalho temporário, ou não, exatamente!

E- Ok. Face à experiência que tem como trabalhador temporário, gostava que me dissesse os aspetos positivos que identifica, por ser trabalhador temporário, ao nível do trabalho... o trabalho que realiza? [...] Considera por exemplo, que o satisfaz, sente prazer em realizar...?

M- É chegar ao fim do dia e saber que fiz o trabalho bem feito e vir para casa com a cabeça descansada... Não digo que mesmo sendo um trabalho temporário, ou mesmo efetivo, qualquer uma das situações, tem a ver com a personalidade da pessoa...

E- Exatamente... Mas consegue identificar um aspeto positivo, face à experiência que tem, a nível do trabalho? [...] Por exemplo, considera que vai adquirindo mais competências, aperfeiçoa ou mantém o seu profissionalismo?

M- HUUUUUM, não considero que seja um trabalhador temporário ganhe mais competências que um efetivo, ou melhore a *performance* no trabalho que faça, nem nada que se pareça... Eu quando estou na *Grohe* não me sinto como trabalhador temporário, trabalho como qualquer pessoa lá dentro, ou dou o meu melhor... e esforço-me por isso seja ou não temporário. É uma coisa que trago, quando estou a trabalhar,

estou a trabalhar... tenho a minha missão, tenho o meu trabalho, chego lá, faço o melhor que posso, com as indicações que me dão, e a partir daí...

E- Ok... Portanto não consegue identificar nenhum aspeto positivo?

M- Não! Sinceramente não.

E- Não considera que vai ganhando novas competências?

M- Ganharia se fosse uma pessoa que estivesse a correr várias empresas diferentes, com várias funções diferentes... Mas estando sempre na mesma empresa, a desempenhar as mesmas funções, é claro que não.

E- Exatamente... Já tinha desempenhado anteriormente a função que desempenha neste momento?

M- Neste ramo de produção nunca. Já trabalhei num armazém de uma empresa, mas a única coisa que fazia, tratava das expedições.. preparava e expedia os produtos era isso que fazia... e dava alguma formação técnica aos clientes do material que nós vendíamos...

E- Acabou por adquirir novas competências, novos conhecimentos...

M- Sim... há medida que fui passando por essas empresas fui... tanto na informática, como nos alarmes, eletrodomésticos... ganhei novas competências. Se as precisasse de usar outra vez era capaz de as fazer...

E- E até mesmo, agora as competências que adquiriu na *Grohe*, acaba por ser positivo, porque se eventualmente terminar agora o contrato, e fosse para outra empresa também a contratos temporários... lá está, adquiria experiência noutra empresa...

M- Experiência e formação...

E- Exatamente... Ao nível da vida familiar, aspetos positivos que consegue identificar por ser trabalhador temporário? Por exemplo, considera que consegue conciliar melhor as exigências profissionais, com as exigências familiares?

M- Não é a mesma coisa...

E- É?

M- É.

E- E considera que consegue conciliar bem?

M- O facto de ser trabalhador temporário? Então a minha esposa é professora há 11 anos e é contratada há 11 anos e está numa situação pior do que a minha, portanto ela chega agora a Agosto e fica desempregada [...] [riso] Ainda é pior que ser trabalhador temporário... isso é que é ser trabalhador temporário, é saber que chega aquela altura e

não há trabalho e depois nunca se sabe quando vai ser colocada... se é logo em Setembro no início, se é só passado um mês ou dois...

E- Hum hum... Atualmente consegue fazer bem essa conciliação das duas esferas... profissional e familiar?

M- Sim sim sim. Qualquer pessoa... Ainda para mais trabalhar por turnos dá uma vantagem, porque consigo até conciliar a minha vida familiar, a minha vida pessoal e a minha vida profissional... Consigo conciliar as três coisas, porque tenho atividades que são pessoais e que interferem também com a minha vida familiar e eu consigo arranjar maneira, a trabalhar por turnos, de as realizar sem interferir com a minha vida familiar.

E- Portanto, o facto de trabalhar por turnos acaba por ser positivo para si?

M- Sim sim, à exceção das noites que custam um bocadinho a fazer [riso]... Mas faço, mas faço!

E- Sim sim... Ok. Portanto, mesmo turnos rotativos, consegue conciliar bem as atividades que tem fora do trabalho.

M- ... Fora do trabalho, exatamente! [...] Tanto a nível pessoal como familiar.

E- Hum hum, ok. A nível das atividades de lazer/sociais, aspetos positivos? Consegue conciliar com as atividades extra trabalho? Não sei se tem alguma atividade extra trabalho...

M- Sou um bocadinho antissocial, não sou uma pessoa de sair de casa... Já fui muito de sair antes, quando era mais novo, mas neste momento, gosto mais de chegar a casa e estar entretido ver um filmezinho, ou internet... Embora saia aos fins-de-semana... eu costumo ir tomar um copito com os meus amigos aqui de Aveiro, na Barra... ou com alguns familiares, primos, principalmente da minha mulher... porque são... eram meus amigos... também já estamos juntos à muitos anos, e de vez em quando vamos tomar um copito. Não todos os fins-de-semana, mas... quando conseguimos arranjar...

E- Ok... E consegue conciliar bem a vida profissional com essas atividades?

M- Sim sim sim. Sem qualquer problema. É uma questão de disponibilidade a nível pessoal, da minha parte como da minha mulher.

E- Mesmo pelos horários que realiza, consegue mesmo assim...?

M- Sim sim... Se quisermos sair, arranja-se sempre tempo.

E- Ok. Agora gostava que me falasse dos aspetos negativos que identifica, por ser trabalhador temporário, aspetos negativos ao nível do trabalho? Considera que existem salários baixos, poucas regalias...?

M- É assim, ganho menos um bocadinho que os efetivos da *Grohe*, sem sombra de dúvida, mas porque a própria *Synergie* tem que ter alguma margem de lucro né? Eu nunca poderia receber o mesmo que um funcionário da *Grohe*... Em termos de condições laborais, os funcionários efetivos têm direito, por exemplo, a um seguro de saúde, que é o caso da *Multicare* a um preço excepcional... eu como não sou efetivo não tenho direito a ele, por exemplo...

E- Exatamente...

M- Sei também que os trabalhadores *Grohe*, efetivos, têm direito a dias para assistência familiar, remunerados, eu não tenho... porque sou de uma empresa subcontratada... E de momento não estou assim a ver mais nada.

E- Hum hum... Considera que por ser trabalhador temporário, acaba por ter, aquela insegurança, incerteza, aquela ameaça do desemprego?

M- É assim, não por parte da minha chefia direta, trabalho integrado numa equipa, e não por parte da minha chefia... por parte da minha chefia direta não tenho esse tipo de pressão, mas por parte do responsável de armazém tenho... E sinto-a! Sinto que realmente ele aos *outsourcing's*, tem talvez se calhar um comportamento um bocadinho diferente para com os efetivos, porque tem outras armas na mão, que nós não temos...

E- Considera que é um aspeto negativo...?

M- Nesse aspeto é um bocado negativo, porque permite-lhe executar sobre mim uma pressão, que eu não poderia fazer se eu... ou aliás, eu é que não posso fazer da mesma forma [riso sarcástico]. Ou seja, lá está, tenho que engolir um bocadinho mais do que aquilo que engoliria se fosse efetivo... Mas mudou, ultimamente, no último ano, posso dizer que mudou alguma coisinha... Já foi pior, já foi pior. Neste momento, talvez não sinta tanto... Já senti mais, já senti mais.

E- Hum hum... Considera, por exemplo, que existe falta de perspetivas de evolução na carreira profissional, por ser trabalhador temporário?

M- É assim, tudo o que seja... eles normalmente, a *Grohe*, quando abrem concursos para lugares mais lideres, são concursos internos, concursos internos que acabam por ser preenchidos por pessoas que já estejam integradas no quadro da empresa, portanto, nesse aspeto... Vejo as minhas perspetivas um bocado cortadas!

E- Hum hum... Por ser temporário... Acabando por ser negativo?

M- Sim, nesse aspeto também é negativo, é óbvio.

E- Relativamente, ao prolongamento de horários, considera que existe uma forte probabilidade de ter que aceitar fazer um prolongamento de horários?

M- Ai é igual para tudo. Ai a opção é igual em todos, seja efetivo, ou não efetivo...

E- Portanto não considera que existe uma maior pressão em ter que aceitar?

M- Não não, nesse aspeto não. Nesse aspeto a opção é igual para todos... São precisos, são precisos, seja quem for. Até porque vejo mesmo os efetivos a serem pressionados para as fazer, por isso...

E- Ok... Mais algum aspeto negativo que queira mencionar, ao nível do trabalho?

M- Hum, basicamente são aqueles que eu referi logo no início.

E- Hum hum... Relativamente à sua vida familiar, à sua vida privada... aspetos negativos? Considera por exemplo que existe aquele stress, por ter aquela insegurança, aquela incerteza...

M- Vamos ser honestos, neste momento e na realidade de há dois anos para cá, a nível profissional, estar integrado no quadro de uma empresa não é nenhuma garantia de trabalho... neste momento não é. Mesmo em empresas grandes como a *Grohe*, portanto... Não sinto esse stress. Eu sinto é que... mas isso eu já sentia quando era efetivo noutra empresa... se uma pessoa for uma boa profissional, fica, isso é como se costuma dizer... uma equipa que ganha mantém-se, uma equipa que não ganha troca-se os jogares... portanto, desde que uma pessoa se empenhe no trabalho, tenha o mínimo de zelo, e seja um bom profissional, chegue lá e realize o nosso trabalho, as nossas tarefas, bem feitas, que... ter em atenção realizar o mínimo de erros, ou nenhum erro, é o ideia, acho que a partir daí não tenho qualquer preocupação, de mandar embora, só por mandar embora... só porque não gostam de mim como pessoa... Desde que seja um bom profissional.

E- Por exemplo, considera que existe algum adiamento de algumas etapas na vida, não de casamento, porque já casou, mas possivelmente o ter mais filhos...? Vai adiar por ser trabalhador temporário?

M- Não. Não... Neste momento não tenho outro filhos, mas é devido à conjuntura económica propriamente dita, uma pessoa não sabe o que irá acontecer daqui a um ano ou dois... A crise não passou ainda, e cada vez está pior, a Espanha vai agora começar a entrar, é Espanha, depois se calhar vai ser a Itália, e é por aí fora, a Europa toda... Já digo desde o início, deve ser uma coisa que vai durar para aí uns 10 ou 20 anos. [...] Mas é uma coisa que ando a pensar por acaso, em ter um segundo filho.

E- E o facto de ser um trabalhador temporário não pesa na decisão de ter agora um segundo filho ou não?

M- Ser trabalhador temporário, não interfere em nada na minha vida... Na altura que eu estava para ter o meu filho, estava a sair *Force Center*, e tive na mesma, por isso...

E- Ok... Portanto o adiar não é pelo facto de estar neste tipo de regime de trabalho?

M- Não... se tiver que ir para qualquer sítio trabalhar vou, desde que me paguem ao fim do mês e bem... Eu faço qualquer coisa, não tenho medo de trabalhar e de sujar as mãos.

E- Considera que tem menos tempo para a família, para os amigos, mulher, filho...? Também pelos horários que realiza, considera que tem menos tempo?

M- É assim, no turno da tarde é um bocado complicado, porque só vejo o meu filho de manhã quando o ponho na escola, depois quando chego a casa já o meu filho está a dormir à umas horitas... e a minha mulher estou com ela, porque como ela é professora, normalmente traz muito trabalho para casa, e fica até à meia noite, uma/duas da manhã a trabalhar... portanto, com ela estou sempre um bocadinho.

E- Hum hum... é só mesmo com o filho que acaba...

M- Com o filho é que acontece um bocadinho... principalmente no turno da tarde, no turno da manhã consigo estar com ele ao final da tarde, no turno da noite, estou com ele aquele bocadinho de manhã quando chego a casa e ao final da tarde, por volta das quatro ou quê levanto-me e estou com ele... No turno da tarde é que é complicado, nesse aspeto é complicado.

E- Ok... Aaa... Considera que ao fazer turnos tem um desgaste físico e emocional maior e por isso acaba por não estar tão disponível para estar com a sua família?

M- O desgaste físico e emocional é maior a trabalhar por turnos, do que se tivesse um horário certo... é porque não há horário certo de sono, logo o corpo... o que acontece é sempre que existe alteração dos turnos, os primeiros dois/três dias é uma adaptação aos novos horários, e nesse adaptação não consigo ter aquelas horas de sono que... lá está, são aquelas cinco ou seis horinhas seguidas de sono, para me restaurar as energias e restaurar a parte emocional, portanto, aí sim... É bastante desgastante trabalhar por turnos...

E- Considera que seja um aspeto negativo a questão dos horários rotativos?

M- É um aspeto negativo... mas lá está, é um aspeto negativo mas a nível físico e psicológico... Desgasta mais do que tendo um horário certo.

E- Hum hum, claro. Relativamente às atividades de lazer, sociais... aspetos negativos...? Considera, por exemplo, que o stress e o cansaço, não sente tanta motivação, ou não se sente tão disponível para fazer outras atividades?

M- É assim eu só não dedico mais... Também é óbvio, também pelo stress e pelo desgaste... Mas só não dedico mais, porque não tenho necessidade de o fazer... Tenho uma vida familiar estável, temos os nossos amigos em comum já de à muito, porque tivemos uma relação muito longa até nos casarmos... [...] Vamos conseguindo conciliar as coisas.

E- Hum hum, exato. Não deixou de fazer nenhuma coisa, nenhuma atividade...?

M- Se deixei de fazer, foi por falta de dinheiro [risos]

E - Ok. Não foi portanto pelo cansaço, pela ansiedade...

M- Não... O cansaço, mesmo que queiramos fazer alguma coisa, o cansaço desaparece...

E- Exatamente... Portanto, aspetos negativos, a este nível, não considera que existam...?

M- Não não... Não existe nenhuma aspeto negativo.

E- Consegue conciliar bem... essas atividades, caso queira fazer?

M- Exatamente, se tiver vontade de fazer, não é por causa do desgaste físico que deixo de fazer... Se calhar se fosse solteiro saía todos os dias [riso].

E- hum hum, claro. [...] Se eventualmente surgisse a oportunidade de mudar de atividade profissional, de trabalhador temporário, para outra forma de trabalho, mudaria? Um contrato efetivo, eventualmente...

M- Se fosse um contrato efetivo, se surgisse essa oportunidade, era capaz de o considerar, desde que a remuneração, fosse de acordo com aquilo que eu neste momento recebo... Estar a passar a efetivo e ganhar 500€ por mês, não me passaria pela cabeça...

E- Claro... Portanto mudava, mas tinha que ponderar alguns fatores...?

M- Ter uma remuneração... exatamente, exatamente.

E- Principalmente pela remuneração?

M- Principalmente a remuneração sim... a remuneração e as condições laborais.

E- A remuneração, o ambiente de trabalho...

M- É assim, eu trabalho num armazém, onde tenho uma equipa com bons colegas de trabalho, temos um bom entendimento, brincamos uns com os outros, fazemos o nosso trabalho... e passamos ali um bom bocado. Tenho excelentes condições de trabalho em termos de ferramentas... dão-me luvas, dão-me farda de trabalho, dão-me essas

situações todas... Se precisar de ir ao médico, vou lá ao médico, e fica de graça, e não tenho qualquer tipo de despesa, e... tinha que considerar essas coisas todas.

E- Portanto não mudava assim sem pensar?

M- Não, tinha que ponderar muito bem. É uma empresa que me oferece algumas condições de trabalho, poderia oferecer mais um bocadinho, não oferece por causa da minha situação de... de... estar numa empresa subcontratada pela *Grohe*, mas tinha que ponderar...

E- Hum hum... Exatamente. O facto de mudar para um contrato a nível efetivo, poderia estar relacionada com a segurança, a nível financeiro, por exemplo?

M- Não, o problema é que a segurança a nível financeiro, a contrato efetivo é assim... eu posso entrar como efetivo numa empresa, e passado três ou quatro anos a empresa fechar.

E- Exato... Pela experiência que tem é que...

M- É a experiência que ensina mesmo... a *Singer* era uma grande empresa, e quando eu entrei estávamos a vender e depois foi completamente absorvida pela *Worten* e neste momento nem existe... faliu.

E- Claro, compreendo.

M- Era uma empresa com à volta de 600 funcionários pelo país inteiro, com cento e tal lojas...

E- O principal motivo era mesmo pela parte financeira... fosse mais elevada do que recebe neste momento?

M- Mais elevada ou pelo menos igual.

E- E via-se também nas mesmas funções talvez...

M- Sim nas mesmas funções, porque é assim... eu trabalho num armazém, e saio de lá praticamente limpinho [...] E tenho um trabalho que não é muito pesado fisicamente... é um trabalho que se faz bem, tem um desgaste físico, pronto, aceitável, razoável... por isso, não era de qualquer maneira que saía de lá.

E- Portanto, está satisfeito...

M- Sim, estou estou. Na mecânica, ganhava um bocado mais, mas ao fim do dia vinha muito mais cansado... [riso].

E- Claro. Agora gostava de saber o que se alterou após iniciar como trabalhador temporário, por exemplo, ao nível da confeção das refeições? Não sei se cozinha, ou cozinhava...

M- Hum... é assim, tenho a sorte de ter a sogra a em casa, e a minha sogra é que cozinha... a minha mulher volta e meia também cozinha, a certos pratos que sou eu que faço... é conforme.

E- Hou alguma alteração após iniciar? O antes e o depois?

M- Não não...

E- Cozinhava antes e agora não, ou não cozinhava e agora cozinha...?

M- Não não não. Não, cozinho na mesma, é igual é igual. Há pratos que sou eu que faço, porque faço questão de ser eu a fazê-los, pôr a minha mulher a fazê-los ou a minha sogra não ficam com aquele tempero que eu gosto... prefiro ser eu a fazê-los... [risos]

E- Portanto, não houve assim nenhuma alteração evidente e esse nível?

M- Não não não.

E- E de que forma é feita a divisão, com a sua mulher, por exemplo...?

M- Dvisão como, das tarefas?

E- Da confeção das refeições?

M- A minha mulher não costuma cozinhar, quem cozinha é a mãe dela [...] [risos] Porque ela tem pouco tempo para isso, porque ela, às vezes, com as reuniões e outras atividades letivas, eu normalmente... ela (sogra disponibiliza-se para fazer, e eu obviamente... 'esteja à vontade' [riso]. Eu aproveito a ajuda!

E- Hum hum... ok. Portanto a confeção das refeições é a sogra que maioritariamente faz... E a nível das tarefas de limpeza, o limpar a casa, lavar a louça, roupa, compras diárias...?

M- Aí houve alterações... quando não trabalhava por turnos participava mais ativamente na limpeza da casa do que o que participo agora... Agora participo menos um bocadinho.

E- Antes participava mais e agora participa um bocadinho menos...

M- Agora participo menos... Agora apetece-me estar mais na preguiça do que estar a limpar a casa...

E- E como é feita a divisão com a sua família? Com a sua mulher... Essa divisão, das tarefas limpeza? Existe uma divisão ou...

M- Normalmente fazia as tarefas mais pesadas, que é andar a arrumar os móveis e andar aspirar debaixo deles, a parte do aspirador, que é a parte mais pesada da casa... e sacudir os tapetes... O resto fazia a minha esposa, a minha esposa limpava a roupa da casa de banho, tratava de limpar o pó, até porque tem os móveis cheios de 'cacarecos'... os 'cacarecos' são dela, ela que os limpe [riso]. Já lhe disse que para mim, basta uma pecinha ou duas, mas ela quer aquilo tudo!

E- A sua mulher é que costuma fazer essas tarefas de limpeza?

M- Sim sim sim... Posso dizer é que nem ela nem eu, conseguimos limpar a casa todas as semanas, como gostaríamos... Às vezes, é de 15 em 15 dias, mas pronto, dá-se um jeito aqui e um jeito ali... porque a própria atividade profissional, não nos permite ter um cuidado mais... ter mais cuidado, um cuidado mais frequente, ao nível da limpeza da casa... e também não temos dinheiro para andar a pagar ninguém para lá ir, até porque uma mulher a dias, ganha mais do que eu à hora... Uma mulher a dias por mais de 3€/h não trabalha... Para limpar uma casa do tamanho da minha, são seis/sete horas pelo menos... em condições.

E- Hum hum... Pois. E a nível das tarefas de manutenção/reparação? Reparar um pequeno eletrodoméstico, trocar uma lâmpada, tratar do carro, animais...

M- Aaa... os carros, tudo o que possa fazer em casa, faço. O que não posso fazer em casa... apesar de tudo, um dos meus ex-patrões é tio da minha mulher, e então quando preciso de fazer alguma coisa, ou precise de outro tipo de ferramenta, ou usar o elevador para elevar o carro, vou lá, falo com ele... e ele deixa-me utilizar sem haver problema nenhum.

E- Hum hum... Houve alguma alteração nessas atividades? No antes e no agora...

M- Não... Na altura fazia... deixava ir tudo até à última, e quando era mesmo preciso fazia, e agora é a mesma coisa. Só quando é mesmo necessário é que faço.

E- Portanto, não houve nenhuma alteração nessas tarefas...?

M- É... Posso dizer que tenho uma máquina de lavar roupa com uma avaria que é fácil de resolver há para aí já há quatro meses, porque tenho duas máquinas de lavar roupa, e enquanto a outra não avariar, essa vai ficar avariada... [risos]

E- E a nível da divisão, com a sua mulher, existe uma divisão nessas tarefas?

M- Não não... sou só eu e o meu sogro que fazemos... o meu sogro também participa nas tarefas de manutenção... As tarefas de manutenção é só mesmo mais para homens... até porque a minha mulher tem artrite reumatoide, e não consegue realizar muita força com... e normalmente essas atividades requerem uma força e nem sequer vale a pena ela tentar, que vai ficar cheia de dores... nem eu próprio quero que ela faça.

E- Claro, claro que sim... Se calhar considera que a confeção das refeições, as tarefas de limpeza, fica mais para o sexo feminino e as tarefas de reparação para o sexo masculino...?

M- Não, não. Não considero... Considero é que eu tenho mais aptidão para essas coisas do que ela... Mesmo na limpeza, eu agarro no aspirador e aspiro a casa toda, arrasto

móveis e faço essas coisas todas.. e ela trata da parte do pó, que é uma parte mais leve... Mas faço a limpeza na mesma, ela faz a limpeza. Na parte da alimentação, epa, se calhar um arroz de marisco, não deixo a minha sogra ou a minha mulher chegar ao pé dele, tem que ser eu a fazer, por exemplo. Ou, se calhar uma caldeiradazita, ou uma chanfana sou eu a temperar a carne e a meter ao forno, e eu é que vejo quando ela está boa... São pratos que eu aprecio e tem que estar ali... perfeitos!

E- Portanto, não existe aquela divisão de mulher casa, homem as outras atividades...?

M- Não, não... assim tão estritamente não. A parte da manutenção da casa, acaba por ser mais para mim e para o meu sogro, porque são trabalhos mais forçosos, e nós temos mais força para o fazer... A minha sogra já está com 64 anos, não tem aquela energia de nova e a minha mulher não tem destreza manual necessária para executar essas tarefas... Ok, trocar uma lâmpada ela troca uma lâmpada, não é? Agora substituir um interruptor, e estar ali apertar um interruptor de parede com uma chave de fendas, esse tipo de situações é que já... tenho que ser eu a fazê-las. Ou então, o interruptor qualquer dia eu vou a ligá-lo e cai ao chão...

E- [riso] Pois isso não convém. A nível de cuidados com o seu filho, existe alguma alteração do antes e do agora?

M- Quando tive o meu filho eu já trabalhava na Grohe... O meu filho foi apanhado ali na transição... portanto....

E- Por exemplo, como é que conseguiu conciliar, as atividades como o dar de comer, dar banho, se calhar mudar fraldas na altura... Conseguia conciliar bem esse tipo de tarefas?

M- Quando estava em casa fazia questão de o fazer, até porque os primeiros 6 meses, a minha mulher praticamente não dormia, de 3 em 3 horas tinha que estar a dar de mamar... Tinha que ajudar naquilo que podia...

E- Por exemplo, considera que agora, existe alguma alteração?

M- Não... a única coisa que se passa é assim... quando a minha mulher está em casa, tem que ser ela a deitá-lo, é uma afeição com a mãe que tem que ser ela a deitá-lo... se a minha mulher não estiver em casa, sou eu. Agora se estivermos os dois em casa, tem que ser mesmo ela a deitá-lo, porque eu levo-o para cima e deito-o, mas vai fazer birra porque quer a mamã... Porquê? Porque comigo chega lá acima e deita-se a dormir, se for com a minha mulher lá para cima, ou atira as almofadas para o chão, ou vai ao meu quarto e tira uma t-shirt minha e vai a fugir para a casa de banho, brinca... Coisas que

não são permitidas comigo, porque já imponho aquela autoridade masculina... Opa é para dormir, deitado na cama. Por isso é que ele quer a mãe! [riso]

E- Exato...

M- Porque já quando vamos num hipermercado, ele, normalmente a canalha... um hipermercado é a perdição... eles querem mexer em tudo, querem ir para todo o lado, para o pé dos brinquedos, para o pé dos chocolates, etc... E quando eu digo para me dar a mão, e ele 'não, quero dar à mamã!', porquê? Porque ele sabe que se for preciso dar uma corrida, ela não tem força para o agarrar e dá uma corrida, se estiver pela minha mão, se ele quiser dar uma corrida, fica agarrado pelo braço [riso].

E- Hum hum... portanto não considera que exista alguma alteração...? Após iniciar como trabalhador temporário, os cuidados prestados com o seu filho?

M- Não não... não não!

E- Portanto quando foi ou é necessário, tenta prestar todos os cuidados a seu filho?

M- Eu trato de tudo, ou praticamente de tudo...

E- Hum hum... A nível das atividades de lazer/sociais... o que fazia antes e a agora não faz... Ou deixou de fazer? Alguma alteração?

M- É a mesma coisa...

E- Nada de alterações evidentes...?

M- Eu fazia assim quando era mais doido nas saídas... eu era solteiro, e deixei de o ser quando era solteiro também, por isso... Uma pessoa chega a uma altura em que acha que é preciso pôr um travão.

E- Hum hum... A nível da sua vida afetiva/relação com a sua mulher...? Notou alguma diferença após iniciar? Por exemplo, acha que neste momento não tem tanto tempo para ela?

M- É assim, isso já não tem a ver com o trabalho, mas com o aparecimento do filho... Isso acontece com todos os casais... Não tem nada a ver com o trabalho, tem a ver com o aparecimento do filho... quando um filho aparece no meio de um casal, ele absorve 75% do tempo que tínhamos para nós os dois, por isso, os outros 25% é que temos para nós os dois... que é aqueles bocadinhos quando ele está a dormir... ou quando não está connosco...

E- Exatamente... Mesmo com turnos rotativos, considera que não afetou em nada a sua vida afetiva?

M- Não, não, não, não não...

E- Por exemplo, ao nível da sua mulher lhe dar valor relativamente às tarefas que faz em casa...?

M- Claro... como eu dou valor às dela.

E- Existe algum motivo de conflito, como a divisão de tarefas...?

M- Não, não... Não nos chateamos com isso. o único conflito que existe é quando eu gasto mais dinheiro do que aquilo que devia... [riso]

E- Pronto, terminámos agora a entrevista, não sei se tem alguma pergunta a fazer, alguma dúvida ou comentário relativamente aos temas abordados na entrevista?

M- Não...

E- Ok. Mais uma vez, muito obrigado pela sua colaboração!

ENTREVISTA 18

Descrição

Sexo feminino, 23 anos, portuguesa, ensino secundário, casada e sem filhos biológicos, mas vive com o marido e o filho dele.

Atualmente é operadora de caixa de um supermercado, realizando tarefas referentes à caixa, reposição dos produtos e organização de todo o espaço. Trabalha neste regime há cerca de 10 meses, entrando no ano de 2011, mas já teve anteriormente um trabalho a contrato efetivo.

Realiza horário em turnos rotativos, e com um rendimento mensal individual de 500 até 750€.

Transcrição

E- Gostava que me falasses inicialmente sobre o teu percurso profissional, ou seja, que atividades realizas-te até agora, durante quanto tempo...

C- De início trabalhei no Feira Nova, a *part-time*, era das 8h ao 12h, trabalhei durante um ano e meio aí, na reposição de mercearias e etc. Depois mudei para... as datas é que não te sei dizer muito bem... depois mudei para... também na Feira Nova, mas na área da roupa, que era para outra empresa, que era... que era... era uma marca de roupa, uma empresa que eu já não sei muito bem... e, fazíamos todo o trabalho de têxtil, de roupas, de tapetes... e todos aqueles acessórios todos que eu não te sei dizer muito bem... do calçado, e artigos de bebé... e, trabalhava já, 8h por dia, com 2 folgas. Depois entretanto, saí de lá e agora estou no meu trabalho atual.

E- E qual foi o motivo de sair?

C- Eu saí de lá, porque é assim... na altura eramos muitas mulheres a trabalhar na roupa, e começou a haver muitas intrigas, essas coisas todas, e foi mais por isso. Eu estava efetiva... ainda me efetivaram, tentei aguentar mas as coisas não mudaram, as pessoas não foram embora e ainda ficaram efetivas... e eu fiquei assim 'não vou aturar isto a minha vida toda, não estou para aturar esta gente'... e então decidi sair de lá. Depois estive 1 ano em casa, e entrei agora em trabalho temporário... E durante a minha primeira experiência no Feira Nova como repositora, também trabalhei 1 mês e meio, porque estava a precisar de equilibrar as finanças, na Vulcano. Trabalhava de manhã, e

na Vulcano estava no turno da tarde... E foi um mês e meio, foi o que era preciso na altura.

E- Hum hum, ok. Agora imaginando que ganhavas uma grande quantidade de dinheiro, por exemplo, através do euromilhões ou da lotaria, continuavas a trabalhar?

C- Continuava, mas se calhar por minha conta, não por conta de um patrão e ganhar o ordenado que ganho... Continuava, não deixava de trabalhar...

E- E qual era o motivo, ou motivos, por continuar a trabalhar?

C- Olha... o dinheiro acaba não é? E depois para uma pessoa se sentir ocupada e realizada, é mais por isso, porque ficar em casa a dobrar meias não faz parte dos meus objetivos [risos].

E- Hum hum... para estar ativa?

C- Exato, exato...

E- Ok... Porque motivo estás atualmente a trabalhar em regime de trabalho temporário? Escolhes-te especificamente este tipo de trabalho... ou porque surgiu...?

C- Primeiro porque surgiu, e depois apesar de ser temporário, é uma boa opção para uma pessoa que a qualquer momento pode arranjar uma coisinha melhor e queira mudar de área, não tens que dar tempo à casa, tens as contas sempre certas... é mais por isso. Surgiu, mas é um trabalho que gosto... mas se surgir uma oportunidade melhor que aquela, não estou presa a ninguém... é mais por causa disso. Mas foi um trabalho que surgiu.

E- E procuras-te através de agências de trabalho temporário?

C- Sim, foi através de uma empresa que está a neste momento a tomar conta daquela cadeia de hipermercados, o Ricardo (marido) como trabalha com uma das agências, e através do patrão dele, foi assim mais, através de cunha [risos]... Depois fui a uma entrevista e depois indicaram-me para ir até *Tempo-Team*, que é através dessa empresa que eu estou a trabalhar.

E- É a empresa que emprega para lá...?

C- Exatamente... Não é que eu procurasse diretamente, até porque nunca trabalhei assim num supermercado, né? Mas foi através do Ricardo...

E- Hum hum... Ok. Face à experiência que tu tens como trabalhadora temporária, gostava que me disseses, com algum detalhe, aspetos positivos... consegues

identificar? Por exemplo, ao nível do trabalho... aspetos positivos? Consideras que te dá satisfação, fazer o trabalho que fazes, prazer em realizar...?

C- É assim, eu acho que não há... Pelo menos na minha atividade, não há nenhuma diferença entre mim e as minhas colegas... Realizo as mesmas tarefas que elas, trabalho o mesmo que elas... e... vantagens assim, acho que não existe nenhuma em especial em relação a outras pessoas, há algumas desvantagens...

E- Por exemplo, considera que aumentas-te as tuas competências, por estar ativa e aprender uma área nova...?

C- Exato... aumentas o teu currículo, experiência profissional e tudo mais... É melhor do que estar desempregada não é? Agora assim, mais vantagens não sei dizer... não sei que possa dizer...

E- Hum hum... E por exemplo, ao nível da vida privada, da vida familiar, achas que consegues conciliar melhor ao ser trabalhadora temporária, com as exigências familiares?

C- É a mesma coisa... Porque tenho horários normais, não é um horário geral, mas é um horário muito próximo desse... No fim-de-semana trabalho sempre um dia do fim-de-semana, ou sábado ou domingo, de resto tenho um horário, agora se for a ver bem é melhor de quando estava efetiva, porque trabalhava muitos dias até à onze e meia da noite... Agora o meu horário, posso perder a parte da tarde um bocado, mas é só até às 8h/8h30 não me transtorna tanto, como transtornava antes... Tenho vantagens, mas é por ser ali, porque se fosse para outra empresa...

E- O horário...

C- É um horário para mim e para elas todas, se fosse na *Vulcano*, por ex., já era diferente os horários, se fosse na *Renault* tinha que fazer sempre noite... É por causa mesmo do horário da empresa, não da temporária, da empresa que me empregou...

E- Portanto, consegue conciliar bem, a vida profissional com a familiar?

C- Sim sim.

E- Hum hum... A nível das atividades de lazer/sociais, aspetos positivos, ao ser temporária...? Consegue conciliar melhor outras atividades que tenha...?

C- Não sei se será por ser temporária, mas lá está... tenho sempre as manhãs todas livres, ou a tarde toda livre... Dá para ir à praia, dá para ir passear, dá para ir às compras., dá para ir ao médico... Dá para fazer muitas coisas, sem ter que faltar ao trabalho, como muitos do horário geral teria que faltar, para ir ao médico, ao para ir às finanças, ou para ir a algum sitio desses... nesse aspeto é...

E- Portanto, neste momento, e face ao horário que tem, consegue conciliar bem o trabalho com outras atividades extra trabalho...?

C- Sim sim sim.

E- Ok... E agora aspetos negativos, que encontre, face à experiência que tem, a nível do trabalho...?

C- Aaa, um aspeto negativo... aconteceu-me recentemente, eu aleijei-me lá no trabalho e, primeiro que resolvem-se onde é que eu tinha que ir ao médico, o que é que eu tinha que fazer foi muito complicado... Liguei para a empresa de trabalho temporário, e não me atenderam, porque ao sábado não funcionam, não é? E o meu chefe direto acabou por me indicar para ir à CliRia... até a minha sorte, foi que tinha apólice de seguro... senão tinha que vir a casa, buscar os recibos... para poder ir à Clínica... Acaba por ser uma chatice, porque se temos algum assunto por resolver, temos que ir à empresa de trabalho temporário, fora do nosso horário... e isso é um bocado negativo... E, por exemplo, tratar do vencimento, se alguma coisa não está bem, tem que se lá ir de propósito... É mais isso.... A situação do acidente de trabalho, foi mesmo chata, agora ter que ir lá, de vez em quando, por uma coisa ou outra, é diferente. Mas pronto.

E- Hum hum... Por exemplo, considera que tem salários baixos, poucas regalias comparando os trabalhadores efetivos, lá?

C- Não, é igual, é igual... Tem o mesmo estatuto que eu, recebem o mesmo que eu... é claro que se fizeres alguma coisa podem aumentar a percentagem, enquanto que a nós, nada por aí além... Mas agora, nem sei, a situação das horas extras... É uma situação que vou ver na empresa de trabalho temporário... Elas falaram no 'treino de produtividade' Eu já estive a fazer contas, e é uma miséria trabalhar trinta e tal horas... Vou falar com o meu chefe direto e perguntar às minhas colegas como é, se vão receber esse prémio ou vão receber as horas extras... Porque acho que elas recebem horas extras... Se assim for, eu vou falar com o meu chefe direto, para ver o que ele diz... porque se for para me pagar assim, eu não faço horas extras, porque não compensa. Porque elas recebem horas extras a 50 e a 65%... enquanto que o prémio de produtividade, dá-me... posso dizer que ainda me pagaram menos que a dividir o treino pelas horas, pagaram ainda menos do que eu recebo à hora... Não compensa. Trabalhei alguns dias, 10 a 11 horas... Fogo, é mesmo essa a desvantagem, porque de resto...

E- Hum, hum. Considera que existe incerta e insegurança, ao ser trabalhadora temporária, relativamente ao desemprego?

C- É assim, na minha situação, eu não tenho medo de chegar ao fim do mês e receber a carta do desemprego... Porque eles precisam de mim, gostam do meu trabalho e percebem isso... e fazem questão do o dizer. Dizem também, que se precisarem despedir alguém, não sou eu a primeira, porque há outras que entraram depois de mim a temporário, portanto vão primeiro... Não tenho, já trabalho lá quase à um ano, e eles já me conhecem e confiam em mim, e se calhar, se houver alternativa a escolher, escolhem uma das que chegou à pouco tempo... é por aí. Mas também sei que não estou livre disso... Mas também se fosse um contrato de 6 meses ou de 1 ano, também podia acontecer... Mas eu neste momento não vivo com esse medo.

E- Hum hum... E relativamente à falta de perspectivas de evolução na carreira, por ser temporária, achas que isso é um impedimento?

C- Eu acho que sim... Se bem que lá, não estou a ver bem grandes progressões na carreira [sorriso], pronto, mas acho que não. Primeiro é assim, acho que os contratos temporários só duram dois anos, em dois anos, não consegue evoluir assim tanto... Mas depois de passares de contratos temporários a contratos da empresa, só depois é que passarás ou não a efetiva... Acho que os contratos temporários, não há nenhuma vantagens para progressão na carreira... acho que não.

E- Por exemplo, considera que se lhe pedir para fazer mais horas existe uma forte probabilidade de aceitar por ser temporária, ou ...?

C- É assim, não é por ter... eu já neguei algumas situações porque eu não podia. Eu gosto de trabalhar e se vejo que é preciso, e se todas elas fazem, eu também faço. Mas realmente agora esta questão das horas e o facto de não serem pagas, eu vou falar com o meu chefe e dizer que faço as mínimas e indispensáveis, falo com as minhas colegas e quem quiser fazer que o faça, porque apesar de gostar de lá estar a trabalhar, gostamos de ter um ordenado justo no fim do mês.

E- Claro, a recompensa pelo trabalho extra que faz...[...] E relativamente, aspetos negativos, à vida familiar, à vida privada? Consideras que existe algum stress, efeitos do stress profissional, por exemplo?

C- Claro que há alturas em que uma pessoa trabalha mais horas, é um bocado complicado, conciliar a casa com o trabalho... Mas de resto não. Basicamente o meu horário é normal, ao fim-de-semana, ao sábado ou ao domingo quando trabalho, trabalho mais algumas horas, mas faz parte das 40h semanais... Mas mesmo assim, uma pessoa controla tudo, para que naquele dia esteja tudo a funcionar sem eu cá estar (em casa)...

E- Sentes que tens menos tempo, por exemplo, para o marido?

C- Não, acho que não, acho que não. É como te digo, antes tinha menos, antes quando trabalhava no Feira Nova, tinha muito menos tempo, para estar com ele... às vezes nem via o João (enteado), chegava a casa tardíssimo. E depois é assim, enquanto que agora trabalho uma semana de manhã e uma semana à tarde, no outro trabalho trabalhava... era uma de nós, mesmo antes de mim... e optava por dar o turno da manhã às suas amigas, e não estava para estar a meter paninhos quentes na pessoa para estar num horário favorável, então... Aí era mais complicado, agora não.. Agora ou de manhã ou à noite, eu consigo conciliar tudo.

E- É? mesmo com a família...? Por exemplo, a realização das tarefas em casa, com o desgaste físico do trabalho, tem menos disponibilidade para o fazer?

C- Não, porque eu só trabalho 6 horas por dia, e depois ao fim-de-semana é que completamos as 40 horas semanais, ao sábado ou ao domingo... Então 6h é quase um *part-time*... o que é ótimo, por acaso é ótimo. Trabalho só de manhã, ou só de tarde, e tenho tempo para fazer as outras coisas, nas outras partes do dia...

E- Hum hum... E por exemplo, relativamente a algumas etapas da vida, o casar não, porque já casaste, mas o ter filhos, achas que o facto de ser temporária...?

C- Acho que sim, porque lá está, uma mulher grávida, é a primeira a ir embora... é um bocado de entaves, isso há! Mas também para agora, não estou a pensar nisso... Uma coisa de cada vez...

E- E relativamente a atividades de lazer/sociais... Com o stress, a ansiedade, o cansaço por exemplo, não consegue fazer certas coisas? Coisas que fazia e que agora já não faz...?!

C- É mais ao fim-de-semana que uma pessoa tem um bocadinho de tempo não é? O Ricardo também está a trabalhar, e o miúdo tem escolha e não sei quê... E uma pessoa à noite, está cansada, é claro, não vai a lado nenhum... É mais ao fim-de-semana, uma pessoa tem um bocadinho e vai à praia, vai aqui ou acolá... porque de resto... Não mudou, está tudo basicamente a mesma coisa.

E- Hum hum, claro. [...] Agora perguntando, se eventualmente surgisse a oportunidade de mudar de atividade profissional, trabalhadora temporária, para outra atividade, por exemplo, contratos efetivos, mudarias?

C- É assim... depende também da área... depende da proposta... provavelmente se fosse um horário geral, era uma coisa que gostava, que apesar de ter inconvenientes, também

dá muito jeito para estar em casa ao fim-de-semana... e sair às 5h ou às 6h é bom... Mas também, dependeria da proposta...

E- Portanto não mudavas logo de imediato?

C- Não, não mudava logo de imediato, porque tenho que gostar do que estou a trabalhar... Não estou ali a fazer frete, gosto do que estou a fazer... Tinha que ponderar né?

E- Hum hum... Portanto, tinhas que ponderar alguns fatores, como a função, o horário, a empresa...

C- Exatamente, exatamente... Não era assim de imediato. Tem que se ponderar... Eu trabalho longe, eu trabalho um pouco longe, também é um fator que é um bocado puxado, mas tendo em conta que já me propuseram ganhar menos por hora, e se ainda fosse mais perto, mas quer dizer as... como é que se diz.... as... a progressão na carreira não era nenhuma, o ordenado era uma miséria, os horários eram piores que os meus, não vale a pena... Para o que eu ia ganhar, olha gasto isso em combustível, e vou e venho e feliz com o que faço.

E- Exato... O que é que se alterou, após iniciar a sua atividade, como trabalhadora temporária, o que é que se alterou ao nível da confeção das refeições? Alguma coisa se alterou...? Por exemplo, o antes e o agora?

C- Eu não gosto de cozinhar, não gosto mesmo.... Só gosto de cozinhar coisas complicadas e isso é ao fim-de-semana e quando tenho tempo. De resto eu gosto sempre de fazer as refeições rápidas... Uma salada, com um bocado de peixe ou de carne... Sempre coisas rápidas, porque eu não tenho paciência, nem tenho tempo, apesar de tudo, há mais coisas que fazer do que chegar a casa e fazer só a refeição não é? E eu não gosto de perder muito tempo nessas coisas...E o Ricardo também cozinha, quando eu estou a trabalhar no turno da noite... Portanto há sempre uma divisão de tarefas e...

E- Portanto não existe nenhuma alteração evidente, entre o antes e o agora?

C- Não não...

E- E a nível da divisão de tarefas com o marido? É uma divisão mais ou menos igual ou...?

C- É... Ele também tem um horário um bocadito carregado, às vezes, não tem muito tempo, eu como trabalho só 6horas e são sempre aquelas horas... tenho sempre mais um bocadinho de tempo, mas quando é ao contrário, ele também ajuda... é uma coisa sem discussão. Ele agora está a lavar a loiça, como podes ouvir... [risos]

E- [risos] E a nível das atividades de limpeza, como o limpar a casa, fazer compras diárias, lavar e passar roupa, loiça... alguma coisa se alterou, relativamente a isso?

C- Não... eu também não gosto muito dessas atividades [risos], mas tem que ser... a fazer as compras é muito mais fácil, como trabalho num supermercado, trago o que preciso e não perco tempo a ir às compras... Às vezes, trago por exemplo, em vez de estar em casa a descongelar carnes e assim, trago lá do talho carne já preparadinha para chegar e pôr no tacho, nesse caso também, facilita bastante... Mas nada se alterou...

E- E a nível de divisão... é dividida as tarefas?

C- Também também... menos passar a ferro [riso], era logo um prejuízo...

E- Mas... Portanto, dividem?

C- Exato.

E- E a nível das tarefas de manutenção/reparação... pequenas reparações em eletrodomésticos, mudar lâmpadas, cuidar de animais, carro...

C- Isso é mais ele.

E- E alguma coisa se alterou?

C- Não é igual.

E- E a nível de divisão, portanto é mais para ele?

C- É isso... é mais por ele, tirando o cão, que eu trato mais do cão do que ele, mas de resto é mais para ele.

E- E por exemplo, a nível de cuidados, neste caso, do João (enteado), alguma coisa se alterou?

C- Não não, está tudo igual... Ele também já é grandinho, já é autónomo, ele já fala bem sozinho, já arruma o quarto dele, não é aquele dependência tão grande como se fosse uma criança bebé. Está tudo mais ou menos igual.

E- Existe também divisão destas tarefas, dos cuidados com ele...?

C- Existe, existe... Ele tem muitas atividades, tem que ir para a piscina, tem música... Quando eu estou em casa sou eu, quando não estou é o Ricardo, opa, é consoante quem puder... ou a minha mãe, mas isso já é outra pessoa de fora. Mas exatamente... isso exige sempre uma colaboração conjunta.

E- E a nível das atividades de lazer/sociais, como é que era antes e como é que é agora?

C- É mais ou menos a mesma coisa. É...

E- Nada se alterou assim de evidente?

C- Não não. Se for a ver bem, uma pessoa que tenha trabalhado... e tem um ordenado mais... ao fim do mês... apesar de estar sempre ocupados, dá sempre para fazer... olha, já deu para ir de férias, que o ano passado que não deu... esta semana que estão de férias, podemos ir à praia... dar uma volta, e essas coisas todas. São coisas, que lá está, se fazem nas férias, porque ao fim-de-semana nunca se faz assim muita coisa do que se fazia, não é? É só ir tomar um cafezinho, e assim, essas coisas....

E- Claro claro. E a nível da relação com o companheiro, a vida afetiva? Alguma coisa se alterou após iniciar com o trabalho temporário?

C- Não...

E- Menos tempo para ele?

C- Não, não se nota muito porque quem trabalha mais horas é ele, e eu estava em casa... não se nota muito...

E- Relativamente às tarefas de casa, o companheiro dá valor às tarefas que realizas?

C- Dá valor porque ele também tem que as realizar!

E- E existe algum conflito na divisão das tarefas?

C- Às vezes, às vezes há sempre, porque existe pouca vontade... Não é por estar... lá está, como antes estava em casa, acabava por dobrar mais para mim, agora lá está, sabe que eu também trabalho e tem que se dividir as tarefas. Mas é assim, há tarefas que dá para ele fazer, há outras que nem sequer peço, mas pronto... não há assim... às vezes não há muita vontade, mas... Não há conflitos, há que colaborar.

E- Exatamente. Ok, pronto, terminámos agora a entrevista, não sei se tens alguma pergunta a fazer, algum comentário face aos temas abordados na entrevista?

C- Não...

E- Pronto, mais uma vez muito obrigada pela colaboração!